



FACULDADE DE CIÊNCIAS

55 ANOS

VOZES DE SUA COMUNIDADE



FACULDADE DE CIÊNCIAS – 55 ANOS
VOZES DE SUA COMUNIDADE

**MACIONIRO CELESTE FILHO
MARIA EDNÉIA MARTINS
JOÃO MORETTI JUNIOR
SANDRA REGINA FERREIRA SANCHES**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS – 55 ANOS
VOZES DE SUA COMUNIDADE**

FACULDADE DE CIÊNCIAS/GRÁFICA COELHO

BAURU-SP

2025

REALIZAÇÃO

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

REITORA Maysa Furlan

VICE-REITOR César Martins

Faculdade de Ciências de Bauru (FC/Unesp)

DIRETORA Vera Lucia Messias Fialho Capellini

VICE-DIRETOR José Remo Ferreira Brega

APOIO

Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp)

DIRETOR Mario de Oliveira Neto

VICE-DIRETOR Darío Abel Palmieri

CONSELHO EDITORIAL

Célia Aparecida Gomes Fernandes Gavaldão

Eunice Toledo Ortigosa

Luis Felipe Nunes

Marcelo Setsuo Hashimoto

Mayara Frenhe

Silvia Nathaly Yassuda

Sonia Rosana de Oliveira Hungria Cecci

Vera Lucia Messias Fialho Capellini

Unesp – Faculdade de Ciências – Câmpus de Bauru

Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa

Bauru/SP - CEP 17033-360

<https://www.fc.unesp.br> (14) 3103-6000

F128 Faculdade de Ciências - 55 anos: vozes de sua comunidade / Macioniro Celeste Filho ... [et al.]. - . Bauru : Gráfica Coelho, 2025
283 p. : il.

ISBN livro digital: 978-65-86498-60-8

Inclui bibliografia

1. Universidades e faculdades - Bauru (SP) - 1970-2025. 2. Bauru (SP) - História. 3. Memória coletiva. 4. Universidade Estadual Paulista (UNESP). 5. Faculdade de Ciências, Bauru. I. Martins, Maria Ednéia. II. Moretti Junior, João. III. Sanches, Sandra Regina Ferreira. IV. Título.

CDD - 378.009

Sumário

Prefácio	7
Introdução	9
1 – A Faculdade de Ciências no âmbito inicial da Fundação Educacional de Bauru	15
2 – A construção do novo câmpus nas décadas de 1970 e 1980	27
3 – O Movimento Estudantil e a Fundação Educacional de Bauru nos anos 1960	55
4 – A Universidade de Bauru	65
5 – A encampação da Universidade de Bauru pela Unesp	77
6 – A Faculdade de Ciências como unidade da Unesp	87
7 – A Faculdade de Ciências e suas relações com as comunidades interna e externa	103
Dados institucionais da Faculdade de Ciências	175
Departamento de Ciências Biológicas	181
Departamento de Computação	187
Departamento de Educação	199
Departamento de Educação Física	205
Departamento de Física e Meteorologia	213
Departamento de Matemática	221
Departamento de Química	227
Departamento de Psicologia	235
Centro de Psicologia Aplicada (CPA)	239
Considerações finais	243
Os entrevistados	247
Referências	273
Os autores	275

Prefácio

É com imensa honra e gratidão que prefacio este livro alusivo ao aniversário de 55 anos da Faculdade de Ciências (FC) do câmpus de Bauru da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

Mais do que uma marcação no tempo, estamos diante de momento singular para todos que, com sonhos e muita determinação, estiveram presentes e envolvidos nessa jornada vitoriosa e inspiradora, em uma instituição hoje fundamental ao conhecimento científico e à comunidade acadêmica.

Desde quando abriu suas portas, como Fundação Educacional de Bauru, posteriormente Universidade de Bauru e, finalmente, incorporada à Unesp, em 1988, a FC vivenciou mudanças significativas em nosso país, comprometendo-se sempre a ser fonte de luz – um guia que estimula pensamentos criativos, inspira descobertas e, sobretudo, molda indivíduos capacitados a contemplarem o mundo com a curiosidade própria da ciência, para poder transformá-lo de forma responsável.

Ao longo de cinco décadas e mais cinco anos, sucessivas gerações de estudantes ingressaram na FC, cheios de aspirações e sonhos para fazer a diferença – seja nas salas de aula, nos laboratórios, na comunidade. Os egressos partiram preparados, mais do que para a vida profissional, para causarem impactos positivos na convivência social cotidiana, levando consigo não apenas o conhecimento adquirido nos livros e nas aulas, mas também valores fundamentais como ética e colaboração, além da paixão por decifrar os enigmas da existência.

Este livro, agora em suas mãos, celebra com entusiasmo essa jornada. Não se resume a uma compilação de dados e fatos históricos. Aqui ecoam as vozes dos que construíram a FC; professores, técnicos e estudantes.

Você mergulhará nos relatos sobre a origem e a evolução dos cursos de graduação e pós-graduação; nas investigações que saíram dos laboratórios para impactar o dia a dia das pessoas; nos projetos de extensão que se estenderam para além das fronteiras acadêmicas, estabelecendo conexões significativas com a sociedade.

A comemoração dos 55 anos da FC é momento valioso, tanto para reflexão internamente quanto externamente, sobre a instituição educacional superior pública,

que continua a desempenhar e sempre desempenhará papel crucial na sociedade contemporânea.

Tendo sido reitor da Unesp, em anos recentes, sinto-me extremamente orgulhoso com a constante renovação da FC, cada vez mais capacitada para encarar desafios novos e explorar abordagens inventivas no ensino, pesquisa e extensão à comunidade.

Pasqual Barretti
Reitor da Unesp 2021-2025

Introdução

Comemorar os 55 anos da Faculdade de Ciências é um prazer, um orgulho e um júbilo. Para tanto, este livro almeja não só celebrar a longevidade de nossa querida instituição, mas registrar sua trajetória, desde seus primórdios, na década de 1960, até os nossos dias. Várias maneiras poderiam ser usadas para contar tal caminho. Optou-se por narrar a história da Faculdade de Ciências pela ótica de quem efetivamente trilhou e ajudou a construir essa importante referência no Ensino Superior durante boa parte desse longo período. Com esse intuito, foram realizadas 50 entrevistas com diversos protagonistas de sua história.

Para construir a história da Faculdade de Ciências, buscou-se um equilíbrio em ouvir diretores, professores, servidores técnico-administrativos e alunos. A listagem dos entrevistados se encontra ao término do livro. Certamente, foram deixadas muitas lacunas de pessoas que também poderiam ter sido entrevistadas, mas isso foi inevitável, pois centenas de outras pessoas também foram importantes na construção da Faculdade de Ciências. O tempo de elaboração do livro foi finito, escasso, e, portanto, necessário fazer uma seleção de entrevistados inferior ao que seria o ideal, infelizmente.

O livro tem uma riqueza de histórias de vidas entrelaçadas com a Faculdade de Ciências que seria impossível de ser contida no texto que sintetiza sua trajetória. Contudo, pretende-se que tão precioso material humano não seja ignorado. Assim, no decorrer da leitura desta obra, ao serem citadas as fontes informativas de quem narrou a história da Faculdade de Ciências, para aprofundar sua compreensão, o leitor poderá ir ao final do livro e acessar via *QR Code* a íntegra da entrevista realizada com cada um dos que compuseram a história aqui narrada. Tal acesso para poder ver e escutar os depoimentos também é uma homenagem à importante parcela da comunidade que construiu a Faculdade de Ciências. Fica como registro histórico e tributo ao orgulho coletivo dos membros de nossa instituição.

A História Oral foi nossa inspiração metodológica para a realização das entrevistas. A História Oral, como afirma Freitas (2002, p. 18), é “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Os entrevistados foram indicados por suas experiências com a Faculdade de Ciências, seja como gestor, técnico administrativo, estudante e/ou docente. Os convites foram feitos via contatos por *e-mail*, telefônicos, *Whatsapp*, redes sociais ou pessoalmente. Todas as pessoas que foram entrevistadas assinaram um Termo de Consentimento para uso da narrativa resultante da entrevista na escrita do livro, bem como para sua disponibilização, na íntegra, por meio de *QR Code* individual. A maioria das entrevistas foi feita no estúdio de gravação vinculado à Coordenadoria de Desenvolvimento Profissional e Práticas Pedagógicas “Prof.^a Adriana Chaves” – Polo Bauru (CDeP3), na Faculdade de Ciências da Unesp, com exceção de uma realizada presencialmente em cidade próxima e outra realizada de modo remoto, devido à longa distância de residência da entrevistada. Todas foram gravadas em imagem e áudio e transcritas, tendo sido usados trechos das transcrições para a escrita do livro. Foram também recuperadas quatro entrevistas em áudio no ano de 2019, por ocasião da comemoração do Jubileu de Ouro da Faculdade de Ciências, com pessoas com as quais as entrevistas atualmente foram inviáveis.

Com a organização temática das diversas narrativas coletadas nos depoimentos dos entrevistados, o livro foi organizado em sete capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “A Faculdade de Ciências no âmbito inicial da Fundação Educacional de Bauru”, trata da contextualização histórica do nascimento da Faculdade de Ciências. Nele, traça-se a progressiva demanda por educação escolarizada em Bauru no século 20, desembocando na pressão social por acesso ao Ensino Superior. A Faculdade de Ciências surgiu como resposta regional dessa demanda, cujo um de seus equacionamentos foi a criação da Fundação Educacional

de Bauru, instituição mantenedora que planejou a constituição dessa nova Faculdade.

O capítulo 2, com o título de “A construção do novo câmpus nas décadas de 1970 e 1980”, narra o gradativo desenvolvimento de uma nova área a abrigar os cursos da Fundação Educacional de Bauru, no que hoje é o atual câmpus universitário. Nessa parte, destaca-se a instalação do IPMet, da Praça de Esportes, dos novos prédios destinados aos cursos de Engenharia e outras edificações. Este capítulo aborda o fracassado projeto da Universidade das Américas. Descreve também as dificuldades de quem passou a trabalhar no câmpus universitário na década de 1980.

O terceiro capítulo, intitulado “O Movimento Estudantil e a Fundação Educacional de Bauru nos anos 1960”, situa o nascimento da Faculdade de Ciências nos tumultuados embates estudantis contra o autoritarismo, em plena Reforma Universitária de 1968. Geralmente, o Movimento Estudantil do período é narrado sob a ótica dos acontecimentos ocorridos em São Paulo. Nesse caso, a trajetória de alguns líderes estudantis da região de Bauru transfere o foco para os embates contra a ditadura também no interior paulista.

O capítulo 4, denominado “A Universidade de Bauru”, analisa os acontecimentos, em meados da década de 1980, que contribuíram para que a Fundação Educacional de Bauru reconfigurasse seus cursos em uma estrutura universitária. Foi momento decisivo, ponto de não retorno, a demonstrar a densidade educacional que resultou na criação de uma nova Universidade. Foi também marco da luta pela gratuidade dos cursos. Ocorreu, então, o esgotamento do modelo que permitia a Universidade ser gerida financeiramente em âmbito municipal. A continuidade da Universidade de Bauru carecia de um salto qualitativo na sua existência. Propôs-se, naquele momento, que ela se transformasse em uma Universidade Federal ou fosse encampada pelo Estado de São Paulo.

O capítulo 5, intitulado “A encampação da Universidade de Bauru pela Unesp”, narra essa trajetória. Apresenta as tentativas e os sucessos em possibilitar que a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” se tornasse a mantenedora e incorporasse em sua estrutura a Universidade de Bauru. É quando a Fundação Educacional de Bauru sai de cena e a Faculdade de Ciências dialoga institucionalmente, adapta-se, e contribui para as mudanças ocorridas simultaneamente no bojo da própria Unesp.

O capítulo 6, com o título de “A Faculdade de Ciências como unidade da Unesp”, descreve como foram as mudanças institucionais ocorridas ao se tornar parte da Unesp. Ampliaram-se as concepções educacionais da Faculdade de Ciências, sendo que a Pesquisa se tornou foco também privilegiado em sua concepção de Ensino Superior em uma universidade pública estadual. Esta parte do livro desemboca na apresentação das demandas crescentes do Ensino e da Pesquisa articuladas em novos programas de pós-graduação, criados desde os anos 1990.

O capítulo 7, intitulado “A Faculdade de Ciências e suas relações com as comunidades interna e externa”, aborda atividades de extensão universitária, estágio, divulgação científica, prestação de serviços e parcerias realizadas pela Faculdade de Ciências junto à comunidade, com destaque para várias ações iniciadas na Faculdade de Ciências e que, posteriormente, foram ampliadas para a Unesp como um todo.

Após esses sete capítulos, que tiveram como fonte privilegiada as entrevistas com 50 protagonistas na trajetória aqui contada, apresentam-se os atuais dados institucionais da Faculdade de Ciências, assim como também uma breve história de seus Departamentos.

Deseja-se ao leitor que, ao se deparar com esta obra, tenha tanta satisfação e prazer em lê-la quanto seus autores tiveram ao escrevê-la. Este livro, repita-se, é fruto do orgulho da comunidade da Faculdade de Ciências pela sua bela e comovente

história. Como mencionou um dos entrevistados, o que construímos em 55 anos, não se faz em 55 dias. A dimensão histórica aqui narrada certamente contribuirá para se ter ideia da importância da Faculdade de Ciências em sua comunidade.

Boa leitura!

1 – A Faculdade de Ciências no âmbito inicial da Fundação Educacional de Bauru

A educação em escolas públicas no interior paulista não é algo tão antigo assim. Em Bauru, não foi diferente. A conquista de estabelecimentos de ensino público foi luta contínua por todo o século 20 no interior do Estado de São Paulo. As demandas por escolarização são diferentes de década para década. Os anseios por educação formal são crescentes ao longo do século passado, quer seja pela sua abrangência numérica de crianças em escolas públicas, como também de etapas maiores de escolarização.

No início do século 20, a conquista marcante de educação pública de qualidade era a criação, pelos poderes públicos, de um Grupo Escolar na sede do município, destinado exclusivamente ao Ensino Primário, hoje concebido como anos iniciais do Ensino Fundamental. Atualmente, se for perguntado a um ancião se ele estudou, provavelmente, responderá que “sim, eu fiz o Grupo Escolar”. Frente às anteriores escolas isoladas, frequentemente rurais ou periféricas, de professor único, onde se ensinava tudo a todos, com alunos em idades bem variadas, ao mesmo tempo, a instalação do Grupo Escolar era o marco da chegada da civilização moderna, da escola seriada. Ele era equipado com biblioteca, museu escolar, gabinete dentário, salas arejadas, e, principalmente, contava com professoras qualificadas, profissionais formadas pela Escola Normal de então.

Em Bauru, a inauguração de seu imponente Grupo Escolar, sediado na avenida principal da cidade, a Rodrigues Alves, ocorreu em 1912, conforme ilustra a Figura 1:

Figura 1 – Grupo Escolar de Bauru – décadas depois rebatizado como “Rodrigues de Abreu”



Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo (1933)

Nas primeiras décadas do século 20, lutar por uma educação pública de qualidade era batalhar pela abrangência cada vez maior de acesso de crianças de 7 a 10 anos de idade aos grupos escolares. Embora várias escolas de professor único, isoladas, multisseriadas ainda existissem, Bauru contava, nos anos 1930, com um segundo Grupo Escolar, na vila Falcão, bairro então predominantemente de ferroviários, onde hoje funciona a escola “Luiz Castanho de Almeida”. E um terceiro Grupo Escolar, o “Lourenço Filho”, hoje inexistente, próximo à estação ferroviária de Bauru. Desde a década de 1930, na área urbana da cidade, o acesso das crianças ao Ensino Primário público era praticamente universalizado.

Com o desenvolvimento urbano, mudaram os anseios por escolarização. Em meados dos anos 1930, a luta passou a ser outra. A criação do Ensino Secundário público se tornou o marco civilizatório de aperfeiçoamento das novas gerações no que havia de mais moderno na cultura do período. A instalação, em 1935, do Instituto de Educação “Ernesto Monte”, ministrando o Ginásio e o Colegial, atuais anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, foi um divisor de águas na história da educação pública em Bauru, como ilustra a Figura 2:

Figura 2 – Escola Estadual “Ernesto Monte”



Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo (1954)

Em um efeito cascata, quanto maior a escolarização da infância e da juventude, maior a demanda por galgar novos degraus na educação escolar. Isso se deve à constatação evidente das famílias dessas crianças e adolescentes de que a educação propiciava melhores empregos e ascensão social. Era comum o sentimento coletivo de que se, pessoalmente, não tinham tido acesso à educação além do Ensino Primário, seus filhos e netos, as próximas gerações, deveriam ter. Portanto, na década de 1950, a busca por mais educação desembocou na luta por acesso ao Ensino Superior. As famílias mais abastadas podiam custear os estudos de seus filhos na capital, na Universidade de São Paulo (USP). Mas, “se Maomé não pode ir à montanha, que tal trazer a montanha a Maomé”?

Várias cidades do interior paulista, como Marília, Botucatu, Rio Claro e Araraquara, por exemplo, conquistaram a instalação de um Instituto Isolado de Ensino Superior. Eram faculdades isoladas, públicas, subordinadas administrativamente à Secretaria Estadual de Educação. Ministravam, geralmente, cursos de formação de professores para o Ensino Secundário. A batalha de Bauru pela criação do Ensino Superior na cidade foi diferente. Em 1948, a Assembleia Legislativa do Estado concedeu que a Universidade de São Paulo instalasse em

Bauru uma Faculdade de Odontologia e Farmácia. Contudo, tirá-la do papel não foi simples. A Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB-USP) iniciou seus cursos somente em 1962.

Enquanto isso, um atalho foi criado para dar acesso às famílias das camadas médias da região ao Ensino Superior. Houve a articulação da Igreja Católica e os poderes públicos municipais para que fosse criada uma instituição de Ensino Superior em Bauru. Não era fácil conseguir permissão para criar uma faculdade, pois as autorizações eram de âmbito federal e estadual. As irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Jesus mobilizaram seus representantes junto ao Ministério da Educação, ao Conselho Federal de Educação, à Secretaria Estadual de Educação e ao Conselho Estadual de Educação e conseguiram autorização para a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus (Fafil). Em contrapartida, a municipalidade concedia à Fafil o prédio de seu primeiro Grupo Escolar, apresentado na Figura 1. Em 1953, a Fafil começou os cursos de Letras, Pedagogia, Geografia e História exatamente nas mesmas salas onde, em 1912, iniciaram-se as aulas do Grupo Escolar de Bauru. Esse prédio, que foi de uma escola pública, tombado como patrimônio histórico, pertence atualmente ao Colégio São José.

A Fafil surgiu na mesma época da Faculdade de Direito criada pela Instituição Toledo de Ensino, que começou seu curso no segundo semestre de 1952 (Johansen, 2025). A Instituição Toledo de Ensino (ITE) foi outro dos institutos privados a suprir a carência por cursos superiores no interior paulista.

No final da década de 1960, a demanda por Ensino Superior entrou em uma encruzilhada não só na nossa região, mas no país como um todo. A pressão social por acesso à formação em nível superior desembocou, em 1968, na Reforma Universitária. Em Bauru, esse anseio social repercutiu de três maneiras. A Fafil ampliou sua infraestrutura com a construção de um câmpus universitário,

inaugurado em 1970, e a abertura de novos cursos. Em 1968, a comunidade de professores e alunos da FOB-USP enviou oficialmente ao Conselho Universitário da USP a proposta de incorporação do Instituto Lauro de Souza Lima. Essa incorporação tinha por justificativa a ampliação de infraestrutura física e profissionais para que a FOB-USP pudesse criar, em Bauru, o curso de Medicina. Isso diminuiria a pressão por acesso aos cursos de Medicina da USP em São Paulo e em Ribeirão Preto (Silva, 2013, p. 18-29). Infelizmente, essa proposta não teve boa aceitação entre os docentes de Medicina do câmpus de Ribeirão Preto, temerosos em ter que dividir com Bauru verbas destinadas ao seu curso, sendo adiada indefinidamente. O curso de Medicina da FOB-USP foi efetivamente criado somente mais de meio século depois de sua proposta original.

Na segunda metade da década de 1960, a terceira resposta à demanda crescente por acesso ao Ensino Superior desembocou na criação, pelos poderes públicos municipais, em 26 de dezembro de 1966, da Fundação Educacional de Bauru. Tendo como mantenedora a Fundação, a Faculdade de Ciências foi criada em 18 de novembro de 1968. No ano seguinte, iniciaram seus cursos de Física, Matemática, Desenho, Ciências e Psicologia. O curso de Desenho, posteriormente, seria a semente da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC).

A criação da Faculdade de Ciências ocorreu em plena efervescência da Reforma Universitária de 1968. Essa reforma teve como proposta consensual a superação do modelo de Ensino Superior estruturado em torno de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) como o adotado pela Fafil década e meia antes. Como decorrência exemplar, a FFCL-USP foi desmembrada em 1968, dando origem aos diversos institutos de ciências da Universidade de São Paulo. Se a própria USP concebia o ensino das ciências como o novo norte a balizar o Ensino Superior, em Bauru, a Faculdade de Ciências foi a resposta às necessidades da moderna formação profissional em nível superior dos estudantes da região. A Fafil se dedicava às

Humanidades. A ITE, ao Direito. A FOB-USP, à área da Saúde. Coube à Faculdade de Ciências se incumbir da área científica.

Contudo, a Faculdade de Ciências e seus cursos não foram os pioneiros quando da criação da Fundação Educacional de Bauru. Anteriormente à Faculdade de Ciências, é justo ressaltar que os cursos de Engenharia foram prioritários para a Fundação. Nesse sentido, é apropriado retroceder um pouco na história da Faculdade de Ciências e contá-la em articulação com os cursos originais de Engenharia, de suma importância para entendermos a sinergia entre os diversos cursos mantidos pela Fundação Educacional de Bauru. Portanto, a narrativa da criação dos cursos de Engenharia acompanhará a compreensão da história da Faculdade de Ciências. A expansão articulada das duas áreas foi decisiva à criação e à consolidação do novo câmpus universitário nas décadas de 1970 e 1980.

Daqui em diante, este livro utilizará como fonte narrativa a memória de muitos dos participantes dos acontecimentos que afetaram e interagiram com a história da Faculdade de Ciências. Como apresentado na introdução, as entrevistas filmadas com os membros da comunidade da antiga Fundação Educacional de Bauru, da Universidade de Bauru e da trajetória universitária como parte da Unesp são a base desta obra comemorativa dos 55 anos da Faculdade de Ciências. Daí seu subtítulo: vozes de sua comunidade. Portanto, pede-se ao leitor que releve o tom informal dos depoimentos que serão citados no livro. Os entrevistados não se manifestaram por escrito, mas oralmente. Todas as entrevistas poderão ser assistidas, na íntegra, usando um *QR Code* para cada uma delas, informados no final da obra. Nesse sentido, não é apropriado cobrar um formalismo acadêmico dos textos citados. São falas coloquiais, frequentemente perpassadas de grande carga emocional ao relatar acontecimentos marcantes das vidas dos entrevistados e seus laços com a nossa faculdade.

Como mencionado anteriormente, na segunda metade da década de 1950 e início dos anos 1960, algumas cidades da região, como Assis, Araraquara, Marília, Botucatu e Rio Claro, por exemplo, conseguiram criar faculdades públicas, na forma de um Instituto Isolado de Ensino Superior, atreladas à Secretaria Estadual de Educação. No final da década de 1960, essa possibilidade já havia se esgotado. Qual alternativa? A municipalidade arcar com a criação de uma Fundação Educacional de Direito Público. Isto é, uma entidade mantenedora de cursos superiores, sem fins lucrativos, mas gerida em âmbito municipal. Em seu depoimento, Geraldo Antônio Bérghamo¹ explica que isso não ocorreu só em Bauru:

Há a constituição das Fundações Educacionais de Direito Público municipal. Acontece no Brasil inteiro. E Bauru é uma delas. Há uma movimentação nas cidades para que se criem essas fundações. (Entrevista com Geraldo Antônio Bérghamo, em 21/5/2025)²

Com a criação da Fundação Educacional de Bauru nos últimos dias de 1966, no ano seguinte, buscou-se a criação do primeiro curso de Engenharia da cidade. Contudo, era necessário defender junto aos órgãos educacionais, nos âmbitos estadual e federal, a justificativa social desse novo curso. Optou-se por destacar a importância ferroviária de Bauru, então um dos maiores entroncamentos ferroviários da América Latina, com a intersecção das ferrovias Paulista, Sorocabana e a Noroeste do Brasil (NOB). Para tanto, pleiteou-se, junto ao Governo Estadual, a criação de um curso de Engenharia Ferroviária, rebatizado de Engenharia Mecânica Ferroviária e, finalmente, apenas com a tradicional nomenclatura de Engenharia Mecânica. Em sua entrevista, Antônio Tidei de Lima³ narra em detalhes os passos iniciais desse curso:

¹ Geraldo Antônio Bérghamo tem graduação em Matemática pela Fundação Educacional de Bauru e doutorado em Educação para a Ciência, pela Unesp. Foi docente no Colégio Técnico Industrial (CTI), na Fundação Educacional de Bauru e na Unesp, onde veio a se aposentar.

Toda vez que um entrevistado for mencionado pela primeira vez, haverá uma nota de rodapé com seus dados biográficos sucintos. Nas vezes seguintes, isso não mais ocorrerá, devendo o leitor, se necessário, consultar a súmula biográfica dos entrevistados no final do livro.

² Como comentado anteriormente, todas as entrevistas realizadas para a elaboração desta obra, na íntegra, estão acessíveis por *QR Code* individual, que constam em ordem alfabética dos entrevistados, ao término do livro.

³ Antônio Tidei de Lima é graduado em Engenharia Civil pela Fundação Educacional de Bauru. Foi Deputado Federal, de 1979 a 1992, e Prefeito de Bauru, de 1993 a 1996.

[Em 1967] foi quando abriu a escola aqui em Bauru, o Nuno de Assis, prefeito, criou. Teve um movimento aqui. Ele então foi lá em São Paulo, conversou com o [governador] Laudo Natel, que tinha substituído o [governador] Ademar de Barros, que tinha sido cassado e era tudo do [extinto] PSP. E aí o Nuno pegou, falou com o com o Laudo Natel. O Laudo Natel conversou com o pessoal do Conselho Estadual de Educação e em 15 dias criaram o curso de Engenharia Mecânica Ferroviária. Então já era o curso de Engenharia. (Entrevista com Antônio Tidei de Lima, em 21/3/2025)

É comum na narrativa dos entrevistados personalizar destacadamente os acontecimentos históricos como fruto da ação pessoal das pessoas com quem conviveu. Não deixou de ocorrer como foi contado. Contudo, os resultados positivos desta ou daquela atuação pessoal só frutificaram em terreno socialmente preparado para que isso ocorresse. As ações pessoais dos diversos sujeitos históricos aqui contadas merecem reflexão do leitor não como puro ato voluntarista, mas uma ação individual representando interesses coletivos. Essa observação é apropriada à compreensão de toda a construção narrativa deste livro.

O curso de Engenharia Mecânica, iniciado em 1967, abriu caminho para a criação, no ano seguinte, dos cursos de Engenharia Civil e de Engenharia Elétrica. Os alunos da turma inicial de 1967 reivindicaram e pressionaram por verba, condições materiais e contratação de professores para que, a partir do segundo ano de seu curso, pudessem optar por uma das três carreiras das engenharias. Para o detalhamento dessa luta, recomenda-se assistir à entrevista do Antônio Tidei de Lima.

No início, os cursos de Engenharia ainda não contavam com laboratórios para suas atividades práticas. Paradoxalmente, o curso de Engenharia Mecânica, que deveria beneficiar a atividade ferroviária da região, foi o favorecido pela experiência dos profissionais ferroviários. Eram os ferroviários que ensinavam aos futuros

engenheiros sua sabedoria profissional. Questionado sobre o tema, Djalma Elias Rochel⁴, aluno da primeira turma, de 1967, descreveu a situação:

[As engenharias contribuíram com a ferrovia?] Não. O que houve foi o contrário. A ferrovia que contribuiu com a gente, porque todo o curso prático de [Engenharia] Mecânica a gente fazia na NOB [Ferrovia Noroeste do Brasil]. Nas oficinas da Noroeste e lá, enfim, nas fresadoras planas. E os instrutores de primeira linha, que eram profissionais da NOB, já com uns 20, 30 anos de casa, outros até aposentados, eram professores nossos lá. Então a gente lá fazia o curso, o curso prático. Era uma disciplina, seria a prática daquilo que a gente estava vendo na Engenharia. Então eles fizeram um convênio onde os melhores profissionais da NOB, que iam ministrar esse curso. Como é que você liga um torno? Como é que funciona um torno, como é que você programa, enfim, todo esse mecanismo. (Entrevista com Djalma Elias Rochel, em 4/4/2025)

Foi em 1968, repita-se, em pleno ano da Reforma Universitária, em que se pleiteava a ampliação de acesso ao Ensino Superior em todo o país, que a Fundação Educacional de Bauru conseguiu verba e autorização para expandir seu curso original de Engenharia Mecânica em mais dois outros cursos correlatos. “Onde passa um boi, passa a boiada”. Foi, portanto, em 18 de novembro de 1968, dez dias antes da promulgação da Lei Federal 5.540, que ratificava a Reforma Universitária no Brasil, que a Fundação Educacional de Bauru conseguiu, do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, a autorização para a criação da Faculdade de Ciências, que iniciaria seus cursos no ano seguinte.

[Da Fundação Educacional de Bauru surgiu] não só a Faculdade de Ciências, como foi criado também o curso de Desenho. Em 1968, a Fundação ficou sendo assim um, vamos dizer assim, um criatório, né? Da prefeitura, do poder municipal, né? De cursos que eram reivindicados pela comunidade. (Entrevista com Antônio Tidei de Lima, em 21/3/2025)

Outros entrevistados destacaram a satisfação compartilhada então com a conquista da criação da Faculdade de Ciências, como se pode perceber, por exemplo, no depoimento de Paulo Kawauchi⁵:

⁴ Djalma Elias Rochel se graduou em Engenharia Mecânica, em 1971, pela primeira turma dos cursos de Engenharia da Fundação Educacional de Bauru. Participou do Movimento Estudantil na década de 1960.

⁵ Paulo Kawauchi é graduado em Desenho pela Fundação Álvares Penteado e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Docente aposentado da Unesp, foi diretor da Faculdade de Ciências de 1972 a 1976 e, posteriormente, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicações.

Sobre dificuldades? Para falar a verdade, talvez poucas dificuldades e mais alegria. Por quê? Porque naquela época a gente tinha uma unidade de pensamento e isso foi muito interessante, porque num grupo de pessoas sempre há algumas distensões, queira ou não queira, tem. Mas eu acho que nós soubemos lidar com isso. Então, no começo, na instalação [da Faculdade de Ciências], foi uma coisa assim, nós sentíamos uma vitória, aquela sensação de vitória. (Entrevista com Paulo Kawauchi, em 20/3/2025)

A Fundação Educacional de Bauru e seus cursos iniciaram suas atividades em um prédio cedido pela Secretaria Estadual de Educação, originalmente para a instalação do Colégio Técnico Industrial. Ocupou-se esse edifício também com essa escola de Ensino Secundário, administrada pela Fundação, mas, prioritariamente, com seus cursos de Ensino Superior, tanto das Engenharias quanto da Faculdade de Ciências. Esse prédio fica na vila Falcão, bairro então com grande ocupação de ferroviários. Hoje é a sede da Diretoria de Ensino de Bauru. Há imagens que ilustram a vida estudantil nessa sede original da Fundação Educacional, como exemplificam as figuras 3, 4, 5 e 6:

Figura 3 – Fundação Educacional de Bauru (1969)



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC⁶

⁶ Agradecemos à Maria Cristina Gobbi, da FAAC, e à Araci Alces Peres, da Faculdade de Engenharia, por nos auxiliar na obtenção dessas imagens.

Figura 4 – Alunos da Fundação Educacional de Bauru – década de 1970



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 5 – Alunos da Fundação Educacional de Bauru – década de 1970



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 6 – Vestibulandos na Fundação Educacional de Bauru, em 1979



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Na década de 1970, a Fundação Educacional de Bauru consolidou seus cursos como os mais avançados, modernos, arrojados e desejados pelos aspirantes ao Ensino Superior em Bauru e em boa parte do interior paulista. A Faculdade de Ciências foi protagonista privilegiada nessa trajetória de crescimento constante na formação profissional em nível superior. Era o momento então de construir um câmpus digno dos propósitos educacionais da Fundação, assim carinhosamente chamada por todos: “a gente falava na Fundação, a gente não falava muito FEB. ‘Trabalho na Fundação, estudo lá na Fundação’” (Entrevista com Maria Luiza Moraes Prado).⁷

⁷ Maria Luiza Moraes Prado tem graduação em Serviço Social pela Instituição Toledo de Ensino e especialização em Administração e Supervisão em Serviço Social pela mesma instituição. Ingressou, em 1978, na Fundação Educacional de Bauru como Assistente Social e hoje continua trabalhando na área como servidora da Unesp.

2 – A construção do novo câmpus nas décadas de 1970 e 1980

A ocupação do novo câmpus ocorreu de maneira progressiva nas décadas de 1970 e 1980. Nos anos 1970, com a construção dos primeiros prédios destinados aos laboratórios e cursos de Engenharia, iniciou-se a expansão dessa área destinada ao Ensino Superior em Bauru. A instalação do radar do Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet) no novo câmpus, em 1974, foi decisiva para a sua consolidação. Paralelamente, a construção gradativa da Praça de Esportes, ainda nos anos 1970, nas proximidades do IPMet, também contribuiu para a consolidação do novo câmpus. O projeto fracassado de uma nova instituição educacional, a Universidade das Américas, proporcionou propostas ambiciosas de edificação de um imenso câmpus universitário. A transferência definitiva das áreas administrativas da Fundação Educacional de Bauru e dos cursos da Faculdade de Ciências se deu na primeira metade da década de 1980. Responsável pela edificação dos primeiros prédios do novo câmpus, o depoimento de Antonio Zeca Filho⁸ é exemplar para acompanharmos o início dessa epopeia:

A prefeitura tinha essa área aqui, eu não sei qual foi o problema que sobrou essa área, era [dos descendentes] de um tal de Felicíssimo Antônio Pereira [um dos fundadores de Bauru no final do século 19], eu não lembro. Eu sei que essa área são 200 alqueires. Não sei se vocês sabem disso, 200 alqueires dentro da cidade de Bauru, é uma fortuna isso daqui. A Unesp ganhou um presente, viu, quando ela encampou o câmpus de Bauru. Então a prefeitura doou para a Fundação [Educativa de Bauru]. Na época, nós tínhamos o escritório técnico. O escritório funcionava da seguinte forma. Tinha um convênio com as prefeituras [municipais] da região. A gente dava cobertura, assistência técnica, levava aluno [da Engenharia Civil], resolvia os problemas das prefeituras. Eles pagavam bolsa de estudo para vários alunos para estudar aqui na Fundação. [...] O [Alcides] Franciscato [Prefeito de Bauru, de 1969 a 1973, e Deputado Federal, de 1975 a 1987] conseguiu uma verba a fundo perdido, um valor significativo. Era Deputado. Aí ele, essa verba nós tínhamos que gastar em um ano. E tinha que gastar em obras.

Então fizemos o projeto, fizemos o projeto da cantina, que vocês conhecem, o laboratório de Engenharia, as salas, sala 1, 2, 3 e aquele prédio de salas que

⁸ Antonio Zeca Filho tem graduação em Engenharia Civil pela Fundação Educacional de Bauru, participou da construção dos prédios do câmpus universitário como engenheiro responsável, sendo também docente no curso de Engenharia Civil. Hoje está aposentado, mas continua trabalhando como Perito Judicial.

tem a biblioteca embaixo e mais o prédio da Administração. Então fizemos esse projeto todinho. Fizeram orçamento do material que precisávamos e nós tínhamos que gastar esse dinheiro. Tinha que comprar o material, só que você não podia comprar cimento porque ia estragar. E fizemos também a praça de esportes, o campo de futebol e na época o prefeito era o [Osvaldo] Sbeghen. “Eu vou precisar comprar um monte de cimento, estava usando muito cimento que estava com obra”. Falei com a diretoria, a parte de compra, a parte de administração. Nós compramos o cimento. “Eu vou gastando aqui e doo para prefeitura. À medida que eu for precisando, ele vai devolvendo, porque eu não vou conseguir gastar isso tudo em um ano, vou gastar no ano seguinte”. Qual a boa ideia? Então compramos. Vidro, por exemplo, a gente comprava a placa de vidro inteira, estocamos. Madeira, comprou madeira para madeiramento, caminhão de madeira. Gastamos todo esse dinheiro e construímos. (Entrevista com Antonio Zeca Filho, em 3/4/2025)

Essas construções pioneiras foram registradas fotograficamente no início da década de 1970, como ilustram as figuras 7, 8, 9, 10 e 11:

Figura 7 – Vista aérea do futuro câmpus universitário no início da década de 1970



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 8 – Vista aérea da região do câmpus, em 1972



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 9 – Vista aérea do câmpus, década de 1980



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 10 – Vista aérea do câmpus, em meados da década de 1980



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 11 – Vista aérea do câmpus, no final da década de 1980



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 12 – Vista aérea do câmpus, no final do século passado



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 13 – Vista aérea da Praça de Esportes, no final da década de 1990



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 14 – Vista aérea recente da Praça de Esportes, laboratórios e o Departamento de Educação Física



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

O centro cotidiano de convivência social do câmpus foi e ainda é sua cantina, atualmente entre a Biblioteca e os prédios da Faculdade de Engenharia. Porém, o vórtice central das solenidades que deram sentido institucional do câmpus universitário que surgia foi seu anfiteatro “Guilherme Rodrigues Ferraz”, carinhosamente chamado de “Guilhermão”. Nas palavras de José Munhoz Fernandes⁹:

Nós tínhamos um empresário aqui em Bauri, já falecido, inclusive pai de uma professora nossa, Lúcia Helena Ferraz Sant’Agostino, que também já faleceu, o Guilherme Ferraz, empresário de sucesso aqui no ramo de distribuição de veículos da Mercedes-Benz. E ele era sensível a que a universidade estava crescendo. Não tínhamos um anfiteatro. Ele decidiu bancar esse anfiteatro. Então a construção do Anfiteatro Guilherme Rodrigues Ferraz. Por isso o nome foi dado em homenagem a ele. Foi graças a esse patrocínio, vamos chamar assim. Parte dele foi construído com mão de obra própria nossa. Nós tínhamos na época uma equipe bem maior do que tem hoje, de pessoas da área de manutenção, mas parte também foi terceirizado. Mas enfim, saiu o anfiteatro e, salvo engano, é o maior

⁹ José Munhoz Fernandes tem graduação em Administração de Empresas e Tecnologia de Gerência, com doutorado em Educação Escolar pela Unesp. Foi Diretor Técnico Administrativo na Administração Geral do Câmpus de Bauri. Hoje está aposentado e trabalha na Instituição Toledo de Ensino de Bauri.

anfiteatro universitário aqui da região ainda. Na época, se não me engano, a capacidade era para 1.200 pessoas. E depois, claro, ele foi sendo melhorado com recursos da própria Unesp. Me lembro que uma das últimas coisas que eu vivi aqui dentro, ainda como diretor administrativo, já na Administração Geral, foi a reforma e a melhoria do Guilhermão. Então foi o fechamento lateral com vidro que ali era impossível, sujeira, vento, chuva e a climatização. (Entrevista com José Munhoz Fernandes, em 20/3/2025)

Antonio Zeca Filho também se recorda da construção do anfiteatro “Guilherme Rodrigues Ferraz”:

O Guilhermão foi o seguinte, o Guilherme Ferraz, ele conseguiu uma verba doada da Mercedes-Benz. Eu não me lembro na época, qualquer coisa assim. E, na época, a inflação era muito grande. Aí o Guilherme falou assim: “eu vou pegar esse dinheiro, eu vou botar para render e com os juros, nós vamos construir o Guilhermão”. Aí me chamou: “Zeca, eu quero fazer um anfiteatro, mais ou menos igual ao Vitória Régia, mas eu quero cobrir. Como é que vai ser? Você se vira”. Lembra do Élcio Pontes? Um senhor baixinho que era da Faculdade de Ciências? Professor. Esse senhor, ele dava muita palestra aqui, de artes, qualquer coisa, era bem envolvido com artes. Então aí nós fomos para Ribeirão Preto, que tinha um anfiteatro. Aí eu escolhi essa localização aqui. “Que tal fazer aqui? Aqui na frente nós fazemos estacionamento”. “Tá bom, nós vamos fazer”. Aí fizemos o projeto. (Entrevista com Antonio Zeca Filho, em 3/4/2025)

As solenidades no anfiteatro “Guilherme Rodrigues Ferraz” eram bastante formais.

Segundo Paulo Assumpção Riehl¹⁰:

Tudo marcou porque eu gostava do que fazia. Eu era apaixonado pelo que fazia. Dedicado, obediente, presente e participava dessas festas. A gente lá na Sessão Solene vinha de paletó, terno e gravata. Era um negócio fino e muito bem-organizado. E nos bailes de formatura, a gente vinha de uniforme ali, vinha de gala, as mulheres de longo, e a gente de *smoking*. Marcou época, hoje não faz mais nada disso. Não existe mais nada disso. (Entrevista com Paulo Assumpção Riehl, em 18/3/2025)

¹⁰ Paulo Assumpção Riehl começou a trabalhar na Fundação Educacional de Bauru em 1974, como assessor administrativo, e se aposentou na Unesp em 2002.

Figura 15 – Anfiteatro “Guilherme Rodrigues Ferraz”, no início do atual século



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Em seu depoimento, Antonio Zeca Filho sintetiza enfaticamente o sentimento daqueles primórdios da ocupação do novo câmpus, dos motivos que levaram à transferência dos cursos do prédio único da vila Falcão para o local ermo e desafiante do futuro câmpus universitário:

Naquela época, ninguém acreditava muito no futuro. Então, hoje passou todo esse tempo, nós podemos dizer o seguinte: nós temos uma Faculdade de Ciências padrão, nós temos uma Faculdade de Engenharia padrão, uma Faculdade de Arquitetura padrão no Estado. Nós começamos como? Como nós começamos? Nós começamos num prédio doado pelo Estado, emprestado, eu como que fiquei lá depois de formado, porque eu estava trabalhando, logo no começo deu chuva, destelhou tudo. Eu olhava aquilo lá, aqueles banheiros, via aqueles banheiros imundos, eu falava, não é possível isso daqui. A gente ali labutando, o pessoal limpando, fazendo aquilo, tudo apertado, faziam modificações, entendeu? Aquela loucura, tentando sobreviver. A partir desse tanto, começou a vir para o câmpus, se conseguiu um pouco de verba e começou a crescer a Fundação. Logo veio a Unesp. Então, hoje nós temos que agradecer. (Entrevista com Antonio Zeca Filho, em 3/4/2025)

É paradoxal como um mesmo acontecimento é visto de maneira oposta por dois membros da comunidade de Faculdade de Ciências. A mesma chuva desastrosa que destelhou o prédio inicial da Fundação, na vila Falcão, e motivou ao engenheiro

responsável pelas primeiras obras no novo câmpus a lutar de maneira determinada pela mudança da Universidade de Bauru para a área afastada da cidade, foi a chuva que deu oportunidade para uma recém-formada ingressar como funcionária na nossa faculdade, como relata Rosa Maria Fernandes Scalvi¹¹. São as ironias da vida.

Naquele momento [em que concluí a graduação], eu fiquei sem meu emprego de estagiária, uma vez que eu me formei. [...] Eu estava já me preparando para tentar ministrar aulas como professora do Ensino Médio. E aí aconteceu um fato inusitado, [...] aquela coisa de estar no lugar certo, na hora certa. [...] Teve essas chuvas de verão, que em Bauru sempre tem, não é de agora que quando chove destrói a cidade. Choveu muito e acabou derrubando toda a estrutura dos laboratórios e outras instalações que funcionavam lá na vila Falcão, no antigo prédio, porque daí o câmpus funcionava um pouco lá e um pouco aqui no câmpus atual da Unesp. E aí [...] o responsável perguntou se eu gostaria de ingressar novamente como técnica do laboratório. Então foi a oportunidade, porque eu conhecia aqueles equipamentos, trabalhei sozinha com eles ali por quatro anos. Então foi assim que eu ingressei, como servidora, como funcionária da universidade, que na época ainda era Universidade de Bauru. [...] Pessoalmente, foi fantástico também, porque [...], do dia para a noite, ganhei o salário de técnica e continuei na universidade. E, naquele semestre, como técnica, recuperei os laboratórios, limpei tudo. As aulas voltaram a acontecer normalmente nos laboratórios. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Outro fator determinante para a ocupação e consolidação do novo câmpus foi a instalação nessa área, em 1974, do radar do Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet).

Foi o IPMet que conferiu a maior visibilidade e caráter científico, moderno e inovador das atividades e dos cursos da Fundação Educacional de Bauru. Sua instalação no novo câmpus também sinalizou para o desenvolvimento e a expansão da área que futuramente se pretendia como câmpus universitário. Seu principal

¹¹ Rosa Maria Fernandes Scalvi é graduada em Física pela Universidade de Bauru e doutora em Ciência e Engenharia de Materiais pela USP. Ingressou, em 1988, na Universidade de Bauru como técnica de laboratório e, mais tarde, como docente. Hoje está aposentada como professora da Unesp.

idealizador foi Roberto Vicente Calheiros¹². Em seu depoimento, contou sobre a trajetória inicial do IPMet:

Em 1969, fui contatado pelo pessoal, que era o professor Isaac e de muita saudosa memória e outros da época. Enfim, eu, pessoal, o Edmundo Coube era prefeito e eu então estava no INPE [Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais], que é a minha instituição de origem, aonde me aposentei. O tempo todo eu fui funcionário do INPE. Trabalhando aqui num convênio, a gente tem o objetivo, a implantação de um centro de pesquisa meteorológicos que se justificava, porque Bauru está mais ou menos no centro geográfico do Estado. Se pretendia a colocação de equipamento que pudesse cobrir o mais possível do Estado e o radar meteorológico, a gente chama de “burro de carga” dessas informações para esse sistema.

Então foi. Foi assim que eu fui convidado para vir. Foi feito o convênio. Olha, não sei se chama convênio. Na época, era Comissão Nacional de Atividades Espaciais, hoje é INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Mas era como se [fossem] as nossas atividades espaciais, então feito um convênio com o Edmundo Coube, que era o presidente da Fundação Educacional de Bauru. Eles convidaram, me perguntaram se eu podia propor alguma coisa. Eu disse: “Olha, a melhor coisa que se podia fazer era na área de meteorologia, que é uma área que é pouco desenvolvida no país”. A área de alto benefício-custo, altamente interdisciplinar, que dava para interfacear com várias áreas do conhecimento aqui explorados pela Fundação Educacional de Bauru, quer dizer, pretensamente no futuro ia ser explorada. [...]

É então aí, com isso, começou o Instituto. A ideia se desenvolveu e, em setembro de 1972, eu acho que foi setembro de 1972, foi criado o IPMet, foi apresentado o projeto; entrou o radar, recebendo da Fapesp um projeto que a gente apresentou lá e, em julho de 1974, começou a operar um radarzinho. Agora, o radarzinho nosso aí.

[...]

Era pouco explorado no país. Alto o benefício-custo quer dizer, você poderia ter muito recurso governamental, era mais garantido recurso governamental, não tinha outros disputando muito com isso. Então, nós nos adiantamos até à USP nisso, né?

[...]

Foi o primeiro projeto que eu conheço que era um radar. Eu acho que até o nome era Radar de Objetivos Múltiplos para Pesquisa Meteorológica no Estado de São Paulo e Operações. E eu lembro que o Dr. Sala, que era o diretor científico da Fapesp, ele insistiu muito que a gente pudesse atender à sociedade por causa do valor do equipamento e o potencial que ele tinha para atender a sociedade. A gente mandava as fotos para São Paulo e feito

¹² Roberto Vicente Calheiros é graduado em Engenharia Eletrônica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica, fez doutorado em Hidrologia pela USP e pós-doutorado na Universidade de Quebec. Exerceu o cargo de chefe no INPE e diretor e coordenador de pesquisas do IPMet, além de diretor da Fundação Educacional de Bauru.

um acordo com a Rádio Eldorado. A Rádio Eldorado divulgava. Foi uma época interessante. (Entrevista com Roberto Vicente Calheiros, em 27/3/2025)

O convênio com o IPMet foi essencial para dar o espírito de cosmopolitismo científico à Fundação Educacional de Bauru. O IPMet firmou, inicialmente, parceria científica com a Agência Canadense de Cooperação Internacional e, posteriormente, com institutos de pesquisa europeus. Roberto Calheiros, em meados da década de 1970, acumulou as funções de diretor do Instituto e da Fundação Educacional de Bauru, exatamente quando do desenvolvimento inicial do novo câmpus. Foi o IPMet que trouxe à Fundação Educacional de Bauru o conhecimento necessário para elaborar propostas de financiamentos com a Fapesp. Os primeiros computadores utilizados pela Fundação foram os do IPMet. Houve uma sinergia corporativa. Inclusive com a Prefeitura de Bauru, que parcialmente financiava a Fundação Educacional, beneficiando-se dessa sintonia institucional. Por exemplo, até o início dos anos 1980, o IPTU, os carnês de pagamento do Departamento de Águas e Esgotos (DAE) e os boletos de cobrança da Cohab de Bauru, entre outros serviços, eram administrados pelos computadores do IPMet, como relata Mitsuo Katsuki¹³:

Na década de 1970, além de todos os serviços da Fundação Educacional de Bauru, a parte de notas, a parte administrativa e de contabilidade, a gente prestava serviços para a Prefeitura. A gente processava IPTU, Dívida Ativa da Prefeitura, processava os avisos do DAE, iniciando os carnês do DAE. E também fizemos a parte de cobrança de sistema de habitação da Cohab. A gente utilizava os computadores para fazer o processamento da Fundação, durante o dia. Durante o dia, o equipamento era usado mais para pesquisa, para o pessoal de IPMet. E, quando sobrava tempo, a gente utilizava para fazer o processamento da Fundação. E tinha os três turnos, de manhã, à tarde e à noite, até as 23 h. A gente utilizava os equipamentos para esses serviços externos no período da noite. Por que até as 23 h? Por causa do circular que chegava lá no IPMet. Terminava às 23 h. Partia às 23 h para Bauru. Então, era o último horário. Era tudo terra, nesse pedaço, do IPMet até o Ceasa. (Entrevista com Mitsuo Katsuki, em 28/3/2025)

¹³ Mitsuo Katsuki é graduado em Engenharia Elétrica pela Fundação Educacional de Bauru e em Ciência da Computação. Tem pós-graduação em Computação pela USP. Começou a trabalhar na Fundação Educacional de Bauru como estagiário, em 1973. Foi programador, professor no Colégio Técnico Industrial e docente no curso de Processamento de Dados. Aposentou-se na Unesp como Analista de Informática, em 2015.

Figura 16 – Unidade de fita para dados de modelos matemáticos



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 17 – Jehud Bortolozzi, diretor da Faculdade de Ciências, e Mitsuo Katsuki, diretor da Diretoria Técnica de Informática, na década de 1990



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Irineu Luiz Cheque¹⁴ reforçou, em sua entrevista, a importância do IPMet:

Eu, na época, eu entrei no laboratório fotográfico da Fundação e, ali, já desde a idade pequena, com 14 anos [proveniente da Legião Mirim de Bauru], já aprendi trabalhar com fotografia, fotografia preto e branco e, futuramente, foi importante na minha função no IPMet. Porque, no IPMet, era tudo feito de fotografia com a base e os registros do radar e do satélite, era tudo fotografia. E eu já tinha essa bagagem do que eu aprendi quando eu entrei no laboratório fotográfico da Fundação. [...] Já a partir de 1976, com 15 anos de idade, eu fiquei refazendo as fotos de satélite, revelando as fotos de satélite e também revelando as fotos no radar. Que o radar tudo era feito com foto. Era fotografar a tela do radar com uma câmera normal e aí tinha que revelar para fazer as imagens do radar. Eu já tinha essa experiência de quando eu entrei na Fundação. [...] Lá pelos anos 1980, veio o primeiro computador, o PDP 11-34, que já digitalizava as imagens do radar. Aí logo depois veio o VAX. O VAX era um negócio absurdo, todo mundo queria ver. Era o computador que ocupava uma sala inteira, né? Então era o cartão postal. Vinha inclusive folha de pagamento da prefeitura, do DAE era rodado aqui, era rodado aqui, lá no VAX que era um computador monstruoso, né? O IPMet era um negócio assim, absurdo. Todo mundo queria ter contato com IPMet. (Entrevista com Irineu Luiz Cheque, em 2/4/2025)

Figura 18 – Irineu Luiz Cheque marcando a tela do radar monocromático do IPMet



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

¹⁴ Irineu Luis Cheque ingressou na Fundação Educacional de Bauru em 1975, aos 14 anos de idade, proveniente da Legião Mirim de Bauru. Hoje, trabalha no IPMet, onde se especializou como Técnico em Meteorologia.

Assim como Irineu Luiz Cheque, os entrevistados Divanil Mogioni¹⁵ e Ezequiel Pires da Silva¹⁶ têm algo em comum: entraram muito jovens na Fundação Educacional de Bauru por encaminhamento institucional da Legião Mirim de Bauru. Carecemos de estudos sobre a parceria entre a Legião Mirim e a Fundação Educacional de Bauru. Além dessa procedência comum, demonstram profundo orgulho pela sua relação existencial, intelectual e profissional com o que hoje é a Unesp:

Orgulho. Eu muitas vezes passo aqui em frente com a minha esposa. Falo: aqui, aqui foi o meu ganha-pão. Foi aqui que eu fiz a minha vida, constituí uma família. (Entrevista com Divanil Mogioni, em 18/3/2025)

Eu entrei na Fundação com 13 anos, em 1978 [proveniente da Legião Mirim de Bauru]. Então, para mim, era um mundo maravilhoso, fantástico, sempre bom. Achava aquilo o máximo e era realmente muito bom, uma vivência universitária para uma criança já inserida ali. Mas era totalmente diferente do que é hoje e tinha poucos departamentos. (Entrevista com Ezequiel Pires da Silva, em 2/4/2025)

Mitsuo Katsuki mencionou as dificuldades de se chegar até o IPMet. Algumas fotos da década de 1970 ilustram essa situação, com as figuras a seguir.

¹⁵ Divanil Mogioni começou a trabalhar na Fundação Educacional de Bauru em 1970, aos 14 anos de idade, proveniente da Legião Mirim de Bauru, e se aposentou na Unesp em 2010.

¹⁶ Ezequiel Pires da Silva ingressou na Fundação Educacional de Bauru em 1978, aos 13 anos de idade, proveniente da Legião Mirim de Bauru. Trabalha na Biblioteca da Unesp de Bauru, desde 1981, como Assistente de Suporte Acadêmico.

Figura 19 – IPMet, na década de 1970



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 20 – Instalação do radar do IPMet, em 1974



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 21 – Radar do IPMet, em 1974



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 22 – Vista aérea do IPMet, na década de 1980



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Para comparação, pode-se usar fotos recentes do câmpus, como as das figuras 23 a 26:

Figura 23 – Vista aérea recente do IPMet



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 24 – Vista aérea recente do câmpus da Unesp



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 25 – Vista aérea recente do câmpus da Unesp



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 26 – Vista aérea recente do câmpus da Unesp



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Assistir à entrevista de Roberto Vicente Calheiros pode dar uma compreensão profunda do IPMet em relação à Fundação Educacional de Bauru, à Universidade de

Bauru e ao papel decisivo do IPMet quando da incorporação da Universidade de Bauru pela Unesp.

No entanto, nem só de acontecimentos sérios é constituída a vida acadêmica. Dois entrevistados, Irineu Luiz Cheque e João Moretti Junior¹⁷, relataram rindo, com bom humor, o mesmo episódio envolvendo um balão do IPMet:

[Trabalhar no IPMet] era gostoso. Vinha o pessoal da Rússia, vinha o pessoal da França, da Inglaterra. Era uma delícia, era muito bom. Era gostoso ter contato com esse povo. Era, era bacana. E tudo aconteceu entre os anos 1980 e 1990. Foi uma época muito boa, principalmente para o IPMet e para nossa comunidade, né? Uma coisa curiosa foi uma vez que foi soltar o balão, um dos nossos ajudantes [o Carlos Alberto de Agostinho] ficou enroscado no balão (risos) e quase que ele sobe com o homem no balão. Deu um problema lá, teve que segurar o balão. E ele enrolou a corda. E o balão levantava 200 quilos, quase que leva o rapaz embora. Esse foi o fato que saiu no Brasil inteiro. Foi um fato marcante. Ele ficou e a gente também ficou preocupado. Se o menino sobe, Deus me livre! (Entrevista com Irineu Luiz Cheque, em 2/4/2025)

Foi com o Carlinhos [Carlos Alberto de Agostinho]. Eu fazia a cobertura e era um balão meteorológico. Naquela época, vinham muitos russos, alemães, ingleses fazer o lançamento para medição da camada de ozônio e o Carlinhos, assim, por um lapso dele, ele enroscou o braço na corda que estava sustentando o balão e o balão foi ganhando força e ele subiu uns 15 metros de altura e nós todos estávamos ali. Está certo que a corda estava amarrada numa base que não ia levá-lo para o espaço. Mas nós tivemos que usar tantas pessoas para puxar essa corda para trazê-lo de volta à terra! Ficou marcado o braço dele. (Entrevista com João Moretti Junior, em 29/5/2025)

É oportuno ressaltar que, em vários momentos, os depoimentos comportaram felicidade, prazer e bom humor ao relatar a trajetória da Faculdade de Ciências. Somente assistindo às entrevistas filmadas será possível se contagiar com tal visão de paz de espírito, plenitude e bom humor dos membros de nossa comunidade. Para mais um exemplo apenas, pode-se mencionar a história sobre a Biblioteca do câmpus, contada por Ezequiel Pires da Silva:

Um fato inusitado? Na biblioteca? Teve uma época que a biblioteca estava passando por alguns momentos meio nebulosos. A diretora na época

¹⁷ João Moretti Junior tem graduação em Relações Públicas pela Universidade de Bauru e Jornalismo pela Unesp, onde fez o mestrado em Comunicação. Iniciou suas atividades profissionais na Unesp em 1987, como Relações Públicas da Faculdade de Ciências, onde atua até hoje.

convidou um padre para benzer a biblioteca, ele foi benzer a biblioteca. Ela era católica. Mas o interessante é que a diretora anterior não era católica e tinha levado uma mãe de santo lá.

Então, primeiro foi a mãe de santo, depois foi o padre. Faltou o pastor, faltou o rabino. Eram umas coisas que hoje são resolvidas mais administrativamente. Tem essa visão administrativa da coisa. “Isso está acontecendo por conta daquilo”. Pode até não se resolver, mas não vão chamar um padre para benzer a biblioteca, nem uma mãe de santo para fazer um trabalho. (Entrevista com Ezequiel Pires da Silva, em 2/4/2025)

O IPMet foi incorporado pela Faculdade de Ciências em 2014, como relata Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger¹⁸:

As discussões para a criação do curso de Meteorologia iniciaram-se quando ainda o professor Olavo [Speranza de Arruda] era diretor e foram realizadas muitas e muitas reuniões, discussões com a reitoria, com o grupo IPMet e com os nossos colegas professores, especialmente dos departamentos de Biologia, de Física, de Química, de Matemática e de Computação. Porque, à época, considerava-se que tais colegas professores poderiam também contribuir com a criação desse curso. Na época, a reitoria discutia com o Instituto de Física Teórica, o oferecimento de um curso, atrelando o IPMet ao Instituto de Física. E, naquele momento, enfim, decidi-se pela Faculdade de Ciências incorporar o IPMet, envolvendo os nossos colegas professores, especialmente do Departamento de Física. [...] Foram momentos de muitos debates, colegas contrários, colegas favoráveis. Hoje, o enfrentamento é com a evasão, pelo que eu tenho conhecimento. Eu fico inconformada, especialmente com as mudanças climáticas que a gente vem vivenciando, mas não sei ao certo quais são as discussões. [...] Mas eu não tenho dúvida da importância do IPMet na instituição Unesp. (Entrevista com Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger, em 12/5/2025)

Atualmente, o IPMet passa por redefinição institucional de suas atribuições. Com o intuito de sua modernização, a atual diretora da Faculdade de Ciências, Vera Lucia Messias Fialho Capellini¹⁹, relatou sua luta pela revitalização do IPMet:

[Como diretora da Faculdade de Ciências] eu avoqueei para mim a supervisão do IPMet. Então, foram muitas reuniões junto à Defesa Civil, à Casa Civil lá em São Paulo, para conquistar e, ainda, a gente não conquistou. Então, eu estou terminando a gestão com muita possibilidade que isso se materialize. Na semana que vem, inclusive, eu estou indo a São José dos Campos ver um

¹⁸ Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger tem graduação em Educação Física pela Unesp de Rio Claro, fez o doutorado em Educação Física na Unicamp, pós-doutorado na USP e Unicamp e é livre-docente pela Unesp. Iniciou a carreira docente em 1992, na Unesp, e foi Diretora da Faculdade de Ciências, de 2013 a 2017.

¹⁹ Vera Lucia Messias Fialho Capellini tem graduação em Pedagogia pela Universidade Metodista de Piracicaba, doutorado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos, pós-doutorado pela Universidad de Alcalá, na Espanha, e é livre-docente pela Unesp. Ingressou como docente da Unesp em 2006. Atualmente, é diretora da Faculdade de Ciências, no mandato de 2022 a 2025.

radar junto com a Defesa Civil, que é a possibilidade de comprar um radar produzido no Brasil. Então, o que nós temos? O governador prometeu o radar e prometeu que Bauru seria o centro de monitoramento de todo o Estado. Isso ele já fez. Nesse ano, está publicado no Diário Oficial, ele criou o Centro de Meteorologia, toda a gestão dos dados da Unicamp, do IEAMar, da USP e de Bauru, ele é feito pelo IPMet de Bauru.

O que falta para fechar com chave de ouro é a aquisição do radar, porque os nossos radares já têm mais de 40 anos. [...] Eu fui para a Casa Civil, junto com gente da meteorologia, com o professor Calheiros e eu não entendo nada de radar. Quando eu terminei a minha fala, o coronel lá, chefe da Casa Civil, falou assim: "Imagine se ela entendesse!" Porque eu fui explicar para ele por que era importante ter o radar aqui e que, se ele parasse, qual era o malefício disso para a sociedade, para Bauru, principalmente às prefeituras e para todo mundo. E aí eu disse assim: "Olha, eu não sou da área, mas eu sou pedagoga. Mas, como professora, eu tenho o papel de ensinar, de tentar fazer de tudo para que entenda. O senhor entendeu ou eu preciso desenhar?" E eu lembro que foi curioso, porque quem estava comigo olhou assim, né? E eu falei: "O senhor entendeu que é importante ou eu preciso desenhar?" Daí ele falou: "Não, mesmo a senhora não sendo da área, eu entendi plenamente, imagina se a senhora fosse". Então isso foi engraçado para mim. (Entrevista com Vera Lucia Messias Fialho Capellini, em 19/5/2025)

Além do IPMet, no início da década de 1970, outro projeto de ocupação do câmpus foi formulado. Tratou-se da proposta de criação da Universidade das Américas. Como comentado por Antonio Zeca Filho, responsável pelas edificações iniciais do novo câmpus:

Aí, tendo em vista esse conhecimento que eu tinha de engenharia, foi lançado o projeto da Universidade das Américas e, nesse projeto, foi contratado um arquiteto chamado Nelson do Amaral. [...] Isso aí no finalzinho de 1972. No segundo semestre de 1972, eu ia me formar. O Elder Gadotti [Diretor da Fundação Educacional de Bauru] me chamou, falou: "olha, o escritório está desenvolvendo esse projeto, porém, o engenheiro, que era o Jaime Simão, saiu e eu quero que você o substitua". Mas eu não estava formado ainda. E então eu entrei como se fosse sem assinatura, sem contrato com a Fundação. Comecei a trabalhar nesse projeto. (Entrevista com Antonio Zeca Filho, em 3/4/2025)

O diretor da Faculdade de Ciências naquele período, Paulo Kawauchi, também narrou essa história:

A Universidade da América foi ideia do Marcondes [Nelson Marcondes do Amaral Filho], que era arquiteto, não é? [...] Então, aquela era a concepção arquitetônica do Marcondes. Era jovem. O jovem arquiteto, nós até nos dávamos muito bem: "Ó Paulo, você tem que me ajudar aqui". Então, foi feita a maquete e tudo, veio até um professor, não me lembro de onde,

bastante conceituado e que dava o aval da importância da criação e daquela arquitetura. Então, no Conselho [da Fundação Educacional de Bauru], foi aprovado. Mas exigia um recurso muito grande, não é?

A maquete e a concepção arquitetônica das edificações a serem construídas para a Universidade das Américas foram fotografadas. Lembram demasiadamente o planejamento arquitetônico da Universidade de Brasília e da Unicamp, em construção naquele período, como ilustram as figuras 27 e 28.

Figura 27 – Maquete das futuras edificações da Universidade das Américas



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

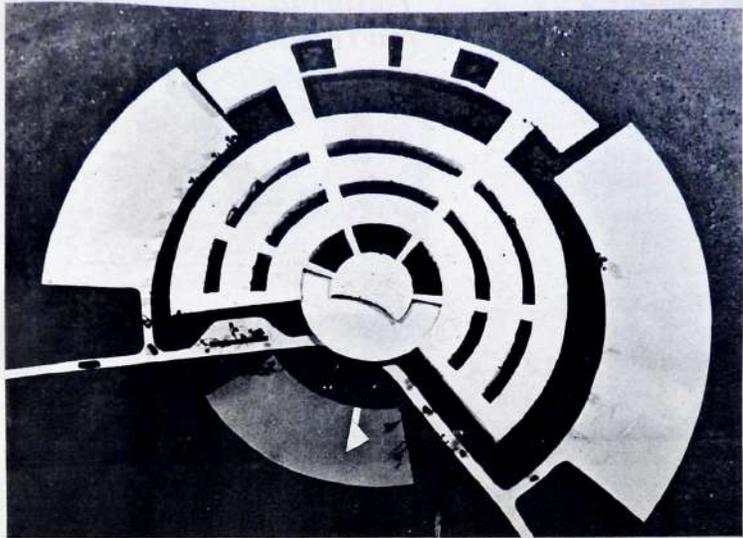
Figura 28 – Reunião sobre o projeto da Universidade das Américas



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

O primeiro número do *Jornal da Fundação Educacional de Bauru*, de setembro de 1973, deu destaque à dupla ocupação do novo câmpus, com imagem da futura Universidade das Américas e fotografia do IPMet, como apresenta a Figura 29.

Figura 29 – *Jornal da Fundação Educacional de Bauru*, n.º 1, p. 3, de setembro de 1973



Blcco da universidade, projeto do arquiteto Nelson Marcondes do Amayal Filho.

A Universidade está a caminho

(Todo o projeto já está pronto)

A Universidade bauruense é apenas uma questão de tempo. Tudo está preparado, projetado, organizado e já vem se desenvolvendo. O local de implantação do "parque" universitário da Fundação Educacional, fica a cinco quilômetros do centro da cidade, no sentido da continuação da avenida Nações Unidas. Esta avenida irá, como que de encontro à universidade, e se transformará numa de suas principais vias de acesso. A área é de 4.840.000 metros quadrados, e sua forma aproxima-se de um trapézio irregular.

Nesta área onde atualmente não existe quase desenvolvimento urbanístico, a não ser a rodovia Bauru-Ipaçu que inclusive divide a área total em duas partes, já está sendo implantada a nova universidade. Construídas, já estão em funcionamento, a oficina mecânica e marcenaria, além da Estação de Rastreamento de Satélites Meteorológicos. A implantação está prevista em 15 anos, havendo já, além destes, prédios em processo de paisagismo e ligações de redes de energia elétrica e telefônica, inclusive foi perfurado poço artesiano para o seu abastecimento.

UTILIZAÇÃO DO SOLO

A área, em função de suas características físicas, foi zonada a três tipos principais de utilização: a universitária, a comunitária e uma terceira região destinada às atividades de esporte e educação física, também aspecto de integração entre universidade e comunidade.

Segundo essa filosofia de integração universidade-comunidade, foram definidos os componentes do "parque". Assim, também faz parte da implantação o:

- Jardim Botânico.
- Jardim Zoológico
- Centro de Esportes e Educação Física
- Teatro ao Ar Livre
- Centro de Ciências para Juventude
- Área para play-ground e pic-nic
- Área destinada à Prefeitura do Parque
- Hotel para Professores visitantes

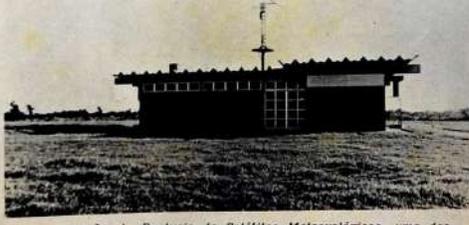
Completando o domínio visualmente todo o conjunto, o bloco da Universidade propriamente dita, ladeado por amplas áreas destinadas às futuras instalações de orgãos suplementares de ensino e pesquisa.

Dentro de um esquema de circulação viária e de pedestres, separadas, foi criada uma perimetral que permite acesso direto a todas as instalações, sem a necessidade de estacionamentos que serão distribuídos próximos a esta perimetral, em locais de interesse.

Os jardins Botânico e Zoológico contarão, cada, com uma lagoa, estando previstos restaurantes e alguns equipamentos esportivos não só às margens destas lagoas, como também em outros pontos de interesse, distribuídos pelo parque.

E "PARQUE" E NÃO "CAMPUS"

A expressão "parque" universitário é usada em lugar de "campus" universitário, além de esboçar-se pela vontade de que a universidade de Bauru apresente realmente algo de novo em termos de arranjo físico. Analisa-se, inclusive, a própria filosofia de integração universidade-comunidade, através da criação de um complexo cultural de lazer e esportes.



A Estação de Rastreamento de Satélites Meteorológicos, uma das primeiras construções dentro do "parque" da Fundação. Também já estão implantadas a oficina mecânica e marcenaria.

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

No entanto, algo deu errado. No início da década de 1970, os Estados Unidos tinham muito interesse em parcerias com universidades brasileiras. Era o auge da

Guerra Fria. Fundações filantrópicas dos EUA forneciam subsídios camaradas, a fundo perdido, com o intuito de conservar na elite universitária uma visão favorável ao país irmão do Norte. Parte do câmpus da Faculdade de Medicina da USP e seu Hospital das Clínicas foram edificados com verba da Fundação Rockefeller. Portanto, foi verossímil acreditar quando um empresário dos Estados Unidos, falando inglês e se comunicando com membros da Fundação Educacional de Bauru com um tradutor/intérprete, apresentou-se como alguém com contatos na Fundação Ford. Nenhum dos entrevistados para este livro quis nomear tal pessoa. Durante meses, hospedando-se em hotéis de Bauru, transitou como representante benemérito de interesses dos EUA em construir um novo câmpus para a futura Universidade das Américas. A farsa foi convincente. Rubens José Lopes²⁰, carinhosamente conhecido como Dr. Lima, narrou o espanto causado quando suspeitas referentes à seriedade da ajuda internacional vieram à tona. Segundo Antônio Tidei de Lima, com a visita de dois jornalistas locais, um do *Diário de Bauru* e outro do *Jornal da Cidade*, à sede da empresa nos Estados Unidos, à qual o empresário de fato representava, descobriu-se o equívoco das informações por ele propaladas. O caso foi abafado e a Universidade das Américas sumiu do noticiário.

Ainda sobre a ocupação do câmpus, era recorrente, em várias das entrevistas, a descrição das dificuldades em se locomover até ele. Como foi narrado pelo motorista da diretoria da Fundação, Antonio Ramires Saneti²¹:

Eu saía de casa de manhã e fazia essa caminhada de dez quilômetros de casa até aqui. Eu vinha de manhã cedo, trabalhava o dia inteiro, aí, quando a tarde, se você fosse viajar, você tem que levar o carro pra casa. Então, como não ia viajar, então voltava também a pé até em casa. Dava 20 quilômetros por dia. (Entrevista com Antonio Ramires Saneti, em 2/4/2025)

²⁰ Rubens José Lopes, bacharel em Direito, era o Diretor Administrativo da Fundação Educacional de Bauru quando do episódio da Universidade das Américas. Muito idoso, não foi possível entrevistá-lo para este livro. No entanto, consultou-se o áudio de sua entrevista dada à TV Unesp, em 2019, quando da comemoração dos 50 anos da Faculdade de Ciências. Essa entrevista pode ser ouvida usando o [link](https://hospeda.fc.unesp.br/~macioniro.celeste/macioniro/TV_Unesp/Rubens_Jose_Lopes.mp3) https://hospeda.fc.unesp.br/~macioniro.celeste/macioniro/TV_Unesp/Rubens_Jose_Lopes.mp3

²¹ Antônio Ramires Saneti entrou na Fundação Educacional de Bauru como motorista e se aposentou na Unesp.

Ou, no início da década de 1980, quando alguns cursos continuavam a funcionar no prédio da vila Falcão e outros já se encontravam no câmpus. Neste caso, mesmo tendo carro próprio, alguns professores tinham que se locomover entre as duas unidades, como relatou Mara Sueli Simão Moraes²²:

As aulas eram distribuídas um pouco lá na Vila Falcão, no prédio da Secretaria da Educação, e um pouco aqui [atual câmpus da Unesp]. E teve noite que, não era só eu, outros faziam isso também, dávamos duas aulas lá, pegávamos o carro, cruzávamos Bauru e nem tinha estrada asfaltada. Era estrada de terra para chegar e vínhamos dar as três últimas aulas aqui. Então foi uma vida difícil para todos, né? (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

A ocupação definitiva do novo câmpus, no início dos anos 1980, foi marcante para os envolvidos, como também descreveu Cleuder Tadeu da Graça Leite²³:

Era o momento da vinda pra cá, tudo, entre aspas, se complicou. Por quê? Porque quando nós viemos pra cá em 1982, já tinha uma parte da Engenharia aqui que era a parte dos laboratórios, tinha aulas aqui e tudo mais. Tá, isso aqui não recebeu somente os servidores, os funcionários, recebeu professores também. Então, e o detalhe... A Nações Unidas não existia como ela é hoje. Obviamente, ela existia e era chão batido de terra mesmo. Essa Av. Eng.⁹ Luiz Edmundo Coube era só terra, terra, mato dos dois lados, como é até hoje. Graças a Deus que hoje isso aqui está uma lindeza. Era muito difícil você vir pra cá. Quantas vezes o ônibus parava lá no trevo, lá onde tem o Hospital Estadual. Você tinha que vir caminhando e o câmpus não era fechado por alambrado. Ele era um câmpus aberto, era espaço livre para todo mundo. Você corria riscos, enfim. Mas a gente, graças a Deus, vinha trabalhar. Vínhamos trabalhar e fomos tocando a vida, né? (Entrevista com Cleuder Tadeu da Graça Leite, em 21/3/2025)

Mesmo colhendo resultados bem-sucedidos crescentes, a trajetória da Fundação Educacional de Bauru, da sua Faculdade de Ciências e de seus cursos não ocorreu sem percalços. As dificuldades logísticas de transporte até o câmpus deixaram recordações marcantes. Mas, retrocedendo no tempo, outras dificuldades, desta vez políticas, também interagiram com a história da Faculdade de Ciências.

²² Mara Sueli Simão Moraes tem graduação em Ciências, Matemática e Pedagogia pela Fundação Educacional de Bauru, doutorado em Matemática pela USP, pós-doutorado pelo Instituto Politécnico de Setúbal, em Portugal, e é livre-docente pela Unesp. Iniciou a carreira docente na Fundação Educacional de Bauru em 1978 e se aposentou pela Unesp em 2014.

²³ Cleuder Tadeu da Graça Leite é graduado em Gestão de Recursos Humanos e pós-graduado em Direito Administrativo Previdenciário. Iniciou sua vida profissional como estagiário na Fundação Educacional de Bauru, na Seção de Recursos Humanos, e continua trabalhando na Unesp.

Como mencionado anteriormente, o momento de seu nascimento é simultâneo à Reforma Universitária de 1968. Nessa mudança de concepção do Ensino Superior no país, o Movimento Estudantil brasileiro tentava ser bastante atuante. Não foi diferente em Bauru.

3 – O Movimento Estudantil e a Fundação Educacional de Bauru nos anos 1960

A Reforma Universitária, na década de 1960, caminhava lado a lado com o acirramento das lutas estudantis e o agravamento político, desde o golpe de 1964, da escalada cada vez mais autoritária da ditadura militar. Durante a ditadura, os órgãos representativos dos estudantes foram colocados na ilegalidade. Todavia, as demandas de acesso ao Ensino Superior público continuaram em um crescente na segunda metade dos anos 1960, resultando em conflitos explícitos entre os autoritários no poder e o Movimento Estudantil do período. Além disso, os estudantes lutavam também contra a ditadura em si. Almejavam a redemocratização do país. Não é por coincidência que a Lei 5.540, a lei da Reforma Universitária, tenha sido promulgada pelo Congresso Nacional em 28 de novembro de 1968, apenas 15 dias antes da edição do Ato Institucional n.º 5 (AI 5) e o fechamento por tempo indeterminado desse mesmo Congresso, com a cassação de mandatos e exílio de muitos de seus parlamentares. É exatamente nesse cenário que a União Nacional dos Estudantes (UNE) planejou para ocorrer na segunda semana de outubro de 1968 o Congresso da UNE, de maneira clandestina, na cidade paulista de Ibiúna. Antônio Tidei de Lima²⁴ relatou o envolvimento de estudantes da Fundação Educacional de Bauru nesse congresso:

Aí a gente fazia os movimentos e aquele tempo estava também desenvolvendo o Movimento Estudantil no Estado e no país. Então nós fazíamos também as nossas assembleias. Eu lembro que quando teve [o Congresso da UNE em] Ibiúna, era pra eu ter ido, para participar lá do Congresso de Ibiúna. Mas aí tinha um jogo de basquete importante. E eu falei assim: eu não posso ir, porque eu praticamente sou sustentado aqui pelo basquete. Exatamente. E aí nós fizemos uma reunião e escolhemos dois colegas para ir, o Djalma, até tempos atrás, uns meses, dois, três meses atrás, a gente estava lembrando disso. O Djalma Elias Rochel e o Testinha [Luiz Fernando Beraldo Pereira]. O Djalma era daqui, o Testinha [Luiz Fernando

²⁴ Antônio Tidei de Lima é graduado em Engenharia Civil pela Fundação Educacional de Bauru. Foi Deputado Federal, de 1979 a 1992, e Prefeito de Bauru, de 1993 a 1996.

Beraldo Pereira] era de São Paulo. (Entrevista com Antônio Tidei de Lima, em 21/3/2025)

Para a elaboração deste livro, entrevistamos o estudante da primeira turma de Engenharia da Fundação Educacional de Bauru, Djalma Elias Rochel²⁵. Infelizmente, não conseguimos contatar o ex-aluno Luiz Fernando Beraldo Pereira.

Djalma Elias Rochel era de família de professores do interior paulista:

Então, sempre estudei em escola pública. Meu pai e minha mãe foram professores de uma escola pública. Minha mãe [Honória Alves Ferreira] era professora do Primário e meu pai [Pedro Elias Rochel] chegou a ser diretor de Colégio. Inclusive, ele foi professor do Antonio Zeca Filho [responsável pelas primeiras edificações no câmpus], em Ipaussu. [...] Em Piraju, existia lá o Grêmio, tipo um grêmio estudantil chamado Unespi (União dos Estudantes Pirajuenses) que congregava os estudantes daquela época e, já em 1964, na época do início da ditadura, já se movia, se movia lá, principalmente contra o domínio americano. E depois de lá, foi aí que eu me ingressei no Movimento Estudantil. (Entrevista com Djalma Elias Rochel, em 4/4/2025)

É importante notar que famílias de professores eram bastante conscientes da situação anômala que o autoritarismo da ditadura provocava na sociedade brasileira de então. Frequentemente, professores são profissionais bem-informados e, em grande proporção, democratas. Não deve ter sido fácil se manter calado como docente durante os anos autoritários da ditadura militar. Filhos de professores, como Djalma Elias Rochel, respiravam essa ambiência cultural progressista desde o lar. Ele e vários de seus colegas trouxeram essa perspectiva de luta contra o autoritarismo para seus cursos no Ensino Superior na Fundação Educacional de Bauru. Sobre o Congresso clandestino da UNE:

Na época do Tidei [Antônio Tidei de Lima], tinha a UNE. A UNE tinha marcado o Congresso e esse Congresso era num lugar secreto. Mas tinham marcado o Congresso e a gente ia participar. Na verdade, era para o Tidei participar, mas como ele também estava muito [visado], o DOPS estava muito de olho nele. Ele ficou, vamos dizer, escondido e fomos em dois daqui. Eu e o Luiz Fernando Beraldo Pereira fomos para lá como delegados do

²⁵ Djalma Elias Rochel se graduou em Engenharia Mecânica, em 1971, pela primeira turma dos cursos de Engenharia da Fundação Educacional de Bauru. Participou do Movimento Estudantil na década de 1960.

diretório daqui para participar. Aí quando chegamos em São Paulo é que nós fomos saber que era em Ibiúna.

[...]

A pauta nossa era primeiro tentar legalizar a UNE e arrumar o movimento contra a ditadura. A gente queria lutar contra a ditadura, quer dizer, liberdade de novo. Aí eu sei que no dia seguinte o pessoal vai lá comprar os pães na padaria. A cidade tem 1.000 habitantes e comprar lá, chega aqui, me dá dois caminhões de pães, aí acabou, foi mais que entregar, né? Segundo consta, alguém lá, inclusive parece que um jornalista ficou sabendo e ligou para um delegado lá de Sorocaba, se não me engano. [...] Aí o que aconteceu? Chega de manhã, o pessoal da polícia chega lá todo de arma na mão, entra, acorda a gente, vão e vai cutucando, todo mundo para a fila e vamos para a fila. Aí chega na fila lá, entra uma turma no ônibus e toda a turma no outro ônibus. E tinha estudante que pegava carteira de identidade e jogava fora para tentar escapar. Falei, que besteira, vai ter que identificar de todo jeito. Aí foi, foi todo mundo [preso]. Quer dizer, na verdade, não houve congresso nenhum, nem ninguém falou nada.

[...]

Aí saiu dali, levou direto para o [presídio] Tiradentes. Chegou no [presídio] Tiradentes, instalações maravilhosas, né? Quer dizer, chãozão, quantos cabe na cela, 15? Põem 30 por aí. Foi encher a cela, ficar todo mundo espremido. Uns dias até a gente tinha que ficar em pé para o outro dormir um pouco e depois revezar. Comida impossível de ser comida, abrir a porta da cela, comida, pá, pá, pá, pá, pá, pá, bater nele, que nem se vê em filme, bater caneca, essas coisas. Abriram o panelão desse tamanho, arroz para tirar tinha que ser com picareta porque era um bloco só, né? O feijão, horrível. Então, nós fizemos fila, passamos pela comida, mas ninguém comeu. [...] Passado uns, acho que foi uns três dias assim. E aí, numa madrugada, nos transferiram para o [presídio do] Carandiru. Nesse meio-tempo, as mães já tinham feito um movimento aqui fora, porque a gente ficava nas grades lá, batendo e foi meio gritando que estava passando fome, que não estava sendo bem tratado, né? Para as celas se comunicar, uma cela com a outra, amarrava esses cordões de sapato, amarrava um sapato, punha um bilhete que balançava para o outro pegar lá. E assim foi. Eu fiquei, acho, se não me engano, foram nove dias. Eu tinha 23 anos. Naquela época, era início de curso de muitos, não variava muito a idade. Seria 23, 25 anos todo esse pessoal. [...] Ficamos lá e o pessoal aqui fora trabalhando. Tinha os advogados, as mães, todo aquele movimento, aquela comção que aquilo gerou, né? A imprensa noticiava que continuava preso e que as mães estavam fazendo um movimento. (Entrevista com Djalma Elias Rochel, em 4/4/2025)

Djalma Elias Rochel relatou que foram presos em Ibiúna 715 estudantes universitários. Ao menos é essa a informação que consta em seu processo de prisão. Nessa e em outras passagens, Djalma Elias Rochel e Antônio Tidei de Lima mencionam a importância do movimento organizado pelas mães dos estudantes

presos. Não há estudos conhecidos sobre esse Movimento das Mães dos Estudantes quando dos desaparecimentos de prisioneiros na ditadura brasileira. Pelo relatado aqui, foi algo anterior e precursor ao Movimento das Mães da Praça de Maio, durante a ditadura argentina. Ditaduras semelhantes, meios de resistência parecidos.

A narrativa da reação do Movimento Estudantil de Bauru à prisão de seus dois representantes é longa, mas muito representativa da situação perigosa que os estudantes atravessavam na ditadura. Antônio Tidei de Lima detalhou as consequências de se lutar pela democracia no final dos anos 1960:

E nós então fomos em São Paulo, no escritório do Dr. Eber Americano, conversamos com ele e ele falou assim: “Olha, deixa eu falar uma coisa para você, não tem mais Constituição no país”. Pegou a Constituição na nossa frente. Fez assim com a Constituição, rasgou a Constituição. Esse ato ele fez também na classe aqui em Bauru, quando ele deu aula, rasgou a Constituição. Mas nós vamos fazer uma representação, porque a representação vai ser o registro de que eles estão vivos e foram presos vivos. Porque se eles sumirem, isso aqui vai ser uma coisa que pode evitar essa, essa... “sumissa”, porque eles estão matando gente e tal. E nós então ficamos lá em São Paulo. E fomos. Teve uma manifestação em frente o Presídio Tiradentes, pois o pessoal estava lá no Presídio Tiradentes e a gente ficava gritando lá fora. Daí a pouco aparecia a polícia. Que aquele tempo era a força pública. Queria descer o cassetete na gente, aquele negócio todo. Aí nós viemos pra Bauru. Viemos para Bauru e resolvemos fazer o movimento aqui, porque tinha o pessoal do Direito, tinha o pessoal da Odontologia. Vamos fazer uma grande manifestação aqui. Aí fizemos uma manifestação saindo lá da Faculdade de Engenharia, Faculdade de Direito e o pessoal vinha descendo lá da vila Falcão.

“Mais pão, menos canhão! Mais pão, menos canhão! Mais pão, menos canhão!” Subimos a Batista [de Carvalho] e chegamos em frente à igreja. Tinha lá uma mureta em frente à igreja. A gente subiu. Discurso pra cá, discurso pra lá e tal. Então o clima na cidade era esse.

[...]

E estou lá batendo [à máquina, um manifesto]. Aí vem o Toninho Kassab, que era presidente do Grêmio Estudantil do Colégio Técnico Industrial, que funcionava lá também [no mesmo prédio da Fundação Educacional de Bauru], e eles queriam ser como os estudantes da Engenharia, que eram o parâmetro deles, era isso aí. E ele chega lá, gago, né? Hoje ele é gago ainda, antes era muito mais e nervoso. E eu olho: “que que é menino?” “Tidei... eu quero... assinar também”. “Que que é isso? Você não pode assinar rapaz”. Só que é isso, aquilo e ele fica lá enchendo e enchendo. Eu falei assim: “Então tá bom, você vai assinar” e bato o nome dele no final. Ele assinou. Nós saímos de lá, lemos lá na assembleia, todo mundo aprovou. Aí eu vou entregar lá no

jornal *Diário de Bauru* e no *Jornal da Cidade*. No dia seguinte, estava na primeira página [do *Jornal da Cidade*]. Às 5 horas da manhã, tocou o telefone de casa. Meu pai atendeu. Meu pai era maçom. O irmão da maçonaria falou: “Fortunato, tira seu filho daí, que eles vão prender seu filho”. (Entrevista com Antônio Tidei de Lima, em 21/3/2025)

A família escondeu Antônio Tidei de Lima e outros estudantes em um sítio na zona rural de Iacanga. Enquanto isso, a família de Antônio Kassab, o aluno secundarista a ter sua assinatura como a última no manifesto estudantil em solidariedade aos colegas presos em São Paulo, usou contatos pessoais para que a situação amainasse:

Bom, o Toninho, o Kassab, era filho de uma irmã do Pepe Alvarez. O Pepe Alvarez recebia quase que todo fim de semana aqui o Ministro da Justiça, que era reitor [licenciado] da USP. E ele tinha fazenda em Agudos. Então ele vinha aqui, descia no aeroporto, jantava sexta-feira à noite lá com o Pepe e tal, fumava charuto, fazia isso e aquilo e ele ia pra fazenda. Isso era assim uma vez por mês, a cada 15, 20 dias. O Toninho Kassab então também foi visitado pela polícia. Aí a mãe do Toninho Kassab liga para o irmão. Aí o Pepe, influente na política aqui, fretou um aviãozinho, foi para Brasília e falou com o ministro. Era o Gama e Silva. O Gama e Silva falou: “Mas, e aquele comunista?”. “Qual comunista?” “Um tal de Tidei?” “Não é comunista coisa nenhuma. Ele é um astro de basquete”. “Mas você tem certeza?” “Mas é lógico que eu conheço, ele mora perto de casa”. E, realmente, a gente morava próximo. E não, não tem nada. Que é isso? E aí o Gama e Silva mandou cancelar a minha caça. E graças ao Toninho Gago que quis assinar, você entendeu? Porque se ele não tivesse assinado aquilo... (Entrevista com Antônio Tidei de Lima, em 21/3/2025)

Essa história é exemplar da situação conflituosa que os estudantes enfrentavam no ano da edição do AI 5. Aliás, o Gama e Silva foi o principal redator desse ato, que extinguiu o resto do arcabouço jurídico democrático no país. Isso ocorreu exatamente nos dias em que as histórias aqui narradas se desenrolaram. Era realmente perigoso ser um líder estudantil nessa época. Sumir e ter seu corpo nunca mais localizado se tornara uma possibilidade concreta. Não aconteceu somente com o Rubens Paiva, no Rio de Janeiro. Poderia perfeitamente ter ocorrido em Bauru. O nascimento da Faculdade de Ciências se deu nesse período.

Em São Paulo, a estratégia intimidadora dos órgãos de repressão foi terceirizar a violência que se pretendia contra os estudantes presos. Como isso se deu? Uma ala inteira do Carandiru foi evacuada para receber as centenas de estudantes. Isto é, desalojaram-se prisioneiros de crimes comuns, de altíssima periculosidade, de suas próprias celas, para dar lugar aos estudantes, muitos de classe média. Os presos comuns foram espremidos de maneira sufocante em espaços mínimos, enquanto os estudantes, burgueses, ficavam com seus antigos alojamentos. O clima de animosidade dos criminosos comuns em relação aos jovens estudantes, presos políticos, foi exacerbado. Imagine-se o barril de pólvora que poderia ter explodido. Qual a solução encontrada pelos estudantes? Organizar jogos de futebol entre todos, presos comuns e presos políticos:

E você imagina então como é que nós ficamos lá no alojamento, lá nesse andar, o andar e você entra, tem uma grade ali, você entra tem outra grade, tranca e você fica dentro e depois as celas, cada célula tem uma grade. Então fomos lá, escolhemos uma cela, beliche, a gente recebia o jornal, eles tiravam a folha que continha corrida de cavalos e coisa de apostas. Eles tiravam essa parte e davam o jornal pra gente ler. Aí a gente pegava o jornal. Com uma meia, fizemos uma bola e lá no corredor, que é o corredor bem comprido, até bola a gente jogou lá dentro. E lá ficamos, ficamos aguardando. (Entrevista com Djalma Elias Rochel, em 4/4/2025)

Depois de várias audiências de interrogatórios, por não estar entre as principais lideranças estudantis, Djalma Elias Rochel foi libertado. Voltou a Bauru e concluiu seu curso de Engenharia. Mudou-se para Londrina, no Paraná. Questionado sobre se sua prisão teve consequências, ele contou que sim. No início da década de 1970, quando foi designado como professor no Ensino Secundário em Londrina, teve sua atuação impedida e sua contratação cancelada. Os autoritários tinham por propósito romper a cadeia de transmissão de princípios democráticos de geração em geração. Djalma Elias Rochel era filho de pai e mãe professores. Mas ele não poderia também ser professor. Não durante a ditadura. O que ensinaria um professor com consciência política democrática, mesmo lecionando disciplinas de

Exatas? Os autoritários no poder não suportariam tal retomada de um ciclo geracional virtuoso de ideais democráticos na escola.

Passaram-se vários e vários e vários anos. Liberaram no Arquivo Público do Estado de São Paulo toda a documentação daqueles que participaram do Movimento Estudantil em 1968 e eu fui lá. Fui lá, cheguei lá, peguei, fui ver minha documentação. Eu fui monitorado até 1975. E eu nem sabia. Eu não sei quem. Eu sei que estava lá e que eu, no endereço onde eu morava, em Londrina, a empresa em que eu trabalhava em Londrina, estava toda a descrição lá. Está vendo? Eu estava sendo acompanhado por eles. Eu não estava nem sabendo. (Entrevista com Djalma Elias Rochel, em 4/4/2025)

A ditadura interferiu internamente na atuação docente e estudantil na Faculdade de Ciências? Pelos depoimentos aqui relatados, a Faculdade de Ciências não compactuou com o autoritarismo. Ao contrário, por ter presenciado essa situação nefasta em seu nascimento, a Faculdade de Ciências tinha plena certeza do que não queria. Isto é, a comunidade da Faculdade de Ciências desejava e conseguiu construir relações democráticas em sua gestão e concepção educacional. Vários dos entrevistados destacaram isso. Maria da Glória Minguili²⁶ é um bom exemplo:

Este câmpus, em vários setores, e sobretudo a Faculdade de Ciências, recuperou a vida coletiva para que pudéssemos avançar nas pesquisas, para que pudéssemos ter pesquisas que realmente atendessem às necessidades sociais, pessoais, físicas, emocionais, políticas do país e não uma decoração qualquer de teoria. [...] A Faculdade de Ciências conseguiu, no funcionamento, vencer a estrutura autoritária que foi imposta na Reforma Universitária de 1968. Isso eu acho assim um grande trunfo, porque nela sobreviveu o coletivo, soube construir o coletivo nas Comissões, nos Conselhos de curso, na Congregação. Então a vida coletiva, os ignorantes, perdoe-me agora, chamam essa proposta de comunista. Não é; não é! Aristóteles, lá na Grécia Antiga, dizia assim: o ser humano é um animal político. (Entrevista com Maria da Glória Minguili, em 28/3/2025)

Essa tradição de relacionamento e gestão universitária democrática deixou raízes na Faculdade de Ciências, como podemos atestar no depoimento de Alberto de Souza²⁷:

²⁶ Maria da Glória Minguili é graduada em Pedagogia pela Unesp e doutora em Educação pela Unicamp. Docente aposentada do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, continua na Unesp como professora colaboradora.

²⁷ Alberto de Souza entrou na Unesp em 1997, na vigilância, passando por outros cargos e departamentos ao longo do tempo. Atualmente, cursa Cinema e Audiovisual. Desde 2003, participa ativamente como sindicalista na Unesp, estando afastado das atividades profissionais desde 2006, para se dedicar exclusivamente às atividades sindicais.

A gente vem trabalhando, melhorando, inclusive e avançando um pouco mais através do diálogo, tentando abrir as portas do diálogo para que a gente avançasse. Nesse período, eu acredito que a gente avançou. Não tanto como a gente gostaria, porque ainda tem muito a avançar, mas mais do que antes. Então a gente participou, participa dos nossos colegiados também, enquanto representando o sindicato. Já tinha participado antes também enquanto representante dos servidores.

[...]

Tanto é que, nos últimos tempos, todas as nossas demandas a gente tem levado, claro, talvez não como a gente gostaria. Mas a gente tem avançado com aval, com apoio dos docentes, entendendo da importância e da nossa e inclusive da nossa participação nos nossos colegiados. A forma como a gente representa e vem representando a categoria. Tem trazido um respeito muito grande para a categoria. (Entrevista com Alberto de Souza, em 29/4/2025)

Representantes estudantis mais recentes, como Fillipe Alfredo Neves²⁸, comprovam essa tradição:

Eu penso que pude fazer parte desse processo de conquistas coletivas. Assim, claro que tem as questões pessoais, acima de ter feito parte da Congregação [da Faculdade de Ciências], de ter participado da inauguração da moradia estudantil, por exemplo, do Restaurante Universitário. Mas eu não me vejo como um responsável individualmente por essas questões, mas como uma parte desse processo e que eu tenho muito orgulho até hoje. [...] Na Congregação, foi uma experiência muito bacana, assim, de desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia, de defender as posições políticas que a gente discutia. Eu também fiz parte do Diretório Acadêmico César Lattes por duas gestões, e nós pensávamos nas questões políticas da universidade, na questão da permanência estudantil, na questão da defesa do tripé universitário, do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. (Entrevista com Fillipe Alfredo Neves, em 27/5/2025)

Servidores técnico-administrativos experientes, como Maith Martins de Oliveira²⁹, também ressaltam o caráter democrático da Faculdade de Ciências:

A Faculdade de Ciências é uma faculdade que sempre fez questão da participação de um representante na biblioteca, nas reuniões da Congregação. Então nós consideramos isso muito gratificante, muito importante, porque assim nós participamos dessas reuniões sempre que têm assuntos importantes. Às vezes, são assuntos que não necessariamente dizem respeito especificamente à Biblioteca, mas a gente sempre pode

²⁸ Fillipe Alfredo Neves tem graduação em Sistemas de Informação pela Unesp e mestrado em Informática em Saúde pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, trabalha em um projeto com a Fapesp e a USP na área de Sistemas de Informação.

²⁹ Maith Martins de Oliveira é graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de São Carlos e tem MBA em Gestão de Unidades de Informação pelo Centro Universitário Central Paulista. Ingressou na Unesp em 2001, como Bibliotecária, e hoje é Diretora da Biblioteca da Unesp de Bauru.

colaborar, contribuir. E, quando surge algum assunto específico de Pesquisa, de Extensão, de Ensino, que passa pela Biblioteca, a gente já tem esse diálogo imediato. Os professores da Faculdade de Ciências são muito próximos. [...] Eu acho que a universidade pública tem essa possibilidade tão grande de definir ações coletivamente, né? São tantos órgãos colegiados, muitos debates intensos, discordâncias, concordâncias. Mas eu acho que a gente, dessa maneira, consegue encontrar soluções criativas e muito adequadas. (Entrevista com Maith Martins de Oliveira, em 23/5/2025)

Desde suas origens, a Faculdade de Ciências se orgulha de subsidiar e fomentar o campo democrático do debate intelectual, profissional, político e cultural. Aprendeu, em mais de meio século de existência, a lidar com o contraditório em suas instâncias democráticas da gestão institucional.

4 – A Universidade de Bauru

Em 1976, a criação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) mudou o cenário do Ensino Superior público no interior do Estado de São Paulo. Ela surgiu da incorporação dos diversos Institutos Isolados de Ensino Superior criados cerca de década e meia antes em cidades como Araraquara, Botucatu, Marília, Rio Claro e Assis, entre outras. Como mencionado anteriormente, esses institutos estavam administrativamente sob a égide da Secretaria Estadual de Educação. Não era o caso da Fundação Educacional de Bauru, uma Fundação Educacional de Direito Público municipal. O que as diferenciava? A Unesp foi criada como a terceira universidade pública paulista. Devia, portanto, seguir o padrão de suas irmãs, a USP e a Unicamp. A Unesp passaria a ser integralmente custeada pelo Estado, podendo ser gratuita para seus alunos. Em contrapartida, seu corpo docente deveria ser composto, gradativamente, de mestres e doutores.

Em comparação, a Fundação Educacional de Bauru, como mantenedora de cursos de Ensino Superior, cobrava mensalidade dos alunos para custear sua existência. Além disso, os docentes da Faculdade de Ciências não tinham condições naquele momento de se dedicar ao mestrado ou ao doutorado. A prioridade de seus cursos era o Ensino e não a Pesquisa. Nas décadas de 1970 e 1980, a USP, a Unicamp, a Unesp e a Universidade Federal de São Carlos, que desenvolveram então programas de pós-graduação, tinham níveis de excelência que exigiam dedicação exclusiva de seus pós-graduandos. Isto é, para tentar entrar em uma pós-graduação nas universidades públicas no Estado de São Paulo, o candidato não poderia manter vínculos empregatícios. Talvez pudesse ser contemplado com uma bolsa de pós-graduação, mas deveria se dedicar integralmente à pesquisa. Além de não trabalhar, o candidato ao mestrado ou ao doutorado deveria dominar um ou dois idiomas estrangeiros. Enfim, a pós-graduação era extremamente elitista. Na década de 1970 e início dos anos 1980, como um professor da Faculdade de Ciências, lecionando

cerca de 20 horas semanais, poderia abandonar sua remuneração e se dedicar à pós-graduação? A Fundação Educacional de Bauru tentava conseguir condições para isso, mas as universidades públicas eram reticentes em aceitar os docentes da Faculdade de Ciências em seus programas de pós-graduação. Pedro Walter de Pretto³⁰ narrou essa situação:

Nós tínhamos a oportunidade de um dia por semana de fazer pós-graduação fora. Então, tem um dia que eu poderia sair, estar fora e fazendo pós-graduação. E isso tudo tinha um procedimento administrativo, logo quando ingressei aqui. Em seguida, no mesmo ano de 1971, eu estive lá no Instituto de Ciências Matemáticas, em São Carlos, e me inscrevi no programa de Mestrado em Matemática. E era curioso porque quando a gente falava que dava 20, 24 horas de aula, o pessoal ficava olhando para a gente. Assim, como você quer fazer o mestrado aqui? Era uma época até mais rígida e a gente não ingressava no programa de início. Então o esquema funcionava assim, você fazia as disciplinas todas, depois que você concluía todas essas disciplinas, aí era analisada a situação e você ingressava como aluno regular mesmo. [...] E foi o que aconteceu com algumas pessoas que foram para lá. O mestrado não era fácil. Nós tínhamos exemplo de vários professores e professores assim, eu acho que gabaritados, a meu ver, que não conseguiram fazer o mestrado lá no departamento. Por que São Carlos? Porque era o mais perto de nós e tinha um mestrado conceituado e a alternativa nossa era lá, eles não conseguiram sair de lá. O doutorado era muito mais difícil. E, tirando essa alternativa, o que aconteceu aqui nesse período lá, de 1970 a 1980, a instituição, ela tinha um convênio num programa que agora eu não me lembro o nome, que foi conquistado pelo Dr. Helder Gadotti, que era o diretor executivo da Fundação Educacional de Bauru. Ele tinha contatos nos Estados Unidos, então ele fez um convênio da nossa instituição, que era a Fundação Educacional de Bauru, com essa entidade americana. Eu não me lembro o nome nesse momento. Repito agora não me passa. E vários professores, tanto da Faculdade de Engenharia como da Faculdade de Ciências, conseguiram fazer o mestrado nos Estados Unidos. Mas também às duras penas, porque a bolsa era diminuta, o professor tinha que ter muita vontade para ir para os Estados Unidos para fazer o mestrado. Mas nós tivemos assim alguns professores aqui que se dispuseram e fizeram. A bolsa era do convênio, não era da Fundação. E então, até nisso era difícil, porque esse número de bolsas era limitado, também era limitado. E em função dessa questão até econômica, isso não motivava muito a pessoa a fazer isso. (Entrevista com Pedro Walter de Pretto, em 26/3/2025)

³⁰ Pedro Walter de Pretto é graduado em Engenharia Química e Matemática pela USP e em Direito pela Instituição Toledo de Ensino, doutor pela Faculdade de Ciências Agrônomicas de Botucatu. Foi reitor da Universidade de Bauru, de 1986 a 1988, e, após a aposentadoria, Juiz do Trabalho.

Geraldo José de Paiva³¹ deu exemplo desse convênio com uma fundação dos Estados Unidos. Foi quando, sob sua direção na Faculdade de Ciências, cinco docentes conseguiram fazer mestrado naquele país:

Nós conseguimos mandar cinco professores para fazer o mestrado nos Estados Unidos. A Fundação [Educativa de Bauru] naquela época tinha um convênio com uma determinada fundação norte-americana, interessada em possibilitar a carreira acadêmica mais avançada para o latino-americanos. Então eles foram, não com dinheiro da Fundação, não com dinheiro próprio. Foram com o dinheiro dessas bolsas que eles receberam lá [nos EUA] e foi, digamos, tudo muito bem. E vieram bem preparados. (Entrevista com Geraldo José de Paiva, em 16/6/2025)

Na década de 1980, os cursos superiores geridos pela Fundação Educacional de Bauru cresciam. Também aumentava a demanda por docentes. Por não ter autonomia universitária, qualquer mudança mínima na estruturação até curricular de cada curso ou na contratação de professores dependia de aprovação do Conselho Estadual de Educação. Essa situação emperrava o desenvolvimento do Ensino Superior administrado pela Fundação. Em meados dos anos 1980, essa situação se tornou inquietante, como narrou Pedro Walter de Pretto:

Então os cursos foram sendo criados e nós já tínhamos assim um número de cursos acima de 20 cursos operando aqui e ali. A ideia foi realmente ter um pouco de autonomia. Por quê? Porque nós éramos gerenciados pelo Conselho Estadual de Educação. [...] A proposta de contratação [docente] tinha que ser aprovada pelo Conselho Estadual para dar aula aqui. Então, todos os professores que davam aula tinham aprovação pelo Conselho de Educação. Todo curso que se criava tinha que ter antes de começar, ele tinha que ter aprovação pelo Conselho Estadual de Educação e isso era uma amarra para a instituição.

Então, como universidade teria uma autonomia nessa criação de cursos, facilitaria bastante essas modificações. Nós queríamos mudar o currículo, não era simples mudar o currículo. A mudança só poderia ser instituída a partir do momento que o Conselho Estadual aprovasse essa mudança e o Conselho Estadual era único e um conselho que atendia a todas as instituições do Estado. E, com toda boa vontade dos conselheiros que tinha lá, era moroso esse conselho. Então isso criava um certo embaraço, um certo impasse de progredir, de tornar as coisas mais dinâmicas dentro das

³¹ Geraldo José de Paiva é graduado em Filosofia, mestre, doutor e livre-docente em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em Psicologia da Religião na Université Catholique de Louvain-la-Neuve, na Bélgica. Lecionou na Fundação Educacional de Bauru entre 1972 e 1984, sendo diretor da Faculdade de Ciências de 1980 a 1984. Atualmente, é Professor Sênior do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

faculdades. Então foi por isso que nasceu a ideia de tornar um pouco mais produtivo esse processo de se criar a universidade para ter essa autonomia. Tinha um elenco de requisitos também e a aprovação do Conselho Estadual de Educação. E isso foi apresentado pelo Conselho na época que o presidente da Fundação era o professor Agarb Cesar de Carvalho, que foi professor de Química, era professor de Química da Engenharia. [...] Aí aprovado, quem assumiu a primeira, digamos assim, quem assumiu temporariamente a reitoria foi o professor Agarb. O professor Agarb era bem experiente porque ele também trabalhava na faculdade lá de Lins e ele já era uma pessoa bem gabaritada, tal. Ele tocou um tempo ali a reitoria. (Entrevista com Pedro Walter de Pretto, em 26/3/2025)

Em 1985, a Fundação Educacional de Bauru conquistou, do Conselho Estadual de Educação, a autorização para que suas faculdades fossem as constituidoras da Universidade de Bauru (UB) reconhecida pelo Ministério da Educação no ano seguinte. Inicialmente, Agarb Cesar de Carvalho foi seu reitor interino. Na primeira eleição para sucedê-lo, os candidatos divulgaram que sua plataforma seria a de luta para que a Universidade de Bauru se tornasse gratuita para seus alunos. O reitor eleito, Pedro Walter de Pretto, descreveu essa trajetória:

A plataforma nossa era o ensino público gratuito, que nós íamos trabalhar nesse sentido. Isso era o primordial ao nosso aluno naquela época. [...] Nesse sentido de ensino público e gratuito. Esse era o trabalho. Pensando em realizar de uma ou de outra forma, ou federalizar ou tornar o ensino a ser subsidiado por algum sistema que fosse mais viável. E acabou dando certo, como felizmente acabou dando certo. (Entrevista com Pedro Walter de Pretto, em 26/3/2025)

A Universidade de Bauru nasceu com a proposta de se tornar semelhante às demais universidades públicas paulistas. Para tanto, deveria ultrapassar sua configuração municipal, atrelada à Fundação Educacional de Bauru, sua mantenedora. A comunidade da Faculdade de Ciências participou ativamente da construção desse novo ideal universitário, como narra Neusa Maria Pavão Battaglini³²:

No período da mudança da Fundação Educacional de Bauru para a Universidade de Bauru, houve muitas assembleias, assembleias que

³² Neusa Maria Pavão Battaglini tem graduação em Física pela Fundação Educacional de Bauru e doutorado em Agronomia pela Unesp de Botucatu. Atualmente, é docente no Departamento de Física e Meteorologia da Unesp.

ocorriam na sala n.º 1, já aqui nesse câmpus. Então, participavam todos os professores, muitos alunos, funcionários. Então, nós ficávamos dias e dias discutindo sobre essa mudança. Foi um período assim muito produtivo em todos os aspectos. (Entrevista com Neusa Maria Pavão Battaglini, em 28/3/2025)

O projeto da Universidade de Bauru foi coletivo. Havia ambiência de participação democrática para tanto, como conta Lydia Savastano Ruiz³³:

Na época, quando os alunos começaram a querer que virasse universidade pública e os professores também queriam porque estavam vendo que não dava mais para continuar sendo mantida por uma prefeitura, e o total dos alunos pagava [mensalidade], não dava, não dava para você fazer nada. E então o que nós falamos, nossa, nós temos um câmpus, porque nessa época que eu estou falando, nós já tínhamos mudado para cá.

[...]

Vamos fazer um projeto e tentar ser uma universidade, começamos. O professor Kawauchi deve ter contado bastante desse projeto. Fizemos um dossiê colossal. A intenção primeira era tornar uma universidade pública, vamos dizer assim, nossa, independente. Aí fomos atrás de políticos, claro, porque para ter uma universidade, teria que passar por órgãos para ser aprovado. (Entrevista com Lydia Savastano Ribeiro Ruiz, em 21/3/2025)

Segundo Lydia Savastano Ruiz, a experiência da Universidade de Bauru foi como uma antessala para sua transformação em universidade estadual ou federal. Para que isso fosse possível, buscava-se sua reconfiguração como as demais universidades públicas de então. Uma das maneiras, por exemplo, foi ampliar suas atividades de pós-graduação. Em um primeiro momento, ainda como pós-graduação *Lato sensu*, mesmo assim, pós-graduação. A meta era clara:

E porque depois de 1986, se não me engano, eu passei a ser coordenadora da Pós-Graduação aqui. Tinha um centro que se chamava Centro de Pós-graduação. Chamava CEPOG. Eu fiquei nele como coordenadora geral até 1988, até quando virou Unesp. A gente oferecia cursos de todas as áreas e eu coordenava esses cursos de todas as áreas. Então montamos muitos cursos.

[...]

Conseguimos virar universidade, mas ainda não a pública como a gente queria. Isso foi em 1986. Aprovado pelo ministro Paulo Renato Souza. Conseguimos, ficamos até 1988. A universidade pública, vamos dizer, não conseguimos efetivar. Aí então viramos o foco para a Unesp, para ver se

³³ Lydia Savastano Ribeiro Ruiz é graduada em Física e Matemática pela Fundação Educacional de Bauru e doutora pela Faculdade de Ciências Agrônômicas de Botucatu. Docente aposentada da Unesp, foi diretora da Faculdade de Ciências de 1984 a 1988.

seríamos um câmpus da Unesp. Aí teve intervenção política. Intervenção política do Tidei [Antônio Tidei de Lima]. (Entrevista com Lydia Savastano Ribeiro Ruiz, em 21/3/2025)

Agora, com maior autonomia, como parte da Universidade de Bauru, a Faculdade de Ciências podia criar cursos sem tantos entraves burocráticos. Foi o que ocorreu com a criação do curso de Educação Física em 1986, como narrado por João Gualberto Pires³⁴. Além de novos cursos, almejavam-se também novos alunos, como as mulheres:

Bauru não tinha [curso de Educação Física] e os clubes da cidade revelavam os garotos infantil, juvenil, quando chegava na fase de faculdade, como não tinha escola de Educação Física, muitos iam embora. Os melhores iam embora para outra cidade porque não tinha. E aí, acho que era o professor Paulo na época, o chefe da Comissão de Ensino e Pesquisa, eu estava participando da reunião e perguntou se haveria a possibilidade de abrir o curso de Educação Física. Eu falei perfeitamente, nós temos o espaço físico, quatro quadras descobertas, mas temos um campo terminando lá, a pista. Primeiro ano, carregamos mais nas disciplinas teóricas. [Para isso] tinha os departamentos de Biologia, Educação, Psicologia...

[...]

O curso de Educação Física era bastante procurado por mulheres. Interessante que aí no primeiro ano da Educação Física tinha mais mulheres do que homens. As mulheres passaram a mais no vestibular do que os homens. E aí já no primeiro ano tinha futebol. Elas se assustaram: professor, eu nunca pus um meião, nunca pus uma chuteira. Calma. Primeiro você vai saber o porquê, quais os objetivos, o que que nós pretendemos através da prática esportiva, do despertar, do queimar energia, do fazer o garoto correr atrás de uma bola, dele começar a tomar decisão. Aquele garoto de 7, 8 anos, que na casa dele quem decide tudo são os pais, na escola são os professores, não tem oportunidade de tomar iniciativa. No futebol, a bola chega e está correndo. O que eu vou fazer com a bola? Vou passar, vou driblar, vou chutar? E o garoto está com a bola, tem quatro outros, cinco, do lado, pedindo, passa, chuta, olha, olha o que passa já. (Entrevista com João Gualberto Pires, em 29/4/2025)

João Gualberto Pires destacou a relevância das atividades de Extensão executadas pela Universidade de Bauru. Assistir à sua entrevista dará uma ideia, com muitos exemplos, sobre a importância dessa inserção social. Foi uma

³⁴ João Gualberto Pires foi jogador de futebol profissional do Noroeste. É graduado em Educação Física pela Instituição Toledo de Ensino. Entrou na Fundação Educacional de Bauru, em 1974, como professor de Educação Física, e se aposentou na Unesp, em 2002. Hoje se dedica a trabalho voluntário de condicionamento físico com idosos.

preocupação compartilhada pela comunidade da Faculdade de Ciências, como também frisou Henrique Luiz Monteiro³⁵:

Ganhamos protagonismo. Assim, a gente conta muita história: comprou carro, construiu o prédio, não sei o quê, mas a Faculdade, ela se constrói com as pessoas, com a qualidade dos cursos, com a qualidade da educação que se dá aqui, com a qualidade da Pesquisa, com a qualidade da Extensão. Nós somos uma das faculdades que mais faz Extensão na Unesp toda. Então, eu vi a Faculdade de Ciências decolar. É engraçado, a gente vem aqui falar, porque eu fui diretor, mas essa é uma história de muitas mãos. A gente não consegue fazer isso [sozinho], mas seria muito legal cada um aqui, se pudesse vir aqui contar a contribuição que deu, porque, olha, cada um aqui deu algo de si. (Entrevista com Henrique Luiz Monteiro, em 9/5/2025)

Mesmo sendo uma universidade pública e de importante relevância social, a Universidade de Bauru era municipal. Não podia prescindir do pagamento de mensalidade dos cursos por parte dos seus alunos. Havia alguma contribuição de verba municipal, mas em escala reduzida, como explica José Munhoz Fernandes:

Como nós sabemos, a Fundação Educacional de Bauru era uma instituição criada pela prefeitura, mas ela era mantida apenas em parte pela prefeitura. Apenas a manutenção, digamos, física de prédio e tudo mais. A prefeitura fazia, mas o grosso, a parte mais custosa de uma organização, de uma instituição que é a folha de pagamento, essa era a própria Fundação que gerenciava por meio do quê? Mensalidade dos alunos! Claro que também entravam recursos, não tantos assim, não tão significativos, mas entravam.

[...]

Nessa época, e até o momento em que era a Universidade de Bauru também, os alunos pagavam as mensalidades, mas nós tínhamos um sistema de bolsas que se chamava FUNBE, Fundo de Bolsas de Estudos. Eu trabalhei nesse setor também. E, claro, a gente não tinha recurso para todos. Então os alunos faziam seus pedidos de bolsa. Geralmente, eram bolsas parciais. Havia uma comissão de professores com a presença de uma assistente social, né, que fazia toda a análise socioeconômica desse aluno, da família dele, para então dar o parecer, um laudo. [...] Também a entrevista, mas também se analisava documentos e tudo mais. Esse aluno depois assinava um contrato com a Fundação, se comprometendo depois que ele [pagaria]. É como se fosse um FIES hoje, só que era próprio da Fundação Educacional. E foi com isso, com o Funbe que ela acabou também se mantendo um pouco, porque os alunos se formavam, seis meses depois, eles já estavam empregados, começavam a reembolsar esse fundo. Com esse reembolso, ela entrava no sistema do Funbe novamente e alimentava novos alunos. Creio que umas 100 bolsas,

³⁵ Henrique Luiz Monteiro tem graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina e doutorado em Educação Física pela Unicamp. Ingressou na Faculdade de Ciências, em 1989, como auxiliar de ensino, e hoje é docente no Departamento de Educação Física. Foi Diretor da Faculdade de Ciências de 2005 a 2009.

provavelmente. E muitos alunos graças a esse fundo conseguiram se formar. [Nos casos de inadimplência] como acontece em todo contrato, a Fundação Educacional de Bauru obviamente o acionava. Mas não, a gente não tinha inadimplência nesse aspecto, não. Talvez até pelo valor que esse aluno dava à bolsa, ele fazia questão de vir aqui se fosse o caso. Eu lembro disso. Não tinha condições de pagar nas condições que eram propostas pelo contrato e negociava, dividia em mais vezes, né? Mas eu não me lembro de casos de aluno que simplesmente deixou de pagar. Agora, por outro lado, as mensalidades da Fundação Educacional de Bauru, na época, e depois, já na Universidade de Bauru, elas começaram a minguar um pouco. (Entrevista com José Munhoz Fernandes, em 20/3/2025)

Pedro Walter de Pretto descreveu de maneira semelhante o sistema de mensalidades dos cursos:

Era uma mensalidade acessível, porque era uma escola municipal, né? E os reajustes da escola eram estabelecidos através das regras gerais de reajustes do ministério tal e também da política, porque isso está vinculado ao município. Não podia se cobrar algo inacessível. Quando eu digo que era acessível é comparativamente a outras escolas aqui mesmo de Bauru. Não é o curso de Engenharia ou o curso de Ciências tal, era um curso acessível. É claro que muitos alunos que ingressaram aqui não teriam condições de pagar nossa escola. Eu talvez não tivesse, na ocasião, talvez meus pais não tivessem condições, na ocasião, de pagar. Eu tive a felicidade de ingressar na Politécnica [da USP] porque eu fiz vestibular e logo ingressei. Mas eu, a gente era da classe média baixa. Nós somos de classe média, então teríamos dificuldade. Mas, quando tinha que aumentar, era sempre uma luta para fazer os reajustes, sempre uma dificuldade assim, porque passava pelo aspecto político e onde se via muito essa questão de prestar um serviço assim, tentar prestar um serviço de um ensino melhor, mas também que não fosse onerar muito o aluno. (Entrevista com Pedro Walter de Pretto, em 26/3/2025)

Sobre o valor das mensalidades, a professora Rosa Maria Fernandes Scalvi relata:

E a mensalidade não era baratinha, não era um valor que a minha família de origem bastante humilde, minha mãe dona de casa e meu pai caminhoneiro [teriam condições de pagar]. Eu não sei em termos de custo exatamente, mas talvez hoje fosse uma mensalidade de uns R\$ 600,00 ou R\$ 800,00. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Em relação a um comparativo do valor da mensalidade do curso de Licenciatura em Matemática para a atualidade, Johansen apresenta o seguinte estudo:

Tomando o ano de 1971 como base, a título de exemplo, recibos de ex-alunos sugerem que cada parcela de anuidade correspondia a Cr\$ 230,00 (duzentos e trinta cruzeiros). Conforme tabela anexa ao Decreto nº 68.576/1971, que alterou a tabela de salário-mínimo em vigência no ano anterior, à época, o valor mensal do salário-mínimo vigente na 2.^a sub-região do Estado de São Paulo, em que o município de Bauru estava situado, era de Cr\$ 216,00 (duzentos e dezesseis cruzeiros) (Johansen, 2025, p. 299-300).

Na transformação para Universidade de Bauru, a proposta foi que não haveria cobrança de mensalidades, como a professora Rosa Maria Fernandes Scalvi relembra:

Colei grau na última turma da Universidade de Bauru, porque, no meio dos quatro anos, a Fundação Educacional de Bauru passou a se chamar Universidade de Bauru. E, no último ano, quando eu estava já para me formar e que se tornou a Universidade de Bauru, a partir daquele momento, não se pagava mais, não tinha mensalidades. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Mas isso ocorreu somente no último ano da existência da Universidade de Bauru, em 1988, quando ela foi incorporada pela Unesp, conforme João Moretti Junior narrará posteriormente.

Na segunda metade da década de 1980, sustentar os cursos e a manutenção da Universidade de Bauru apenas com as mensalidades pagas por seus alunos começou a deixar de ser viável. Gradativamente, a Universidade de Bauru se viu em dificuldades financeiras, como narra Paulo Kawauchi. Ele foi o principal artífice na criação da Universidade de Bauru. Recomenda-se assistir à íntegra de sua entrevista para ter um melhor detalhamento deste processo:

Na minha opinião, é que a Fundação estava com muita dificuldade financeira. Nós tínhamos que dar uma solução. Na época, nós começamos a inventar. Não posso dizer quem começou, mas era perceptível que nós tínhamos que sair daquela situação. Para isso, surgiu essa ideia. Não foi minha não, de ser incorporada por uma instituição pública. (Entrevista com Paulo Kawauchi, em 20/3/2025)

Cleuder Tadeu da Graça Leite aponta na mesma direção:

Mas a gente tinha essas informações que ela não ia se sustentar, a Fundação passando para UB [Universidade de Bauru] e a UB mesmo, a UB também não iria se sustentar. Ela precisava de algum aporte melhor, um aporte maior

para poder se sustentar, porque eram e até hoje são cursos de extrema qualidade.

[...]

A Unesp encampou [a Universidade de] Bauru em 1988, mas, no final de 1986 para 1987, já tinha todos os rumores que isso iria acontecer, que era um trabalho político que foi muito bem-feito e foi a cereja do bolo mesmo pra que hoje isso esteja do jeito que está, tá? A gente está aqui conversando, as faculdades estão aí se sustentando, tá todo mundo, as coisas crescendo, enfim, aquilo ali foi muito marcante porque a gente sentiu a segurança, a gente sentiu que o momento seria seguro pra gente. (Entrevista com Cleuder Tadeu da Graça Leite, em 21/3/2025)

É oportuno ressaltar que Cleuder Tadeu da Graça Leite, como funcionário do setor de Recursos Humanos da Universidade de Bauru, era quem administrava a folha de pagamento funcional da instituição. Era, portanto, alguém com informações precisas sobre a situação financeira da Universidade de Bauru às vésperas de sua encampação pela Unesp. Em seu depoimento, é evidente seu alívio por esse processo ter sido bem-sucedido.

Figura 30 – Manifestação pela federalização da Universidade de Bauru



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Com a situação financeira cada vez mais periclitante, houve uma última tentativa alternativa antes de se focar na Unesp. Em sua entrevista, Antônio de Tidei de Lima contou sobre a proposta de tornar a Universidade de Bauru em uma universidade federal. Além dele, o depoimento de José Munhoz Fernandes é sintético ao narrar essa tentativa frustrada de federalização da Universidade de Bauru:

[A Universidade de Bauru] ia ficar numa situação muito difícil. Veja, e aí surge na comunidade uma ideia. E esse talvez seja o momento mais marcante da minha vida aqui dentro da universidade. A própria comunidade, não foi uma pessoa, duas, três. Surgiu isso assim, meio que naturalmente, na comunidade. Puxa, temos um caminho, vamos lutar por transformar a Universidade de Bauru em uma Universidade Federal. Eu lembro que a grande justificativa que a gente tinha de imediato era a comparação que a gente fazia com o Estado de Minas Gerais. O Estado de Minas tinha na época sete universidades, sete. No Estado de São Paulo tinha uma, a Federal de São Carlos. E a Escola Paulista de Medicina, mas que não era uma universidade. Então, por esse caminho e outros, é inconcebível que o Estado de São Paulo, rico, forte, tenha uma única universidade federal.

Então, nós seguimos esse caminho. Foi um movimento de que durou alguns anos, dois anos, três anos provavelmente, em que foi o envolvimento da comunidade local. Eu te falo, professores, alunos, funcionários, os familiares desses alunos, vereadores, prefeito, prefeitos da região. Era passeata. Primeiro começou com cartas, com documentos, chamava-se “Luta pela Federalização”. Então se criaram assinaturas. A gente ia coletar assinaturas no centro da cidade. Os alunos que eram de outras localidades, também faziam isso nas suas cidades.

Juntamos um calhamaço de assinaturas pedindo a transformação da Universidade Bauru em Universidade Federal. Isso começou a se avolumar em termos de participação popular e política até. E, nesse sentido, os nossos deputados na época, tanto o Tidei de Lima, o [Alcides] Franciscato, que eram forças muito vivas em Brasília. Eu até acho que, de lá para cá, o Tuga [Angerami] inclusive, também, claro. Mas, tirando esses três, não lembro mais nenhum que tenha lutado tanto assim em nível federal por isso. Muito bem. Então aí isso tomou corpo, a ponto de que, por meio dessas lideranças políticas, lá na Câmara dos Deputados, nós conseguimos uma audiência. Audiência era com o presidente da República, José Sarney, que tinha recentemente assumido a presidência em função do falecimento do Tancredo. Isso era 1985. O Sarney não pôde nos receber e indicou o Ministro da Cultura na época, o Celso Furtado, o economista Celso Furtado, para nos receber em Brasília. Então, nós fomos em caravana, de ônibus, 17, 18 horas de viagem. Dormimos lá no estádio, nos alojamentos do Mané Garrincha. Ficamos lá dois dias, eu acho, e fomos recebidos muito gentilmente por ele. Muito educado, recebeu uma comissão no gabinete dele, recebeu o

documento e tudo mais. E, claro, ele era só o ministro, mas ele falou que ele ia, sim, levar isso adiante e tudo mais. E o tempo foi passando, obviamente, e isso não surtiu efeito. Veio a negativa de Brasília. Então não, nós não vamos criar uma outra universidade federal. Esse é o ponto final. Não me lembro as razões, obviamente, nem sei se foram ditas. O fato é que veio a negativa taxativa. Não, não terá, a UB não será uma universidade federal e ponto final. (Entrevista com José Munhoz Fernandes, em 20/3/2025)

Extintas todas as possibilidades de a Universidade de Bauru se tornar uma universidade federal, sua comunidade concentrou esforços na luta pela sua encampação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, a Unesp.

5 – A encampação da Universidade de Bauru pela Unesp

A encampação da Universidade de Bauru pela Unesp marcou profundamente os entrevistados deste livro. É o “divisor de águas” mais frequentemente mencionado a cindir a memória dos antigos membros da Faculdade de Ciências entre um “antes” e um “depois”. Vários dos depoimentos narram essa história e, felizmente, de modo não contraditório. São visões complementares de um mesmo acontecimento. Foram selecionados alguns trechos das narrativas sobre esse tema para possibilitar a compreensão dessa extraordinária guinada na história da Faculdade de Ciências. Nesse sentido, os depoimentos de José Munhoz Fernandes e de Pedro Walter de Pretto são exemplares:

Bom, não havia mais o que fazer em nível federal, então se começou um movimento voltando agora para o governo do Estado. Aliás, eu me lembro que, acho que Minas chegou a falar: “Mas vocês podiam reivindicar isso no governo do Estado, que tem recursos para isso, não sei o quê, não sei o quê”. Então, mirou-se esse movimento, redirecionou esse movimento, para o governo do Estado de São Paulo. Veja, então, nós queríamos agora, já que era inviável federalizar ou criar uma universidade federal. Então, que se crie uma terceira universidade pública aqui em Bauru. Perdão, uma segunda. Nós tínhamos só a USP em Bauru.

Na verdade, nós queremos uma que seria uma quarta universidade pública. Nós já tínhamos a USP, tínhamos a Unicamp, tínhamos a Unesp. A reivindicação era para criar uma quarta universidade. O governo do Estado viu como inviável isso e aí começou-se uma tratativa ou várias tratativas no sentido de por que não? Tentou-se abrigá-la na USP ou na Unicamp ou na Unesp. E, a partir daí, a gente já conhece um pouco mais a história. Então, a Unesp abriu os braços, abriu as portas e foi aí então que, em agosto de 1988, 12 de agosto de 1988, é assinado o decreto de incorporação da Universidade de Bauru, à Universidade Estadual Paulista.

Havia uma promessa, porque aí entra no campo político. A pressão e a reivindicação eram tão fortes que um dia o candidato a governador Orestes Quéricia estava em Bauru, no centro da cidade, lá no calçadão da Batista [de Carvalho] com a 13 de Maio, e num palanque ele prometeu que, se eleito, ele iria lutar pela estadualização.

É exatamente isso mesmo. E ele foi eleito. E depois, com o avançar das tratativas, quando definitivamente o Conselho Universitário da Unesp aceitou, então aprovou a incorporação dos cursos da Universidade de Bauru. Mas faltava assinar um decreto, que veio seis meses depois. Aí eu já não sei

detalhes, mas realmente houve alguma negociação, porque estava praticamente insustentável a situação econômico-financeira, muito difícil. Era muito difícil mesmo. Isso porque a gente tinha, eu diria, salários, benefício praticamente mínimo, garantido por lei. Mas os salários eram menores. Hoje, se você pegar a massa salarial, o padrão salarial na universidade, comparado com outros setores, é muito maior. Naquela época não, era um salário como é hoje no setor de serviços aqui na cidade. Então, mesmo assim, era muito difícil de manter. Porque, eu repito, as mensalidades não eram caras, as mensalidades eram acessíveis. (Entrevista com José Munhoz Fernandes, em 20/3/2025)

Chegamos aí na estadualização, que aconteceu numa fase muito necessária para a Universidade de Bauru, porque a Universidade de Bauru teria problemas sérios em termos de pesquisa, desenvolvimento de pesquisa dentro da universidade, porque nós não tínhamos recursos para isso. Então, para formar uma massa crítica, para começar a desenvolver essas coisas, era muito difícil. Não é só botando o título de universidade que a gente conseguiria isso aí. Então, foi criada a universidade, não foram dois anos de mandato ou um pouco mais, aí houve a incorporação pela Unesp e essa incorporação só se deu realmente porque houve uma, digamos assim, uma atenção muito grande do nome do nosso reitor Jorge Nagle e do professor [Paulo] Landim.

E tivemos também a felicidade de que, na época, um pouquinho depois, o Quércia veio ser o governador de São Paulo e o Tidei [Antônio Tidei de Lima] foi do secretariado dele. O Geraldo era bem ligado também, o Geraldo Bêrgamo era bem ligado ao Tidei, eu conheci o Tidei, o Zé Roberto, conheci o Tidei, então era uma pessoa acessível para gente, que a gente conseguia conversar com ele, ligava para ele lá, atendia e tal e nós falávamos pra ele, cobrávamos dessa história.

Nós estamos tentando fazer isso e tal, vê lá se você consegue lá do nosso governador, pra que ele embarque nessa. [...] A esperança existia, mas era uma esperança muito pequena. A surpresa veio, para mim foi surpresa. Talvez o deputado Tidei já soubesse, mas para nós, não. Quando eu falo para nós, para a reitoria. Eu não esperava que houvesse uma reunião em Bauru, uma reunião política onde todos os prefeitos da região estiveram aqui em Bauru. Os prefeitos da região. E essa reunião foi no Sesc. Nós fomos lá para cobrá-lo novamente a respeito da estadualização e tal. Bom, mas fomos surpreendidos, num certo momento, ele [o governador Orestes Quércia] falando com todos lá. Aí ele falou sobre a universidade, aí ele bateu na mesa assim e falou: “Está criada a quarta universidade estadual aqui em Bauru”. Falou isso assim, com aquilo lotado lá. Eu fiquei surpreendido também. Eu, como eu disse, eu não sei se o deputado já sabia que ele ia falar isso. Não sei, nunca perguntei para o Tidei se ele sabia ou não, mas ele acabou falando isso. Nossa! Vai ser criada a quarta universidade. Aí a coisa tomou um outro rumo. Aí talvez tenha sido estratégia dele nesse sentido. Talvez ele tenha tentado viabilizar de outra forma, não tenha conseguido. E com essa disposição dele de criar a quarta universidade.

Houve até uma certa reação das outras três universidades e um bom senso da Unesp. O bom senso, em especial do professor Jorge Nagle, que era muito

ligado ao Quércia na época, que era o reitor da Unesp, e da figura do professor Paulo Landim, que era o vice-reitor. [...] Então, eu acho que daí esses contatos políticos resultaram na incorporação da Universidade de Bauru pela Unesp. Então, foi um trabalho político desenvolvido pelo deputado Tidei, mais propriamente.

[...]

E também eu penso o seguinte, nós tínhamos os campi da Unesp em vários lugares. Em Bauru, mais central, aqui que não tinha nada da Unesp. Eu não via a razão de não ter alguma coisa da Unesp em algo que já estava constituído e que tinha, que nós tínhamos um patrimônio razoável até de pensar. O patrimônio que a Fundação tinha e que passou para Unesp é um patrimônio grande. Isso foi decidido tudo politicamente. Não, não foi a reitoria da universidade que decidiu, porque a questão passou a ser política a nível de município e tal, o governador. (Entrevista com Pedro Walter de Pretto, em 26/3/2025)

Lourival Larini³⁶, diretor da Faculdade de Ciências no período, foi também protagonista de destaque nos trâmites com a Reitoria da Unesp nesse processo de encampação.

Geraldo Antônio Bérghamo, mencionado na entrevista de Pedro Walter de Pretto, destaca que não se deve compreender os acontecimentos que resultaram na encampação da Universidade de Bauru pela Unesp como fruto de vontade apenas pessoal dos sujeitos envolvidos. Deve-se refletir que tais ações individuais decorreram de pressão coletiva. Sujeitos coletivos também são protagonistas dessa história. A pressão popular moveu os políticos em suas ações:

Muitas das pessoas que vão assistir essa [entrevista] ou ler o que vai estar escrito dessa movimentação não têm a vivência disso que estava acontecendo. Então, até certo ponto, fica talvez um pouco abstrato, mas, na época, a coisa foi relativamente, digamos assim, não comum, mas uma coisa possível, factível. [...] O movimento de rua era muito grande. Então, se esses deputados não aparecessem por aqui, eles teriam dificuldade de se reeleger. Porque não eram só os estudantes, os professores; nós conseguíamos com que a população, uma boa parte população de classe média, que não conseguia pagar as mensalidades para os seus filhos estudarem e estavam

³⁶ Lourival Larini tem graduação em Farmácia e Bioquímica e doutorado em Ciências Farmacêuticas, pela Unesp. Fez pós-doutorado no Institut Für Toxikologie, na Alemanha, e a livre-docência na Unesp. Ingressou como docente na Fundação Educacional de Bauru, em 1967 e foi Diretor da Faculdade de Ciências, entre 1988 a 1989. Pretendia-se entrevistar Lourival Larini para este livro. Infelizmente, por problemas de logística e de sua saúde, isso não foi possível. Recuperou-se o áudio da entrevista dele dada à TV Unesp em 2019, quando das comemorações dos 50 anos da Faculdade de Ciências. Essa entrevista pode ser ouvida usando o [link](https://hospeda.fc.unesp.br/~macioniro.celeste/macioniro/TV_Unesp/Lourival_Larini.mp3) https://hospeda.fc.unesp.br/~macioniro.celeste/macioniro/TV_Unesp/Lourival_Larini.mp3

em dificuldades, enforcadas, queriam, de qualquer maneira, que continuassem estudando numa escola boa e sem pagar, obviamente. (Entrevista com Geraldo Antônio Bérghamo, em 21/5/2025)

Nesse mesmo sentido, outro depoimento a relacionar a ação de políticos locais, a imprensa e a pressão popular é o de João Moretti Junior. Os resultados almejados eram os de apoio popular aos protagonistas dessa encampação. Isto é fazer política e não há nada de errado nisso.

O envolvimento político era gigantesco. O Tidei de Lima foi a peça fundamental nesse processo todo. O [Roberto] Purini era deputado estadual na época. Ele teve uma participação efetiva também. O Tuga [José Gualberto Tuga Martins Angerami] era o prefeito, se não me engano, os vereadores tiveram um papel fundamental, porque, para estadualizar, nós tivemos que passar pela Câmara de Vereadores com o aval de todos eles. Foi unânime a assinatura de todos os vereadores na época, com a intenção de passar a Universidade de Bauru para a Unesp.

[...]

Os jornais eram movidos pela manifestação de alunos, funcionários e professores e o nosso diálogo na época era sensacional. Os jornais queriam isso também para Bauru. Tanto o Jornal da Cidade quanto o Diário de Bauru.

[...]

A estadualização ainda tinha certos trâmites até a assinatura e a publicação no Diário Oficial, sendo que a assinatura aconteceu em 12 de agosto de 1988.

[...] Houve um repasse de verba em janeiro de 1988 para a Universidade de Bauru. Conclusão, os alunos, a partir de fevereiro, quando começavam as aulas, já não pagavam mais e eles já estavam livres da mensalidade. E a nossa folha de pagamento de funcionário e professor estava garantida. Era janeiro de 1988, férias. O que eu fiz? Eu convoquei uma coletiva, uma coletiva de imprensa com o reitor da Universidade de Bauru e alguns funcionários e toda a imprensa de Bauru. Rádio Auriverde, Rádio 710 a 94 FM, Diário de Bauru. Nessa coletiva, foi explicada toda a sistemática para toda a região que os alunos não pagariam mais mensalidade. Então isso causou uma repercussão gigantesca, positiva e boa para a Universidade de Bauru. (Entrevista com João Moretti Junior, em 29/5/2025)

Para os diversos entrevistados desta obra, é consensual a importância da atuação política de Antônio Tidei de Lima no processo de encampação da Universidade de Bauru pela Unesp. O depoimento dele pode ser assistido na íntegra acessando o *QR Code* correspondente, no término deste livro. Antônio Tidei de Lima explicou que a campanha ao governo de Estado de Orestes Quécia foi bastante acirrada. Os votos na região de Bauru foram determinantes para que ele conseguisse

se eleger. Portanto, a ajuda dos deputados dessa região, como o próprio Antônio Tidei de Lima, tornou o governador Quércia mais atento e receptivo às reivindicações regionais. Uma delas, a de maior visibilidade e repercussão popular imediata, era a de transformar a Universidade de Bauru em universidade federal ou estadual. Assim como José Munhoz Fernandes narrou no final do capítulo anterior, Antônio Tidei de Lima também contou como Orestes Quércia e ele próprio dialogaram, em Brasília, diretamente com o presidente José Sarney, mas receberam a negativa em tornar a Universidade de Bauru em Universidade Federal. Segundo Antônio Tidei de Lima, a solução encontrada por Quércia foi a de encampação pela Unesp. Para tanto, Antônio Tidei de Lima contou com a ajuda de seu irmão, João Francisco Tidei de Lima, historiador e professor do câmpus da Unesp de Assis. João Francisco Tidei de Lima, em 1975 e 1976, fora um dos protagonistas da própria criação da Unesp. Em 1987, nomeado pelo reitor Jorge Nagle, presidia a Fundação para o Vestibular da Unesp (Vunesp). Portanto, João Francisco Tidei de Lima conhecia bem a estrutura da Unesp e sabia como ajudar seu irmão no diálogo com o reitor Jorge Nagle.

Em sua entrevista, Antônio Tidei de Lima conta em detalhes sobre as reuniões dele e seu irmão com o reitor Jorge Nagle. Entretanto, há algo inédito nessa situação, tema pouco abordado pelos estudiosos da história das três universidades públicas paulistas. Antônio Tidei de Lima narra que o governador Orestes Quércia usou da encampação da Universidade de Bauru como instrumento-chave na implantação da autonomia financeira das três universidades. A encampação ocorreu concomitantemente à negociação e ao estabelecimento das porcentagens do ICMS para a manutenção de fato da autonomia universitária da USP, Unicamp e Unesp. São acontecimentos simultâneos e correlatos:

O Jorge Nagle falou: “Eu preciso conversar com o pessoal interno no Colégio Universitário, né, para o pessoal poder engolir isto. Por isso tem que dizer que não terá problema de dinheiro, pelo contrário, não é?” Então ficou aí

dele também se acertar internamente. Alinhar a coisa internamente, porque, além do problema de dinheiro, tinha o problema político de mando, né. O pessoal de Araraquara mandava mais. O outro, de Rio Claro, mandava mais. O outro de Botucatu queria não sei o quê. Aí eu fui conversar com o Quércia. Falei: “Quércia, está tudo certo. A Unesp vai se acertar lá. Agora eles falaram do problema de dinheiro e você disse para mim que não teria problema”. Ele falou: “Eu já pensei numa coisa que vai resolver um problema nosso aqui. Nós vamos transferir a receita do ICMS em percentual direto para as universidades. Aí nós não temos mais problemas aqui, não vai ter mais professor na porta do Palácio [dos Bandeirantes], que deixaram o [governador Franco] Montoro doido”. (Entrevista com Antônio Tidei de Lima, em 21/3/2025)

O depoimento de Antônio Tidei de Lima foi o mais longo para este livro, durou quase quatro horas. Portanto, recomenda-se novamente, a quem quiser compreender os detalhes do processo de encampação da Universidade de Bauru pela Unesp, assistir a esse vídeo. Em uma das partes finais, Antônio Tidei de Lima chama o reitor Jorge Nagle de artista. Que ele fora um artista no processo de negociação com as várias outras unidades e campi da Unesp para não obstruírem a encampação da Universidade de Bauru. Da mesma maneira, Antônio Tidei de Lima mostrou a política como arte, a arte da negociação, sendo um campo não somente objetivo da atuação humana. Segundo ele, deve-se também levar em consideração a subjetividade dos atores políticos:

A política é uma arte, não é verdade? É uma arte. Então você pega, por exemplo, o Quércia, que ficou assim: “Puxa vida, eu sou tido como um caipira do interior, né? O Montoro, que é o cara da universidade, não é? E eu sou o cara caipira do interior que vai estadualizar uma universidade toda. Vou transformar em uma universidade pública. De graça. De quantos? 5.000 alunos? 10.000? Não sei quantos tem, mas são milhares de alunos.” E ele então, volta e meia, de vez em quando, ele se dava conta disso que ele tinha feito. (Entrevista com Antônio Tidei de Lima, em 21/3/2025)

Algumas fotografias registraram a encampação da Universidade de Bauru pela Unesp, como ilustram as figuras 31, 32 e 33:

Figura 31 – Jorge Nagle, de óculos, Orestes Quércia e Antônio Tidei de Lima em Bauru, quando da assinatura simbólica da encampação, em 12/8/1988



Fonte: Acervo pessoal de Antônio Tidei de Lima

Figura 32 – Reitor Jorge Nagle assinando o ato de encampação em 12/8/1988



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Figura 33 – Sessão solene na Universidade de Bauru do ato de encampação pela Unesp



Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa em Audiovisual – FAAC

Mesmo com tantas formalidades políticas e solenidades acadêmicas, sempre é possível uma visão feliz e bem-humorada dos sucessos da vida. A transformação da Universidade de Bauru em parte constitutiva da Unesp foi importante sucesso na trajetória da Faculdade de Ciências. Portanto, é apropriado apresentá-la leve, com o bom humor típico dos membros de sua comunidade:

O Quércia tinha uma popularidade muito grande e aquela festa, sei lá quantas mil pessoas. Bom, chega na hora, dá sinal, a encampação, não ia ter encampação na hora, era pró-forma. Eu peguei uma lauda de jornalismo escrito ali, datilografada e tal, e eles iam assinar embaixo e pró-forma e mostrar para a população. Nunca ninguém viu o que está escrito ali.

Aconteceu o seguinte: o Quércia, na hora de assinar, naquela festa, não tinha caneta. Ele estava desprovido de caneta. Quando ele olha para o professor Jorge Nagle, o professor Jorge Nagle estava com a Montblanc aqui no paletó e a caneta Montblanc é uma caneta famosa, que não é barata. É uma caneta tinteiro e tal, de alto nível e tal. Só as personalidades é que utilizam a caneta Montblanc. O Quércia olhou, o professor Jorge pôs a mão assim na hora, na caneta. Por que vocês já imaginaram o Quércia pegar a caneta Montblanc do professor? Aí ele assina e põe no próprio bolso? Como é que o professor vai

falar “Oh, Quércia!”, para o governador do Estado, “você pegou a minha caneta”.

E o Quércia procurando, olhando quem tinha uma caneta. E eu tinha uma caneta Parker. Não era Bic, porque o assessor falou assim, o assessor falou não pode ser Bic, tem que ser uma caneta que não seja Bic para uma assinatura dessa envergadura. E eu tinha uma Parker. Tudo bem, era esferográfica e tal, mas não era tinteiro. Mas era uma Parker diferente e eu emprestei para o Quércia. “Está aqui”, para o governador. Ele pegou, assinou; o Tidei assinou, mostrou para a população e tal. E eu pensei: perdi a caneta, mas é uma Parker; diferente de uma Montblanc. E o Quércia me devolveu. Aí então eu falei: “Professor, tá vendo? Ele devolveu a caneta”. O professor Jorge Nagle falou assim para mim: “Você teve sorte!”. (Entrevista com João Moretti Junior, em 29/5/2025)

Vencida essa batalha e assegurada sua perenidade, a Faculdade de Ciências tomou as providências para se adaptar às novas exigências de ser parte de uma importante universidade pública estadual, a Unesp.

6 – A Faculdade de Ciências como unidade da Unesp

A Unesp era uma universidade com 12 anos de existência, quando da incorporação da Universidade de Bauru. O novo, frequentemente, causa estranhamento em instituições consolidadas. Não foi diferente na Unesp. Como mencionado anteriormente, a encampação da Universidade de Bauru ocorreu simultaneamente ao rearranjo orçamentário do custeio das três universidades públicas paulistas, com o estabelecimento de percentagens fixas do ICMS estadual para a manutenção da USP, Unicamp e Unesp. A Universidade de Bauru entrou para a Unesp exatamente quando se estabeleciam os tamanhos das fatias desse bolo. O mal-estar foi compreensível. Vários dos entrevistados mencionaram que, até o início do atual século, o câmpus de Bauru era visto como o “patinho feio” da Unesp, por questões de titulação incipiente de seu corpo docente. Além disso, por muitos anos, membros de outras unidades da Unesp perceberam o novo câmpus de Bauru como provável competidor por verbas que anteriormente seriam repartidas entre as unidades que constituíram originalmente a universidade em 1976. Mas não se tratou somente de uma questão de verbas. Sem mencionar os 200 alqueires (4,8 milhões de m²) de tamanho do câmpus de Bauru, o estranhamento era também de outra ordem, como comentou Jair Lopes Junior³⁷:

Era uma situação muito delicada. Era o momento em que você percebia realmente essa dificuldade. É uma coisa que a gente precisa reconhecer e que aparecia nos Colegiados Centrais [da Unesp]. Havia o reconhecimento da força de Bauru. Então não era simplesmente um “patinho feio”, com o perdão da expressão, acho que era um “pato grande e feio”. Porque era uma unidade que se você comparar com a estrutura da Unesp hoje, em relação às outras unidades universitárias e outros locais, era um câmpus com três unidades, com o GAC [Grupo Administrativo do Câmpus]. É complexa. Se você colocar em termos numéricos, com um potencial de crescimento nas três unidades com cursos muito visados, do ponto de vista de procura, e

³⁷ Jair Lopes Junior tem graduação em Psicologia pela Universidade de Brasília e doutorado em Psicologia Experimental pela USP. Ingressou como docente da Unesp em 1990, onde atua até hoje. Foi Diretor da Faculdade de Ciências, de 2017 a 2021.

únicos em alguns casos. A Meteorologia veio depois, mas nós tínhamos cursos como Jornalismo, Arquitetura, com muita procura. Então a questão do incômodo que talvez a encampação tenha trazido. (Entrevista com Jair Lopes Junior, em 27/5/2025)

O processo de adequação foi mútuo. A antiga Universidade de Bauru teve que se adaptar como parte constitutiva de uma universidade consolidada, mas em processo de mudança devido à autonomia orçamentária recém-conquistada. As duas universidades passaram por transformações simultâneas. Um bom exemplo disso foi narrado por Cleuder Tadeu da Graça Leite. Em 1988, a folha de pagamento da anterior Universidade de Bauru passou a ser gerida pelo governo estadual, em seu serviço gestado na Prodesp, assim como também tradicionalmente era feito com a folha de pagamento da Unesp. Contudo, de 1989 para 1990, com a autonomia universitária financeira, a USP, a Unicamp e a Unesp tiveram que criar suas próprias folhas de pagamentos, autônomas. Cleuder Tadeu da Graça Leite, que administrava a folha de pagamento da Universidade de Bauru, foi chamado pela Reitoria da Unesp para ajudar nessa complexa transformação. Trabalha até hoje na Reitoria, na administração de Recursos Humanos da Unesp como um todo.

Esse não foi caso isolado. Outros funcionários da Universidade de Bauru ajudaram a Unesp a se ajustar à nova realidade orçamentária. Foi o caso de Paulo Alves Rochel³⁸. Ele era Secretário Geral da Universidade de Bauru quando da encampação. Era um dos funcionários mais experientes e atuantes na instituição até então. Foi chamado a trabalhar na Reitoria da Unesp, permanecendo lá por dez anos. Posteriormente, foi um dos responsáveis pela instalação do câmpus da Unesp em São Vicente.

³⁸ Paulo Alves Rochel foi Secretário-Geral da Universidade de Bauru. Após a encampação pela Unesp, trabalhou na Reitoria. Pretendia-se entrevistá-lo para este livro. Infelizmente, Paulo veio a falecer no início de 2025. Foi preservado o áudio da entrevista dele dada à TV Unesp, em 2019, quando das comemorações dos 50 anos da Faculdade de Ciências. Essa entrevista pode ser ouvida usando o [link](https://hospeda.fc.unesp.br/~macioniro.celeste/macioniro/TV_Unesp/Paulo_Alves_Rochel.mp3) https://hospeda.fc.unesp.br/~macioniro.celeste/macioniro/TV_Unesp/Paulo_Alves_Rochel.mp3

Cleuder Tadeu da Graça Leite relatou que a inserção dos docentes do câmpus de Bauru na estrutura funcional da Unesp foi conflituosa, pois alguns professores, mesmo sem a titulação exigida, ganhavam razoavelmente. Pela legislação brasileira, não há a possibilidade de redução de salário. Portanto, para enquadrar os professores sem mestrado ou doutorado da anterior Universidade de Bauru, foi criada na Unesp a função de Técnico Especializado em Docência (TED):

Os professores das três faculdades foram enquadrados como Técnico Especializado em Docência, que é o TED. Eu lembro bem que conversei com esse senhor lá na reitoria e hoje ele está aposentado. Ele chegou pra mim, falou: “Como é que você explica um docente da Fundação Educacional de Bauru ganhar mais que o professor doutor da Unesp?”. “Não é pra mim que você tem que perguntar isso. Você tem que perguntar isso para o coordenador executivo da época da Universidade de Bauru, da Fundação. Entendeu? Para o diretor executivo”. Era assim que era tratado. Eles que eram os gestores que tinham que responder isso. Que culpa eu tenho? Mas era questionamento, porque eles questionavam tudo na verdade, por conta dessa transição. Mas, enfim, aí fizeram porque na verdade não poderia se reduzir o salário deles, não poderia. A legislação não permite. Aí manteve como Técnico Especializado em Docência. (Entrevista com Cleuder Tadeu da Graça Leite, em 21/03/2025)

José Munhoz Fernandes e vários outros entrevistados tocaram nesse ponto sensível em suas narrativas:

[Antes] não era uma exigência nem do MEC, a titulação. Quando muito era o diretor ou um professor que ocupava algum cargo dentro a universidade, que era obrigatoriamente doutor. Então 90% do nosso quadro não era [titulado]. Aliás, não tinha carreira acadêmica, era a Fundação, não existia uma carreira acadêmica, nem tinha recursos para isso. Eles eram horistas. Como eu disse, eu ganhava um salário maior se eu desse um número maior de aulas. Assim que foi sempre. Então a titulação, quando a universidade incorporou, por questões legais, inclusive, os nossos professores tiveram que rapidamente buscar essa titulação. Até porque, para fazer o enquadramento funcional, aí entra uma questão de recursos humanos, financeiros, etc. Você não poderia rebaixar salários, então você teria que trazê-lo com o mesmo salário, no mínimo. E isso provocou naquele momento, “mas como? mesmo salário, sem titulação?”. Então, nesse momento, houve, sim, uma abertura da universidade. Eu não me lembro exatamente o tempo, mas a Unesp concedeu um tempo razoável para os nossos professores. Dez anos foram, eu não me lembro mais. Concedeu bolsas, concedeu espaço, portas abertas em vários campi, inclusive da própria Unesp. Muitos, inclusive, se titularam em Botucatu, Rio Claro e outras localidades mais próximas, Araraquara,

exatamente para poder atender uma exigência legal mesmo, que era uma exigência estatutária da própria universidade. (Entrevista com José Munhoz Fernandes, em 20/3/2025)

Lydia Savastano Ribeiro Ruiz foi incisiva em sua narrativa ao destacar como era discriminatória, frente aos demais docentes de outras unidades, ser visto como um Técnico Especializado em Docência, uma espécie de professor universitário de segunda categoria:

E a gente foi rebaixada para esse tal de TED, que você falava em qualquer câmpus da Unesp, que você era TED, era aquele coitadinho, que era o que dava aula. Achavam que nós não tínhamos competência nenhuma. Não era nem dedicação exclusiva. Não, não, era o coitado mesmo. Então eu fui a primeira a me inconformar e a me revoltar contra esse título. Eu falei: “Não admito”. Eu chegava, fazia pós em São Carlos na época, a gente chegava lá e você era o TED. Você não era igual aos outros professores que estavam lá se titulando, você era o TED. Eu falei, eu não vou ser esse TED de jeito nenhum. Não me concebo ser rebaixada nesse nível. Então eu falei, eu vou ser a primeira professora que eu vou sair desse TED. Então eu me esforcei ao máximo. Não querendo levar essa glória, não é isso, eu estou enaltecendo assim, como foi ruim essa época. Então eu acabei o meu mestrado. Fui a primeira da Faculdade de Ciências a acabar o mestrado a duras penas, porque a gente continuou dando “n” aulas, continuou tudo. Então aí todo mundo começou a ver que era o que tínhamos que fazer. No Departamento de Física, todo mundo já estava se organizando. E também não era só eu que não queria ser TED. Era um pensamento geral, apesar de que teve muita gente que achou que não tinha condições de fazer [mestrado], de se arriscar, vamos dizer, e continuou sendo o TED. (Entrevista com Lydia Savastano Ribeiro Ruiz, em 21/3/2025)

O reitor da Universidade de Bauru, quando da encampação, e o diretor da Faculdade de Ciências, por boa parte da década seguinte à sua incorporação pela Unesp, Pedro Walter de Pretto e Jehud Bortolozzi³⁹, descreveram como tentaram lidar com essa pressão pela titulação dos docentes do câmpus de Bauru:

O que nós precisamos? Criar uma massa crítica de docentes, docentes titulados. Mas, como nós vamos criar isso aí, não é? Precisaria ter uma ajuda, por exemplo, a meu ver, o Instituto, a Escola de Agronomia de Botucatu. Ela foi para mim de uma relevância enorme na formação de vários professores nossos, inclusive a minha, inclusive a minha. Então, eu fui fazer o doutorado

³⁹ Jehud Bortolozzi é graduado em História Natural pela USP, doutor em Biologia pela USP, tem pós-doutorado pela Texas State University at Austin, Ohio State University e University of Kentucky e é livre-docente pela Unesp. Ingressou na Fundação Educacional de Bauru em 1968 como docente e se aposentou em 1994, pela Unesp. Foi diretor da Faculdade de Ciências de 1991 a 1997.

lá, eles tinham um programa de energia na agricultura. Eu não sou agrônomo, mas é um programa que é multifacetado, que tem possibilidades de atender um físico, um matemático, um pessoal na engenharia específica, que se viu o tal. E é um pessoal que se dispôs a nos auxiliar nesse programa, nesse curso de doutorado em energia na Agricultura. E eu, logo em seguida, eu fui para lá, assim como vários docentes foram para lá na mesma época. Então eu me lembro. Na Faculdade de Ciências também teve aquela, a faculdade de Araraquara, que também contribuiu com isso. Então, houve uma contrapartida, a meu ver, da Unesp nesse aspecto aí, em relação a tornar mais sim, mas abriu uma possibilidade dos professores aqui se graduarem. E é, digamos assim, é a compreensão de ver aquele professor lá, que já está há 25 anos dando aula lá, agora nós estamos exigindo isso dele e tal. Então, houve sempre uma atenção especial desses docentes da Unesp. Então, eu penso que a faculdade, por exemplo, de Botucatu, ela foi relevante para nós, para começar a formar essa massa crítica. (Entrevista com Pedro Walter de Pretto, em 26/3/2025)

Muitas vezes, eu fui a Botucatu falar com professor de lá. Amigo, falei: “Eu vou mandar dois caras aqui. Você pega para orientar que eu preciso que façam mestrado e doutorado. Se você não fizer isso, você vai me complicar a vida e vai complicar a vida deles também”. [...] Quando eu ia para o Conselho Universitário, eu encontrava todo esse pessoal lá das outras unidades. Então, eu falava: “Escuta, você está precisando de alguém na sua área de dentista aí para fazer [mestrado]?”. Às vezes, alguém falava: “Eu precisava de alguém que se interessasse por tal coisa, Psicologia ou qualquer área”. Eu direcionava, falava: “Fulano de tal, procura, vá a Campinas”. Teve um professor aí que eu falei: “Vá para Campinas, procura fulano de tal, que ele está precisando de gente da área de Química para orientar”. E deu certo. A grande vantagem de tudo isso é o seguinte: o que foi bom é que o pessoal respondeu à altura, então eles tinham uma pressão grande para fazer mestrado e doutorado e conseguiram. Pô, isso para mim era uma alegria tremenda, porque eu falava: “Pô, eu falava para você, eu estou forçando, ajudando”. (Entrevista com Jehud Bortolozzi, em 6/5/2025)

Para vários dos entrevistados, a incorporação da Faculdade de Ciências à Unesp proporcionou uma guinada determinante em sua trajetória futura. Sem comprometer a qualidade de Ensino, a Pesquisa passou então a ganhar grande atenção, como ressaltou Neusa Maria Pavão Battaglini⁴⁰:

A Fundação Educacional de Bauru, depois que se transformou em Universidade de Bauru, não tinha tradição de Pesquisa, era mais focada no Ensino. Então, a Pesquisa só foi consolidada quando houve a encampação pela Unesp. Então, houve uma transformação muito grande para os docentes

⁴⁰ Neusa Maria Pavão Battaglini tem graduação em Física pela Fundação Educacional de Bauru e doutorado em Agronomia pela Unesp de Botucatu. Atualmente, é docente no Departamento de Física e Meteorologia da Faculdade de Ciências da Unesp.

da época da Fundação Educacional de Bauru e a Universidade de Bauru, para Unesp. Nós precisamos nos adequar, fazer uma titulação e também a Pesquisa, que não era tão tradicional na época da Fundação. (Entrevista com Neusa Maria Pavão Battaglini, em 28/3/2025)

Essa mudança de paradigma universitário foi atestada nas falas de professores contratados para áreas bem diferentes da Faculdade de Ciências, às vésperas e logo depois de ela se tornar unidade da Unesp, como narrado, entre outros, por Olavo Speranza de Arruda⁴¹, por Dagmar Aparecida Cyntia França Hunger e por José Remo Ferreira Brega⁴²:

Quando entrei, [o Departamento de Ciências Biológicas] já estava em funcionamento, já funcionava e aí eu me envolvi nele. Mas, naquela época, não era tão simples você se envolver muito num departamento, em alguma coisa da instituição, porque o seu trabalho era dar aulas. Você vinha aqui para dar aulas e depois, se houvesse algum tempo, alguma coisa, você podia fazer alguma coisinha que no máximo se restringia a atender alguns alunos, orientar alguma coisinha, mas muito pouco. [...] O forte não era Pesquisa, era Ensino. Era o Ensino. Precisava de dar aulas. [...] Para isso que os alunos pagavam, para ter aula. Então eu vim aqui dessa forma. Esse crescimento, quando surgiu, aliás, foi quando a Faculdade de Ciências tomou consciência de que estava dentro da Unesp e que a estrutura era outra, que as possibilidades eram diferentes e muito maiores. Houve, sim, uma efervescência dentro da Unesp. Enfim, o [Departamento de] Ciências Biológicas cresceu muito. (Entrevista com Olavo Speranza de Arruda, em 6/5/2025)

Nesse momento, muitos dos colegas não tinham a formação em mestrado e doutorado, não tinham a titulação e foi um momento no qual as instituições públicas estavam exigindo, no mínimo, a titulação do mestrado. Então, eu ingresso ainda como estudante, finalizando o mestrado e com um projeto de doutorado. [...] Na época, [...] muitos dos colegas, especialmente do Departamento de Educação Física, tinham a formação da graduação em Educação Física. Portanto, tivemos os enfrentamentos desses nossos colegas para obtenção do título de mestrado e doutorado, mediante essas exigências da Unesp. Então foi um contexto bastante complexo, especialmente para esses colegas e o cotidiano com as nossas aulas de graduação, de extensão universitária e, concomitantemente, viagens para Campinas, para São Carlos, para São Paulo, para desenvolver as pesquisas. Tínhamos direito a alguns dias de afastamento, dois, três dias de afastamento na semana para

⁴¹ Olavo Speranza de Arruda tem graduação em Ciências Biológicas pela Unesp de Botucatu, onde também fez o mestrado e doutorado. Iniciou sua carreira como professor instrutor na Fundação Educacional de Bauru. Foi diretor da Faculdade de Ciências, de 2009 a 2013, e hoje está aposentado pela Unesp.

⁴² José Remo Ferreira Brega tem graduação em Engenharia Civil pela USP e em Tecnologia de Processamento de Dados pela Universidade Federal de São Carlos, doutorado em Engenharia de Transportes pela USP e livre-docência pela Unesp. Iniciou a carreira docente na Unesp, em 1989, e, atualmente é vice-diretor da Faculdade de Ciências, no mandato de 2022 a 2025.

desenvolver as nossas pesquisas, defender as nossas pesquisas e, concomitantemente, atuar com as nossas responsabilidades das funções de Ensino e Pesquisa, corresponder às funções de gestão, de coordenação de curso de graduação, porque nesse momento se concentrava nos cursos de graduação, porque nós, o corpo docente, também estávamos em formação acadêmica de mestrado e de doutorado. (Entrevista com Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger, em 12/5/2025)

Então todo mundo se formando ao mesmo tempo. Então, fazendo mestrado, fazendo doutorado, o curso mudando, a coisa acontecendo e precisando [...] criar laboratório, criar lugar para trabalhar com os alunos. Assim, o nosso vestibular melhorou, quando começou a ser Unesp. E começou a entrar muita gente de muita habilidade aqui dentro. Então tudo começou a convergir para uma coisa de crescimento. [...] Então era uma coisa que a gente queria muito, porque fazia parte da carreira do docente se envolver com pesquisa num grau mais forte, evoluir na carreira. A gente via os outros, os outros câmpus, mais estruturados que a gente. Araraquara, Botucatu, Rio Claro, que eles tinham essa estrutura. Então a gente queria que aquilo lá acontecesse aqui também, para a gente poder ir para frente.

[...]

Eu acho que uma coisa bacana de falar da Faculdade de Ciências nesse ponto é assim, todo mundo cresceu na Unesp, todo mundo tem uma curva de crescimento bacana e tal. Imaginando 1989, o que a gente estava imaginando hoje, 2025, a nossa curva de crescimento com certeza foi mais forte. Isso é uma coisa que eu acho que é sempre legal de guardar. Então, eu acho que tem uma coisa que a gente nunca pode esquecer é que a gente conseguiu fazer um crescimento em Ensino, Pesquisa e Extensão, em tudo o que tem, muito mais forte do que a maioria da Unesp inteira. (Entrevista com José Remo Ferreira Brega, em 26/5/2025)

Entrevistados de outros departamentos relataram a mesma mudança de concepção da Faculdade de Ciências. Houve uma sinergia entre a busca pela formação acadêmica do corpo docente, ao se trilhar o mestrado e o doutorado, e a consequente efervescência da produção científica da faculdade. Isso determinou que a Pesquisa virasse também uma das prioridades na nova configuração universitária da Faculdade de Ciências. Outro trecho da entrevista de Olavo Speranza de Arruda exemplifica essa mudança paradigmática:

Exatamente porque os professores que davam aula, que poucos tinham titulação, porque não havia essa necessidade, não era exigido. Então não havia grande interesse em se fazer isso. A partir do momento que a Unesp colocou a sua estrutura e as suas exigências dentro da Faculdade de Ciências e de todo o câmpus, isso passou a ser uma necessidade, uma obrigação, ou você fazia isso ou você ia acabar alijado. Tinha que ser feito, porque a

instituição da Unesp funciona assim, então não tinha como ser diferente. Então, o que se fez? Todos os professores que não tinham pós-graduação ou nenhum tipo de titulação sentiram-se na obrigação de fazer, procurar uma pós-graduação.

Mas, a faculdade de Ciências, que é o que eu conheço bem daqui de Bauru, mas conheço também as outras razoavelmente, tinha um corpo docente e passou a ter um corpo docente melhor ainda quando a Unesp foi implantada, ávido por ciência, por pesquisa, por tudo que uma instituição oferecia, todos professores jovens e em busca da titulação.

Isso aí a gente sabe quando ocorre a titulação. É um período de grande produtividade. O professor volta da pós-graduação com gana, um gás, com força, com vontade. E foi o que aconteceu na Faculdade de Ciências. Todo mundo com muito, com muita gana, com muita vontade de produzir.

[...]

E a Unesp conseguiu também muita coisa e construiu vários laboratórios didáticos. Os laboratórios de biologia, que é onde eu dava aula de microbiologia, que inicialmente eram extremamente acanhados e pequenos, hoje a gente tem laboratórios grandes, muito bem equipados. Tudo isso foi obtido com a vinda da Unesp, com a ida da Faculdade de Ciências para a Unesp. (Entrevista com Olavo Speranza de Arruda, em 6/5/2025)

O foco novo na pesquisa proporcionou também outra consequência, a busca pelos departamentos de condições apropriadas para se fazer pesquisa. Isto é, infraestrutura de laboratórios e equipamentos, frequentemente com verbas conseguidas pelos próprios professores em seus projetos de pesquisa junto às agências de fomento, como a Fapesp, CNPq, Capes e Finep.

Não foram somente os professores, os servidores técnico-administrativos também tiveram que se adaptar à realidade de fazer parte da Unesp. Até então, vários dos serviços administrativos eram compartilhados pelas três unidades do campus de Bauru. Agora, os servidores técnico-administrativos, às vezes, tiveram que mudar de incumbências funcionais ao serem designados especificamente para apenas uma das faculdades, como narra Margareth Aparecida Caniati Escalante⁴³:

Então, de digitadora eu passei para telefonista, recepcionista, secretária, porque a gente teve que se adaptar, né? Não tinha mais como fazer serviço

⁴³ Margareth Aparecida Caniati Escalante começou a trabalhar na Fundação Educacional de Bauru, em 1978, como digitadora. Exerceu outras funções ao longo do tempo como telefonista, recepcionista, secretária. Atualmente, é secretária da Diretoria Técnica de Informática da Faculdade de Ciências.

de digitação, então vamos fazer outro serviço. (Entrevista com Margareth Aparecida Caniati Escalante, em 2/4/2025)

Em tempos mais recentes, Mayara Frenhe⁴⁴ descreveu como esse dinamismo se tornou uma das características da agilidade e adaptação contínua do corpo funcional da Faculdade de Ciências. É trabalho de equipe desenvolvido com afinco desde antes da incorporação pela Unesp, que se mantém até hoje:

O que me dá mais alegria também é quando chega no final do ano e a gente fala: vencemos, combati o bom combate, vencemos. Tudo o que nós podíamos fazer, a gente fez e demos o nosso melhor, com certeza. Todo mundo trabalha muito. Toda, toda a equipe da área administrativa. (Entrevista com Mayara Frenhe, em 22/5/2025)

Os equipamentos utilizados na Faculdade de Ciências pelos docentes e pelos servidores técnico-administrativos puderam ser modernizados de maneira mais eficiente após a incorporação pela Unesp, como expôs Mitsuo Katsuki:

Em termos de avanço tecnológico, foi bem mais rápido com a Unesp, porque os projetos de pesquisa eram financiados por órgãos como a Fapesp e Capes. Então, tinha bastante recurso. Na época da Universidade de Bauru, não tinha. O recurso era da própria Fundação. Então, era um tempo maior que demorava o investimento, era muito mais lento. (Entrevista com Mitsuo Katsuki, em 28/3/2025)

É apropriado destacar que, no final do século 20, a Faculdade de Ciências e a Unesp cresceram em impacto social na região de Bauru, mesmo fora da comunidade de seus alunos, professores e servidores técnico-administrativos. Na década de 1990, com o neoliberalismo dos anos Collor e Fernando Henrique Cardoso privatizando as estatais brasileiras, as ferrovias também foram privatizadas. Sob administração privada, deixaram de atuar em Bauru. Nesse momento decisivo, a Unesp se consolidou como uma geradora de renda importante para a região, como ressaltado por Geraldo Antônio Bérghamo:

O governo Collor começou a implantação do neoliberalismo. Na sequência, Fernando Henrique e toda aquela privatização. Privatizou Telesp, privatizou

⁴⁴ Mayara Frenhe tem graduação em Química pela Unesp, MBA em Contabilidade e Finanças e em Gestão Pública. Em 2011, ingressou na Unesp como servidora e, atualmente, é Diretora Técnica de Divisão da Faculdade de Ciências.

as ferrovias, privatizou a CPFL, a CESP. Então, o montante significativo de recursos públicos que vinham para a cidade de Bauru e movimentava a economia da cidade foram cortados. Bauru passou por uma pobreza vista a olho nu nas ruas. Ficou com os salários. E os salários que nós tivemos são esses, foram os salários que nós tínhamos na Fundação. Mesmo assim, coisa nada, a se comparar com os quadros técnicos superiores, da Telesp, da CESP, das ferrovias e assim por diante. (Entrevista com Geraldo Antônio Bérghamo, em 21/5/2025)

José Munhoz Fernandes, ao analisar o impacto da incorporação da Universidade de Bauru pela Unesp, descreveu algo semelhante, embora também demonstre alguma nostalgia dos tempos singelos anteriores:

Enquanto Fundação ou Universidade de Bauru, nós tínhamos um impacto, eu diria que um impacto relativamente importante. Porém, quando a Unesp chegou, em 1988, e, principalmente, a partir de 1989, com a expansão de cursos e tudo mais, de vagas, eu diria que duplicou a quantidade de alunos aqui, se é que não triplicou a quantidade de alunos que nós tínhamos e, conseqüentemente, também nós duplicamos o número de funcionários e o número de professores.

Em todos os campi, não só Bauru. Porque muda completamente a configuração de uma cidade. Numa cidade tida hoje como uma cidade de estudante. Você imagina de 2.000 ir para 5.000, 6.000 alunos. Só no caso da Unesp quando ela chegou. Então, questões de imóveis, restaurantes, lanchonetes e transporte. Ou seja, impactou em tudo. Antes da Unesp, como eu disse, era uma estrutura muito pequena. Nós tínhamos uma centena e pouco de pessoas convivendo. Então você conhecia as pessoas pelo nome. Na época, bedéis passavam a lista de presença. O falecido e saudoso Ademar, por exemplo, um deles, sabia de cabeça o Registro Acadêmico [RA] dos alunos, de boa parte dos alunos. Eles passavam as listas nas mesmas salas e tal. Ele sabia o RA praticamente da sala inteira. Então, era muito interessante nesse aspecto. Era tudo próximo. Nós tínhamos no final de ano uma confraternização. Então, todos se reuniam. Porque era um ambiente pequeno, ambiente menor, mais simples, mais enxuto. Depois, com a universidade, é claro, a população aumentou muito. Eu não saberia precisar, mas eu diria que pelo menos triplicou. Então, aí, a convivência, é claro, ela se torna um pouquinho mais distante, porque também cresceu fisicamente. [...]

Quando a universidade chegou, e passados alguns meses que foi incorporada, tudo isso dentro do orçamento, você via assim, com alegria, o quanto que aquilo já representava em termos de crescimento, físico e também de pessoas. Porque você tinha mais gente, entrou mais pessoas, funcionários, professores. Você via os prédios começando a surgir, as salas de aulas começando a surgir. É uma realidade muito diferente. (Entrevista com José Munhoz Fernandes, em 20/3/2025)

Mas nem tudo foram flores depois da encampação pela Unesp. Como mencionado anteriormente, a mudança de foco, surgindo a Pesquisa como nova prioridade, esbarrou, inicialmente, com as dificuldades de inexistência de infraestrutura apropriada. Vários entrevistados destacaram essa precariedade inicial, como bem exemplificou Aguinaldo Robinson de Souza⁴⁵:

Eu estava fazendo doutorado na USP, em São Carlos. Lá é um instituto já bem estabelecido, com laboratórios, com sala de aulas adequadas, equipamentos também adequados. Então, quando eu vim para Bauru, em março de 1989, eu fiquei um pouco espantado porque já não tinha sala de aulas adequadas. É claro que eu falo isso uma visão de perspectiva. Naquela época, era adequada, sim, as condições, mas fazendo uma comparação de onde eu vim, nem que eu sou [proveniente] da Química de São Carlos, da USP, tinha mais equipamentos, tinha uma sala pra gente ficar. Então, quando eu cheguei aqui, por exemplo, o Departamento de Química e o Departamento de Física eram numa sala pouco maior que essa sala aqui [5 x 6 m de tamanho]. Então tinha lá as mesas das secretárias, todos os fichários e tinha três mesas para todos os docentes de Química e de Física. Então eu não tinha condição de ficar aqui [em Bauru]. Eu dava aula, eu fiquei aqui um tempo na casa da minha avó, que me comprou um microscópio. Eu ficava na casa dela. Então basicamente eu vinha para a Unesp e dava aula, não tinha lugar onde ficar e voltava, né, porque só tinha essa salinha ali. Reunia, tinha uns 30 professores. Não cabia naquela sala. Então tinha um revezamento. Foi nessas condições que nós viemos para cá. (Entrevista com Aguinaldo Robinson de Souza, em 28/4/2025)

Mesmo assim, o corpo docente da Faculdade de Ciências não esmoreceu. Se a Pesquisa é um dos tripés da vida universitária, os professores buscaram sanar essa precariedade lutando por melhorias e dando passos à frente das próprias capacidades individuais. Como? Trabalhando em grupo, coletivamente. Isso ocorreu quando formularam e implantaram inéditos e audaciosos programas de pós-graduação na Faculdade de Ciências. Em uma parte posterior deste livro, nos dados institucionais de nossa faculdade, estão listados os nove atuais programas de pós-graduação *stricto sensu*. No intuito de exemplificar esse nascimento, vários

⁴⁵ Aguinaldo Robinson de Souza tem graduação em Química pela Unesp, doutorado em Química pela USP, pós-doutorado pela University of California e livre-docência pela Unesp. Docente do Departamento de Química, aposentou-se em 2023, mas continua como Professor Sênior na Unesp.

entrevistados mencionaram o pioneiro programa de pós-graduação em Educação para a Ciência, como abordou Roberto Nardi⁴⁶:

Foi aí que a gente criou, em 1997, a primeira turma de mestrado, com 20 alunos, 20 vagas e a primeira defesa foi em 99. Aí nós, como nós tínhamos iniciado com a nota mínima, porque era assim sempre na Capes, a gente logo em seguida passou para a nota quatro e pudemos criar o doutorado. [A pós-graduação em Educação para a Ciência], desde 1997, nós estamos indo para 28 anos, com 768 mestres e doutores atuando, na maioria, praticamente, em todos os Estados do Brasil, vários atuando na Colômbia. Nós tivemos um convênio para formar doutores para eles há 20 anos atrás. Têm alunos, nossos egressos, que criaram outros programas também, no México. Têm alunos no Canadá, Angola, China e agora, recentemente, nós vimos, constatamos ao fazer o relatório da Capes.

[...]

Assim que foram formados os primeiros mestres e doutores, nós começamos a criar a série *Educação para a Ciência*, que são livros dos grupos de pesquisa. Atualmente, nós temos 15 grupos de pesquisa que estão no programa em diversos campi da Unesp. Esses mestrados e doutorados apresentam os resultados das pesquisas concluídas nesses livros. (Entrevista com Roberto Nardi, em 3/4/2025)

Aguinaldo Robinson de Souza sintetizou três fatores a possibilitar o salto qualitativo em pesquisa ocorrido na Faculdade de Ciências. Mencionou também outro programa de pós-graduação pioneiro, o de Ciência e Tecnologia de Materiais. A fala dele exemplifica algo comum entre diversos outros entrevistados ao tratar do tema: o orgulho em participar nesses projetos coletivos e a satisfação com os seus resultados:

Eu acredito que, para essa elevação da qualidade das pesquisas realizadas aqui na Faculdade de Ciências, basicamente, três fatores são essenciais. Primeiro, o apoio institucional, que é muito importante. Não adianta você ter grandes ideias, se você não tem apoio institucional. Os outros são os docentes de qualidade, docentes que realmente “vistam a camisa” da Faculdade de Ciências e, terceiro, os alunos que compõem essa tríade. Na minha opinião, é o que realmente foi o responsável por essa elevação da qualidade das pesquisas realizadas aqui na Faculdade de Ciências e ainda são.

Outro programa também que eu ajudei na participação desde o início, foi na criação do Posmat, que é a Pós-graduação em Ciência e Tecnologia de

⁴⁶ Roberto Nardi é graduado em Física pela Faculdade de Ciências, sendo aluno de sua primeira turma. Tem doutorado em Educação pela USP, pós-doutorado pela Unicamp e é livre-docente pela Unesp. Docente do Departamento de Educação, aposentou-se na Unesp em 2024, mas continua como Professor Sênior.

Materiais. Que é o intercâmpus. Começou com Bauru e Botucatu e em outros campi, e hoje em dia está espalhada pela Unesp inteira. É um programa de excelência.

[...]

A Faculdade de Ciências, ela vinha quase que a reboque da Faculdade Engenharia. Depois, com a chegada de outros docentes, a Faculdade de Ciências começou a crescer bastante. Hoje em dia, é a faculdade que mais arrecada dinheiro em órgãos de fomento, tem a maior produtividade também. O câmpus de Bauru, vamos falar um pouco. Durante quase dez anos, tudo o que dava errado na Unesp é porque tinha encampado Bauru. Hoje, nós ficamos em segundo ou terceiro lugar entre os campi mais produtivos da Unesp, comparados com grandes campi aí que já são muito antigos, como a Unesp de Botucatu. (Entrevista com Aguinaldo Robinson de Souza, em 28/4/2025)

Nesse processo, alguns dos entrevistados mencionaram a importância de José Misael Ferreira do Vale⁴⁷, como diretor da Faculdade de Ciências, a apoiar esse novo rumo.

José Brás Barreto de Oliveira⁴⁸ narrou como o envolvimento da Faculdade de Ciências na pós-graduação gerou maior colaboração com outras unidades da Unesp:

[Como] nos concursos após a encampação, quase a totalidade do pessoal que veio trabalhar era da área de Física de Materiais, a grande maioria oriundos de São Carlos. Ou da UFSCar ou da USP, ou também da Unicamp. Então, tínhamos uma forte participação na área de Física de Materiais, por isso que, naturalmente, o Programa de Pós-graduação foi constituído na área de Física e Ciência dos Materiais e tivemos a provação junto à Capes durante a minha gestão. O professor Macário era o reitor na época, antes de assumir a reitoria ele era pró-reitor de pesquisa. Antes dele, nós não tínhamos a Pró-reitoria de Pesquisa, era Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa. Aí foi criada a Pró-reitoria de Pesquisa, na gestão do professor Macário e ele era um apoiador. Nós conseguimos um apoio da pós-graduação do Instituto de Química de Araraquara, que era coordenado, inclusive, na época, pela professora Maysa, que hoje é reitora da Unesp, depois foi diretora e fomos contemporâneos durante um período na diretoria e como coordenadora da pós-graduação. Eles nos apoiaram, por exemplo, facilitando a participação de alguns professores deles na gênese do Programa de Pós-graduação em Materiais, numa modalidade interunidades. O professor Macário era apoiador dessa

⁴⁷ José Misael Ferreira do Vale tem graduação em Filosofia pela USP e doutorado em Educação pela PUC. Ingressou, em 1988, como docente na Unesp e foi Diretor da Faculdade de Ciências, de 1997 a 2001. Ele faleceu em 2023. Recuperou-se o áudio de sua entrevista dada à TV Unesp em 2019, quando das comemorações dos 50 anos da Faculdade de Ciências. Essa entrevista pode ser ouvida usando [link](https://hospeda.fc.unesp.br/~macioniro.celeste/macioniro/TV_Unesp/Jose_Misael_Ferreira_do_Vale.mp3) https://hospeda.fc.unesp.br/~macioniro.celeste/macioniro/TV_Unesp/Jose_Misael_Ferreira_do_Vale.mp3

⁴⁸ José Brás Barreto de Oliveira tem graduação em Física pela Universidade Federal de São Carlos, doutorado em Física pela Unicamp e pós-doutorado na University of Sheffield, na Grã-Bretanha. Iniciou a carreira docente na Unesp, em 1989, onde permanece até os dias atuais.

ideia de que nós pudéssemos juntar competências por falta de massa crítica forte para fazer um Programa sozinhos aqui na unidade. Tivemos o apoio de Araraquara, professores de Presidente Prudente e depois de outras unidades. Hoje, o Programa funciona com participação de várias unidades, Sorocaba, por exemplo, que se fortaleceu depois. [...] Hoje, nós temos alunos em várias partes do mundo e em várias universidades brasileiras ou fora do país também atuando, trabalhando. Então, quando estamos fazendo, não percebemos o impacto, mas quando olhamos para a trajetória, vemos os resultados, vemos que tem muita coisa, muito impacto positivo. (Entrevista com José Brás Barreto de Oliveira, em 12/5/2025)

Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues⁴⁹ sintetizou a trajetória e a importância da pós-graduação na Faculdade de Ciências:

Quando nós começamos a nossa pós-graduação, só tinha uma de Educação para a Ciência. Quando você abre a página dos cursos de pós-graduação da Faculdade de Ciências, a gente tem uns oito, nove lá. Isso é um crescimento maravilhoso, porque uma faculdade pública, uma universidade pública, ela não é só dar aula, formar o graduando. Ela tem que formar pesquisadores, ela tem que formar docentes ativos, que vão produzir um conhecimento, não só dar aula. Nós estamos muito mais preocupados com o que está sendo produzido de ponta, do que os livros que ficam na estante, que alguns já há muito ultrapassados. Então, essa é uma tônica aqui que cresceu muito na Faculdade de Ciências. (Entrevista com Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, em 26/3/2025)

Carlos Frederico de Oliveira Graeff⁵⁰ também analisou o papel primordial da pós-graduação para a consolidação da Pesquisa na Faculdade de Ciências e na Unesp como um todo:

Uma ideia que o professor [Marcos] Macari teve quando era pró-reitor de pós-graduação é que a Unesp, por ser muito fragmentada, tendo vários câmpus, poderia formar programas de pós-graduação fortes e interunidades. E deu certo. Acho que a ideia dele se mostrou exata. Então, outros programas [além do Posmat] vieram e todos, hoje em dia, mostram que são muito fortes. E a própria Capes, logo em seguida, lançou também programas inter, agora interinstitucionais que nem o Profmat, que foram programas que eles entenderam que realmente era para ter, às vezes, um programa mais consolidado, mais forte, mais robusto. É importante não ficar preso só àquele grupo de pesquisadores e docentes de uma unidade.

⁴⁹ Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues é graduada em Psicologia pela Fundação Educacional de Bauru, doutora em Psicologia Experimental pela USP e livre-docente pela Unesp. Iniciou sua carreira como docente do curso de Psicologia na Fundação Educacional de Bauru. Hoje, está aposentada, mas continua exercendo a docência no Programa de Pós-graduação do Departamento de Psicologia.

⁵⁰ Carlos Frederico de Oliveira Graeff tem graduação e doutorado em Física pela Unicamp, pós-doutorado pela Technische Universität München (Alemanha) e livre-docência pela USP. Foi docente na USP e, em 2006, ingressou na Unesp, onde atua até hoje.

[...]

Quando eu cheguei aqui, eram pouquíssimos programas de pós-graduação, agora existem inúmeros programas. E programas consolidados, com notas altas. Então, este eu acho que talvez tenha sido o aspecto que me chama mais atenção. É como que a pesquisa e pós-graduação evoluíram aqui muito, muito. [...] Eu acho que qualquer unidade fica completa na hora em que ela tem os programas de pós-graduação, porque, no fundo, para você fazer pesquisa, você precisa dos alunos de pós-graduação na universidade. Então, enquanto uma unidade não tem pós-graduação, fica muito restrita no potencial que ela tem de desenvolvimento. (Entrevista com Carlos Frederico de Oliveira Graeff, em 26/6/2025)

Provavelmente, a atuação da Faculdade de Ciências em seus programas de pós-graduação, frequentemente envolvendo outras unidades e câmpus da Unesp, tenha sido um dos principais fatores da chegada à sua maturidade atual. A pós-graduação nunca é somente local. Ela envolve muitos pesquisadores de fora da própria unidade, quer seja da Unesp ou de outras universidades. Isso proporcionou à Faculdade de Ciências musculatura acadêmica para se situar humildemente, lado a lado, com outras instituições científicas brasileiras e internacionais.

7 – A Faculdade de Ciências e suas relações com as comunidades interna e externa

Uma das principais contribuições da Faculdade de Ciências, em seus tempos de Fundação Educacional de Bauru e da Universidade de Bauru, foi de oferecer formação profissional, por meio de cursos de graduação, nas áreas de humanas, biológicas e exatas. O ensino de qualidade se mantém até os dias atuais e, com a incorporação da UB pela Unesp, a FC somente cresceu, intensificando seu trabalho na pós-graduação, na produção científica e nas ações de extensão universitária, tornando-se uma unidade universitária de referência dentro e fora da Unesp.

A Faculdade de Ciências, desde sua criação até à atualidade, tem estabelecido intensas e contínuas relações com a comunidade externa e com sua comunidade unespiana. Essas relações acontecem em campos de estágios, nas prestações de serviços, nos programas e projetos de pesquisa e de extensão universitária, na composição e representação em colegiados locais e centrais.

Neste capítulo, a partir das muitas vozes (ouvidas e registradas) trataremos de algumas relações da Faculdade de Ciências com a comunidade. Nas vozes de servidores docentes/pesquisadores, técnicos e administrativos e de estudantes apresentaremos algumas, das muitas histórias e cenários que vem compondo o desenvolvimento dessa unidade universitária.

Em relação aos estágios, muitos dos estudantes vêm realizando-os em instituições públicas e privadas de Bauru e ampla região e, em alguns casos, em regiões mais distantes, das quais os estudantes são oriundos. No curso de Psicologia, o professor Luiz Carlos Canêo⁵¹ destaca os estágios realizados na área de Psicologia do Trabalho e sua importância tanto na formação dos psicólogos quanto para a saúde

⁵¹ Luiz Carlos Canêo tem graduação em Psicologia pela Fundação Educacional de Bauru, é doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Iniciou sua carreira como docente da Unesp, em 1986, e hoje está aposentado.

dos trabalhadores de Bauru e região, abrindo espaço para esses estágios em importantes instituições.

Erroneamente se pensava, muitas vezes, que esses estagiários estariam só em empresas capitalistas, não, estavam em hospitais, estavam em asilos, estavam em hospital psiquiátrico, estavam em banco, estavam na indústria, estavam no comércio. Quer dizer, onde eu percebia que tinha um espaço e tinha condições de trabalho que eram por nós permitidas, eu entrava com plano de trabalho. [...] Os alunos tinham um plano de estágio para olhar para organização com olhos de aprendiz, mas com a supervisão do profissional que era eu. Eu ia para a empresa muitas vezes olhar com eles [...] o que poderia trazer de risco à saúde física e mental desse trabalhador. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

Já a professora Rosa Maria Fernandes Scalvi, que se graduou no curso de Licenciatura em Física, nos anos 1980, teve a oportunidade de estagiar na própria Faculdade de Ciências, nos laboratórios do departamento de Física, e isso a auxiliava a se manter no curso.

Então, durante toda a minha licenciatura em Física, eu fiquei como estagiária dos laboratórios. [...] Eu montava os experimentos, preparava as aulas dos professores de Física Experimental. Aquilo foi um diferencial na minha vida. [...] Trabalhava praticamente de graça, ganhava para pagar o circular, para vir para a universidade. [...] saía da minha casa 7 h, voltava onze meia, meia-noite. Período muito bom que eu tenho muito a agradecer aos professores que estavam comigo naquela época: professora Neusa, professora Valquíria, professora Ayako Okada, professor Willi, professor Paulo Freitas, professora Lydia (Neusa Maria Bataglini, Ayako Okada, Aparecida Valquíria Pereira da Silva, Prof. Willi Johann Gottlob e Paulo de Freitas e Lydia Savastano Ribeiro Ruiz). (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Alguns estágios acabavam por levar a projetos ou atividades de extensão universitária também. E é nessa frente, a da extensão universitária, que a Faculdade de Ciências tem um grande destaque dentre as diferentes unidades da Unesp e muitos professores a ela se dedicaram com muita garra e seriedade e vinculando o ensino-pesquisa-extensão, considerado o tripé da universidade.

Eu me lembro que, quando falou extensão, eu brilhei por dentro. [...] E, sendo muito sincero, a minha paixão sempre foi o ensino e a extensão, a pesquisa eu gostava, gosto até hoje de fazer, mas se eu pudesse hierarquizar, ela vinha em terceiro plano. [...] Eu vivia o tempo todo aqui, não por obrigação de carga horária, mas porque eu queria pensar em projeto de extensão, que é

uma coisa que eu gostava. [...] Então, o meu grande legado, se eu posso chamar assim, foi fazer muita extensão, extensão internamente para o câmpus e extensão lá fora. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

Os projetos que eu mais me dediquei na Unesp foram os de extensão, trabalhei na pesquisa, mas aqueles que me encantavam, que me seduziam, foram os projetos de extensão junto com os alunos de graduação ligados à Astronomia. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Se você realiza um ensino de qualidade, tem uma pesquisa de qualidade, você pode oferecer para a sociedade um produto de qualidade, uma extensão de qualidade. Na minha opinião, não existe extensão sem pesquisa em ensino. Tanto que tem esse tripé ensino-pesquisa-extensão. (Entrevista com Aguinaldo Robinson de Souza, em 28/4/2025)

Em relação aos projetos, cursos e eventos extensionistas, destacamos a narrativa do professor João Gualberto Pires em relação à Escolinha de Futebol como projeto de Extensão da Educação Física na década de 1980, que atendia a população dos bairros no entorno do câmpus e de outros mais bairros mais afastados:

Aqui na Unesp, eu não sei se continuam a fazer um trabalho de extensão à comunidade, eu fiz de 1992 a 2002, 10 anos. Na nossa praça de esportes, eu fazia escolinha de futebol, porque o sonho do garoto é ser jogador de futebol. Era aberto à comunidade, aqui tem o Jardim Niceia, aqui pertinho, têm os bairros Geisel e Redentor. Era uma média de 120 a 140 garotos, sábado e domingo jogando bola. Dividíamos o espaço, fazíamos três campos, usávamos até o espaço lateral atrás do gol. Era o nosso Laboratório de Motricidade Humana. Dávamos aula teórica na prática, explicando os objetivos, o que se pretendia entre o aspecto físico, técnico, tático, entre a formação, entre a especialidade do futebol e púnhamos esses garotos que faziam disciplina na época, eles me acompanhavam no projeto. Então, separava por grupos, pegava um grupinho de aluno de 7 a 8 anos, você vai trabalhar com esse grupo, você vai trabalhar com 9, 10, esse grupo, você vai fazer assim, assado esse daqui, acrescenta isso, 11 e 12, isso, 13, 14, 15 anos em diante, oficial. [...] Até 10 anos, 11, 12 anos, esquece aspecto tático, vamos só ver o físico e o técnico. [...] A criança aprende brincando. [...] dos 11 anos em diante é que você começa a aperfeiçoar os fundamentos do jogo, isso em qualquer esporte. E aí, 14 anos, noção das funções dentro do esquema adotado. [...] Eu criei um ambiente muito bom. Eu senti bastante e principalmente esse trabalho de extensão à comunidade que eu fazia. Então vinha gente de todo lugar, vinha gente de lá da vila Dutra, lá de longe, pegava dois ônibus. (Entrevista com João Gualberto Pires, em 29/4/2025)

Além disso, o professor João Gualberto Pires destaca o papel social dos projetos de extensão universitária, incluindo ação em questões de responsabilidade coletiva e higiene pessoal:

Interessante é que, no começo, começou a sumir no vestiário o passe, algum dinheiro, algum trocado que o garoto levava. Eu reunia a garotada: “Você olha, se some até chinelo, qualquer coisa que sumir daqui para frente vai acabar a escolinha, não venho mais. Então, depende de vocês ajudarem a tomar conta. Se vir qualquer coisa errada, não deixa, porque senão eu vou parar e enquanto não tiver sumindo nada, vocês estiverem me respeitando e respeitando os colegas, vocês têm escolinha de futebol sempre”. Acabou. [...] Eu trazia uma tesourinha de unha, um trim. Eu punha a turma na fileira, eu cortava a unha, porque isso é anti-higiênico, a sujeira embaixo da unha. Aí você vai pegar no pão... Isso faz mal para saúde. Você não vai ser jogador de bola. Levava sabão de coco. Era higiênico, unha cortada e vai tomar banho, lavar a cabeça com sabão de sabão de coco. A noção de higiene, dava oportunidade. (Entrevista com João Gualberto Pires, em 29/4/2025)

O professor Canêo também aborda projetos de extensão realizados juntos à Faculdade de Ciências e sua busca por uma Psicologia que pudesse atender à população menos elitista e que poderia pagar por uma terapia.

Nesse período, veja, muito no começo de Unesp, aqui, 1988, 1989, eu fui ficando cada vez mais interessado pela extensão, porque era a Psicologia posta a serviço de quem não teria condições de ter contato com a Psicologia. E, a partir disso, eu fui entrando em contato com o CRP (Conselho Regional de Psicologia), que foi um grande parceiro. Com essas experiências de estágio, a gente lançou um livro pelo CRP São Paulo, sobre o que pode fazer o psicólogo do trabalho. Lançamos o livro em São Paulo e aí esgotou a primeira edição, foi o CRP que bancou. Percebe a estratégia? Precisava envolver um órgão da categoria, porque isso circulou no Brasil inteiro através dos jornais. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

Segundo o professor Canêo, esse conhecimento produzido e divulgado na forma de livro, carecia de ser acessível à população local e regional. Então, em uma ação de popularização da Ciência, passou-se a publicar, semanalmente, em uma coluna em um jornal local, as ideias que estavam no livro. Desse modo, houve uma maior compreensão do papel do psicólogo em relação à saúde do trabalhador e tabus relativos ao tratamento psicológico puderam ser desmistificados, ressaltando a relevância da extensão universitária.

Aí fizemos parceria com o *Jornal da Cidade*, porque era um jornal forte em Bauru, que tinha uma coluna dominical chamada Recurso Humanos. Conversando com o gerente do jornal, expliquei o projeto, ele concordou e passou a publicar, semanalmente, aos domingos, um desses artigos que estava no livro que a gente transformou para uma linguagem jornalística e foi um sucesso por Bauru e região. Lia-se muito esse jornal, [as pessoas tiveram acesso] às informações e começaram a ligar. “Será que podem começar a estagiar aqui”? Então, o que eu fui vendo, eu estava correto, a extensão traz cúmplices, a extensão faz com que se saiba o que a gente faz. A pesquisa é importante, lógico, mas por um outro nicho, para criar intercâmbio com universidades locais, internacionais. Mas no dia a dia, o “arroz com feijão”, uma extensão mostra e vai criando cumplicidade com o curso, vai desmistificando aqueles tabus que a gente tinha de que psicólogo era para louco. Eles iam vendo que o trabalhador que adoecia mentalmente por depressão talvez não adoecesse mais. Então, para o empregador, a gente tinha essa perspectiva de convencimento: “Para você, é um custo menor com a saúde ter o trabalhador saudável”. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

Ainda sobre as contribuições da Faculdade de Ciências, destacamos a relevância do Centro de Psicologia Aplicada (CPA), tanto por seu papel na formação dos psicólogos em nível de graduação e pós-graduação, quanto pelos serviços e atendimentos prestados às comunidades externa e interna da Faculdade de Ciências, desde sua criação, nos anos 1970. A professora Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues relembra as mudanças pelas quais o CPA passou ao longo de sua história.

Na verdade, todo o curso de Psicologia tem que ter um Centro que atenda e que dê oportunidade para os alunos exercerem a prática, é Lei. [...] Então, desde a primeira turma da faculdade de 1973, o CPA existe. [...] Numa determinada época, ele funcionava no bairro da Falcão, junto com a Faculdade. Aí, no mandato do professor Tuga [José Gualberto Tuga Martins Angerami, prefeito de Bauru entre novembro 1983 e dezembro 1988], ele tinha como ideal que o CPA participasse mais ativamente das políticas públicas do município. Aí houve uma junção do CPA com o serviço de saúde da prefeitura e aí nós saímos do câmpus e fomos para onde era o pronto socorro, ali do lado da Santa Casa. O casamento não deu muito certo. Três anos depois, nós não tínhamos mais espaço. Aí já havia mudança da universidade para o novo câmpus, a Engenharia já estava aqui, os cursos começaram a migrar para cá, não cabia mais lá e aqui tinha um espaço a ser ocupado. A gente não tinha mais espaço lá e não tinha nenhum espaço aqui, porque aqui tudo teria que ser construído, não tinha nada. Aí foi alugado uma casa no centro da cidade onde o CPA funcionou provisoriamente, em condições bastante precárias. (Entrevista com Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, em 26/3/2025)

Sobre a construção e estruturação do atual prédio do CPA dentro do câmpus da Unesp de Bauru, contando com recursos da reitoria e da Fapesp, os professores Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues e Luiz Carlos Canêo destacam:

Do CPA eu participei da criação. [...] participei do grupo que sentou para conversar como seria o CPA. Desde a questão física, que era o sonho, pensamos na sala de supervisão, pensamos na brinquedoteca para as crianças, o tanque de areia para as crianças brincarem, um parquinho do lado do CPA. Foi muito emocionante ter participado de tudo aquilo e mais emocionante quando foi dito: “Ele vai ser feito”. E a gente dizia assim: “Mas será quando?” Foi muito rapidinho. [...] antes desse prédio nós tínhamos prédios alugado na cidade. [...] Ficou um show de prédio, só que rapidamente ficou pequeno, porque a demanda começou a chegar. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

Aí conseguimos a construção do e agora acabou de ser reformado. Eu era supervisora do CPA quando ficou pronto o prédio no câmpus, ficou pronto exatamente na transição, na mudança de reitor. O reitor que estava, correu, inaugurou e entregou, porém, sem nada. [...] Durante a campanha do professor Antônio Manuel, ele visitou o CPA que funcionava em um prédio na cidade, tinha dado uma chuva enorme, alagando uma brinquedoteca que nós criamos lá e ele viu. Eu fui, mostrei as condições nas quais a gente trabalhava, que eram precárias, e ele ganhou as eleições para a reitoria. E eu peguei e escrevi uma carta para ele, o professor Jehud era o diretor, eu falei ao professor Jehud: “Ele veio aqui e ele conheceu. Será que ele não ajuda a gente?” Aí mandei a carta e o professor Jehud veio com a resposta: “Ele vai mandar uma verba para o CPA”. [...] Vieram recursos para a brinquedoteca e para alguns armários. Na época, a Fapesp tinha uma verba para um edital de infraestrutura e [...] eu não tinha nenhuma experiência de projeto de Fapesp, muito menos de infraestrutura, e eles estavam fazendo um projeto para a biblioteca. Aí o professor Jehud me chamou e falou: “Você topa fazer um projeto para o CPA”? E quem ajudou muito nessa fase foi o professor Aguinaldo [Robinson de Souza], da Química, que não tem nada a ver com o CPA, mas sabia sobre os trâmites da Fapesp e me ajudou a fazer o projeto. A gente fez o projeto e o CPA foi montado, muito bem montado na época, com esse dinheiro da Fapesp. (Entrevista com Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, em 26/3/2025)

Sobre o funcionamento do CPA, a professora Olga narra sobre seu alcance, para além de ser uma clínica:

No CPA, pode acontecer toda e qualquer prática de Psicologia. Então, acontece a prática clínica, especificamente, ela é o atendimento mais forte e lá acontecem todas as supervisões. Mas, por exemplo, se um professor de Psicologia Social, ao invés de fazer o grupo de atendimento, o projeto dele no Centro de Saúde, ele pode fazer no CPA. O CPA abarca treinamento da

área de organizacional, foi lá um tempo, depois eles conseguiram um espaço, já que junto estão fazendo um trabalho com funcionários aqui do câmpus. O CPA cresceu muito e ele atende não só a comunidade externa, fortemente a comunidade externa, mas ele também atende alunos. Tem um psicólogo que atende somente alunos e de todos os cursos. Isso é importante. Também tem atendimentos para funcionários. (Entrevista com Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, em 26/3/2025)

As atividades de gestão do CPA e sua ampliação são narradas pelo professor Canêo:

Aí eu fui para a parte de gestão, eu fiquei até 2001. [...] No CPA, eu fiquei sete anos. Entrei com essa perspectiva de ampliar atendimento: por exemplo, o CPA fechava para o almoço, não abria aos sábados e, como eu tinha esse grupo de desempregados, eu fui entendendo que, para pessoas com esse tipo de necessidade [...], eram pessoas que não tinham acesso nunca ao CPA, porque estava fechado. Então, quando começou a abrir à noite, demandas dessa natureza puderam ser atendidas. E o sábado também foi muito bacana. Detalhes assim que, digamos, aparentemente insignificantes de mudanças, nós não tínhamos um ponto de ônibus que parasse próximo à avenida do CPA, até que o nosso vigia disse assim: “Professor Caneio, será que a gente não pode pedir para trocar o ponto de ônibus”? E conseguimos trocar, as mães com bebês em dias de chuva, era muito mais rápido. Então, essa minha vivência organizacional me ajudou muito no CPA. Adequamos o prédio no sentido assim, fecho aqui, abre ali, para ter condições de trabalho mais adequadas. Foi muito interessante. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

Para além dos projetos desenvolvidos no CPA, a professora Olga enfatiza o papel do atendimento da clínica do CPA e sua relação com a comunidade.

Bauru tem seis faculdades de Psicologia e todas têm clínica. Isso é bom para a população, porque todos nós precisamos da população para a formação dos nossos alunos. [...] Se não tem o pessoal que procura o serviço, nós não temos como oferecer a prática clínica para os nossos alunos. É diferente do professor de Organizacional procurar as indústrias, as empresas da cidade de Bauru e oferecer o serviço. O nosso é mais complicado, nós precisamos que a população venha e a população vem. Nós temos fila de espera e nós garantimos o atendimento, se não para todos, porque muitas vezes é impossível. (Entrevista com Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, em 26/3/2025)

O professor Canêo também destaca atividades desenvolvidas no CPA para atender as demandas dos bauruenses, em particular, pessoas que estavam desempregadas e em busca de uma oportunidade.

E outros tantos projetos de extensão. Um gosto que eu tinha um carinho absurdo por ele era desenvolvido com as agências de emprego pela cidade. A gente passava época de crise e havia aquela fila de desempregados. E eu sempre gostei de gente, de entender a cabeça de pessoas, nem que fosse um pouquinho. Eu parava o carro, às vezes voltava a pé, encostava num canto e tentava entender aquelas pessoas paradas na fila. E sempre tinha alguém que mexia com a minha atenção, ou por causa de um olhar triste, ou porque estava cabisbaixo e eu supunha o que vocês estavam sentindo. A dor do desemprego. Aí nasceu um projeto chamado Pompt, com m: Programa de Orientação para o Mercado de Trabalho. Fui com meus estagiários para a fila de algumas agências de emprego, convidando-os para vir para o CPA, que é o Centro de Psicologia Aplicada nosso, para que eles passassem por um processo de reciclagem, para entender a dor do desemprego, ressignificar aquela dor. Esse era o objetivo do projeto, para que eles pudessem entender que não necessariamente eles eram os culpados por estarem desempregados, que tinha uma conjuntura mais ampla, outros determinantes que colaboravam com o desemprego. Então veja, a preocupação minha era com saúde mental. Foi um sucesso. Nós tínhamos o passe que a gente oferecia para eles poderem vir aqui. E, por muitos anos, ele funcionou. É esse nome Pomte, veja aqui não é ponte com n, é ponte com M, por ter essa sigla Programa de Orientação para o Mercado de Trabalho, a ideia que eles atravessariam uma ponte da situação atual para uma outra situação, era um programa de 30 horas de duração, toda semana, onde, no primeiro momento, eles falavam da tristeza do desemprego. Nosso trabalho era ouvir todos para dizer que a gente respeita esse sentimento. Entretanto, tem outros determinantes, tem a conjuntura mundial, macroeconômica. Era bonito ver, era uma terapia de grupo: “Porque eu achei que era eu, todo mundo me culpabiliza dizendo que eu sou responsável, que eu não consigo, que eu não batalho. Eu saía toda semana de segunda a sexta de manhã, eu não sou vagabundo, acabou”. Foi de arrepiar, é lindo. E a parte seguinte do projeto era a gente traçar, com cada um, estratégias de acordo com a necessidade de cada um. E depois de um mês, eles voltavam para relatar se conseguiram ou não. Primeiro momento, quando fui ver a lista das pessoas que deveriam voltar era um grupo de 20, era o máximo que a gente atendia por grupo, vários grupos. Tinha seis, sete pessoas para voltar, foi um fracasso, ninguém se interessou? Não, os outros justificaram para o CPA que estavam trabalhando, não poderiam vir naquele horário. Quer dizer, conseguiram emprego e aqueles que voltavam disseram: “Não consegui, vou mudar de Bauru”. E a gente trabalhava com eles e pedia para voltar daqui um mês, aí eles tinham falta. Então, esse projeto marcou muito. E para o CPA a gente foi mostrando que o Centro de Psicologia Aplicada não é um centro de terapia. O conceito que se tinha era que era um centro para atendimento de terapia, não era só para atender, era educacional, era para a área do trabalho, desempregado, bebê... (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

O CPA já atuou também de forma efetiva e colaborativa para atender demandas da sociedade bauruense em momentos muito delicados de saúde pública.

Com a narrativa da professora Olga, podemos ter uma melhor ideia da dimensão da contaminação por chumbo que ocorreu em uma região da cidade, atingindo muitas crianças, e do papel estratégico do CPA no início dos anos 2000 no acompanhamento dessas pessoas em seus tratamentos para diminuição das taxas de chumbo, em particular, as crianças.

Houve uma grande contaminação, essa contaminação já era histórica, por uma fábrica de bateria que não tinha os filtros nas chaminés e ela contaminou o ambiente. Conseqüentemente, contaminou pessoas, identificaram pela contaminação excessiva dos funcionários. Começou aí e foi ampliando. “Bom, se o funcionário está contaminado, e a família do funcionário que mora ali do lado?” Apareceu casos de crianças com alta contaminação de chumbo e isso virou uma questão importante na cidade. Aí um pessoal da USP, da Unesp de Botucatu e da Unesp de Bauru se juntou para fazer uma equipe para identificar os desdobramentos do chumbo na população infantil. [...] Um sintoma no trabalhador é a mão mole, ele perde a força. Isso é um sintoma do chumbo. Na criança, pode ter outros, porque ela pode acumular no cérebro também. E como ela é mais frágil, isso pode resultar em problema cognitivo, além dos problemas de saúde. Foram 326 crianças identificadas por exame de sangue pela Diretoria Regional de Saúde. Eles ficaram encarregados de fazer essa testagem, porque Bauru não fazia, coletava e ia para São Paulo. Em criança, o tolerável são dez microgramas de chumbo no sangue, e nós tivemos crianças com 90. E depois tem todo um tratamento que eles faziam no hospital para tirar esse chumbo do organismo da criança, elas ficavam internadas, os casos mais graves. A gente avaliou o desenvolvimento. Nós tínhamos um protocolo para avaliar crianças até seis anos de idade e outro para avaliar crianças de 7 a 12 anos de idade, porque muda, se você tem uma criança na idade escolar, é outro instrumento. Então, eles passavam por essa avaliação – [...] na Odonto, raspavam para ver se tinha chumbo no dente; os médicos faziam outra coisa e nós, no CPA, não atendemos lá no Centrinho, pois era tudo centralizado no Centrinho – a gente fez uma opção de atender as crianças no CPA. Por quê? Porque lá nós garantimos todas as condições para que a criança fosse bem avaliada, sem pressa. Nós avaliamos 306 das 326 crianças. [...] Uma das questões do chumbo é a presença de TDH e, lá na USP, o médico e o neurologista identificou 15 crianças com TDH. Nós identificamos três, porque lá ele vinha de ônibus, na perua, tinha lanche, tinha um monte de criança junto. Uma novidade. E lá tinha a pessoa vestida de branco, que dá injeção. Sabe aquela associação? No CPA, não tinha nada disso. Tinha uma brinquedoteca para eles esperarem, era onde tinha o lanche e pessoas. Cada um ia numa sala, garantindo privacidade, garantindo tranquilidade, pouco estímulo. Aí você observa a criança tal qual ela é, e não num ambiente onde é extremamente tumultuado. (Entrevista com Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, em 26/3/2025)

Por sua narrativa, percebemos como as atividades de extensão e pesquisa se conectam e o papel essencial do conhecimento produzido na universidade pública sendo crucial para nossa sociedade:

Nós fizemos o acompanhamento, porque, como você está numa universidade e foi uma catástrofe – a gente pode chamar isso de uma catástrofe –, ninguém cria uma catástrofe para estudar, você aproveita catástrofe para estudar e foi o que nós fizemos. Então, ali teve dissertação de mestrado, iniciação científica, dissertação, tese de doutorado. Não nossa, porque a gente não tinha, nós só tínhamos mestrado, na época, e mais uma aluna que fez mestrado com a gente, ela acompanhou 68 crianças que eram as mais contaminadas. Ela fez um estudo longitudinal, mesmo depois de eles terem feito esse tratamento para diminuir o chumbo, porque é um efeito que fica e a criança precisa ser estimulada. (Entrevista com Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, em 26/3/2025)

A professora Olga destaca o papel integrador de áreas, de diferentes campos do conhecimento, dentro da Faculdade de Ciências e destaca mais um projeto importante desenvolvido junto à comunidade de Bauru:

O CPA não é ligado ao Departamento de Psicologia, ele é ligado à Faculdade de Ciências. Então, ele também tem professores da Educação Física, da Educação e de outros cursos que estão desenvolvendo projetos lá. [...] Eu já trabalhei com a professora Vera [Lucia Messias Fialho Capellini] no Projeto Superdotados, que foi um projeto que, por conta do enriquecimento curricular, agregou uma quantidade muito grande de docentes de outros departamentos, como parceiros. As crianças iam no laboratório de Física, no laboratório de Engenharia, no laboratório de Biologia, isso é muito bom e tudo congregado pelo CPA. (Entrevista com Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, em 26/3/2025)

Já a professora Rosa traz em sua narrativa elementos para compreendermos a luta para a criação do Observatório de Astronomia – espaço marcante da presença da extensão universitária – vinculado ao Departamento de Física e com o apoio do IPMet, o qual, inclusive cedeu o espaço físico.

A criação do Observatório foi bastante motivadora não só para mim, como para muitos alunos. [...] Surgiu mais ou menos assim: em um campeonato de xadrez, para o qual levei o meu filho, conheci o Lionel Andriatto – que dá nome ao Observatório. [...] Ele trabalhava na TV Tem, era técnico de televisão, técnico em eletrônica, um excelente técnico em eletrônica, era a formação dele. [...] Ele é uma espécie de “professor Pardal” – os mais velhos leram o gibi do professor Pardal, o Lampadinha tinha o técnico dele lá, ele

inventava, ele tinha ideias fantásticas. [...] ele é um dos poucos construtores de telescópios do Brasil e ele ensinou tudo para a gente, do princípio ao fim, do básico até o mais avançado – para mim e para os alunos que trabalhavam juntos. Então, toda a parte prática de construção, de produção de telescópio, de espelho, tudo o Lionel é que nos ensinou. Ele não tinha vínculo com a universidade, o interesse dele era puramente pessoal. Ele só queria passar para frente o conhecimento que ele tinha e não ficar só com ele. Então, foi uma parceria que deu muito certo: a gente queria aprender, ele queria ensinar e os alunos muito empolgados. [...] A gente se conheceu por meio do professor que foi meu professor de xadrez, Edvaldo Diniz, que já faleceu, ele era professor no Bauru Tênis Clube, onde eu jogava. Então, a gente tinha esse amigo comum que nos apresentou. O Lionel tinha um desejo muito grande de implantar um observatório em Bauru, porque não tinha nada. Era zero em Astronomia. Em termos de cidade, ele já tinha tentado alguns caminhos e não teve êxito. Aí ele falou comigo e deu liga na hora, porque, quando eu ingressei no mestrado lá atrás, eu fiquei naquela dúvida se o meu desejo era Astronomia – mas Astronomia, na época, não apresentava uma possibilidade dentro da carreira docente –, então eu optei por Ciência de Materiais, que era o perfil do Departamento de Física, na época. [...] na graduação, eu não tive nada de Astronomia, então eu queria muito saber, vontade de conhecer. Então, quando surgiu a oportunidade de, junto com o Lionel, pensar num projeto maior de Astronomia de novo, “Vamos lá, sem medo”. [...] Eu não sabia nada de Astronomia, só minha curiosidade amadora, de ler. [...] Eu dava aula para Física, para a turma que ingressou em 2003 [...] e eles tinham me procurado: “Professora, a gente quer aprender Astronomia, não tem Astronomia no curso de Física. Como assim”? Aí surgiram esses alunos querendo eu e o Lionel, então a gente “casou” tudo e começamos a aprender Astronomia. Formamos grupos de estudo. [...] O Observatório começou, na prática, em 2005, com os grupos de estudo. [...] Aí já cadastrei na Proex, na Pró-reitoria de Extensão Universitária, como um grupo de estudos e começamos a estudar. A gente se reunia semanalmente com os estudantes, eu no mesmo nível de conhecimento. Ali era zero. Às vezes, a gente esbarrava em dificuldades, pedia ajuda para outros profissionais. Mas começou assim por nossa conta, do zero. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Figura 34 – Grupo de estudos de Astronomia



Fonte: Acervo pessoal da Professora Rosa Maria Fernandes Scalvi (alunos do curso de Física: Augusto Neto, Marcos Pinheiro, Marco Maria, Maycon, Alison, Tamara, Gustavo Iachel)

No entanto, o Observatório ainda não tinha um espaço físico específico no câmpus da Unesp de Bauru e a busca por esse espaço levou a professora Rosa a se aproximar do IPMet.

O Observatório passou a funcionar nas instalações do IPMet em 2007. Antes, o Observatório não existia, a gente andava pelo câmpus ou no quintal da minha casa. Eu já morava aqui em frente da Unesp e íamos lá à noite. Enfim, era bem amador, mas a gente atuava. [...] A gente queria um lugar para colocar em prática um observatório e aí a gente andava aqui pelo câmpus e procurava os lugares escuros para montar as lunetas, os telescópios, mas bem amador, sem muito apoio. [...] naquele momento, não tinha. [...] Então, a gente tentou criar esse Observatório, inicialmente dentro do câmpus, mas isso foi uma coisa, vamos dizer, não negativa, mas essa foi uma decepção minha, [...] mas a gente esbarrou no plano diretor da época, que não permitia que se tivesse construções fora [do que estava previsto nele]. Eu conversei com um, com outro, eu tinha os ânimos mais acirrados, eu ficava brava, mas daí já passava. [...] Como no câmpus não encontrei esse retorno de ter o Observatório, surgiu a ideia de eu ir lá no IPMet. Eu sabia que lá tinha um espaço físico grande. Eu não conhecia ninguém lá, mas fui lá, bati na porta: “Olha, queria montar um Observatório. Será que vocês vão ter um lugar para mim?” Não tinha dinheiro, não tinha nada, mas eu queria fazer um projeto para criar e eu fui muito bem recebida no IPMet pelo Acácio, Sebastião Acácio Marques da Silva, ele era o diretor administrativo – e pelo Carlinhos – que era meteorologista. Eles me acolheram ali e se encantaram com a ideia. E a gente então começou a batalhar pelo Observatório dentro instalações do IPMet. E deu muito certo. Tinha o prédio lá de lançamento de balões que estava desativado e eles me cederam. “Se você conseguir o dinheiro, pode

reformatar o prédio”. Depois de muita conversa: “Olha, pode reformatar o prédio e implantar o Observatório”. É onde ele está hoje em funcionamento, com o Rodolfo Langhi à frente da coordenação. Mas foi assim que começou. [...] Conseguimos reformatar o prédio do lançamento de balões com dinheiro do CNPq, projeto meu [para o edital] que abriu naquele ano. Foi mais uma coisa que deu certo, abriu naquele ano um edital para reforma e implantação de espaços de divulgação científica. Entramos lá com o projeto do Observatório. Acho que foram R\$ 84 mil, o valor, para reformatar, reforçar a laje e tudo mais. Então foi casado. Aí a gente começou a receber as escolas lá no IPMet, enquanto reformava o prédio, nós levávamos os alunos para o campo de futebol – tinha um campinho, lá no IPMet – e usávamos o auditório deles para receber os alunos. Então foi muito bom isso. O senhor Calheiros nos apoiou muito. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Figura 35 – Observatório Didático de Astronomia “Lionel José Andriatto”



Fonte: Acervo pessoal da Professora Rosa Maria Fernandes Scalvi

A professora Rosa conta como o Observatório foi sendo equipado, para se tornar esse espaço de referência para Bauru e ampla região. O Observatório tem sido, ao longo dos anos, espaço de interação com a sociedade, recebendo muitos visitantes,

incluindo estudantes de muitas escolas de educação básica oferecendo muitas atividades como as de observação do céu.

Fomos continuando na parte de extensão universitária, indo nas escolas de Bauru, que foram praticamente todas. Qualquer uma que chamasse a gente ia com os alunos, eu e os alunos. Primeiro, os alunos começaram a trabalhar na construção dos primeiros equipamentos, com projeto da Fundunesp. Também fiz o projeto Fundunesp e Proex juntos, o qual concedeu os recursos para construir os telescópios e o custo é muito baixo. Um telescópio artesanal tem um custo bem pequeno, em termos de um telescópio importado, porque é difícil a produção no Brasil. Mas a gente construiu o primeiro aparelho, o primeiro equipamento, pintou-o de verde, o tubo dele era pintado de verde, então a gente o chamava de etezinho. E esse etezinho serviu o Observatório, atendeu alunos mensalmente. Eu não tenho em números agora, mas foram centenas de alunos atendidos usando esse primeiro telescópio, um modelo newtoniano construído por uma aluna. Começamos a construção de cinco aparelhos paralelamente, mas é difícil a construção, um pequeno errinho você perde o espelho do aparelho. Então, dos cinco que deram início, a gente conseguiu finalizar dois. O primeiro foi o etezinho da aluna Tamara, da Física, hoje ela é professora na Diretoria de Ensino de Campinas. [...] o outro que veio em seguida foi um telescópio de outro modelo, um *cassegrain*, construído pelo aluno Gustavo Iachel, que hoje é professor na UEL, em Londrina. Depois, o Lionel fez um outro maior que a gente usava também. Começamos com um equipamento e atendia todo mundo, formava fila e todo mundo tinha a oportunidade de utilizar o equipamento para observar a lua, sistema planetário, algumas coisas que sempre despertam o interesse no céu. Passado algum tempo, submeti um projeto e consegui a compra de um equipamento mais robusto, um equipamento comercial, um telescópio mais sofisticado. Mas o propósito dele era exatamente o mesmo dos que a gente tinha construído, a funcionalidade era exatamente a mesma, mas ele era mais sofisticado em termos de apresentação, de manuseio. E aí a gente foi equipando o Observatório, construindo sempre com projetos, principalmente da Pró-reitoria de Extensão, Fundunesp, CNPq e Fapesp, qualquer lugar que abrisse um edital. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Sobre o nome do Observatório de Astronomia ser “Lionel José Andriatto”, a professora Rosa narra, com bom humor, sua decisão por colocar o nome homenageando uma pessoa viva, criando uma situação inusitada no dia da inauguração pelo reitor da Unesp.

Em 2009, o professor Hermann era o reitor da Unesp e ele veio para Bauru, para inaugurar vários prédios que haviam sido implantados naquele ano: a central de laboratórios, tinha vários prédios e um deles era o Observatório. Inaugurou, colocou a placa de inauguração, tudo lá em 2009, embora ele já

funcionasse. E quando o professor Hermann chegou na sala 1, no auditório daqui do câmpus, ele viu o nome e ele me chamou. Ele falou para mim: “Vem cá, você é a coordenadora? Mas o Lionel é vivo?” Eu falei: “Graças a Deus, que continue por muitos anos.” E aí criou ali uma conversa: “Mas pode dar nome de uma pessoa viva para um prédio, dentro de uma universidade pública?”. Eu falei: “Eu não sei, professor, se pode, sinceramente eu não fui atrás dessa parte, mas eu só aceito que seja o nome dele. Não pode ter outro nome para o Observatório, que não seja o dele”. E ele foi legal, foi muito receptivo e o nome do Observatório é Lionel José Andriatto. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Figura 36 – Inauguração do Observatório Didático de Astronomia “Lionel José Andriatto”



Fonte: Acervo pessoal da Professora Rosa Maria Fernandes Scalvi (Lionel José Andriatto, Rosa Maria Fernandes Scalvi, Joao Pedro Albino (o Black), Herman Jacobus Cornelis Voorwald e Henrique Luiz Monteiro).

Findando a primeira década dos anos 2000, o Observatório de Astronomia expandiu sua atuação, passando a contar com o Projeto do Observatório Móvel, também por iniciativa da professora Rosa, que sabia da existência de um caminhão baú no IPMet e estava sem destinação naquele momento, sendo que esse projeto foi premiado.

Quando o professor Hermann veio inaugurar o Observatório, tinha uma carreta lá no IPMet, uma carretinha mesmo, um caminhão baú parado lá, que

eles usavam no lançamento de balões, mas estava desativado. E o Acácio, eu, o Carlinhos e mais os alunos, queríamos transformar aquela carreta em um Observatório Móvel para ir nas cidades da região aqui de Bauru, que nem sempre podiam vir para cá. E aí conversando o professor Herman, ele falou assim: “Quanto você precisa?”. “Com o dinheiro que o senhor me mandar, eu faço isso aí virar um Observatório”. Eu falei brincando, eu sempre tive esse hábito de dar umas respostas informais. Ele encaminhou R\$ 15 mil, nós reformamos a carreta e ela virou um Observatório Móvel. Aí a gente engatava no cavalo, a empresa Onofre Barbosa levava para a gente até de graça, sem cobrar. E aí a gente percorreu todas as cidades da região numa faixa de 100 quilômetros. Agendava, isso era aos sábados e domingos, fora do horário da semana, porque junto com o Observatório, das aulas normais, com as orientações na Posmat, nessa época eu tinha aluno na Posmat, era tudo junto, às vezes num ritmo meio insano, mas ia fazendo tudo de segunda a segunda, tentando levar adiante o sonho da Astronomia como projeto profissional. Nós recebemos um prêmio de um órgão ligado ao Ministério de Ciência e Tecnologia, com o projeto do Observatório Móvel. A gente se inscreveu para receber na área de educação, ensino e recebeu na área de projeto social. Fomos lá. Eu não pude receber por conta de problema de saúde, tive câncer. O prêmio foi entregue lá em São Paulo, num evento bem bonito, numa solenidade. O Acácio foi. Temos as fotos, temos a placa, temos o prêmio. Foi uma coisa muito importante para toda a equipe do Observatório. Eles haviam tocado aquele ano todo sozinhos e a gente recebeu esse prêmio naquele ano. Foi bastante intenso. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Figura 37 – Projeto do Observatório Móvel



Fonte: Acervo pessoal da Professora Rosa Maria Fernandes Scalvi

Figura 38 – Projeto do Observatório Móvel, em Bauru, no parque Vitória Régia



Fonte: Acervo pessoal da Professora Rosa Maria Fernandes Scalvi

O estudante Denisson Guimarães do Carmo⁵² narra com entusiasmo sua participação no Observatório, durante seu curso de graduação em Física:

Fui monitor voluntário do Observatório. Então, acho que eu entrei no Observatório um mês depois eu dei entrada no curso de Física. Então foram seis anos [pois cursou o bacharelado e depois a licenciatura] de atividades lá, de atendimento ao público, escolas. [...] Eu acho que o que me mais marcou na graduação foi a possibilidade de trabalhar com a sociedade. Eu era do Observatório, naquela época, e eu sempre saía lá de lá muito feliz. Era um trabalho voluntário, então a gente era pago assim pelo carinho do público. Isso era muito gratificante, de ver como o nosso trabalho era importante para aquela comunidade. A gente recebia escolas toda semana, alunos, desde o fundamental, pequenininhos até alunos de ensino médio. [...] E no Observatório era um lugar assim, a curto tempo, em que eu tinha essa percepção, eu tinha um retorno e a gente conseguia ali oferecer algo para a sociedade. E era muito legal a gente receber esse carinho, esse reconhecimento de volta do deles, do que a gente vinha desenvolvendo. Então acho que isso aí foi a minha gasolina, meu gás para continuar. (Entrevista com Denisson Guimarães do Carmo, em 27/6/2025)

⁵² Denisson Guimarães do Carmo tem graduação em Física pela Unesp. Atualmente, faz especialização em Relatividade pela Unifesp e mestrado em Física pela Unesp.

E é nesses projetos de ensino e extensão que também surgem possibilidades de bolsas. O papel das bolsas de estudos aos estudantes é destacado ao longo da história da Faculdade de Ciências, nas diferentes modalidades, como uma forma de acolher os estudantes mais fragilizados socialmente, uma forte marca da instituição, sendo também uma forma de fortalecer o ensino oferecido.

E aí eu fui monitora do professor Izaac Roldán, até que chegou no quarto ano e ele veio a falecer no segundo semestre. Aí o chefe de departamento, na época era o professor Carlos Monteiro, pediu para que eu participasse das provas finais das turmas nas quais ele dava aula, primeiro e segundo ano de Matemática. E aí eu o ajudei a elaborar as provas. Já novinha, fui para a sala de aula aplicar prova para meus colegas e colegas mais novos, mas eram colegas. Foi uma experiência bastante, assim, importante da minha formação. [...] Então, voltando na monitoria, sim, a gente tinha uma bolsa e a gente ficava no departamento e ajudava os professores a fazer lista de exercícios, ajudando a corrigir. Eu lembro que tinha as provinhas bimestrais, mensais para ver como o aluno estava indo. Então a gente ajudava o professor a corrigir essas provinhas e a gente fazia todo esse acompanhamento. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

Tem havido uma interrelação entre ensino-pesquisa-extensão e, assim como os estágios remunerados, a extensão universitária tem sido um espaço para que os estudantes tenham bolsas, as quais favorecem seus desenvolvimentos e qualificação.

Nesses projetos de extensão, tivemos sempre um número muito significativo de bolsistas, que depois deram continuidade. Hoje, a maioria desses bolsistas já está com doutorado, atuando nas universidades, na própria Unesp, em Londrina, na UEL, na Federal de São Carlos. Então, eles têm um carinho muito grande por mim e eu por eles. E foi muito bom fazer parte dessa formação acadêmica deles. Eles levam isso também dentro das salas de aula e na carreira deles. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

A professora Dagmar Aparecida Cyntia França Hunger enfatiza o papel da extensão na Unesp e dos vice-diretores nos seu desenvolvimento, sendo que a Faculdade de Ciências ocupa papel de destaque dentre as unidades da Unesp que praticam a extensão universitária.

Fiquei como vice-diretora de 2013 a setembro de 2017. Eu estava determinada a discutir a extensão universitária, não só na nossa unidade, Faculdade de Ciências, como também no âmbito universitário. Particpei de vários trabalhos com a Pró-reitoria de Extensão Universitária, nós temos,

inclusive, a publicação de um livro. A vice-direção, especialmente, foi um momento de muita responsabilidade, no sentido de corresponder aos anseios da comunidade da unidade, Faculdade de Ciências, com bolsas e, atrelado à formação dos nossos estudantes. Foi o momento em que a Faculdade de Ciências atingiu o número máximo de projetos de extensão e, concomitantemente, nós discutindo no fórum de vice-diretores em termos filosóficos, conceituais, o que é que deveria ser a extensão universitária. Discussões da extensão como assistencialista e a extensão como humanização, como emancipação. Na chapa com o professor Olavo [Speranza de Arruda], uma das expressões era “humanização”, [...] nesse sentido, do papel da extensão universitária. Mas não só do papel da extensão universitária no que diz respeito à humanização, à emancipação, mas também como o eixo de formação científica dos nossos estudantes, no sentido da conscientização das tecnologias sociais, da extensão também correlacionada à formação, ao ensino e à pesquisa. Na nossa gestão foi o último ano de lançamento de edital para os colegas professores de todos os departamentos, com a extensão universitária temática. Inclusive, já começava a se discutir a extensão universitária na perspectiva da sustentabilidade e agora a gente observa não só a Pró-reitoria de Extensão como as demais pró-reitorias com editais. (Entrevista com Dagmar Aparecida Cyntia França Hunger, em 12/5/2025)

Mais recentemente, com a obrigatoriedade da curricularização da extensão universitária, por força de lei federal, Resolução CNE/CES n.º 7/2018, todos os cursos de graduação devem curricularizar pelo menos 10% de sua carga horária (mínima obrigatória) em atividades de extensão. Assim, a Unesp, por meio de sua Pró-reitoria de Extensão Universitária, estabeleceu normativas relativas à curricularização da extensão universitária em todos os seus cursos de graduação – Regimento Geral da Extensão Universitária e Cultura da Unesp e Resolução Unesp n.º 41/2021 – e tem ampliado os recursos financeiros para projetos, cursos e eventos de natureza extensionista, incluindo maior quantidade de bolsas para os estudantes.

E hoje é outro aspecto também que eu fico feliz de ver, que em anos iniciais a extensão era o “patinho feio”. Nós tínhamos, sim, as pessoas que faziam extensão, ficavam até um pouco envergonhados, não tinham nenhuma valorização e hoje é uma realidade toda diferente. (Entrevista com José Brás Barreto de Oliveira, em 12/5/2025)

Além disso, na Faculdade de Ciências, sempre houve parcerias com outras entidades e instituições que visam atender necessidades da população.

Nós tínhamos também um sistema de bolsa na Fundação Educacional e a parte comunitária era um Programa que a Fundação Educacional tinha, era uma parceria com o Ministério do Trabalho chamado Programa de Preparação de Mão de Obra, Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra. [...] Essa parte, esse “bracinho” aí do Serviço de Assistência ao Estudante, serviço comunitário de assistência ao estudante, ele organizava e executava cursos de preparação de mão de obra aqui em Bauru e na região. Cursos dos mais diversos, por exemplo, encanador, eletricista, pedreiro, torneiro mecânico, enfermeiro. Quem dava esses cursos, geralmente, eram profissionais contratados pela Fundação por tempo determinado para efeito daqueles cursos. Boa parte dos cursos técnicos contavam com técnicos da antiga Rede Ferroviária Federal e que eram profissionais de longa experiência. Da área de saúde nós tínhamos médicos, enfermeiros do serviço público de saúde e com isso, por dois ou três anos, pelo menos, nós tivemos esses projetos. A certificação era dada pela então Fundação Educacional de Bauru. Ela recebia do Ministério do Trabalho um recurso para poder, por exemplo, ministrar um determinado curso. Com esse recurso, ela contratava, pagava os professores, comprava o material didático e, às vezes, material prático também. E ao final, ela prestava contas para o Ministério do Trabalho daqueles recursos que foram utilizados. Nós tínhamos cursos um pouco mais de longa duração, digamos assim, de oito meses até dez meses, enfermagem, por exemplo. Até cursos mais curtos, como reparador de aparelhos eletrodomésticos, que eram cursos de dois meses de duração. Importante, esses cursos eram ministrados dentro das instalações da Fundação Educacional, então ela recebia a comunidade para fazer esses cursos lá. Detalhe: 100% gratuito. [...] hoje, a gente chamaria isso de atividade extensionista, numa universidade. Mas era a universidade indo para a comunidade, que nem era universidade, era uma Fundação, já oferecendo qualificação profissional para o mercado de trabalho de alto nível. [...] 100% gratuito. Então era comum, por exemplo, e não só Bauru, a gente atendia a região. Então, eu particularmente conto isso com orgulho: nós pegávamos o caminhãozinho da Fundação Educacional para levar tijolos em Pirajuí, porque tinha um curso de pedreiro lá em Pirajuí também. A gente levava o curso lá. Ajudei a descarregar tijolos de caminhão, porque não tínhamos gente, pessoas assim em quantidade. (Entrevista com José Munhoz Fernandes, em 20/3/2025)

A professora Ana Maria Lombardi Daibem⁵³ destacou uma formação oferecida para o Batalhão da Polícia Militar, que trabalhavam com educação para o trânsito.

Fizemos uma vez um trabalho, olha que interessante, de formação pedagógica para policiais do 4.º BPM aqui da Polícia Militar. Eles eram um grupo de mais de 20 policiais que eram responsáveis por desenvolver a educação para o trânsito. E qual era o problema? De trânsito eles sabiam

⁵³ Ana Maria Lombardi Daibem tem graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sagrado Coração e doutorado pela Unesp. Foi Secretária da Educação do Município de Bauru, de 2005 a 2008. Docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, aposentou-se na Unesp.

tudo, legislação, etc., agora: “Como é que eu ensino isso para as pessoas”? Essa era a dificuldade deles, naturalmente. Então, com uma estagiária do curso de Psicologia, nós assumimos esse trabalho. Desenvolvemos um curso de 60 horas para esses policiais e depois eles foram divididos em pequenas equipes para pensar um projeto de educação para o trânsito, para as crianças da Educação Infantil que eles criaram. [...] Eles criaram um teatro de fantoches, porque um deles era muito ligado ao teatro. Depois prepararam um curso que atendesse a demanda de alunos do Ensino Fundamental de primeira à quarta e quinta série, depois de sexta, sétima, oitava, que já era ali o adolescente do Ensino Médio e, inclusive, um projeto de educação do trânsito para empresários. Então, eles fizeram esses diferentes programas. Aí cada pequena equipe ficou especializada mais num segmento em que eles deveriam trabalhar. E, depois de um bom tempo de trabalho, nós fizemos uma pesquisa com mais de 2.000 alunos que passaram por esses programas e no caso de crianças menores, com seus pais, e o resultado que nós tivemos da pesquisa é o quanto esse programa modificou o comportamento das pessoas em relação ao trânsito. E muito interessante, ouvimos muito depoimento de pais que diziam assim: “Depois que meu filho fez este curso, nunca mais deu para eu passar no vermelho, me virar na rua errada, porque eu era advertido pelo meu filho”. Que lindo! Veja o papel da educação em tudo quanto é área. (Entrevista com Ana Maria Lombardi Daibem, em 30/4/2025)

A prática de apoio da Faculdade de Ciências em formações vinculadas a escolas também foi destacada pela professora Rosa Maria Fernandes Scalvi, ao abordar sua participação e de outros docentes da Faculdade de Ciências no Projeto de Apoio à Tecnologia e Inovação (Stepe), que ocorreu nos anos iniciais dos anos 2000, para apoiar escolas de Ensino Médio público de Bauru que estavam recebendo computadores:

O projeto Stepe (Projeto de Apoio à Tecnologia e Inovação) também esteve presente na minha vida. Esse projeto Stepe era um suporte técnico para as escolas públicas de Ensino Médio de Bauru, que começaram a receber computadores e então era para colocá-los para funcionar esses computadores. E aí também teve toda uma formação e junto com a professora Maria José Morgado, que eu participei também com alunos que também se desenvolveram muito nessa área. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Sobre a prestação de serviço à comunidade externa, destacam-se as ações relativas à formação de profissionais já em atuação, em particular, para professores da educação básica, uma vez que a Faculdade de Ciências, desde o tempo da

Fundação, sempre contou com muitos cursos de graduação em Licenciatura (Psicologia, Física, Matemática, Ciências/Biologia e, posteriormente, Química e Pedagogia). A professora Mara Sueli Simão Moraes enfatiza essa característica da Faculdade de Ciências:

Porque é uma realidade a Faculdade Ciências teve sempre vocação na formação do professor. Essa é a vocação da Faculdade de Ciências. A gente vê até hoje. Até hoje ela tem essa vocação na formação dos professores, inclusive, nós temos dois cursos de pós-graduação na área de formação, o Educação para Ciência e a Docência para a Educação Básica. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

A professora Lydia Savastano Ribeiro Ruiz descreve ações dessa natureza já nos anos 1980, incluindo produção de materiais didáticos:

A capacitação era assim: inicialmente, nós não produzíamos material didático. [...] Simplesmente, a gente ia às escolas e ministrava lá cursos para esses professores e nós íamos direto nas escolas da rede pública de Bauru. Primeiro, começou só com Bauru, depois foi se estendendo para a Delegacia de Ensino. Então, a gente ia para todas as escolas, das delegacias de ensino, ministrar cursos e ensinar aos professores de lá como ter uma melhor didática, qual era a melhor estratégia para atingir tal assunto. Aí, depois, o que a gente começou ver? Começou a ver que o material didático deles era difícil para esse professor atingir o que a gente queria. Então, nós começamos a produzir o próprio material didático. Tinha uma comissão grande da área de Matemática, de Física e de Ciências Biológicas, e a gente produziu todo o material didático, numa coisa que era chamada, eu não lembro a data, a gente chamava de PEC (Programa de Educação Continuada). Eu acho que foi de 1980 para frente. A gente produziu apostilas, vinha a verba do Fundeb e vinha verba também da Secretaria da Educação, mas não era uma verba suficiente para se fazer livro, então nós produzimos tipo apostila. Cada curso demorava [...] o ano inteiro, mas era assim: “Agora vai ter um curso de Física”. Então, por exemplo, 30 horas, eu ia lá na escola – porque, além de eu coordenar, eu também era docente –, ministrava esse curso, aí tivemos cursos na área de laboratório, eu ia toda semana na escola e fazia as experiências com os professores para depois eles repassarem para os alunos. (Entrevista com Lydia Savastano Ribeiro Ruiz, em 20/3/2025)

Já a professora Ana Maria Lombardi Daibem destaca ações formativas que integraram professores da rede pública de ensino básico e estudantes do curso de Licenciatura em Psicologia da Unesp/Bauru.

Com todo respeito às circunstâncias da época, logo que eu comecei lecionar no curso de Psicologia, em 1992, eu percebia que a questão pedagógica, a

questão da educação, não tinha grande destaque, acho que nem pequeno destaque. Então, isto para mim foi fundamental, foi marcante, porque eu procurei, desde o início do meu trabalho na Psicologia, mostrar aos alunos que a questão da educação é muito maior do que simplesmente dar aula de didática, dar aula de metodologia de ensino, é uma coisa muito maior e mostrando a eles que a própria natureza do trabalho do psicólogo é altamente educativo, formador, seja na clínica, seja na organização, seja na comunidade. A dimensão educacional da presença e da contribuição do psicólogo tem a ver com isso. Então, a minha preocupação inicial nas aulas de Prática de Ensino nunca foi exclusivamente dizer: “Vocês têm que aprender essa disciplina, porque vocês poderão dar aulas de psicologia no Ensino Médio”. [...] Claro que sempre aliada a uma questão da psicologia e trabalhos brilhantes em educação feito por esses ex-alunos nossos. E, então, realmente, eles descobriram o valor da educação. [...] À época em que eu trabalhava a prática de ensino com eles, a rede pública estadual recebeu uma nova proposta curricular para o ensino de psicologia na rede pública. E eu não via nada disso acontecendo na rede pública. Então, me lembro que fiz uma visita na então Diretoria Estadual de Ensino, mais ou menos esse era o nome, e perguntei a eles: “Cadê a proposta nova do ensino de psicologia? Como que vocês estão implantando esse processo?” E descobri que os volumes estavam ainda arquivados num armário, há mais de ano. E sabe o que fizemos? Eu trouxe a proposta e dividi pelos grupos de alunos. Cada grupo de aluno da psicologia se aprofundou numa das temáticas das aulas da proposta curricular e, enquanto atividade da prática de ensino, eles deveriam desenvolver um curso de 30 horas, no qual eles aprofundassem o conhecimento da proposta curricular. E sabe quem foram os alunos do curso dos nossos alunos de graduação? Os professores da escola pública estadual, que já eram formados e trabalhavam há muito tempo. E os nossos alunos foram brilhantes. E foi de uma aceitação e de um elogio incrível. [...] Foi uma conquista de todos nós, do departamento inteiro de Psicologia, não exclusivamente da prática de ensino. E os alunos cada vez mais apaixonados pela educação. (Entrevista com Ana Maria Lombardi Daibem, em 30/4/2025)

A professora Mara Sueli Simão Moraes narra participação em várias ações de formação de professores da escola básica.

Nesse meio tempo, já tínhamos um projeto bem grande pela Unesp mesmo, financiado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). A professora Adriana Chaves, inclusive, que coordenou aqui em Bauru, que precisou chamar praticamente docentes todos da Faculdade de Ciências, que era para trabalhar, aperfeiçoar os professores da rede básica, então chamado todo mundo e nós passamos por um curso, nos aperfeiçoamos também para poder passar para os outros professores, inclusive, escrevi até material na época. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

A professora traz, em sua narrativa, que nem sempre era fácil ter a atenção de todos os professores, visto que eles enfrentavam muitas dificuldades de atuação na escola e foi preciso chamar a atenção deles em relação à importância de cuidarem de seus espaços de atuação, sendo, portanto, ações que extrapolavam a formação específicas em conteúdos disciplinares.

Eu lembro que a gente chegava em sala de aula e os professores viravam as costas para nós, meio assim, em tom de protesto, questão de salário, essas coisas todas. [...] Diziam que eles não conseguiam mais trabalhar com as crianças. Era socialmente difícil de trabalhar. [...] Eu lembro que eu tinha uma frase que eu dizia: “Olha gente, é o seguinte: vamos supor que a gente não queira mais trabalhar com essas crianças, porque como essas crianças não aprendem, têm problemas na casa, então vamos tirar essas crianças da escola. Vamos de novo e de novo tornar a escola para crianças da elite. Vai diminuir classes, bastante classes, e o trabalho de vocês, como vai ficar? Vai ter trabalho para todo mundo?” Com essa minha fala, de alguma forma, eu “chacoalhava” as professoras e elas acabavam virando, participando e até gostando do curso. Isso é uma coisa, uma experiência bastante interessante que eu tive. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

Outro projeto importante de formação continuada de professores da rede básica foi o PróCiências, financiado pela Fapesp e coordenado pela professora Mara, que era específico para professores em atuação no Ensino Médio e na área de Matemática e contou com a participação de muitos professores da Faculdade de Ciências.

Eu estava na chefia ainda. Veio até mim um edital da Fapesp, que era o Pró Ciências. O governo, muito preocupado com as questões da formação do professor para trabalhar no Ensino Médio, criou esse programa. [...] Na época, eu acho que mais uma colega, não lembro bem, tínhamos doutorado, então chamei o pessoal que estava já em Rio Claro fazendo pós-graduação, na área de educação matemática. [...] Chamei colegas também que tinham mais familiaridade com a área de computação, porque era necessário o professor de matemática aprender. [...] nós abrimos, na verdade, três frentes: a frente de computação, na área da formação em si, dos conteúdos matemáticos mesmo, e a frente da formação do professor. E aí o pessoal da área de educação matemática, que contribuiu muito nessa área e fizemos um time muito bom. Professor Geraldo Bérghamo, professor Adil Poloni, a professora Maria Regina Gomes da Silva, do Departamento de Matemática; professora Lair Queiroz da Costa, do departamento de Educação, e os professores Hércules e Mauri Nascimento do Departamento de Matemática, que ajudaram na área de computação. Fizemos um time assim maravilhoso

e foi um trabalho muito bom. Com financiamento da Fapesp, atendemos muitos professores de Bauru e região e trabalhamos durante uns anos com esse Pró Ciências. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

Outra contribuição da Faculdade de Ciências com iniciativas da Unesp em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo é relativa ao curso Pedagogia Cidadã, implementado em 2002, com duração de dois anos e meio, para a formação de professores do Ensino Fundamental I, atual Anos Iniciais, que ainda não tinham formação em nível superior e, por força de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB), tornou-se obrigatória, a partir de 2006, conforme lembra a professora Mara Sueli Simão Moraes:

Também trabalhamos com a Pedagogia Cidadã, que foi um projeto da Unesp, que era fornecer a pedagogia para professores já em atividade, já atuando. E eu participei da elaboração do livro da Educação Matemática junto com o professor Nelson Pirola. Então, coordenamos esse livro e também temos capítulos escrito. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

Também em parceria com a Secretaria de Educação, a Faculdade de Ciências, como narra a professora Mara, participou do Programa de Formação Continuada, Projeto Teia do Saber, implementado em 2003:

Nós tivemos também uma época, nós trabalhamos com o Teia do Saber, que é um projeto da secretaria. Foi um projeto da Secretaria Educação do Estado de São Paulo para o Ensino Médio e Ensino Fundamental II. Mas nós fizemos uma parceria com o câmpus Itapeva, foi lá que a gente desenvolveu o curso. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

Ainda sobre a formação continuada de professores de Matemática, a professora Mara destaca o envolvimento de docentes da Faculdade de Ciências com a criação do Centro de Educação Continuada em Educação Matemática, Científica e Ambiental da Unesp (Cecemca), o qual ofereceu um primeiro curso em 2004, que “estava vinculado à Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica, criada pelo Ministério da Educação desde 2004” (Cavamura, Silva, Tizzo, 2022).

Em um dos documentos de divulgação, o Cecemca é apresentado como um Centro integrante da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica do MEC, vinculado à Reitoria da Unesp, em sua estrutura dois núcleos de produção de material didático e que ofereciam formação continuada de professores em Ciências e Matemática, com metodologias próprias; e um núcleo responsável pela produção de mídias e gerenciamento de ambiente de aprendizagem virtual. (Cavamura, Silva, Tizzo, 2022, p. 10)

Logo depois tivemos também um chamamento do MEC, para um projeto de formação de um Centro de Educação Continuada. Na época, o diretor era o professor Misael. E ele chama então os professores que estão ligados à Pós-graduação em Educação para Ciência. Então, eu chamo os professores Roberto Nardi e Nelson Pirola, a fazer um projeto para atender aquele edital. Esse edital vai para todos os câmpus da Unesp, então outros câmpus também atenderam esse edital, como o Rio Claro. E, no fim, a Unesp, é agraciada com o Centro de Formação Continuada em Educação Matemática, Científica e Ambiental, que é o Cecemca, com três polos: polo de Bauru, polo de Rio Claro e polo de EaD. [...] Nós atendemos em torno de 15 mil professores com o Cecemca. Por que, o que ocorreu? O que o MEC imaginava que as Secretarias de Educação deveriam procurar as universidades com o Fundeb, mas não aconteceu. /.../ os professores não entendiam muito bem. Eu dizia: “Olha, a Unesp, a verba que vem para ela, ela tem que gastar na graduação e em toda a formação fora da universidade, educação continuada, curso, aperfeiçoamento e toda essa extensão tem que ser outro tipo de verba, não da Unesp. Mas as secretarias não nos procuraram e a gente tinha uma verba então do MEC, enquanto a gente teve essa verba do MEC, no Cecemca, a gente ia dar os cursos, a secretaria chamava, a gente dava, podia dar os cursos com essa verba, mas depois não houve. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

A professora Mara narra a efetiva e longa participação de professores e estudantes da Faculdade de Ciências, em ações formativas, formando milhares de professores em vários Estados brasileiros, nas áreas de Matemática e Linguagem, com intensa participação dos departamentos de Matemática e de Educação da Faculdade de Ciências, incluindo produção de material na forma de fascículos. A partir de 2005, o Cecemca ficou responsável pelo Programa PróLetramento, do Governo Federal, voltado para professores que atuavam no Ensino Fundamental, ciclos I e II, à época, tendo sido encerrado o financiamento do MEC com relação aos convênios Unesp/MEC 2004 e Cecemca.

Um ano depois que foi criado o Cecemca, o Governo Federal, o MEC, lança o Programa PróLetramento na área de Matemática e Linguagem e pede para o Centro de Formação Continuada gerenciar esse Programa, porque o Centro de Formação teve o primeiro projeto em 2004 e foram formados 20 Centros no país, em várias universidades. A ideia do Governo Federal, na época, era formar uma rede de formação continuada. Então, foram criados 20 centros: cinco centros na área de matemática, ciência e ambiente; cinco na área de linguagem; acho que mais quatro ou cinco na área de estudos sociais, gestão e avaliação. Então, foram criados 20 centros e aí ele pede os Centros de Educação Matemática e Linguagem para gerenciarem o PróLetramento. Então, nós ficamos com a gerência do PróLetramento em Matemática. O primeiro trabalho que nós tivemos foi ir para Piauí, não o primeiro, na verdade, foi confeccionar o material didático. Então, um dos fascículos dessa coleção é de minha autoria, que é de Grandezas e Medidas. Eram cinco centros. Foram dados dois fascículos para cada centro. O professor Rômulo Lins, da Unesp de Rio Claro, escreve sobre fração, eu escrevo sobre grandezas e medidas. Aí nós fomos primeiro, como trabalho de extensão, vamos chamar assim, ao Piauí ministrar o curso. Foi uma experiência riquíssima, riquíssima. Sair do Estado de São Paulo, no qual eu estava acostumada e ir para um Estado tão diferente do nosso, foi uma coisa muito, muito gratificante. E lá chegando, encontramos pessoas muito interessadas e foi um curso muito bom. O Piauí, a gente sabe que ele tem vários alunos que se dedicam e depois participam da Olimpíada da Matemática e se saem bem. É um Estado realmente que se sai bem nas Olimpíadas. O que a gente percebeu realmente que nós tínhamos lá a entrada do Impa, que era o estudo Matemática Pura Aplicada ao Rio de Janeiro. Mas a questão da formação dos professores, não tinha nenhum projeto. [...] Então, acho que nossa contribuição foi bastante favorável nesse sentido. [...] Agora, o PróLetramento, que foi dado para o Cecemca gerenciar, ele tinha verbas próprias para ele. Então, todo Estado que a gente ia, [...] ia com a verba do Ministério Educação, então não tinha custo para as secretarias. Então, foi um Programa que durou dez anos. Por conta disso. A ideia primeira era atender o Nordeste. Então, cada Centro Universitário foi para um Estado e nós fomos designados para o Piauí. Mas, depois, todas as secretarias queriam, porque viram que era uma maravilha de curso. Todos queriam. E aí aconteceu até de chamar outras universidades a participarem do PróLetramento. Aí nós fomos designados para o Estado de São Paulo e para o Estado do Amazonas. Eram cursos para professores que trabalhavam de primeiro ao quinto ano e a ideia do MEC era realmente focar nessa faixa de escolaridade. E é nesse momento, então, o professor Romulo se desliga do PróLetramento e aí eu assumo a coordenação, tanto do de São Paulo como do Amazonas, junto com o professor Nelson Pirola. Sempre trabalhamos junto e a gente assumiu então a coordenação desses dois Estados. E foi, então, uma experiência grande, enriquecedora, inclusive, tivemos trabalhos publicados, porque eu acho que a educação se alimenta muito da extensão e extensão se alimenta muito das pesquisas em educação, é uma via de mão de dupla. E porque nós estamos aqui em São Paulo, o Estado mais rico da União, com material didático, professores e toda a formulação do curso e era igualzinho indo para o

Amazonas, um Estado tão diferente do nosso. E a gente já tinha noção, por trabalhos de outros educadores, que as dificuldades eram as mesmas tanto lá quanto aqui, sempre e quando começavam a trabalhar frações decimais, até o professor tinha dificuldade nessa parte. Então, a gente constatou em dois Estados distintos, coisas que a gente até sabia e realmente pudemos constatar de novo essa dificuldade que tem mesmo na Matemática. E, nessa época, a gente também um pouco para frente e nós coordenamos, eu também o de linguagem, porque daí o Ministério viu que tinha tantas secretarias interessadas que ele achou interessante a universidade que estava já trabalhando com, por exemplo, Matemática, trabalhasse também com a linguagem. E aí nós formamos também um grupo aqui de linguagem, foi a professora Rosa Maria Manzoni, do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, quem coordenou. Então nós íamos dar o curso em duas frentes, tanto matemática como linguagem. E assim nós atendemos mais ou menos uns 35 mil professores, porque o curso era replicado, recebia os tutores que eram um professor, designados por cada secretaria do município. Veio até nós, nós darmos o curso e eles voltavam os seus aos seus municípios, replicavam o curso e aí nos informavam, por via de relatório, tudo como a gente acompanhava, fazer todo o acompanhamento. E, nesse momento, nós tivemos auxílio dos nossos alunos da graduação com bolsa. Trabalhamos com a gente porque a gente tinha que dar conta de um número grande de professores, fazer toda a lista de presença, conferir toda a lista de presença, toda a documentação que mandar, os relatórios, portfólios que eles faziam. Tínhamos que estar vendo tudo isso. [...] Nós levamos a Faculdade de Ciências por todo o Brasil. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

Ainda em relação às ações de formação de professores da educação básica, O Grupo de Estudos de Astronomia, com a professora Rosa Maria Fernandes Scalvi, do departamento de Física, a partir de 2005, foi amadurecendo a ponto de começar a oferecer um curso de extensão para professores de Física de escolas da educação básica, ainda quando não havia o prédio do Observatório.

E quando a gente já tinha estudado, já tinha uma certa base ali da Astronomia, com bastante critério, com muito cuidado, porque é uma área propícia a credices, a invenções. Mas a gente com bastante critério e com a ajuda e a prática do Lionel surgiu o primeiro curso aqui na Unesp, que foi um curso [de extensão] de construção de lunetas. Ele atraiu muitos professores da Diretoria de Ensino, eles vieram, via Diretoria de Ensino. E aí com isso foram surgindo os cursos, as formações, as oficinas, tudo para professores da Diretoria de Ensino. Eles vinham para cá, para o câmpus. Aos sábados, parcialmente, no final de semana, a gente ministrava esses cursos ou a gente ia até a Diretoria de Ensino. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

A professora Ana Maria Lombardi Daibem se recorda da importância do envolvimento da Unesp de Bauru com atividades de formação de professores com escolas da rede pública de ensino (Pedagogia Cidadã e outros).

[...] quando eu chego na Unesp, eu encontro aqui a minha professora do Ensino Médio, que era a Adriana Chaves (professora do departamento de Psicologia) [...] começamos, juntas, a desenvolver muitas ações de formação na questão, principalmente pedagógica. Aí é uma infinidade de ações, não só em Bauru como em cidades da região. [...] Começamos, do ponto de vista profissional, a caminhar juntas. [...] A Unesp aqui de Bauru fez um convênio, certa vez, com a Secretaria de Estado da Educação, que precisava de universidades para desenvolver um programa de formação que não era especificamente só pedagógico, mas era também de focar temáticas da especificidade do professor. [...] Se ele era professor de educação infantil, se ele era professor de Ciências, Matemática, Português, e assim por diante. E nós fomos um dos poucos câmpus da Unesp que assumiu esse trabalho. [...] Esse trabalho era desenvolvido por escola. E quando ia acontecer esse trabalho, que cada módulo era de 30 horas, que significava em termos de período integral, de 3 a 4 dias em que todas as escolas públicas paravam, os professores iam para suas escolas e para lá iam os professores da Unesp para desenvolver o trabalho com eles. E nós fizemos algo também, nem sempre muito valorizado à época, que era o seguinte, todos que trabalham na escola são responsáveis pela educação que aqui acontece. Então, formação pedagógica, é claro que ela tem uma especificidade para o professor, mas desde o diretor até a merendeira até o zelador e todas as categorias profissionais, a escola tem que ter consciência da questão da educação. Então, nesses cursos de módulos de 30 horas, nós reuníamos toda a equipe profissional da escola, sentava desde o diretor até o servente e o curso acontecia para cada tipo de curso. Nós escrevemos um caderno e aí nesse caderno entra mais um volume grande de professores nossos, [...] vou me lembrar da Sônia Silveira, da Biologia, a professora Lígia [Lígia Márcia Martins]. Eram muitos os professores. E então essa equipe precisou crescer, porque só na área de responsabilidade da Diretoria Regional de Ensino de Bauru, que aí pega Bauru e cidades da região, nós desenvolvemos quatro módulos. Isso demorou dois anos, um em cada semestre, para 6 mil professores. [...] Para atender toda essa demanda e, principalmente, porque o módulo um, dois e quatro e eles eram uma temática comum para todos, mas o módulo três, aí reunia diferentes professores em vez de serem reunidos pela escola, eles eram reunidos pela área de formação. Então, no módulo três, nós tínhamos grupos e aí misturou as escolas de cada área de conhecimento, grupo de Ciências, grupo de História e, para cada um desses foi feito um caderno. E, para fazer esse caderno e para desenvolver esse programa, nós chegamos a ter uma média de 100 professores e cada um deles assumindo pequenos grupos de 30 nas escolas [...] um trabalho imenso. E se não bastasse a notícia da qualidade do trabalho que a Unesp de Bauru desenvolvia, acabou circulando e fomos chamados em várias cidades para

desenvolver esses cursos. Aí era um pouco diferente. Tinha cidade que queria os quatro módulos, tinha uma outra que queria só o primeiro e não sei qual. Aí variava, mas nós íamos. E nessa segunda etapa desse trabalho, porque os 6 mil professores fizeram quatro módulos, então, 24 mil professores. Mas para atender esses pedidos mais isolados que chegamos ir a Tupã, Itapeva, Cafelândia... Olha, andamos esse Estado... Araçatuba, me lembro Guararapes. Nós atendemos nesse processo 14 mil professores. E o que é muito importante, a equipe de educação coordenando um trabalho, tendo como educadores dessa equipe, professores nossos aqui, de todas as áreas do conhecimento. Então, isso inclusive, criou uma dinâmica de relacionamento entre os departamentos muito bonita, muito preciosa, porque se a gente não toma cuidado, fica cada um no seu cantinho, no seu departamento. E esse trabalho congregou muito aí. Ainda precisamos lançar mão de alunos da pós-graduação, porque a demanda era muito grande, já não tinha mais professor para atender. Ai alunos de pós-graduação tiveram essa experiência também.

As professoras Maria da Glória Minguilli e Ana Maria Lombardi Daibem destacaram como ações e projetos com os professores da rede pública de ensino contribuíram para iniciar o projeto pioneiro com a formação continuada de professores da Unesp, por meio do Programa de Formação de Professores (Prograd, 2006-2007), ampliado para o Núcleo de Estudos e Práticas Pedagógicas “Profa. Adriana Chaves” (Nepp, 2008-2010), consolidado no Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas da Unesp “Profa. Adriana Chaves” (Cenepp, 2010-2019), transformado em Instituto de Pesquisa e Práticas Pedagógicas “Profa. Adriana Chaves” (Iep3, 2019 - 2022) e atualmente presente na Coordenadoria de Desenvolvimento Profissional e Práticas Pedagógicas “Profa. Adriana Chaves” (CDeP3, 2022).

Então veja como as raízes foram, a sementinha cresceu e as raízes foram andando. E desse curso de formação professores (FC), juntando essa experiência toda, Presidente Prudente, Araçatuba (Pedagogia Cidadã), nós fizemos em nível de universidade. E foi aí que surgiram, em 2005 [...] as Oficinas de Estudos Pedagógicos. A professora Sheila (pró-reitora) nos chamou, inclusive ela fez um livro sobre as Oficinas de Estudos Pedagógicos, e a gente, eu e os outros professores que trabalham nessas oficinas, fizemos os artigos. Depois [...] Vamos dar um passo à frente com o Núcleo de Estudos e Práticas Pedagógicas (Nepp). Depois [...] Nepp é muito pouco, vamos fazer um Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas Profa. Adriana Chaves (Cenepp). Mas a Adriana ficou pouco conosco nessa vida, faleceu (2010). Esse Centro, ele nasceu aqui. Nasceu tudo aqui, aqui em Bauru. (Maria da Glória Minguilli, entrevista 28/03/2025)

[...] Eu quis falar dessa experiência, porque eu entendo que essa experiência e outras similares que nós fizemos por Agudos, Lençóis, Macatuba, enfim, Lins, foi preparando o corpo docente da Unesp de Bauru para realmente criar o Nepp e Cenepp . [...] Isso é muito importante, porque a Reitoria reconheceu esse trabalho, chamou para si, inclusive, para poder dar estrutura e condições de atender. E hoje ele está em todos os campi da Unesp. E tendo ainda por uma série de razões e também por uma razão histórica, digamos assim, uma subsele em Bauru, na qual é preciso fazer uma referência à nossa secretária Célia Gavaldão, que apaixonadamente carrega essa experiência com muito gosto e colabora com um nível de qualidade profissional e, no bom sentido, invejável. (Entrevista com Ana Maria Lombardi Daibem, em 30/4/2025)

O envolvimento de docentes em atividades que acabaram enveredando em outras ações também foi destacado pela professora Mara Sueli Simões Moraes que, devido à participação de docentes da FC no Programa PróLetramento do Governo Federal, eles foram chamados para elaborar a fundamentação teórica e metodológica da Provinha Brasil, além dos itens de avaliação, na área de Matemática, atividade desempenhada junto ao Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep).

Nós tivemos um trabalho muito interessante, que foi o desenvolvimento da Provinha Brasil. A Provinha Brasil é uma avaliação que fica nas mãos do professor do Ensino Fundamental I, os anos iniciais da escolaridade, sendo que ele aplica quando ele acha necessário. Geralmente, a gente indica ele aplique no início do ano que ele trabalhe com os alunos, depois aplique no final do ano para ele ver como é que foi o desenvolvimento dos alunos. Então, a gente fez a matriz de toda fundamentação teórica e metodológica da Provinha Brasil, toda matriz de referência dessa provinha, dessa prova, dessa avaliação, também fizemos itens de avaliação, os cadernos de avaliação. [...] Nós íamos então todo mês a Brasília no Inep, trabalharmos essa Provinha Brasil. Antes, porém, nós fizemos também a Ana, que seria Avaliação Nacional de Alfabetização, onde nós fizemos também toda a fundamentação teórica, toda matriz de referência. Então, sempre focando nesses anos iniciais, que à época o governo tinha muito interesse de trabalhar e, por conta dessa experiência nossa em avaliação, nós também atendemos outros centros de formação. De avaliação. No caso, por exemplo, o CAEd, que é um centro de avaliação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nós fizemos vários trabalhos para esse centro na área de avaliação e, como a gente estava trabalhando a avaliação, a gente queria registrar essas coisas e fomentar a discussão nessa área. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

A Faculdade de Ciências sempre esteve envolvida também tanto com a organização quanto com a participação em eventos científicos locais, regionais, nacionais e internacionais, contando com apoio de sua comunidade e recursos institucionais. Podemos trazer como exemplos alguns eventos que vêm sendo realizados com regularidade na FC, além das Semanas Acadêmicas dos Cursos, com participação de estudantes, servidores e estudantes na organização: o Congresso Brasileiro de Educação (CBE), que ocorre bianualmente desde 2007; o Encontro Regional de Matemática Aplicada e Computacional (Ermac), desde 2017 e o Simpósio de Física, Astronomia e Meteorologia (Sifam), desde 2014 e muitos outros eventos extremamente importantes de diferentes áreas do conhecimento.

Figura 39 – Mesa de abertura do 1.º CBE (2007)



Fonte: Departamento de Educação (da esquerda para a direita: Alberto de Souza, Ana Maria Lombardi Daibem, Henrique Monteiro, José Roberto Boettger Giardinetto e Vera Lucia Messias Fialho Capellini)

Figura 40 – Mesa de abertura do Ermac (2016)



Fonte: Departamento de Matemática (da esquerda para a direita: Tatiana Miguel Rodrigues, Luis Antonio da Silva Vasconcellos, Paulo Noronha Lisboa Filho, Fernando Luiz Pio dos Santos e Rubens de Figueiredo Camargo)

A disposição de criar espaço para eventos visando dialogar também com a sociedade é recordada pelo professor Canêo, em tempos mais antigos da Faculdade de Ciências:

Me lembro que lá no câmpus tinha um anfiteatro grande, talvez com uns 300 lugares. E eu fiz um evento chamando os empresários de Bauru, para que eles viessem compreender o que o psicólogo podia fazer. Olha a arrogância. E chamei alguns psicólogos famosos em São Paulo, que eu era amigo, conhecido e foi muito legal, porque, através dessa desse encontro, eles começaram a entender o que o psicólogo poderia fazer na empresa. E aí a gente conseguiu o campo de estágio. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

Ele ainda destaca a relevância de outros eventos que organizou, em um período em que isso ainda era bastante pioneiro na Fundação Educacional de Bauru e início dos anos de encampação pela Unesp, sendo uma possibilidade de ampliação de diálogo em nível nacional, com autores que se estudava, mas não os conhecia, além de possibilidades de estudantes darem continuidade na Pós-graduação, uma vez que o câmpus de Bauru ainda tinha Programas, sendo estes realidade somente a partir do final dos anos 1990.

A gente estudava dois autores da Psicologia do trabalho, autores muito importantes. Um ficava na Bahia, na Universidade Federal da Bahia, e o outro na Universidade Federal de Santa Catarina. [...] E a gente falava muito deles, lia os textos, até que um dia eu pensei assim: “Por que não ligar para eles”? Vou começar com o da Bahia, Antônio Virgílio Bittencourt Bastos. Liguei para ele, me apresentei, disse que a gente usava os materiais e eu era um profissional extremamente reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia. Ele veio para Bauru, a gente fez um encontro ou seminário, porque muita gente de fora daqui não o conhecia, os demais locais que ofereciam o curso de Psicologia não o conheciam. E ele veio, uma simpatia, gostou do que viu, a gente fez uma amizade muito interessante, de se encontrar em congresso e depois trocar as figurinhas. Só que eu falei: “Vou chamar o outro cara de Santa Catarina, quem sabe vem”. E numa segunda vez, veio ele. Aí veio uma terceira do Rio de Janeiro. Mas percebe, é isso que para mim é uma grande contribuição. Ele veio também, o José Carlos Zanelli, e um aluno nosso aqui do câmpus foi depois fazer mestrado com ele lá, de tanta afinidade que criou. E teve um tempo que fizemos um congresso maior, lotou a antiga sala 1 nossa aqui, onde os dois vieram. Então, comecei a receber nomes nacionais vindo para a Psicologia de Bauru, isso foi 1989, 1990. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

Aliando seu envolvimento com a temática da avaliação e a participação na elaboração das Provinha Brasil e Ana, a professora Mara Sueli Simão Moraes destaca seu envolvimento com a criação e organização de um Congresso Nacional de Avaliação em Educação, que ocorria na Faculdade de Ciências.

Aí nós criamos o Conave (Congresso Nacional de Avaliação em Educação), aqui na Faculdade de Ciências, no qual nós recebemos educadores do Brasil inteiro e internacionais, na área de avaliação. Inclusive, o presidente do Inep, da época, veio em uma das edições – ele era uma pessoa da área de educação, não era só um gestor [...]. Nós gerenciamos, coordenamos junto com o professor Nelson Pirola, três edições do Conave, depois eu me aposentei e eles continuam. O evento aconteceu até o final de 2018, ele finalizou na mudança do Governo Federal, em 2019. E agora ele está parado, ainda não sei como é que vai continuar. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

A professora Mara se recorda da importante participação, com estudantes da graduação, tanto no Fórum Social Mundial quanto no Fórum Mundial da Educação, sendo esses espaços formativos e de divulgação do conhecimento produzido pela Universidade.

Nós fizemos, também fizemos, acho interessante colocar, muitas excursões didático-pedagógicas. Levamos alunos para participar de congressos fora aqui do de Bauru, em São Paulo, mesmo no país. E nós levamos então um grupo que eu acho assim uma coisa extremamente interessante para a Faculdade de Ciências, que nós participamos do primeiro Fórum Social Mundial, que foi aconteceu em Porto Alegre, do qual você [Maria Ednéia] participou junto, que você era aluna da Matemática e esse Fórum Social foi criado para se contrapor ao Fórum Econômico e acontece todo o ano. E o primeiro foi o movimento mundial. Aconteceu em Porto Alegre e nós então fomos. Com isso, montamos um grupo de alunos, fomos apoiados pela Proex e levamos esse grupo de alunos lá. E não foi só o curso de licenciatura em Matemática, nós levamos alunos da Psicologia, todos que tinham interesse, Psicologia, Pedagogia e também alguns cursos da FAAC, que é o Jornalismo, Comunicação. E eu lembro que nós levamos uma pedra. Era pedido que cada grupo que participasse levasse uma escultura, uma pedra, para se formar um grande monumento em homenagem àquele primeiro fórum. Nós levamos uma pedra com o nome da Universidade, e tal, e fizemos toda a nossa participação em oficinas, acompanhamento das palestras e depois voltamos, fizemos relatório, entregamos Proex, entregamos à diretoria da Faculdade de Ciências. Foi um trabalho bastante interessante. Nós voltamos depois de dois anos também no terceiro Fórum Social Mundial e depois o fórum não aconteceu mais no Brasil. Ele foi para outros países do mundo e dificultou um pouco a nossa saída. Para mim, parece que ele voltou agora acontecer novamente no Brasil, mas ele está indo em vários outros países e concomitantemente ao Fórum Social. Em Porto Alegre, aconteceu também o Fórum Mundial da Educação, então a gente participava, na verdade, de dois eventos. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

Sobre estratégias que fortalecem a formação profissional, o professor Canêo relembra de um projeto que visava tanto à formação dos estudantes da graduação da Faculdade de Ciências quanto de psicólogos em serviço, trazendo profissionais que trabalhavam em campos ou com temas que os próprios currículos dos cursos não tinham espaço para tratar.

Dentro da área de extensão, eu pensava: “Os nossos alunos precisam [...] ter acesso a várias formas de atuação dos psicólogos”. E criei um projeto chamado *Conversando sobre Práticas Profissionais de Psicologia*. Foi um sucesso! Tudo o que o nosso currículo não oferecia, enquanto terminalidade, eu convidava: um psicólogo que trabalhava no judiciário; um psicólogo que trabalhava na área de propaganda; psicólogo que trabalhava com maus tratos; psicólogo que trabalhava em empresas multinacionais; psicólogo do esporte. Lotou, não com os nossos alunos, mas com pessoas da região, porque estavam vendo uma Psicologia que os currículos da região não davam conta. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

O Programa Núcleo de Ensino da Unesp é outro espaço de fortalecimento da formação dos profissionais, particularmente futuros professores que cursam as Licenciaturas. E a Faculdade de Ciências tem forte e efetiva participação dos editais, produções e estrutura de gestão. O professor José Brás Barreto de Oliveira, coordenou, enquanto esteve como Assessor da Pró-reitoria de Graduação (Prograd), o Programa Núcleo de Ensino da Unesp, criado em 1987. Ele detalha em sua narrativa as lutas internas para a manutenção do Programa, seu financiamento, estrutura e da aderência ao Programa ao longo do tempo, sendo a FC uma das unidades da Unesp com maior participação no Programa, haja vista que a FC oferece cinco diferentes cursos de Licenciatura, tendo já oferecido seis, quando a Psicologia também oferecia essa modalidade.

Eu me aproximei [na Prograd] bastante da área de ensino, particularmente em ensino de Física. [...] O Programa Núcleo de Ensino é muito antigo, é de 1987. [...] Teve uma participação pequena no início, depois ele cresceu um pouco na gestão do professor [José Carlos Souza] Trindade que coincidiu com a minha aqui na FC. Lembro que, antes de eu pensar em assumir a diretoria e menos ainda de trabalhar na Pró-reitoria de Graduação, o professor Misael [José Misael Ferreira do Vale] era um defensor dos Núcleos de Ensino, participava e apoiava. Ele quase foi extinto, passou a ter recursos muito pequenos e poucos projetos aprovados. Eu sei disso, porque depois eu vim a coordenar o Programa e eu tinha os dados todos ao longo dos anos, na época aqui na Unidade a gente só sabia que estava com dificuldades. E depois na gestão do professor Macari [Marcos Macari], quando a Pró-reitora de Graduação era a professora Sheila [Sheila Zambello de Pinho], ele passou a se recuperar, passou a ter um novo fortalecimento e os números de projetos começaram a aumentar. Eu comecei a coordenar os Núcleos de Ensino quando eu fui trabalhar na Prograd, em 2009, e ele já estava recuperado e aí nós o mantivemos e ele aumentou ainda um pouco mais, mas não muito mais. Passamos a ter um número bastante grande de projetos, porque o Núcleo de Ensino não tem custeio, é muito pouco, sempre foi muito pouco de custeio e investimento também não tinha. O Núcleo de Ensino, historicamente, ele paga a bolsa para os estudantes e tivemos nessa época uma baixa, tínhamos, sei lá, 50 bolsas. Quando eu assumi, fiquei quase oito anos coordenando, nós chegamos a ter num dado momento quase 500 bolsas para alunos, foi um período bom. Por que eu estou falando desse aspecto? Porque o Programa Núcleo de Ensino sempre esteve na “berlinda”, muita gente já tentou acabar com o Programa, com o discurso lá e cá também, que não tem papel importante, não se trabalha, não tem cobrança séria. Essa foi sempre uma fala recorrente aqui, inclusive na unidade, de alguns colegas e lá na administração central, também. E o Programa Núcleo de Ensino, ele

nunca teve um recurso orçamentário. Isso é outra coisa importante, embora o tempo que eu estive na Pró-Reitoria nós tenhamos tentado incluir o Programa no Núcleo de Ensino, pedi para que ele obtivesse recursos no orçamento da universidade dentro do Plano de Desenvolvimento Institucional, no PDI, nós não conseguimos. Então, os recursos ou vinham do fundo num período mais remoto e depois, mais recentemente, no período que eu estava lá, da Unesp, porque a Unesp repassava, eu acho que ainda repassa, anualmente, um recurso da sua arrecadação, das suas receitas para a universidade e daquele montante o reitor designava um tanto para o Programa Núcleo de Ensino. Sempre houve questionamento dentro da Pró-reitoria, nas discussões, nós tínhamos caráter bastante firme pela manutenção do Programa, da sua importância, mas como ele não tem dotação orçamentária na universidade, ele sempre fica dependendo do gestor de plantão, do reitor, especialmente. Estou citando isso porque há uma fragilidade do Programa, mas nós sempre tivemos convicção da sua importância, pela natureza, pela questão do envolvimento dos alunos das licenciaturas com o Programa. Ele sempre esteve presente em 14 unidades da Unesp, que são as unidades que oferecem cursos de licenciaturas e a FC é uma das que em anos recentes, nos últimos 10, 12 anos que eu estive lá, sempre foi uma das unidades com maior número de projetos, Marília também sempre teve um número grande de projetos, Presidente Prudente também. A natureza do Programa Núcleo de Ensino, são projetos que professores mandam que, se aprovados, são realizadas atividades em escolas públicas, o professor coordena e os nossos bolsistas das licenciaturas atuam em parceria com professores da daquela área na escola pública. Estou citando essa natureza para lembrar do Pibid que, em linhas gerais, tem essa configuração, esse tipo de atuação. (Entrevista com José Brás Barreto de Oliveira, em 12/5/2025)

As atividades do Núcleo de Ensino também são destacadas pelas professoras Rosa Maria Fernandes Scalvi e Mara Sueli Simão Moraes:

Eu coordenei também o Núcleo de Ensino da Faculdade de Ciências, porque, na verdade, geralmente, o coordenador fica alocado no departamento de Educação do campus, ainda que não fosse uma obrigatoriedade. Mas, na época, até por conta da formação das pessoas, estavam preocupadas com as suas formações que era exigida [por conta da incorporação pela Unesp] e o Departamento de Educação não consegue dar conta dessa coordenação e, como eu já trabalhava, eu nunca parei, na verdade, de fazer meus projetos no Núcleo de Ensino, então eu fico como coordenadora. Coordenei duas por duas gestões. (Entrevista com Mara Sueli Simão Moraes, em 22/5/2025)

Também participei do Núcleo de Ensino, tive alunos bolsistas por muito tempo. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Mais recentemente, a partir de 2009, a Faculdade de Ciências, passou a concorrer ao edital do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

(Pibid), como uma das proponentes dentro do projeto enviado pela Unesp. O Pibid é coordenado pela Capes e foi criado em 2007, sendo que a Unesp, a partir de 2008, tem participado e sido contemplada com bolsas para estudantes em todos os editais.

Desde 1987, ano de sua criação, o Núcleo de Ensino vem desempenhando papel estratégico nas licenciaturas, sendo uma luz em momentos obscuros e um caminho inquestionável para o diálogo e parceria com a escola pública. A trajetória de quase três décadas lhe credencia ser um programa interno de formação de professores, embora não o seja ainda oficialmente, como uma política universitária a ser implementada, consolidada e compartilhada com outras instituições. Sua contribuição à formação de professores se soma, às vezes, silenciosamente, às outras ações desenvolvidas no interior da universidade, que trazem e propiciam uma formação diferenciada aos licenciandos partícipes dessa experiência. O trabalho do Núcleo de Ensino constituiu um grupo de docentes da Unesp identificados e comprometidos com a formação de professores num patamar bem diferenciado, acima de ser apenas professor da licenciatura. Esse grupo tem sido atuante em diversas atividades vinculadas à formação de professores ao longo desse período, aumentando ainda mais seu envolvimento e qualificação na área. A existência desse grupo favoreceu o forte engajamento da Unesp ao Pibid, tendo desde a participação no primeiro edital Pibid/Capes de 2009 uma inserção de grande parte de suas licenciaturas no programa, chegando ao envolvimento total (licenciaturas e câmpus) no último edital do Pibid/Capes de 2013. (Mendonça, 2016, p. 87-88)

O professor José Brás Barreto de Oliveira aborda sua participação no Pibid, tanto no momento da estruturação do projeto institucional, enquanto estava atuando na Prograd, quanto como coordenador e docente atuante na área de Física na Faculdade de Ciências.

O surgimento do Pibid, que começou em 2009, e a participação da Unesp no Pibid, coincidiram com a minha chegada na Pró-reitoria de Graduação. Eu tive a oportunidade de participar da primeira reunião em que nós estávamos formatando o Projeto institucional da Unesp para submeter à Capes, no ano de 2009, porque ele foi montado no país dois anos antes, mas só podiam participar as instituições federais. Depois, a partir de 2009, puderam as estaduais também. Foi quando nós começamos a participar e, desde então, sempre participamos. O Pibid ocupou um espaço muito importante, ele ganhou uma amplitude enorme na Unesp, uma participação grande das licenciaturas, e aí, de certa forma, entre aspas, enfraqueceu um pouco o Núcleo de Ensino, porque ele atua num espaço em que o Núcleo atuava. [...] Mas, depois, o Pibid, com apoio da Capes, veio a atuar na mesma área, eles atuam hoje paralelamente e o Pibid ganhou uma importância enorme, então, naturalmente, diminuiu um pouco a do Núcleo, por razões óbvias. Apesar

disso, os Núcleos continuaram, não acompanhei de perto como andam os números do Programa Núcleos em si e hoje eu não sei dizer, mas ele continuou, não diminuiu tanto quanto nós imaginamos que fosse diminuir, inclusive o interesse dos professores e dos estudantes. Mas foi um Programa com muitas possibilidades de atuação dos nossos estudantes e professores das licenciaturas. Quando eu voltei da Pró-reitoria, eu já tinha projetos do Núcleo de Ensino e passei a me dedicar também ao Pibid. Porque eu entendi que era a melhor contribuição que eu podia dar no final dessa minha trajetória. Então eu participei junto com a professora Denise [Denise Fernandes de Mello], que era coordenadora, durante um ano e meio, depois eu coordenei duas edições do Pibid. (Entrevista com José Brás Barreto de Oliveira, em 12/5/2025)

A professora Rosa também traz, em sua narrativa, seu envolvimento com o Pibid, destacando que o professor da FC, coordenador de área, recebe uma bolsa Capes.

Tive bastante envolvimento com o Pibid, o Programa de Iniciação à Docência. Esse foi bem intenso também na minha carreira docente, tive vários alunos bolsistas do Pibid, fui coordenadora de área do Pibid, também recebendo bolsa da área de Física. É um programa de iniciação à docência nas escolas, para inserir nossos alunos de licenciatura nas escolas. Isso também foi bastante significativo para mim. (Entrevista com Rosa Maria Fernandes Scalvi, em 20/5/2025)

Também têm sido muitas as ações formativas e de acolhimento junto à comunidade interna. Ezequiel Pires da Silva narra uma ação de incentivo à leitura desenvolvida via biblioteca e o Centro de Desenvolvimento Infantil, ambos do câmpus de Bauru, de responsabilidade do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências:

Teve um trabalho que a gente desenvolveu, que era um projeto da Faculdade de Ciências, no curso de Pedagogia. A professora Maria do Carmo Kobayashi [Maria do Carmo Monteiro Kobayashi], que era responsável por esse projeto, levou para a biblioteca porque era um projeto de leitura e de incentivo à leitura para crianças. Foi um projeto muito marcante, porque nós trabalhávamos com as crianças do CCI, que era o nosso público-alvo, mas também trabalhamos com crianças de escolas particulares, com crianças da pastoral, crianças de escolas da periferia. Foi muito bacana, porque foi um momento que a professora Maria do Carmo supervisionava, mas nos dava muita liberdade. Nós desenvolvíamos os materiais pedagógicos, os materiais de leitura, escrevíamos pecinhas de teatro para fazer com as crianças. Foi muito gratificante, porque levamos um trabalho de muita qualidade para crianças de escolas que não estavam acostumadas a receber um trabalho todo

elaborado, com a supervisão de docentes capacitados. Isso marcou muito a minha trajetória. De tudo o que fiz na biblioteca, considero esse o trabalho mais importante que desempenhei. (Entrevista com Ezequiel Pires da Silva, em 2/4/2025)

Figura 41 – Projeto Biblioteca universitária: espaço de leitura e brincadeiras para crianças pequenas



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Carmo Monteiro Kobayashi

Figura 42 – Projeto Biblioteca universitária: espaço de leitura e brincadeiras para crianças pequenas



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Carmo Monteiro Kobayashi

Outras ações destacadas junto à comunidade interna foram narradas pelo professor Canêo.

A gente começou a assessorar várias diretorias da Faculdade de Ciências, da Administração Geral do câmpus, a AG, no sentido de assessorar quando necessário, para mudar, reorganização, às vezes, de cargos, de troca de função, não troca de local de trabalho, mas em função de necessidades da pessoa. Isso foi muito importante. Eu entendo que um trabalho que alguém faça sem significado, um trabalho sem sentido, gera um monte de consequências. Então, toda vez que você podia realocar para satisfazer o interesse da seção, do departamento, da pessoa, ótimo. Tivemos parcerias muito importantes, definitivas para esse trabalho dar certo. E lá nasceu a ideia de criarmos um setor, tanto é que a sigla era com esse setor de desenvolvimento de pessoal ou de pessoas, ou poderia ser como o CEDP, um centro. A princípio, um diretor da unidade, naquela época, colocou isso dentro do Departamento de Psicologia e ficou assim. Houve tentativas por vários anos, mas o que a gente precisava não conseguiu viabilizar, que era um espaço e a gente foi tocando, porque o importante era fazer. Então, essa extensão internamente foi muito forte, desde os cursos de formação de lideranças para chefias, cursos de saúde mental no trabalho, plantões psicológicos para a gente atender funcionário que tinha problemas no trabalho, em caráter sigiloso, sem identificar a pessoa para não ter problema. Tentamos melhorar o processo seletivo quando junto à reitoria, conseguiu por um tempo acrescentar entrevista psicológica nos processos seletivos por entender que existia uma forma de fazer o processo seletivo, mas não tinha o contato com o candidato. Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

Também em relação a ações junto à comunidade interna da FC, o professor José Brás Barreto de Oliveira, que estava na direção da FC, traz em sua narrativa, muitos elementos relativos às primeiras ideias e ações no câmpus de Bauru e de Botucatu, e que deram origem à criação do Programa de Formação Continuada de Professores da UNESP.

Eu fico emocionado com esse assunto [sobre a formação continuada dos professores da Unesp], porque isso foi um ponto muito importante. Vou citar um nome – você cita nomes, mas sempre é um pouco arriscado –, mas, quando eu fui escrever o plano de gestão da Unidade – era um plano simples, na época fazíamos em seis, sete páginas, com os pontos mais importantes –, um professor do meu departamento, o professor Francisco [Carlos] Lavarda, falou: “Você vai incluir, vai pensar na formação pedagógica dos professores? Não sei se isso é uma coisa importante”. Aí conversando, incluímos no plano de gestão a formação dos professores. Iniciada a gestão, eu guardava o plano de gestão que dita como é que está, tentando seguir aquilo que tinha sido pensado. E esse era um ponto. Nós tentamos, inicialmente, junto ao Departamento de Educação, se não me falha a memória, o Nelson Pirola

estava à frente do departamento, ele se interessou, mas a gente não conseguiu evoluir muito no início. Eu queria lembrar que, nos dois primeiros anos da minha gestão, eu estava na presidência do GAC [Grupo Administrativo do Câmpus], e a professora Adriana Chaves era a diretora administrativo do câmpus, eu pedi para ela nos ajudar na administração do câmpus. Foi bem importante. No final desses dois primeiros anos, eu estava no meio da gestão e aí a professora Adriana, já um pouco antes dela deixar a administração, a diretoria administrativa do câmpus, começamos a pensar que, ao terminar o trabalho dela lá, ela poderia se dedicar mais [a esse ponto do plano de gestão]. Mas ela começou um pouco antes, iniciou com as oficinas pedagógicas, atividades de formação aqui no câmpus, junto com as professoras Miriam Celi Pimentel Porto Foresti, de Botucatu, professora Lígia Márcia Martins da Psicologia, professora Glorinha [Maria da Glória Minguili], do Departamento de Educação. Elas iniciaram as atividades e foram trabalhando. E começamos aqui com reuniões e formação de alguns professores interessados. Eu não consegui acompanhar tão de perto, eu vivia atordoado com a gestão, com esses contextos gerais da universidade, que era muito tenso o GAC. [...] Mas foi a gênese aqui em Bauru, aqui na unidade. (Entrevista com José Brás Barreto de Oliveira, em 12/5/2025)

Portanto, no ano de 2004 a Pró-reitora de Graduação da Unesp tomou conhecimento dessas ações em Bauru e articulou a participação de professores do câmpus de Botucatu, onde também já havia algumas iniciativas similares. Assim, a Pró-reitora encampou a ideia de criar um programa de formação docente do quadro da própria Unesp, criando o Nepp. A partir da criação do Nepp (Prograd), cada unidade universitária criou seu Núcleo Local, planejando e desenvolvendo atividades de formação continuada para professores.

O Núcleo Local do Nepp na FC de Bauru começou a promover atividades mensais para que os professores dialogassem e compartilhassem de suas práticas pedagógicas. A FC, juntamente com os Núcleos Locais da FE e FAAC criaram o “Entardecer com a Docência” e o “Encontro de Docentes da Unesp e Bauru” - ENDOC, que ocorre anualmente no mês de outubro, em comemoração do Dia do Professor. O ENDOC, no ano presente, está em sua XVII edição.

Figura 43 – IV Encontro dos Docentes da Unesp Câmpus Bauru, em 2012



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 44 – IV Encontro dos Docentes da Unesp Câmpus Bauru, em 2012



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 45 – V Encontro dos Docentes da Unesp Câmpus Bauru, em 2013



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 46 – V Encontro dos Docentes da Unesp Câmpus Bauru, em 2013



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

A valorização da Faculdade de Ciências com a formação e capacitação dos seus docentes também foi narrada pela professora Andréa Carla Gonçalves Vianna, evidenciando o papel da instituição no desenvolvimento profissional das pessoas, o que, ao mesmo tempo, culmina com o desenvolvimento da própria instituição.

Eu me formei em 89 na Faculdade de Ciências no curso de Ciências da Computação e na sequência, no ano de 1990, nós tínhamos várias contratações saindo, naquela época, há 35 anos atrás, nós ingressamos ainda como auxiliar de ensino. [...] Hoje em dia nós abrimos concurso para professores doutores, enfim, com muitas publicações e outras experiências. Mas há 35 anos era bem diferente. Nós não tínhamos ainda mestrado, doutorado, mas era permitido. E eu, assim que eu terminei a graduação, eu ingressei no ICMC fazendo mestrado e comecei a dar aula numa faculdade particular aqui de Bauru. [...] E na sequência já teve o concurso aqui e eu sabia que eu queria ficar na sala de aula e me dedicar à pesquisa também. Foi quando a gente também teve essa oportunidade de fazer um mestrado. Então, durante todo o meu mestrado e o meu doutorado, eu viajei. Então a gente dava aula, que eu lembro que eu tinha um semestre em que eu dava aula numa segunda feira, na terça fazia a disciplina em São Carlos, na quarta dava aula aqui, na quinta, fazia a disciplina em São Carlos e na sexta estava aqui de novo. Então era bem diferente a nossa vida nesse sentido e então a Unesp permitia sempre, ela primou pela pesquisa, pela nossa formação, desde sempre. A faculdade de Ciências também fez isso. A Faculdade de Ciências sempre permitia que nós, docentes estudássemos, fossemos atrás do nosso mestrado, doutorado. Isso era permitido. Então, posso dizer que a Faculdade de Ciências, a Unesp, sempre primaram muito pela nossa formação enquanto pesquisador [...] porque isso também reflete para o nosso aluno, reflete na nossa sociedade, à qual a gente serve também. (Entrevista com Andréa Carla Gonçalves Vianna, em 29/4/2025)

Para além das especificidades da formação dos professores da FC, também focando na comunidade interna mais ampla, o professor Canêo aborda a criação de espaços para discussão sobre saúde mental, incluindo a preparação para a aposentadoria e integração dos contratados.

Tivemos um projeto chamado Psico Papo, maravilhoso! Eram palestras da Psicologia, um bate papo que ocorria na sala 1, lotava, para falar sobre *stress* no trabalho, ansiedade no trabalho, depressão no trabalho, preparação para aposentadoria – que foi um projeto forte que eu tive aqui o tempo todo, 1988 acho que foi a primeira turma [...]. Fizemos o projeto da Endo Culturação, que é andar pela instituição para entender a cultura, assimilar essa cultura e fazer parte dessa cultura. O desenvolvimento durante o projeto ou para o período que ele estava aqui e lá na frente, quando ele saía, a preparação para se aposentar. Então, onde estava subjacente essas práticas desses projetos? O respeito, a consideração por quem passou aqui. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

O professor Canêo enfatiza a importância de reconhecimento de todos que contribuíram com a construção da Faculdade de Ciências e hoje estão aposentados,

destacando que este livro também é uma forma de homenagear e honrar todas essas pessoas.

Naquele momento [enquanto estava na gestão do CPA], eu tinha contato com ex-funcionários do CPA, que eram da minha época de Fundação e que, quando me encontravam, relatavam tristeza porque se aposentaram. “Vou aposentar”. Fechou a porta, foi embora, acabou. Esse foi o processo. Eu entendi que faltava um agradecimento da instituição para essas pessoas. Não sei quanta gente passou, o quanto a gente deu sangue, batalhou, fez com amor, com carinho. [...] Ouvi expressões muito desagradáveis, vou usar uma só que essa marcou a minha vida. “Eu me senti uma laranja, que alguém chupou e jogou o bagaço fora”. Então, nessa ocasião, entrei no CPA [...], que estava para comemorar os 35 anos, e eu propus, os departamentos concordaram, da gente fazer uma comemoração dos 35 anos e fizemos. Professor que estava no Rio Grande do Sul, professor que estava em Brasília, alguns estavam aqui por Bauru, chamamos todos os funcionários, inclusive essa que me relatou se sentir um bagaço de laranja chupada. E a ideia de registrar a experiência, temos a filmagem. E temos uma revista que a gente criou, que está na biblioteca e que foi entregue para os departamentos, que era uma revista chamada *35 anos de História e Trajetória*. Então, o que tinha? Quase nada de informação, nada de registro, mas o que tinha que a gente colocou ali, era uma forma de registrar experiências, documentar. [...] Foi por isso que criamos o *site* do CPA com fotos do CPA. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

Além disso, Canêo comenta sobre um projeto de criação de uma praça dos aposentados no câmpus da Unesp de Bauru, como uma forma de marcar a passagem das pessoas pela instituição, sendo que este projeto está em andamento.

A minha grande felicidade, eu não consegui enquanto estava aqui, mas agora está em processo de viabilização, já deve estar sendo inaugurada, é a Praça dos Aposentados. [...] Já tem o local aonde vai ser. Os professores estão trabalhando no paisagismo, na recuperação da flora típica do cerrado. Lindo. Vai ter mesa, vai ter cadeira, vai ter pergolado, [...] vai ser um espaço, com uma placa para dizer Praça dos Aposentados. [...] Então, imagina eu, aposentado, passo por ali, meu netinho, meu pai, minha mãe e minha esposa. Existe uma praça. A universidade reconhece o meu valor. (Entrevista com Luiz Carlos Canêo, em 19/5/2025)

É notável os esforços e ações que foram realizados com afincos no câmpus de Bauru, desde os tempos da Fundação - dos quais a Faculdade de Ciências participou ativamente - visando conhecer e amparar sua comunidade interna, particularmente nas questões relativas à saúde física e mental e conhecimento das condições sócio-

econômicas. A assistente social Maria Luiza Moraes Prado⁵⁴, Iza, destaca a gênese e desenvolvimento do Serviço Social no câmpus, que vai atuar em várias frentes como a criação da creche, da Seção Técnica de Saúde, das avaliações dos estudantes da permanência estudantil e tantas outras ações. É interessante como essa história envolve muito a história pessoal da Iza e as transformações do câmpus de Bauru.

[...] quero focar na FC, em como a FC sempre foi importante para mim, sempre! [...] eu fiz estágio de um ano no CPA, no Centro de Psicologia Aplicada, lá no atendimento às pessoas que iam procurar o atendimento, a gente fazia uma análise socioeconômica. Foi aí que começou todo meu trabalho com a questão socioeconômica e toda essa análise socioeconômica que eu desenvolvo, desde quando eu era estagiária de Serviço Social. Começou no CPA todo esse meu trabalho de conhecer a questão, de analisar a vida - não só financeira - das famílias, as carências, mas envolver a questão dos psicológicos. [...] Eu comecei a pensar no meu TCC como a implantação do Serviço Social dentro da Universidade de Bauru. [...] Nisso eu mandei carta para as universidades do Brasil inteiro para saber como é que funcionava [...]. A Unesp (não imaginava que um dia a gente seria Unesp) havia me respondido que não havia um setor de Serviço Social para atendimento de aluno e funcionários. Existia o Serviço Social no Hospital de Botucatu, nos Centros Escola para Atendimento de comunidade, não de público interno. Eu sabia que na Unesp não tinha. Quando estourou lá a encampação lá eu falei: - “Meu Deus, estou na rua!”. [...] os diretores da época sabiam do meu trabalho, porque eu sempre trabalhei muito ligado aos docentes [...] e eles me chamaram para eu implantar na UB, o setor do Serviço Social. Quando estou encampação, falei: - “Meu Deus, estou na rua!”. Porque eu já tinha treinado alguém para o meu lugar [porque estava em licença maternidade]. [...] Eu vim com meu bebê no colo aqui. Meu bebê tinha 15 dias ou um pouquinho mais. Vim com ele aqui no câmpus, vim correndo no Setor de Serviço Pessoal, como era chamado antes. Falei para o Aderson Bini: - “Bini, o que eu vou fazer, vocês vão me mandar embora? Vim preocupada porque eu não, tinha implantado ainda, eu sabia que na Unesp não tinha. Eu falei: - “Que eu vou fazer da minha vida?” [...] Ele falou assim: “Iza, vai para casa, fica tranquila, está tudo sendo muito incorporado, tudo novo. Nós vamos ver como que a gente vai designar todo mundo, fica tranquila, vai cuidar do seu bebê e volta quando terminar a sua licença”. E foi o que aconteceu. Eu voltei em janeiro de 1988 e comecei já a montar alguns projetos pensando na questão do estatuto da Unesp. Fui atrás do estatuto da Unesp e comecei a ver o projeto da nossa creche que já estava nos meus planos, enquanto o UB, montar uma creche para os filhos de funcionários. [...] Tive uma ajuda maravilhosa da professora Zila [Zila Aparecida Peigo de

⁵⁴ Maria Luiza Moraes Prado tem graduação em Serviço Social pela Instituição Toledo de Ensino e especialização em Administração e Supervisão em Serviço Social pela mesma instituição. Ingressou em 1978 na Fundação Educacional de Bauru como Assistente Social e hoje continua trabalhando na área como servidora da Unesp.

Moura e Silva], do Departamento de Educação, ela me apoiou, porque ela é uma educadora e eu assistente social. Então ela me ajudou a montar o projeto da creche e com isso a gente foi. [...] Um dos projetos que havia lá, enquanto era UB, quando eles me chamaram para implantar, era para ter um caixa com dinheiro para ajudar funcionários que estivessem com problemas de pagamento de energia, de água - seria um caixa de empréstimo. [...] esse caixa não seria da mensalidade dos alunos, mas alunos que estivessem pagando multas. Essas multas de biblioteca, essas multas viriam para esse caixa, então a gente iria formar uma verba ali para poder ajudar. Então eu ia estar nesse projeto, administrando, conversando, vendo realmente qual era a necessidade ali. No fim, não cobrou mais mensalidade dos alunos, então não teria mais multa para nada. [...] Então esse projeto realmente ficou de lado, não tinha como. [...] Já a creche começou mais ou menos em setembro, depois que encampou. [...] Eu ficava, para além do projeto da creche, que estava caminhando, com as entrevistas com as pessoas, para poder colocá-las num local correto com relação às suas aspirações, seu conhecimento, formação... [...] (Entrevista com Maria Luiza Moraes Prado, em 9/5/2025)

A criação do Centro de Convivência Infantil (CCI), do câmpus de Bauru, também foi uma conquista importante para a comunidade interna e teve participação da Iza. As assistentes sociais Célia Maria Grandini Albiero⁵⁵ e Iza trazem, em suas narrativas, vários elementos para compreendermos desde a luta por sua criação até as atividades desenvolvidas, sendo o CCI um espaço fundamental ao desenvolvimento de crianças filhos de servidores técnicos-administrativos, docentes e estudantes de graduação e pós-graduação também da FC.

A gente falou: "A gente precisa começar a atender para depois falar que nós temos uma creche, ver toda a documentação e tudo mais isso". [...] no começo eu trazia muita coisa da minha casa, todo mundo trazia - os móveis, a gente fez um monte de campanha: bingos, rifas... [...] A gente atendia crianças até sete anos e a partir de um ano e meio, porque nós não tínhamos berçário. Porque para você atender um berçário, tem que ter muito mais estrutura, condições, o berçário veio depois de um tempo. [...] A primeira geladeira do CCI, a gente comprou uma de segunda mão [...] A biblioteca teve que ser toda reformulada, então muitos livros tiveram que ser dispensados [...] a gente pegou junto com seu Hélio [da zeladoria], para vender, para a gente ter dinheiro e foi aí que a gente conseguiu comprar um fogão industrial para creche. [...] E foi crescendo, foi crescendo e quando chegou em 1989, como [a creche] já existia perante a UNESP, a gente

⁵⁵ Célia Maria Grandini Albiero é graduada em Serviço Social pela Instituição Toledo de Ensino, com mestrado e doutorado em Serviço Social pela PUC-SP. Foi coordenadora do Centro de Convivência Infantil (CCI) do câmpus de Bauru da Unesp, de 1989 a 1996. Atualmente, é docente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Tocantins.

começou a solicitar uma coordenadora [...] e a Célia [Célia Maria Grandini Albiero] foi a primeira. [...] ela foi uma pessoa primordial para esse crescimento, porque ela é uma estudiosa. [...] O pessoal de fora, que nem era da Unesp, queria colocar aqui no nosso CCI e não podia. [...] a gente teve vários professores fantásticos ali. (Entrevista com Maria Luiza Moraes Prado, em 9/5/2025)

[quanto ao CCI] Primeiramente, respeitando como começou, depois entendendo que a participação dos pais era muito forte. Porque foram eles que lutaram, inicialmente, por esse espaço. [...] Foi justamente esses pais, esses servidores técnico-administrativos, docentes e servidores de todas as áreas, de todas nós. Não tínhamos nenhuma preocupação com a classe social. Ali todas as crianças eram tratadas de forma igual, com os mesmos direitos, no mesmo ambiente. Era um ambiente muito salutar, muito gostoso, muito unido, de uma energia, de uma sinergia muito forte. [...] Eu nunca vivenciei isso em outro espaço. Era muita luta conjunta, era uma unidade de pensamento, era um objetivo comum, que permeava a cabeça de todos. (Entrevista com Célia Grandini, em 4/6/2025)

Junto a essas preocupações com a comunidade interna, como a existência da creche, a distribuição do pessoal nos cargos e funções, destacamos as relativas à saúde. Maria Luiza conta o início da UNAMOS: Unidade de Atendimento Médico, Odontológico e Social – uma iniciativa do câmpus de Bauru da Unesp - que funcionou com esse nome de 1994 a 2009, passando depois para a denominação Seção Técnica Saúde.

[...] Em 1991, 1992, não me lembro, o professor Razuk [Paulo César Razuk] [...] veio e falou assim: “Iza, vai ser visto um programa de saúde próprio da Unesp e vai ser um atendimento médico, odontológico e social. Nós precisamos ver um lugar”. Aí começamos a andar pelo campus. Até que nós chegamos onde a gente está até hoje. [...] “Vamos terminar esse prédio para ser a UNAMOS”: Unidade de Atendimento Médico, Odontológico e Social [...] Depois já contrataram enfermeira, a gente chegou a ter só a pediatra, porque no concurso para médicos, que seriam três médicos: um clínico geral, um ginecologista e um pediatra. O pediatra passou que foi a Dra. Maria Luiza Nagao, que trabalhou com a gente até aposentar, ela ficou 20 e tantos anos conosco, 1994 a 2018 [...] trabalhos maravilhosos com CCI e com campus. O clínico geral nunca passou [...] e para a vaga de ginecologista três passaram. [...] Doutor Dirceu ficou conosco um ano só, então só ficamos com a pediatra. Era uma pediatra, uma enfermeira e uma assistente social só. Só que esse programa UNAMOS, programa próprio de saúde em Bauru, não deu certo porque não tinha médicos [...] o pediatra não pode atender adulto. [...] Então a gente não conseguia implantar alguns programas de atendimento à saúde porque a gente não tinha médico. [...] Em 2019 a pediatra se aposentou, então a gente já não tinha apoio médico [...] ela não

consultava ninguém, ela não atendia adulto, mas ela fazia alguns admissionais, admissional ela podia fazer. [...] em 2004, o que aconteceu com as UNAMOS? Passou a ser só a área de saúde do trabalhador [...] e todas as perícias médicas [passaram a ser] feitas na própria Unesp. Porque antes o funcionário ficava doente, ele tinha que ir lá no Posto de Saúde Central entregar uma guia, fazer a perícia lá, para depois trazer para cá. Então a gente não sabia nem quem estava doente [...] porque não passava pela gente, já ia direto para o RH. [...] Então havia toda uma organização da saúde do trabalhador nessa parte de licenças, readaptação, junta médica. (Entrevista com Maria Luiza Moraes Prado, em 9/5/2025)

As preocupações com a saúde da comunidade interna se mantem viva na contemporaneidade na Faculdade de Ciências que foi o berço para o nascimento do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS), hoje um projeto amplo que envolve toda a instituição Unesp, cujas atividades ocorrem em diferentes câmpus da Universidade. O NTAPS foi fundamental, junto a outras ações da Unesp, nos períodos da pandemia e pós-pandemia, além, é claro, de toda as ações que realiza com a comunidade interna da Unesp. Ao assistir à entrevista, na íntegra, da professora Vera Lucia Messias Fialho Capellini, acessando o QR Code correspondente, ao final deste livro, poder-se-á tem uma melhor compreensão da dimensão do NTAPS e de suas ações. Seguem alguns trechos da narrativa da professores Vera sobre o NTAPS, sua criação e desenvolvimento:

Na gestão do professor Jair, antes um pouco da pandemia, eu fui visitar Botucatu. Eu recebi aqui a professora *Kika*, Maria Cristina Pereira de Lima, diretora (FM – Botucatu), que há mais de 20 anos tem um núcleo técnico que atende alunos da Medicina. Eu pensei: “Por que a Medicina pode e a Física, a Química, a Matemática, a Meteorologia, a Pedagogia, a Biologia, Psicologia... não podem?” [...] lá em Botucatu tem, porque o índice de suicídio nos alunos da Medicina era grande e eles já ofereceram esse núcleo. Na Unesp, como a gente teve, antes da pandemia, duas perdas aqui em Bauru [...] visitei o de Botucatu e, como nós tínhamos perdido os alunos aqui e eu tive o câncer, eu fiquei pensando: “Bom, não dá mais para salvar o que já morreu, mas todos os demais, enquanto têm vida, têm jeito. A gente vai criar um núcleo técnico aqui!” Chamei alguns professores da Psicologia, fiz a proposta e a resposta foi: “Não! Enquanto não tem estrutura, professora Vera, nós não vamos criar. Primeiro, cria a estrutura, para depois criar o NTAPS”. Mas eu tive uma professora – que eu quero dizer publicamente, por quem tenho muita gratidão – Alessandra de Andrade Lopes que topou a ideia, porque eu queria alguém da Psicologia, porque eu não sou psicóloga e a gente queria que eles estivessem, que os estudantes da Psicologia

tivessem o privilégio de fazer um estágio supervisionado, com orientação para fazer esse acolhimento para os estudantes, presencial aqui no câmpus de Bauru. Então, não era a ideia criar para a Unesp, era para criar aqui. Mas a Fernanda Henriques [diretora da FAAC], que é muito sábia e é do *design*, criou um logo porque ela falou: “Professora Vera, este projeto pode ser inspiração para toda a Unesp”. E a gente não imaginava que viria uma pandemia pela frente. Então, atuamos em 2018 e 2019. A professora Alessandra fez a formação dos estudantes. Criamos a perspectiva do acolhimento e da promoção de prevenção: Yoga, violão... atividades que promoviam saúde. Eis que veio a pandemia, em 2020, começamos a atender remotamente. [...] Oferecemos para a Reitoria que o NTAPS podia atender toda a Unesp. Em 2021, em plena pandemia ainda, oferecemos atendimento para todos os estudantes que nos procuraram, por ter criado o NTAPS, até de outros câmpus. E depois, em 2022, quando retornou, continuou. Então o NTAPS começa atendendo *online* para todos os câmpus e hoje ele continua atendendo *online* todos os câmpus, mas ele também faz ações presenciais, porque hoje a gente já tem estagiários em algumas das unidades que fazem e que estão conectados aqui conosco, onde é a sede aqui em Bauru. [...] A sigla NTAPS é Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial, cujos principais objetivos são três. Primeiro, um espaço de formação para os estudantes da Psicologia e de todas as outras áreas, multidisciplinar, que queiram trabalhar com acolhimento e prevenção e promoção de saúde. Então, os nossos alunos da graduação podem fazer estágio e da pós-graduação podem fazer pesquisa e extensão universitária. A gente tem alunos da Nutrição, da Educação Física, da Arte, da Comunicação, do Jornalismo, da Psicologia, da Pedagogia, de diferentes unidades, atuando no time do NTAPS. Ele é um espaço de oferta de serviço de psicoterapia breve [esse é o segundo objetivo], porque é uma extensão, porque não é só para o câmpus de Bauru. No espaço desse serviço para os nossos estudantes, a gente conta com apoio da Psicologia de Bauru, da Psicologia de Assis e de seis psicólogos contratados pela Famesp. Então, ele começou sem estrutura, mas primeiro a gente teve a ideia, plantou a semente e, por conta disso, a Reitoria valorizou e deu a estrutura, que são as condições, como, por exemplo, seis professores psicólogos da Famesp, que fazem a supervisão dos alunos da Psicologia, porque aluno não pode fazer estágio no quinto ano sem ter um supervisor. E, terceiro, ele é um espaço que oferece prevenção e promoção de vida. Como? Por diferentes atividades. Vou dar um exemplo, o aluno fica muito nervoso, ansioso, deprimido quando ele tem que fazer o TCC, quando ele tem dificuldade na escrita – a gente oferece cursos de letramento científico, oficina de escrita acadêmica, como preencher o *lattes*. Agora a gente está com parceria com o Núcleo e com o Serviço Social de Franca. A gente tem discutido como o aluno deve preencher tudo certinho os papéis da permanência estudantil, para não perder o auxílio da permanência, porque é dinheiro público. Então, ele tem que fazer certo. Ou seja, essas três frentes, que é ensino, pesquisa e extensão no NTAPS, de forma que você contribui com o aluno daqui e com a comunidade, porque a gente produz material didático sobre saúde mental, porque a pandemia foi um divisor de águas. Depois dela, às vezes, a pessoa já estava quase que pronto para dizer “não estou bem, preciso de ajuda”, mas

não tinha coragem. Com a pandemia, parece que isso aflorou. Então, hoje, o índice de servidor, aluno, da sociedade que tem problema de depressão, de ansiedade, é muito grande. A gente também criou e comprou um celular 24 horas, igual do CVV, e tem um projeto dentro do NTAPS que chama “Fala que eu te escuto”, no qual os alunos podem falar a qualquer momento, de segunda a segunda, e ser escutado por uma psicóloga do outro lado que está lá para fazer um primeiro acolhimento, explicar tudo que tem no NTAPS para ele poder ser atendido depois. [...] A professora Ana Caldeira, já é aposentada, orientava uma aluna que tentou tirar a própria vida e a aluna disse para mim: “Professora Verinha, (ela escreveu isso) quando nem eu acreditava em mim, o NTAPS e a senhora acreditaram.” A ponto de colocá-la dentro do carro com motorista para levar para a internação e depois oferecer o acolhimento. “E hoje eu dedico esse diploma, porque eu concluí.” Ela não evadiu, ela concluiu, foi para a pós-graduação e concluiu e ela disse: “Eu dedico, porque se não existisse o NTAPS, eu não estaria aqui agora.” Então, esse é um dos depoimentos que eu tenho que marcou muito, muito, muito. Sem dúvida, vários outros que, uma aluna, por exemplo, que falou que a tese dela – ela tinha muita dificuldade, depois da pandemia de concentração, de pôr no papel o que ela entendia – [...] ela veio fazer o curso de letramento científico, foi tão acolhida pelo professor do NTAPS que deu o curso que, fora do horário do curso, ela escrevia uma página e mostrava para ele. Escrevia duas e mostrava. E ele foi acompanhando e ela conseguiu pôr no papel o trabalho dela. Então, eu tenho vários depoimentos da importância desse trabalho enquanto suporte para os estudantes. E tão importante ele foi, que, num dos fóruns de diretor e vice, foi aprovado por unanimidade, em 2022 para começar em 2023, a vinda do psicólogo, que é da Unesp, que não é Famesp, que foi o profissional Danilo. Ele foi contratado, o Reitor autorizou na hora, porque eu disse que eu já, primeiro, estava cansada, porque só a Famesp, eles não são da Unesp, e tem a questão do horário e tal. Na Unesp, se um aluno me liga 6 h da manhã, num sábado, que ele está tentando tirar a vida, eu queria ter alguém para poder falar: “Acolhe esse aluno 6 h da manhã, num sábado”. Se é um profissional da Unesp, ele pode fazer e depois ele desconta essa hora. Todos os diretores, os 34, e os vices assinaram uma carta, colocando que era prioridade zero a continuidade do NTAPS e a contratação de pelo menos, um psicólogo. Na hora, o reitor assinou e o Danilo veio, ou seja, um feito, porque, a partir desse dia, o NTAPS deixa de ser da FC. Ele está na FC, no câmpus de Bauru, mas ele é de toda a Unesp. (Entrevista com Vera Lucia Messias Fialho Capellini, em 19/5/2025)

A professora Andréa Carla Gonçalves Vianna⁵⁶ destaca que a Faculdade de Ciências, particularmente após a pandemia, tem vários alunos com problemas de

⁵⁶ Andrea Carla Gonçalves Vianna possui graduação em Ciência da Computação pela Unesp, doutorado em Ciências da Computação e Matemática Computacional pela USP. Atualmente é docente no Departamento de Computação da Faculdade de Ciências

saúde mental e o NTAPS, pioneiro em atendimentos a esse público, tem tido papel importante no acolhimento e acompanhamento desses estudantes.

Hoje, nós também temos o NTAPS. Por conta talvez da pandemia, a gente tem recebido muitos alunos com problemas, a depressão, e a gente tem atendido bem esses alunos também. Então, a Faculdade de Ciências é pioneira nisso também e parabéns para isso. E desejo que a universidade continue crescendo e que todos aqueles que estejam chegando, que chegam também com esse amor a essa universidade, essa universidade que transforma vidas. Nós não formamos somente profissionais, nós transformamos vidas com isso. (Entrevista com Andréa Carla Gonçalves Vianna, em 29/4/2025)

Como parte das atividades relativas à saúde mental e combate ao suicídio, foi criado o evento “Setembro Amarelo”, o qual tem sido realizado desde o ano de 2017 e agora é organizado pelo NTAPS.

Então o NTAPS vem contribuindo, fazendo esses atendimentos em todo setembro, porque tem o *Setembro Amarelo*, que começou pequenininho. O CVV veio me procurar quando eu era Vice-diretora, se a gente topava fazer uma parceria de oferecer palestras, o Guilhermino é grande e é para toda a comunidade. A gente começou lá atrás, em 2017, e, até hoje, todos os anos, desde 2017, em setembro, que é o mês específico, a gente faz o *Setembro Amarelo* para toda a comunidade, gratuito, para os estudantes, para a comunidade. Um evento que traz ensino, pesquisa, curso, escuta. (Entrevista com Vera Lucia Messias Fialho Capellini, em 19/5/2025)

Abordando um tempo mais contemporâneo, destacamos neste livro também como vivemos e atravessamos o período de pandemia devido à Covid-19. Estivemos em isolamento social durante os anos de 2020, 2021 e parte de 2022, sendo o retorno às aulas presenciais em meados de abril, quando a Faculdade de Ciências iniciaria o 1.º semestre de 2022. Nesse período, devido à doença, a FC perdeu servidores, docentes, estudantes, familiares da nossa comunidade interna e externa. Que este livro honre também a memórias de todas essas pessoas!

Ainda que várias providências tenham sido tomadas pela Unesp para manter os cursos em funcionamento, por meio do ensino remoto, muitos estudantes, em maior vulnerabilidade social ou mais diretamente impactados pelo isolamento – seja por dificuldades financeiras, dificuldades de acesso à internet, seja por adoecimento

pela Covid ou adoecimento mental –, tiveram muitas dificuldades de acompanhar as aulas, de concluir seus cursos.

Por exemplo, nós tínhamos nove alunos que tinham ficado na moradia nossa. Eles vieram falar com a gente, porque a gente queria que todos eles fossem embora. A gente não queria arcar com isso. Um aluno falou: “Se eu for embora, não consigo estudar, eu não tenho internet na minha casa. Minha casa é um brigueiro [...]. Eu preciso ficar aqui. Não consigo fazer *home office*. Daí esses nove ou dez alunos ficaram aqui. [...] Chegou uma época que o câmpus entrava 20 pessoas por dia, que não entrava mais do que isso, tudo de máscara. Então foi uma realidade completamente diferente. (Entrevista com Mario Frenhe Junior, em 7/5/2025)

O que a gente percebeu que muitos estudantes não tinham internet, tinha dificuldade de se conectar, não tinha computador. Então, eu não media esforços de pegar computador do meu laboratório, de à Reitoria falar assim: “Mas para emprestar um computador para o aluno fazer em casa é preocupante, porque se ele não devolver”. Eu disse assim: “Se tiver que fazer rifa, comprar, a gente vai repor, mas nenhum aluno vai ficar sem”. A gente chegou a mandar o computador na casa do aluno. Fizemos uma campanha de celular para que, ora computador, ora celular, porque pelo celular ele conseguia conexão. (Entrevista com Vera Lucia Messias Fialho Capellini, em 19/5/2025)

Para os estudantes e professores, o esforço foi em manter as atividades acadêmicas. Mas, na parte administrativa, pela narrativa do servidor Mario Frenhe Junior⁵⁷, que era o Diretor Administrativo do Administração Geral (AG) no início da pandemia, outros tipos de problemas apareceram. Ele destaca o caso da empresa que havia sido recém-contratada para atuar no restaurante universitário por um período emergencial de 90 dias; contratada por “preguinho”, enquanto se aguardava o “pregão”, e tinha feito uma compra grande para iniciar as atividades e em 15 dias entramos em isolamento social. Foram muitas as negociações para equilibrar todas as partes envolvidas e para poder aproveitar os alimentos disponíveis: foram enviados alimentos para diversas moradias estudantis dos diferentes câmpus da Unesp, foram realizadas doações para entidades bauruenses. Devido à pandemia, a

⁵⁷ Mario Frenhe Junior é graduado em Economia pela Instituição Toledo de Ensino. Ingressou na Unesp, em 1992, como servidor na área de Recursos Humanos. Foi Diretor Administrativo da Administração Geral, entre 2019 e 2020. Atualmente, trabalha da Seção Técnica de Gestão de Pessoas da Administração Geral.

AG fez um caixa, porque o valor das contas de manutenção do câmpus diminuiu. Com esse caixa, fez-se uma reforma na biblioteca e foi construído um estúdio, que fica na parte de fora da biblioteca, sendo que o kit de equipamentos foi cedido pela Reitoria via projeto específico do IEP3, coordenado, à época, pela professora Alessandra de Andrade Lopes. Mas a maior preocupação no período era com a vida das pessoas.

Então, esta fase da pandemia, mostrou primeiro, que o mais importante que qualquer coisa é a vida das pessoas. (Entrevista com Vera Lucia Messias Fialho Capellini, em 19/5/2025)

Essa preocupação constante com o bem-estar dos trabalhadores e estudantes da FC não ocorreu apenas no período pandêmico, mas se refletiu em lutas por diferentes direitos e de diferentes naturezas, seja a luta sindical, seja pelo movimento estudantil, seja por outras formas de as pessoas se agruparem para buscarem por algo coletivo.

Da narrativa do estudante Fillipe Alfredo Neves, agora já graduado, destacam-se as lutas coletivas e de longa data do movimento estudantil, que culminaram com a criação tanto da moradia estudantil – inauguração do Bloco 1 em fevereiro de 2012 –, quanto do restaurante universitário – inaugurado em abril de 2015 –, que representam lutas históricas no câmpus de Bauru. A participação na Congregação da Faculdade de Ciências é destacada como muito importante, assim como no diretório acadêmico.

Na Congregação foi uma experiência muito bacana, assim, de desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia, de defender as posições políticas que a gente discutia. Eu também fiz parte do Diretório Acadêmico César Lattes por duas gestões e nós pensávamos nas questões políticas da universidade, na questão da permanência estudantil, na questão da defesa do tripé universitário, do ensino, da pesquisa, da extensão. (Entrevista com Fillipe Alfredo Neves, em 27/5/2025)

Já o estudante Denisson Guimarães do Carmo destaca sua participação no Conselho do curso de Física, além de ter sido um dos fundadores do Centro Acadêmico da Física e lutado para diminuir a evasão do curso:

Fui um dos fundadores do Centro Acadêmico da Física, que aí as tratativas, os diálogos eram mais intensos, principalmente com os docentes, visto que a gente tinha reativado um modelo de conselho de classe, que era um instrumento já previsto pela legislação da Faculdade de Ciências, para a gente tratar ali as dificuldades daquele semestre e as possibilidades. Como está o andamento das disciplinas, o que pode ser melhorado, era um espaço muito significativo nesse sentido. [...] a evasão, esse foi um problema que a gente identificou no início, que foi, inclusive, um dos motivadores da fundação do Centro Acadêmico. E como eu tinha comentado anteriormente, o curso não passou por uma reestruturação há muito tempo, é um curso antigo, que nasceu há mais de 50 anos, junto com a FC. O que aconteceu? A gente já vinha realizando essas reuniões de conselho de classe, identificando esses problemas, fazendo enquetes com dados mais estatísticos para apresentar. (Entrevista com Denisson Guimarães do Carmo, em 27/6/2025)

Denisson também traz outros elementos da luta estudantil na FC, o retorno ao ensino presencial após o isolamento social:

Eu reativei o Diretório Acadêmico durante a pandemia, que havia sido desativado, que a gente estava com um problema ali, que era a questão das férias. O pessoal queria que a gente tivesse só uma semana de recesso, sendo que a gente tinha o EaD e não teve nenhuma pausa de descanso naquele período. E foi nesse contexto que a gente reativou o Dacel. Depois que a gente retomou o Dacel e retornamos da pandemia, aí foi outra luta, porque o prédio do Diretório estava literalmente “caindo aos pedaços”, quase demolido. Então, com os editais do Unesp Presente, a gente conseguiu o recurso. Fizemos a reforma do prédio, do espaço, fizemos as distribuições das salas. Então, hoje nós temos um espaço de convivência para os alunos, no qual eles podem descansar, esquentar marmita, fazer reuniões, enfim, atividades. [...] Assim, nas tratativas com a Diretoria, com a Presidência do câmpus e, de maneira geral, até mesmo para a reativação do RU pós-pandemia. O RU, ele demorou para ser reativado, um ano após pandemia, mas com a vinda da implementação da política da Reitoria, ele consegue seguir mais efetivamente. [...] Surgiu a possibilidade de me candidatar para os órgãos colegiados centrais, que é onde eu estou hoje como aluno de pós-graduação. (Entrevista com Denisson Guimarães do Carmo, em 27/6/2025)

Ele também residiu na moradia estudantil do câmpus e comenta que foi um espaço de acolhimento, mas também de construção política:

A moradia foi um espaço muito importante na minha trajetória acadêmica, porque foi através dela que eu consegui me manter aqui na cidade, visto que eu sou de um Estado muito distante, mais de 2.000 quilômetros de distância e moradia. [...] Acho que o porquê de eu ter conseguido participar dessas coisas, isso também se deve à moradia, porque era um ambiente que já vi diversas pessoas com vulnerabilidades socioeconômicas, várias realidades semelhantes, dificuldades semelhantes. E, também, foi um espaço de

construção política e, também, de aproximação com a comunidade. E lá o interessante é que a gente tem, a gente convive com as pessoas das outras faculdades. Então, a gente tinha essas trocas. [...] O fato de eu estar morando aqui no câmpus foi um fator predominante para que eu tivesse essa possibilidade de estar aqui no câmpus e atuar em diversas atividades concomitantemente. Então, é um espaço muito importante que precisa ser ampliado, dado ao número de alunos que temos atualmente. Eu estava no GAC quando houve essa solicitação no segundo prédio da moradia, então eu acompanhei todo esse processo até o período de construção e foi muito legal. A gente sabe que a burocracia pública é lenta e tudo mais, mas agora ela está lá, pronta, quase ocupada pelos alunos. [...] E conseguimos também aprovar o mérito do terceiro bloco. Então é uma das prioridades do GAC e está aprovado o terceiro bloco de moradia. (Entrevista com Denisson Guimarães do Carmo, em 27/6/2025)

Nota-se que a comunidade da Faculdade de Ciências é muito ativa em todas as instâncias: ensino, pesquisa, extensão, movimento estudantil, movimento das entidades de classes sindical. Ela vem colaborando também com a manutenção e a gestão da própria estrutura da Unesp. Muitas têm sido as funções administrativas que membros da FC desempenham como membros de comissões e colegiado, direção, vice-direção, chefia de departamento, coordenação de cursos, outras funções mais gerais são ocupadas dentro da estrutura da Universidade, seja assessorando a Reitoria; contribuindo com o desenvolvimento de sistemas operacionais da instituição; seja, como já vimos, criando e desenvolvendo ações locais que desembocaram em ações mais gerais capitaneadas pela Reitoria e ampliadas para toda a instituição, como as origens da Coordenadoria de Desenvolvimento Profissional e Práticas Pedagógicas “Professora Adriana Chaves” (CDeP3); o Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS), assim também foi com o sistema de dados informatizados da Unesp. A Faculdade de Ciências, por meio do envolvimento de seus servidores, teve papel essencial no desenvolvimento do sistema de informatização da Unesp, programa iniciado para gestão de dados acadêmicos no câmpus de Bauru e depois incorporado pela Unesp como um todo. Marcelo Setsuo

Hashimoto⁵⁸ narra como surgiu esse sistema em Bauru e como era o seu funcionamento:

Eu já vinha com uma experiência, um pouco da iniciativa privada, nessa parte de reduzir o uso de papel, de otimizar as coisas. Então, [...] comecei, junto com os colegas da graduação da FEB e da FAAC, com algumas ideias de informatização da seção de graduação. E nisso começou a ser construído um sistema *online* com a auxílio da DTI, [nas pessoas do Mitsuo e André]. O Mitsuo [Mitsuo Katsuki] tinha um sistema que era local e aí esse sistema do Mitsuo – a base para o sistema que existe até hoje foi esse modelo do Mitsuo –, ele foi transformado para um modelo *online* pelo André [André Penteado]. Isso facilitou muito para os alunos, porque os alunos vinham muito no guichê pedir as coisas, pedir documentos, fazer matrícula. [...] Ele é o que hoje chama Sisgrad. Só o câmpus de Bauru que usava, a gente começou esse processo. Como é que funcionava? A gente tinha um sistema local e tinha uma parte que rodava paralelo, que era *online*. Então, o que os alunos faziam durante o dia a gente tinha que atualizar o sistema, a base, para no outro dia estar atualizado de novo. Então, ele era *online*, mas não era com informações reais, era sempre com atraso. Isso a gente foi aprimorando até que ele virou *online*, com dados reais e na hora, instantâneos. (Entrevista com Marcelo Setsuo Hashimoto, em 22/5/2025)

A partir a entrevista de Marcelo Setsuo Hashimoto, vamos compreendendo as dificuldades que as diferentes Seções de Graduação da Unesp enfrentavam com suas estruturas locais e de que forma isso passou a ser percebido como uma necessidade de atualização por parte da instituição.

A gente tinha alguns encontros anuais da área acadêmica e a gente percebia, nesses encontros, reclamações gerais de outras unidades, que estavam sentindo falta disso, de uma informatização, porque todo mundo também gerenciava, fazia tudo no papel. [...] Tinha impressoras matriciais lá e ficava imprimindo. Eu não cheguei à época de datilografar, quando eu cheguei, já era época de computador. Tem uns documentos antigos que são datilografados mesmo, então a pessoa digita, está no final da página, errou, tem que começar tudo de novo. O digitado não, digitado você digita errou apaga e escreve. Mas eu cheguei nessa parte do computador e aí, nesses encontros da área acadêmica, a gente sentia que as reclamações eram parecidas para os alunos, os funcionários da graduação. (Entrevista com Marcelo Setsuo Hashimoto, em 22/5/2025)

⁵⁸ Marcelo Setsuo Hashimoto tem graduação em Administração pela Instituição Toledo de Ensino e mestrado em Mídia e Tecnologia pela Unesp, onde, atualmente, está cursando o doutorado. Ingressou na Unesp como assistente administrativo em 2006, foi supervisor da Seção Técnica de Graduação, de 2009 a 2016, e hoje é Diretor da Divisão Técnica Acadêmica da Faculdade de Ciências.

Marcelo detalha todo o processo para que o sistema desenvolvido em Bauru fosse adaptado à realidade complexa da Unesp, primeiro para a gestão dos dados acadêmicos.

E a Reitoria, nesse momento, decidiu criar um sistema institucional da Unesp. [...] Recordo que a Reitoria queria institucionalizar um sistema que estava sendo utilizado nas unidades experimentais, que eram conhecidas como unidades experimentais na época, só que o câmpus de Bauru, ele é complexo, então nosso sistema já atendia FC, FAAC, FEB, onde têm compartilhamento de professores. Então, professores do Departamento de Matemática ministravam aulas para a FEB, o Departamento de Ciências Humanas da FAAC ministrava aula para FC. O sistema desenvolvido aqui em Bauru, ele já atendia toda essa complexidade de um câmpus complexo como o de Bauru e o sistema que a Reitoria estava propondo como institucional na época, era para atender as unidades experimentais que tinham um curso. [...] Foi uma briga, uma discussão que a gente teve para que o sistema de Bauru fosse o institucional e não aquele que a Reitoria estava propondo, porque o nosso já estava atendendo Bauru e poderia atender as outras unidades, outros câmpus complexos como Botucatu, Araçatuba, Rio Claro e Araraquara. E, em 2008, a Reitoria topou: “Então, está bom, o sistema de Bauru vai ser institucional. Então, agora vocês comecem”. Era a Prograd, Pró-reitoria de Graduação. Aí a gente uniu nessas três graduações aqui do câmpus de Bauru, mais as DTIS da FAAC, da FEB, da FC, esse grupo. E a gente começou a visitar as unidades, a gente foi – não lembro a ordem – para Ilha Solteira. Aí, na Ilha Solteira, a gente via como a seção de graduação trabalhava, como eles estavam trabalhando e a gente apresentava o nosso sistema e aí eles falavam: “O seu sistema é bom, mas eu preciso que faça mais essas coisas aqui, porque a gente tem essas especialidades”. A gente voltava pra Bauru, implementava essas melhorias, esses diferenciais no sistema. E aí a gente voltava para Ilha e falava: “Olha, a gente fez isso, atende?” – “Atende”. Então, eles começavam um processo de migração dos dados que eles tinham, na época, e até que começavam a utilizar o sistema. E aí a cada unidade a gente ia fazendo isso, então a gente foi em Ilha, primeiro foi em Ilha, depois Ibilce, Marília. E, em cada unidade que a gente ia, a gente ia tinha um item novo e, depois de implantar, a gente incorporava as pessoas dessa unidade na nossa equipe. Então, por exemplo, a gente foi a Ilha, depois a gente pegou o pessoal de Ilha, da informática, da graduação. “Vamos nos ajudar agora, ajudar outra unidade”. Chegava no Ibilce e ia aumentando essa nossa equipe. (Entrevista com Marcelo Setsuo Hashimoto, em 22/5/2025)

Marcelo destaca que muitas unidades estavam resistentes em adotar o novo sistema, mas, com a implantação da emissão de diplomas *online* pelo sistema unificado, todos tiveram que implantar; detalhando como passaram a ser as

matrículas a partir de então, favorecendo os estudantes e o trabalho das Seções de Graduação.

Em 2012, faltavam umas quatro, cinco unidades das 34 da Unesp, para entrar de vez no Sisgrad, um sistema institucional. Essas unidades estavam muito resistentes, porque eles tinham uma vida inteira fazendo do outro jeito, tinham o sistema local deles que atendia muito bem a eles, então eles não queriam entrar, usar o sistema aqui de Bauru. Foi um trabalho muito grande de convencimento que a gente teve, na época, mesmo colocando todas as funcionalidades que eles precisavam, ficavam resistentes em usar o sistema novo. Até que veio o sistema de diploma e aí não teve jeito. [...] Em novembro de 2012, a gente, a nossa equipe aqui de Bauru, conseguiu implantar o Sisgrad em todas as unidades da Unesp. [...] Voltando na questão da matrícula, que era presencial, então como que funcionava antes do sistema: os alunos, principalmente a matrícula de calouros, que era mais complexa, saía a lista dos convocados, a maioria dos alunos são de fora, eles tinham que vir fazer as matrículas, eram no meio da semana, dias que caíam no meio da semana e os pais desses alunos tinham que deixar o serviço para trazer o filho aqui, para fazer matrícula. Nós, aqui da Seção de Graduação, tinha que ficar reservando, alocando sala de aula, levando computadores, impressoras, organizando um sistema de rede de senha, porque formava fila. Todo mundo vinha para a matrícula, começava 8 h da manhã, às 7 h já tinha uma fila enorme de aluno esperando para fazer matrícula e a maioria de fora. Era uma confusão. Isso, mesmo que, em 2013, tenha tido a implantação do sistema, continuou um pouco dessa forma presencial. Aí, em 2017, a gente implantou o sistema de matrícula *online* dos calouros e hoje é que está em vigor. O aluno ele não precisa sair da casa dele para fazer matrícula, foi convocado, entra no sistema, coloca documentos, manda foto e faz a matrícula *online*. Ele só vem aqui quando começar as aulas. Dá para fazer a matrícula pelo computador e pelo celular, faz por qualquer tipo de aplicativo. (Entrevista com Marcelo Setsuo Hashimoto, em 22/5/2025)

Outro ponto para o qual Marcelo Hashimoto chama a atenção, que a partir da implantação do sistema unificado, foi a otimização gerada pela unificação, uniformização e padronização das informações e dos dados acadêmicos, impactando positivamente na gestão institucional.

A partir de 2013, as matrículas de calouros de toda a Unesp já estavam sendo feitas no sistema novo. Quando a Reitoria precisava de dados para participar de algum evento e precisava falar o número de alunos de graduação, alguma informação, o pessoal da Reitoria ligava para cada unidade pedindo essa informação. Então: "FC de Bauru, quantos alunos vocês têm atualmente, de graduação? Do sexo masculino, feminino". Enfim, pedia porque não tinha um banco de dados único. Com o sistema, a partir do final de 2012, a Reitoria já tinha um banco de dados único com todas as informações *online* e aí não

precisava mais ficar pedindo dados para as unidades. Isso foi um avanço. E fazer gestão, naquela época, a gestão de você estudar os cursos de graduação, como é que estava, era muito difícil porque você não tinha muita informação, muitos dados. Hoje não, hoje a Reitoria consegue trabalhar com o número de matriculados numa série histórica. Vamos supor, 2013 para frente, que é quando o sistema foi institucionalizado. Consegue-se trabalhar com os números de cada curso de graduação, por exemplo, quantos se formaram, quantos matricularam, quantos evadiram. Agora consegue fazer a gestão mesmo dos cursos e isso foi um ganho. Antigamente, era muito difícil você conseguir a informação de padronizada de toda a universidade. (Entrevista com Marcelo Setsuo Hashimoto, em 22/5/2025)

Pela narrativa do Marcelo, devido ao desenvolvimento do sistema, tivemos acesso a um pouco da história de como tem sido a emissão de diplomas na Faculdade de Ciências:

Antes era impresso em gráfica, em papel ou naquele papel de pele de carneiro – a Unesp mesmo já registrava, diferente de tempos mais antigos, na época da Fundação, da UB, que a gente vê que os diplomas eram registrados pela FOB [Faculdade de Odontologia da USP, câmpus de Bauru]. O diploma, naquela época, a Reitoria fez um acordo com a Casa da Moeda, os diplomas eram emitidos em papel moeda, o papel de dinheiro mesmo, os diplomas da Unesp eram emitidos em papel moeda. E aí, basicamente, como os dados estavam no Sisgrad, o sistema de diploma conversava com o Sisgrad, o aluno está formado aqui, apertou o botão e emitia o diploma – lógico, tinha todo um processo de conferência – e já saía na impressora lá na Reitoria, em São Paulo, para o Reitor assinar. Assim, eliminou-se todo aquele processo que a gente fazia antes, que a gente tinha que contratar uma gráfica, tinha que estar tudo milimetrado para gráfica, para ser o padrão da Unesp. Entre 2012 e 2021, o diploma era impresso na Reitoria em papel moeda, a partir de 2021, uma outra melhoria foi feita, foi o diploma digital. Então, hoje, nem impresso ele não é, ele é digital. (Entrevista com Marcelo Setsuo Hashimoto, em 22/5/2025)

Apesar dos avanços pelas tecnologias implantadas pela Unesp, Marcelo destaca uma dificuldade atual, que é a comunicação com os estudantes da nova geração, que não têm o hábito de acessar *e-mail*, sendo necessário pensar formas mais efetivas de comunicação.

Hoje, com a informática, a gente sente uma dificuldade, que é geral das seções da área acadêmica, que é a dificuldade de comunicação com os alunos. [...] A gente está tentando pensar em como fazer, os alunos que estão chegando não leem *e-mail*, já é uma geração que está mais conectada em rede social e em aplicativo de celular, WhatsApp, essas coisas, mas *e-mail* eles não

leem e a ferramenta institucional de comunicação com os alunos é por *e-mail*. E, com a informatização, esses alunos pararam de procurar o guichê, porque hoje faz tudo *online* e às vezes a gente precisa passar recados importantes, não só da administração, mas como os docentes que são passar recados para os alunos, aí a ferramenta hoje é *e-mail* institucional e os alunos não leem. Às vezes, perde oportunidade de bolsas, perde períodos de matrícula e a gente não consegue, porque eles se afastaram do guichê de atendimento. (Entrevista com Marcelo Setsuo Hashimoto, em 22/5/2025)

Muitas outras áreas da Universidade passaram a compor o Portal de Sistema institucional, além da Graduação, como a Pesquisa, a Extensão, as Pós-graduações, a Gestão de Pessoas, as Seções de Compras, etc.

Faço parte da do Comitê Gestor do Sistema de diploma do Sistema de Colegiados, que é um outro sistema que nasceu aqui em Bauru e que hoje está implantado em todas as unidades, inclusive nos órgãos colegiados da Universidade Conselho Universitário, CEP, CCG, CCPG. Então faço parte também dessa equipe. Enfim, eu tenho alguns projetos ainda mais. (Entrevista com Marcelo Setsuo Hashimoto, em 22/5/2025)

Com essa pujante participação nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, a Faculdade de Ciências, para além dos espaços já ocupados, seja na comunidade acadêmica seja na sociedade em geral, tem ocupado vários canais de publicação e comunicação como periódicos, livros e eventos científicos e jornais em geral. No entanto, a FC também criou algumas formas próprias de divulgação de sua produção de conhecimentos visando atingir mais pessoas e popularizar a Ciência.

O jornalista e relações públicas da Faculdade de Ciências, João Moretti Junior, traz à baila o Programa televisivo “Ciência sem Limites” que visa divulgar as pesquisas desenvolvidas por pesquisadores da Unesp em uma linguagem acessível à sociedade. Ele detalha como o Programa foi criado e fala do seu orgulho em apresentá-lo.

O *Ciência sem Limites* é um programa que me dá muito, muito orgulho! [...] Eu tive a ideia de montar um programa para a gente passar no YouTube só sobre as pesquisas da Faculdade de Ciências e o professor Olavo [Speranza de Arruda], que era o diretor, abraçou a ideia. Nós compramos câmeras de filmagem, microfone, etc. Eu estava escrevendo o projeto para passar na Congregação, para dar ciência, e a Ana Silva, que era a diretora da TV Unesp, foi na minha sala – tinha muita amizade: “O que você está fazendo?”. - “Eu

tenho um programa assim, assim e assim, uma ideia”. “Nós vamos começar a montar esse programa aqui”. Ela falou: “Não, vai para TV!” Falei: “Ana Silva, eu já estou velho...”. Eu já impus um monte de empecilho. “Você é do rádio, você tem facilidade para falar, se vai para a TV, eu vou nomear um produtor e você vai fazer esse programa lá na TV”. E assim foi. Começamos fazer o programa no estúdio. (Entrevista com João Moretti Junior, em 29/5/2025)

Pela narrativa de João Moretti Junior, temos uma descrição a respeito da estrutura e funcionamento do Programa e mais um exemplo de ação iniciada e criada na Faculdade de Ciências, mas que, depois, se tornou um Programa da Unesp.

Levava os pesquisadores, primeiramente, a maioria 99% da faculdade de Ciências. Mas eu via que, para o telespectador, faltava mostrar o ambiente de pesquisa, de mostrar os laboratórios, mostrar como ele fazia pesquisa, como ele orientava os alunos e aí o Programa foi ganhando volume, os docentes se convidando para dar entrevista, querendo mostrar as pesquisas, porque isso serve de “cartão de visita” para a Fapesp, CNPq, para os órgãos de fomento e começamos a ir. A demanda começou a ficar muito legal e, hoje, o *Ciência sem Limites* – não me lembro agora quantos anos tem, se não me falha, desde 2013. Recentemente, estivemos no câmpus de Rosana e gravei o Programa número 249, para se ter uma ideia. Para gravar um programa de televisão, demora muito mais para você acertar o ambiente, acertar as câmeras, fazer o enquadramento propriamente, a entrevista, o programa. Ele tem 24 minutos de duração, três blocos de oito minutos, com entrevista com os docentes e também com os orientados dele. Então, fizeram um tempo aí uma pesquisa lá pela TV, a turma da Comunicação, e o *Ciência sem Limites* foi o programa de maior audiência perante a opinião pública aqui de Bauru. Isso nos deixa muito orgulhoso, por que *Ciência sem Limites*? Porque o *slogan* da cidade de Bauru é a cidade sem limites, é ciência, não tem limite. [...] Qual que é o mote do programa? Desmistificar os termos técnicos de pesquisa. [...] Recentemente, nós apresentamos um Programa aqui sobre psicanálise na Universidade, pesquisa-se isso e você tem que traduzir de uma maneira fácil para que todos entendam como a psicanálise funciona dentro da faculdade e é pesquisa na FC. Eu fico muito orgulhoso com isso e de poder atuar e usar o meio de comunicação, que é a televisão, para mostrar o que os pesquisadores produzem, contribuem e devolvem para a sociedade o dinheiro investido na gente. (Entrevista com João Moretti Junior, em 29/5/2025)

Já o professor Aguinaldo Robinson de Souza destaca o Projeto EducaCiência, Projeto de Extensão Universitária, que é um “projeto de extensão, interdisciplinar e interdepartamental, cujo principal objetivo é a aproximação da população em geral – em especial, aquela localizada em Bauru e região –, das pesquisas desenvolvidas

nos diversos departamentos da Faculdade de Ciências do Câmpus da Unesp de Bauru⁵⁹ e tem como atuais coordenadoras as professoras do Departamento de Educação, Eliana Marques Zanata e Vera Lucia Messias Fialho Capellini. Conforme destacado na página do Projeto, “a estratégia de divulgação adotada inclui a realização de lives transmitidas na plataforma do You Tube, a publicação de colunas no Jornal da Cidade de Bauru e a divulgação de PodCasts no site do *Jornal da Cidade* e no serviço de *streaming* Spotify”⁶⁰.

É claro que temos projetos também de divulgação da ciência. Temos um projeto até que o João [Moretti Junior] conhece bem, que é o *EducaCiência*, que hoje em dia está na página da Faculdade de Ciências, que eu fui um dos idealizadores também, de fazer e trazer o pesquisador mais próximo da sociedade. [...] Então, nós fazíamos *lives* quinzenais com docentes da Faculdade de Ciências, Departamento de Física, de Química, da Engenharia, Departamento de Educação, Biologia e tínhamos também uma coluna no *Jornal da Cidade*. Até em casa eu tenho até essas colunas, os jornais deles que a gente fazia também, essa busca de levar a ciência para a comunidade, principalmente naquela época que foi bastante crítica aqui no Brasil, foi a época da pandemia, onde teve esse crescimento absurdo de *fake news*. Então eu tinha e tenho até hoje alunas em doutorado, que trabalhamos com projetos de mestrado, doutorado, tentando levar para a população, porque realmente esse o perigo da *fake news*. (Entrevista com Aguinaldo Robinson de Souza, em 28/4/2025)

Se, por um lado, a Faculdade de Ciências busca divulgar sua produção de conhecimento para a sociedade, por outro, tem contribuído com a preparação de pessoas interessadas em cursar algum de seus cursos de graduação, oferecendo um cursinho pré-vestibular. Buscam-se ampliar as possibilidades das pessoas, particularmente àquelas com menor poder aquisitivo e maior vulnerabilidade social, de se formar na Unesp. O *Cursinho Popular Favela Ferradura Mirim*, cujo nome foi mudado para *Cursinho Ferradura*, começou a funcionar em 2006.

⁵⁹ Informação disponível em: <https://www.fc.unesp.br/#!/educaciencias/apresentacao/>.

⁶⁰ Informação disponível em: <https://www.fc.unesp.br/#!/educaciencias/apresentacao/>.

O ex-aluno Victor Bastos Ventura⁶¹, do curso de Psicologia, narra com detalhes sua participação como professor de História e coordenador executivo e de pessoal no *Cursinho Ferradura*, abordando como ingressou como professor no cursinho.

Eu acho que essa parte é a parte mais interessante da minha trajetória: o meu contato com os cursinhos pré-universitários. Ele se iniciou até antes mesmo da minha matrícula diretamente na Faculdade de Ciências. Ao notar que eu passei na universidade, eu já entrei em contato, buscando pelas redes sociais quais eram os cursinhos que participavam, justamente por conta da minha trajetória, porque eu sou também estudante de cursinho pré-universitário da Unifesp. [...] Ao ver que eu tinha passado, a primeira coisa que eu fiz foi entrar em contato com os cursinhos e o que principalmente me chamou a atenção foi o cursinho Ferradura, por conta do perfil que eles tinham ali, de cultura organizacional. Então, ao notar isso, eu me inscrevi para um processo seletivo. Eu não tinha nem mudado de cidade ainda. E aí eu vim para a cidade de Bauru alguns dias antes da recepção dos estudantes, para poder fazer esse processo seletivo de professor de História. No mesmo dia que eu fiz a aprovação, eu também entreguei meus documentos de matrícula na universidade. [...] Era um lugar que eu desejava, que eu desejava muito atuar, até por conta da minha experiência anterior. [...] Então, ao ingressar em 2018, eu já ingressei também no cursinho pré-universitário Ferradura. (Entrevista com Victor Bastos Ventura, em 26/6/2025)

Victor também traz elementos sobre a estrutura do cursinho, seu funcionamento e como a participação impacta na formação do estudante de graduação que está atuando no projeto, sendo também esse um espaço que possibilita concorrer à bolsa para atuar, fortalecendo aspectos da permanência estudantil.

O cursinho em si, ele tem uma organização bem peculiar. Ele apresenta um professor que é o responsável por esse cursinho. É como se fosse uma pessoa que estaria ali supervisionando, orientando, trazendo conhecimento, trazendo uma relação mais próxima. Mas toda a gestão do cursinho, por si só, ela é feita por discentes, ou seja, por estudantes de graduação e pós-graduação da Unesp. Isso é um diferencial muito importante, porque a extensão universitária, ela tem três pilares muito importantes, que é a pesquisa, que é algo que eu pude desenvolver muito dentro do espaço do cursinho. Ela também tem o ensino e ela também tem a formação desses

⁶¹ Victor Bastos Ventura se graduou em Psicologia, na Faculdade de Ciências da Unesp, em 2022. Durante sua graduação, foi docente, coordenador executivo e, posteriormente, coordenador de pessoal no *Curso Pré-Vestibular "Ferradura"*, projeto de Extensão da Faculdade de Ciências. Foi membro discente do projeto *Erasmus Plus/Aprendizagem Centrada no Estudante*, parceria institucional entre a Unesp e a União Europeia, sob a coordenação de Robert Wagenaar, da University of Groningen, na Holanda. Atualmente, é doutorando no Instituto de Psicologia da USP.

estudantes, da comunidade em si. Então, a gestão ocorrer pelos estudantes, ela proporciona que esses estudantes eles tenham o que a gente chama de desenvolvimento humano, que foi algo que aconteceu muito próximo comigo. Você entra de uma forma no cursinho, você acaba ingressando dentro dessa cultura organizacional, ela tem necessidades específicas para atender o público externo, a faculdade. Então, ela exige e, por meio do apoio dos professores docentes, da própria comunidade de discente da faculdade, se desenvolver como professor, como gestor, criar e desenvolver habilidades que elas ultrapassam não só o seu manejo com o cursinho, mas ela acaba impactando a sua relação na sua própria sociedade como um todo. Então, ele tem um impacto muito importante para os discentes no que a gente diz de informação ou desenvolvimento humano mesmo. Eu posso destacar algumas, por exemplo, manejo de sala, comunicação, habilidades sociais. Uma outra coisa importante é a formação com pesquisa básica, básica e que eu digo não é experimental, mas as pesquisas que estão no chão mesmo, da escola mesmo. Então a gente proporcionou ali muitas mudanças e, por meio de parcerias com outras e outros cursos, com outras instituições, a gente conseguiu desenvolver pesquisas que proporcionasse ali um ensino aprendizagem mais efetivo para esses estudantes e um desenvolvimento melhor para os discentes que lá participavam. Esses discentes eram remunerados por bolsas, eles trabalham de duas formas: com bolsas e tem o trabalho voluntário também. Então, os cursinhos, geralmente, eles fazem a própria gestão. É uma gestão democrática. Tudo é combinado e conversado com todos os membros que ocupam esse lugar. Em muitos espaços, os estudantes também participam dessa decisão. Eles têm total ciência do que o professor está fazendo lá e lembrar que são bolsas de auxílio. Então, um ponto importante é que a remuneração dos cursinhos, eles também participam como uma forma de permanência estudantil. Ele acaba entrando como mais uma política. O financiamento do cursinho, como mais uma política de permanência desses estudantes e o perfil dos estudantes. (Entrevista com Victor Bastos Ventura, em 26/6/2025)

Pela narrativa do Victor, percebemos o papel do cursinho *Ferradura*, totalmente gratuito, para estudantes em situação de vulnerabilidade, havendo, inclusive, um reforço, para que alguns estudantes pudessem permanecer.

Então já houve movimento de compra de material, cesta básica, pagar passagem para esses estudantes para que eles possam realmente conseguir. Então a gente tinha um foco específico numa população e, para que essa população conseguisse exercer ali o seu espaço dentro da sala de aula, muitas vezes, o cursinho precisava preencher essas lacunas que o sistema acaba deixando para a classe trabalhadora e acaba impedindo-os de ingressar ou de se manter dentro desse espaço. (Entrevista com Victor Bastos Ventura, em 26/6/2025)

Figura 47 – Aula do *Cursinho Ferradura*, câmpus de Bauru – noturno (agosto de 2023)



Fonte: Acervo pessoal de Márcia Lopes Reis

Figura 48 – Desfile do *Cursinho Ferradura*, em Pederneiras-SP – aniversário da cidade (maio de 2019)



Fonte: Acervo pessoal de Márcia Lopes Reis

Considerando o perfil dos estudantes que procuram o cursinho – das periferias de Bauru e região –, os candidatos a professor eram selecionados, levando em consideração que pudesse haver uma identificação com o público. Convidamos o leitor que assista à entrevista do Victor, na íntegra, acessando o *QR Code* correspondente, ao final deste livro, na qual ela aborda muitos elementos importantes sobre as concepções dos cursinhos pré-universitários populares e traz sua visão de mundo sobre a ocupação do espaço universitário pela classe trabalhadora.

Com toda essa pujança, a Faculdade de Ciências tem formado com excelência profissionais para atuarem com responsabilidade em diversas áreas, desde a formação propiciada pelo cursinho pré-vestibular até as possibilidades de se fazer um Pós-doutorado, sendo também um espaço de trabalho para muitas pessoas. Dessa forma, ter um diploma da Unesp, ou da antiga Fundação Educacional de Bauru ou Universidade de Bauru, por ter concluído um curso de graduação na Faculdade, é motivo de orgulho e tem aberto portas no mercado de trabalho, ainda que, na atualidade, esse mercado esteja mais acirrado.

O aluno que saía daqui, ele estava empregado. Se ele abrisse uma clínica de Psicologia, se ele fosse um professor de Matemática, de Física, o que fosse, aonde ele fosse, ele ia fazer sucesso, porque ele tinha uma formação. E tem hoje, claro, ainda mais com a Unesp, uma formação sólida, séria, que é a marca daquele diploma seja da Fundação, seja da Universidade de Bauru e agora Unesp, que os conduz para posições muito interessantes. (Entrevista com José Munhoz Fernandes, em 20/3/2025)

A Faculdade de Ciências é uma faculdade de excelência. Aqui nós temos diversos cursos. Em especial, a Faculdade de Ciências abrange todas as áreas. Então, nós somos da Ciência da Computação. Temos dois cursos, com muito orgulho, a Ciência da Computação e o Sistemas de Informação. Os cursos mais procurados de Ciências Exatas estão aqui conosco. Então, isso é muito bom, poder fazer parte dessa história. Na verdade, a gente sempre comenta isso com os nossos alunos, o mercado profissional de TI [Tecnologias da Informação] está muito em alta. Hoje, os nossos alunos não ficam desempregados. Existem bons empregos atualmente. As grandes empresas vêm buscar os nossos alunos aqui. Aconteceu até um fato engraçado aí, no ano passado, retrasado: uma empresa queria muito contratar alunos nossos, a gente divulgava e ninguém procurava. Ela questionou: “Por quê?” E eu

falei que todo mundo já estava meio que encaminhado. Aí ela: “Professora, não está divulgando nossa vaga?”. Eu falei: “Não é que a gente não está divulgando, é que realmente os nossos alunos, a formação deles, tudo o que eles recebem aqui, têm colocado eles em ótimas empresas, mesmo sem sair da faculdade ainda, antes de formar eles estão conseguindo emprego.” Principalmente na nossa área, o nome Unesp tem um peso “violento”. Hoje nós temos alunos colocados em várias empresas nacionais e internacionais. Hoje muitos alunos nossos, mesmo com *home*, pós-pandemia, muitos trabalhando aqui em empresas americanas, europeias, asiáticas. Isso é um motivo mesmo de orgulho para nós. (Entrevista com Andréa Carla Gonçalves Vianna, em 29/4/2025)

Mas não só de trabalho árduo, dedicação e lutas as narrativas aqui trataram. As amizades, as boas lembranças e o carinho pela instituição foram muito enfatizados. E o Ciente é recordado por Antonio Zeca Filho e José Munhoz Fernandes como um espaço de encontros, que ficou muito conhecido em Bauru e foi uma iniciativa dos estudantes de todas as faculdades da Fundação.

Então entrei na faculdade em 1968 e fui presidente do diretório acadêmico. Nós resolvemos criar um espaço cultural e jogos e divertimento dos alunos [que] são mais de fora do que de Bauru. [...] Aí nós fizemos a reunião, os dois presidentes: da Faculdade de Tecnologia, na época, era o Marinho e o da Faculdade de Ciências era o Kleber e ali gerou o nosso Ciente, que significa Ciência, Engenharia e Tecnologia. Nós criamos o Ciente! Foi um espaço muito badalado em Bauru, por muito tempo. Esse foi o primeiro contato que eu tive com a Faculdade de Ciências. (Entrevista com Antonio Zeca Filho, em 3/4/2025)

Olha, eu lembro de duas coisas que me marcaram. O primeiro[...] lá no final da década de 1970, num serviço comunitário dos estudantes e nós cuidávamos das eleições estudantis, para os diretórios acadêmicos e para o Ciente, eram eleições concorridíssimas. Que eu me lembro assim no mínimo, para cada um deles eram três, quatro chapas concorrendo. [...] Os estudantes eram muito criativos para fazer as suas campanhas, eles iam buscar doações aí no comércio [...] distribuía a camiseta [...], enfim, era uma briga literalmente para conseguir ganhar uma eleição para o diretório acadêmico, para o Ciente era pior ainda, eram batalhas de sete ou oito chapas. Nós é que fazíamos, organizávamos essas eleições, porque não podíamos deixar nas mãos deles, podia ter problemas. Então nós que organizávamos e era muito comum você ter assim debates muito fortes, acalorados mesmo entre as chapas, mas no fim acabava tudo bem. Nós lavrávamos as atas e tudo mais [...] Mas era muito interessante. (Entrevista com José Munhoz Fernandes, em 20/3/2025)

Encerramos este capítulo do livro trazendo vários trechos de narrativas que revelam como a Faculdade de Ciências busca ser um espaço de acolhimento, no qual as pessoas possam se desenvolver pessoal e profissionalmente.

A FC me proporcionou diversas atividades nas quais eu pude me desenvolver profissionalmente, não apenas profissionalmente, mas também com um caráter crítico de um cidadão que se preocupa com a sociedade, em proporcionar para a sociedade atividades que são transformadoras, que é o papel da nossa universidade. (Entrevista com Denisson Guimarães do Carmo, em 27/6/2025)

Nós, docentes, somos guerreiros, nós amamos muito o que fazemos. [...] A gente precisa ter isso e a gente tem que mostrar para eles o amor que nós temos por essa faculdade, por essa instituição. Aqui não é só o nosso emprego, aqui, realmente, é a nossa casa. (Entrevista com Andréa Carla Gonçalves Vianna, em 29/4/2025)

Eu acredito que o passado deve ser lembrado e tomado como referência para fazer o progresso, para você criar mais alguma coisa, vivificar o que foi bom, o que foi errado e ter como referência. Mas é importante também que os novos cheguem com ideias mais recentes, mais novas. Então, dá, vamos dizer assim, um ânimo. (Entrevista com Neusa Maria Pavão Battaglini, em 28/3/2025)

Tive muitos amigos, muitas amigas. Isso aqui me traz saudades, um negócio assim, inexplicável. (Entrevista com Alexandre Trombini Junior, em 18/3/2025)

Hoje eu me sinto uma pessoa, quando eu ando pelo câmpus, realizado, porque eu vejo que muitas das coisas que eu não fiz, deixei preparado para fazer. [...] Até hoje, faz 15 anos que eu me aposentei, sonho quase toda noite que eu estou dando aula, que eu estou orientando o aluno, que eu estou no laboratório, que eu estou brigando não sei quem, que eu estou lá na Reitoria. (Entrevista com Jehud Bortolozzi, em 6/5/2025)

Eu tive uma felicidade que poucas pessoas talvez tenham na vida profissional e que hoje os nossos jovens jamais teriam. Ninguém fica 40 anos numa organização, ninguém. [...] Eu sou muito grato, porque realmente aqui eu construí a minha vida profissional, a minha vida pessoal. [...] Eu me aposentei aqui, me preparei dois anos para me aposentar, porque foi sofrido sair depois de 40 anos. Eu reconheço isso, cheguei a chorar no meu último dia de trabalho. Então, assim, é muito marcante. (Entrevista com José Munhoz Fernandes, em 20/3/2025)

Eu conheci quase todas as unidades da Unesp. Sem dúvida nenhuma, a Faculdade de Ciências é uma das melhores unidades. Não é porque eu trabalho nela, mas ela é uma das melhores unidades da Unesp e é uma das maiores também. É um privilégio eu trabalhar aqui e contribuir com a Faculdade de Ciências e, por meio dela, poder contribuir com as outras

unidades por conta desses trabalhos que a gente faz. (Entrevista com Marcelo Setsuo Hashimoto, em 22/5/2025)

Eu me sinto lisonjeado de fazer parte da história da Faculdade de Ciências aqui de Bauru. Eu jamais imaginaria fazer parte, ser convidado para fazer parte desse livro, desse vídeo. Aqui estudaram professores que foram meus professores no Ensino Médio, professores que foram meus professores na graduação. Foi uma faculdade que mudou a minha vida, me deu oportunidade de emprego, me deu oportunidade de inserção na vida social, de ser humano. (Entrevista com Éder Pires de Camargo, em 23/5/2025)

Ingressei por meio das cotas étnico-raciais e de escola pública. Foi um importante ingresso na minha vida, né? Sou um dos primeiros a ingressar numa universidade pública, dentro da minha, do meu núcleo familiar. (Entrevista com Victor Bastos Ventura, em 26/6/2025)

Acho bom recordar a história, ouvir pessoas que fizeram parte, mas quem está agora na Faculdade de Ciências vai fazer melhor do que nós fizemos, com certeza, porque a tendência da humanidade é essa: cada geração fazer melhor o que a outra fez. Eu acho que a educação é um lugar em que isso é muito visível, porque o conhecimento avança de geração a geração e, portanto, os novos cursos, todos vão ser professores melhores em muitos sentidos, em especial, eu penso muito na questão do conteúdo de cada uma das ciências. E os professores de cada uma das ciências tem essa preocupação de formar uma nova geração para ser melhor do que eu. Acho que essa é a função do professor. Não é você formar alguém para ser o que você foi. É formar alguém para ser melhor do que você foi. (Entrevista com Geraldo Antônio Bérghamo, em 21/5/2025)

Estudem e entrem na universidade pública, porque ela não é minha nem sua, ela é nossa e eu vivo isso como sendo nossa durante esses 38 anos, porque eu não me sinto dono de nada aqui. Eu tenho o maior zelo pelos equipamentos que eu uso, a maior consideração, mas isso é uma grande verdade que os alunos devem pensar nisso: o restaurante universitário não é meu, ele é nosso; os prédios são nossos, a Faculdade de Ciências é nossa, quer coisa mais concreta e bonita de ter uma faculdade? É minha essa faculdade e os alunos devem pensar nisso. E 55 anos não se faz em 55 dias. (Entrevista com João Moretti Junior, em 29/5/2025)

A Faculdade de Ciências, em suas relações com as comunidades interna e externa, vem contribuindo com o desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas que, direta ou indiretamente, se beneficiam com a produção do conhecimento e as ações nela desenvolvidas. A FC é um espaço com diversidade de pessoas, diversidades de modos de pensar, diversidade de gênero, raça e classe social, sendo, portanto, um espaço também complexo e contraditório. São palavras que nos instigam a seguir firmes, construindo a Faculdade de Ciências, sendo a Faculdade de

Ciências. São palavras sobre o passado, o presente e o futuro; são palavras sobre a vida que pulsa.

Dados institucionais da Faculdade de Ciências

Nesta parte do livro, apresentamos os dados institucionais da Faculdade de Ciências e convidamos seus departamentos e unidades auxiliares a narrarem suas próprias histórias.

A Faculdade de Ciências, Unidade Universitária da Unesp, parte integrante do câmpus de Bauru, nasceu com a Fundação Educacional de Bauru, entidade de direito público, sem fins lucrativos, criada pela Lei Municipal n.º 1.276, de 26/12/1966, tendo seu Estatuto sido aprovado pelo Decreto Municipal n.º 1.932, de 9/7/1973.

A autorização para a instalação da Faculdade de Ciências, com os cursos de Física, Matemática, Desenho, Ciências e Psicologia, deu-se em 18/11/1968, por meio da Resolução n.º 30/68, do Conselho Estadual de Educação. Em 1969, a Secretaria de Educação, pelo Ato 46, de 28/02/1969; o Conselho Estadual de Educação, pela Resolução 05/69, de 28/02/1969, e o Governo do Estado, pelo Decreto n.º 51.578, de 21/3/1969, autorizam o funcionamento da Faculdade de Ciências da Fundação Educacional de Bauru.

Funcionando originariamente em prédio da Secretaria Estadual de Educação, na vila Falcão, a Fundação Educacional de Bauru recebeu, por doação da Prefeitura Municipal de Bauru, a área de 4,8 milhões de m² (200 alqueires paulistas), localizada no bairro de Vargem Limpa. Em 16/8/1985, por meio do Decreto Municipal n.º 4.497 e Parecer do Conselho Estadual de Educação n.º 951, de 2/7/1985, as Faculdades de Ciências e Engenharia e Tecnologia e a FAAC, mantidas pela Fundação Educacional de Bauru, foram transformadas em Universidade de Bauru, reconhecida, em 4/11/1986, pelo Ministério da Educação, por meio da Portaria n.º 774.

Em 15/8/1988, após aprovação pelo Conselho Universitário da Unesp, o Governo de Estado, pelo decreto n.º 28.682, incorporava a Universidade de Bauru à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, com a seguinte estrutura

acadêmica: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Faculdade de Ciências e Faculdade de Engenharia e Tecnologia.

A incorporação pela Unesp exigiu que a Faculdade de Ciências reavaliasse seus objetivos e estrutura. A Pesquisa e Extensão ganharam maior importância em relação ao período anterior e os docentes ainda não titulados, em nível de pós-graduação, tiveram que buscar titulação em outras Instituições. Assim, houve um salto de 5% dos docentes com título de doutor, em 1988, para 84% doutores em 2004 e, atualmente, com 100%. Como consequência, observou-se um rápido crescimento, não só nas atividades de Ensino e Extensão, mas também, na quantidade e qualidade das atividades de Pesquisa.

Atualmente conta com aproximadamente 2.300 alunos, matriculados em dez cursos de graduação, que possibilitam 16 opções de ingresso: Ciência da Computação – bacharelado em período integral; Ciências Biológicas – bacharelado em período integral e licenciatura noturno; Educação Física – bacharelado e licenciatura em períodos integral e noturno; Física – bacharelado e licenciatura em períodos vespertino e noturno; Matemática – licenciatura em período noturno; Meteorologia – bacharelado em período integral; Pedagogia – licenciatura em período noturno; Psicologia – bacharelado em períodos integral e noturno; Química – bacharelado e licenciatura em períodos vespertino e noturno, e Sistemas de Informação – bacharelado em período noturno.

A Faculdade de Ciências oferece nove programas de pós-graduação *Stricto sensu*; dois cursos de especialização *Lato sensu*, com aproximadamente 800 alunos matriculados nos cursos: Biociências – interunidades; Ciência da Computação – interunidades; Ciência e Tecnologia de Materiais – interunidades; Ciências do Movimento – interunidades; Docência para a Educação Básica, Educação para a Ciência, Educação Física em Rede – interunidades; Matemática Aplicada e Computacional – interunidades; Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem;

Especialização em Educação Especial na Perspectiva Inclusiva e Especialização em Gestão Estratégica de Pessoas e Psicologia Organizacional e do Trabalho.

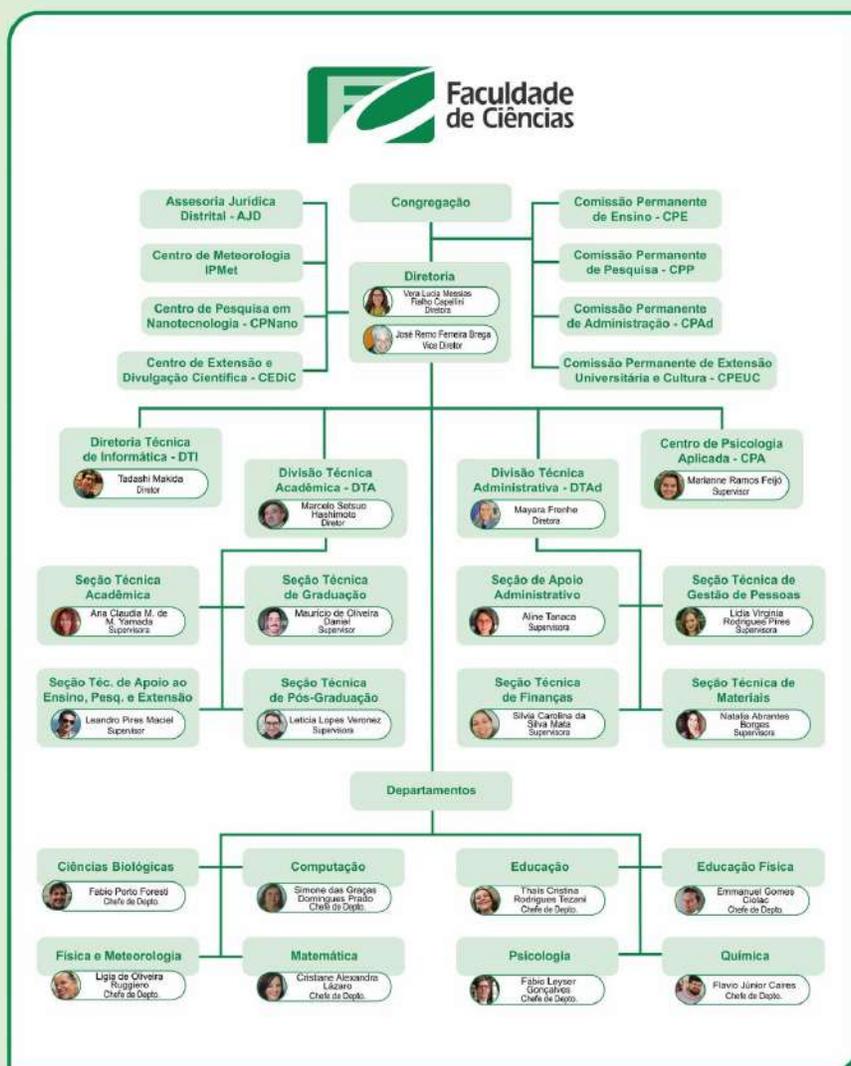
Para o desenvolvimento de suas atividades, conta, atualmente, com 161 servidores docentes efetivos e 141 servidores técnico-administrativos, distribuídos nas diretorias e seções, bem como nos Departamentos de Educação, Educação Física, Computação, Ciências Biológicas, Química, Física e Meteorologia, Matemática e Psicologia.

Tem 37 diversificados centros, núcleos e laboratórios de pesquisas, envolvendo os oito Departamentos de Ensino, e com importante estrutura de suporte à pesquisa acadêmica e internacionalização, incluindo o Escritório de Pesquisa e Internacionalização vinculado à Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão; a Comissão Permanente de Pesquisa; o Comitê de Ética em Pesquisa; a Comissão de Ética no Uso de Animais e o Comitê Local de Internacionalização.

Figura 49 – Organograma - Gestão da Faculdade de Ciências - Agosto/2025

ORGANOGRAMA

Gestão da Faculdade de Ciências - Agosto/2025



Arte: Demitrius Rogerio Belai

Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 50 – Lista de Cursos

16 OPÇÕES DE INGRESSO NO VESTIBULAR EM 10 CURSOS DE GRADUAÇÃO:			10 CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO:		
Curso	Modalidade/ Opção de Ingresso	Período	Programa	Nível	Tipo
1.Ciência da Computação	1. Bacharelado	Integral	1. Biociências – Interunidades	Mestrado/Doutorado	Stricto Sensu
	2. Ciências Biológicas	Integral			
2.Ciências Biológicas	3. Licenciatura	Noturno	2. Ciência da Computação – Interunidades	Mestrado/Doutorado	Stricto Sensu
	4. Bacharelado	Integral			
	5. Licenciatura	Integral			
3. Educação Física	6. Bacharelado	Noturno	3. Ciência e Tecnologia de Materiais – Interunidades	Mestrado/Doutorado	Stricto Sensu
	7. Licenciatura	Noturno			
	8. Bacharelado/ Licenciatura	Vespertino/ Noturno			
4. Física – Física de Materiais – Física Computacional			4. Ciências do Movimento – Interunidades	Mestrado/Doutorado	Stricto Sensu
5. Matemática	9. Licenciatura	Noturno	5. Docência para Educação Básica	Mestrado Profissional	Stricto Sensu
6. Meteorologia	10. Bacharelado	Integral	6. Educação Física Escolar (PROEF) - Interinstitucional	Mestrado Profissional	Stricto Sensu
7. Pedagogia	11. Licenciatura	Noturno	7. Educação para a Ciência	Mestrado/Doutorado	Stricto Sensu
8. Psicologia	12. Bacharelado	Integral	8. Matemática Aplicada e Computacional – Interunidades	Mestrado/Doutorado	Stricto Sensu
	13. Bacharelado	Noturno			
9. Química – Química Tecnológica	14. Bacharelado	Vespertino/ Noturno	9. Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	Mestrado/Doutorado	Stricto Sensu
	15. Licenciatura	Noturno			
10. Sistemas de Informação	16. Bacharelado	Noturno	10. Educação Especial na Perspectiva Inclusiva	Especialização	Lato Sensu

Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Departamento de Ciências Biológicas

História do Departamento de Ciências Biológicas

O Departamento de Ciências Biológicas tem sua origem na criação do Curso de Ciências Biológicas, em 1969, na extinta Fundação Educacional de Bauru (FEB). Com o tempo, a FEB passou a abrigar quatro faculdades, incluindo a Faculdade de Ciências, à qual o curso está vinculado até hoje, além de um Colégio Técnico. Esse conjunto de instituições formava a então Universidade de Bauru, atendendo cerca de cinco mil alunos em 22 cursos superiores e seis de nível médio.

O curso teve início como Licenciatura de Primeiro Grau em Ciências com habilitação em Biologia, passando, em 1977, a ser denominado Licenciatura Plena com Habilitação em Biologia. Seu objetivo era suprir a demanda por professores na educação básica, especialmente na região de Bauru.

Em 15 de agosto de 1988, a UB foi incorporada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” por meio de deliberação do Conselho Universitário e decreto do Governo do Estado de São Paulo. A nova estrutura foi composta por três unidades: FAAC, FE e FC, sendo esta última responsável pelo curso de Ciências Biológicas.

A estrutura em departamentos de ensino foi mantida e, em 2012, implantada a modalidade de Bacharelado em Ciências Biológicas.

Atualmente, o curso oferece duas modalidades: Bacharelado (em período integral) e Licenciatura (em período noturno), contribuindo para a formação de profissionais qualificados em diferentes áreas das Ciências Biológicas.

Atividades de Ensino

No curso de Ciências Biológicas, os alunos participam de aulas de campo e viagens didáticas, com visitas à Unidade Experimental de Ubatuba, rio Batalha, usinas de reciclagem, aterros sanitários, estações ecológicas, entre outros locais de aprendizado prático.

Atividades de Pesquisa

Atualmente, o departamento desenvolve dez Linhas de Pesquisa que abrangem diferentes áreas das Ciências Biológicas, refletindo a diversidade e a profundidade dos estudos conduzidos. São elas: Conservação Genética de Peixes; Ecofisiologia Vegetal; Paleodiversidade de Invertebrados Fósseis; Desreguladores Endócrinos e Carcinogênese Experimental; Biodiversidade e Ecologia dos Crustáceos Decápodes; Evolução e Diversidade em Cnidária; Ecofisiologia e Fisiologia do Estresse Abiótico; Evolução e Sistemática de Tetrápodes Atuais; Genômica, Ecologia e Evolução de Micro-organismos; Parasitologia Animal.

Essas linhas fortalecem o compromisso com a pesquisa científica de excelência, contribuindo para a formação acadêmica e o avanço do conhecimento nas áreas de biodiversidade, ecologia, evolução e saúde ambiental.

Atividades de Extensão

Dentre as atividades de extensão universitária, destacam-se os oito Projetos de Extensão atualmente em vigência, desenvolvidos em diversas áreas da Biologia e voltados ao atendimento da comunidade de Bauru e região.

Outro importante destaque é a atuação da Empresa Júnior do curso de Ciências Biológicas, formada por alunos da graduação. Seu objetivo é promover o

desenvolvimento profissional de seus integrantes por meio da vivência empresarial, incentivando o empreendedorismo, a realização de projetos e a prestação de serviços para micro, pequenas, médias e grandes empresas. Além disso, a Empresa Júnior oferece consultoria e serviços especializados na área ambiental.

Laboratórios

Os cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas contam, atualmente, com quatro Laboratórios Didáticos – Anatomia, Geral, Lupas e Microscopia – todos totalmente equipados para a realização das aulas práticas, proporcionando aos estudantes uma formação sólida e aplicada.

Além disso, a estrutura conta com 11 Laboratórios de Pesquisa, todos preparados para o desenvolvimento integral de projetos científicos e para a formação de alunos em níveis de Graduação e Pós-graduação, contribuindo significativamente para a produção de conhecimento e o avanço da ciência na área biológica.

Números do Departamento

Atualmente, o curso conta com um corpo docente composto por 14 professores, sendo seis Professores Associados e oito Doutores. Complementam a equipe uma Assessora Administrativa e cinco Assistentes de Suporte Acadêmico. A maioria dos docentes está credenciada em programas de Pós-graduação, e cinco deles são bolsistas de produtividade do CNPq, reforçando o compromisso com a excelência acadêmica e científica.

Entre 2019 e o momento atual, o Departamento desenvolveu ou mantém em andamento 39 projetos de Pesquisa e Extensão. O curso tem, atualmente, 383 alunos

regularmente matriculados, sendo 190 no período integral (Bacharelado) e 193 no período noturno (Licenciatura).

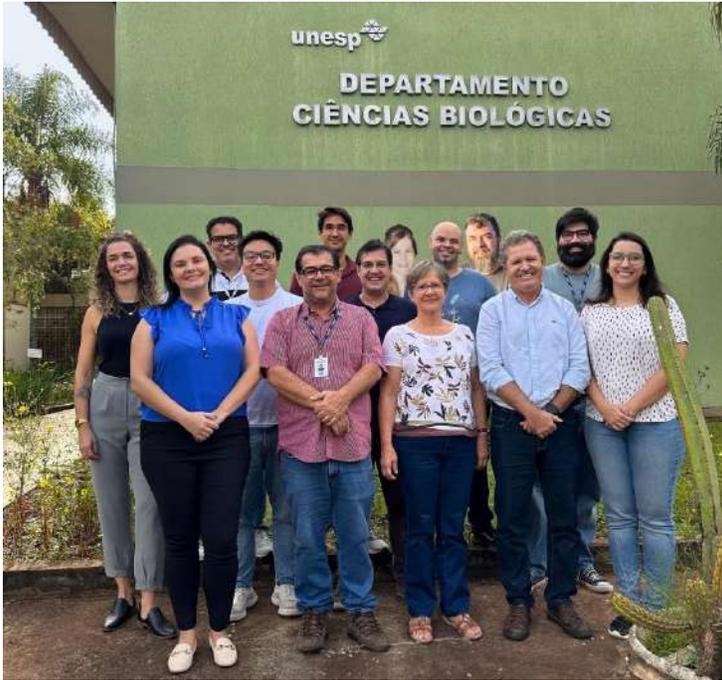
A partir de 2025, está prevista a ampliação do quadro docente com a contratação de mais três professores para áreas específicas do núcleo comum do curso de Ciências Biológicas, atualmente descobertas, fortalecendo ainda mais a formação acadêmica oferecida.

Figura 51 – Antigo prédio do Departamento de Ciências Biológicas



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 52 – Membros do Departamento de Ciências Biológicas



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 53 – Laboratório de Microscopia



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 54 – Prédio atual do Departamento de Ciências Biológicas



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Departamento de Computação

A Fundação Educacional de Bauru e os primeiros passos na Computação

A Fundação Educacional de Bauru foi instituída em dezembro de 1966, fruto de demandas da comunidade local e de interesses políticos voltados à ampliação do Ensino Superior na cidade. O primeiro desdobramento concreto foi a autorização de funcionamento da Faculdade de Engenharia, em 1967, com a implantação do curso de Engenharia Mecânica. No ano seguinte, foram iniciados os cursos de Engenharia Civil e Engenharia Elétrica.

Com o objetivo de oferecer formação técnica de curta duração, a Faculdade de Tecnologia foi criada em 1970, disponibilizando cursos nas áreas de Tecnologia Civil, Tecnologia Elétrica e Tecnologia Mecânica, com equivalência técnica aos cursos da Faculdade de Engenharia.

O curso de Tecnologia em Processamento de Dados

Em 1975, a Faculdade de Tecnologia instituiu o curso de Tecnologia em Processamento de Dados, considerado um dos pioneiros no Brasil na área de computação. Em um período em que a informática passava a despontar como área estratégica em nível global, o curso foi criado para suprir a crescente demanda por profissionais qualificados em desenvolvimento de sistemas de informação, programação e análise de dados.

O impacto do curso na comunidade local foi expressivo, contribuindo ao desenvolvimento tecnológico da região, formando profissionais.

Formação de Grupos de Estudo e consolidação da área de Computação

Nos anos finais da Faculdade de Tecnologia, foi constituído um grupo de estudos composto por quatro docentes e dois técnicos do Centro de Processamento de Dados, com o objetivo de aprofundar conhecimentos na área da computação.

À época, as disciplinas e os docentes da área de Computação estavam vinculados ao Departamento de Engenharia de Produção, em razão da inexistência de um departamento específico para Computação. O Professor Pedro Walter De Pretto exercia o cargo de Diretor da Faculdade de Engenharia, tendo como Vice-diretor o Professor João Eduardo Campagna Frisina.

Simultaneamente, o Professor Marco Antônio Rahal Sacoman assumiu a coordenação do curso de Tecnologia em Processamento de Dados da Faculdade de Tecnologia, sob direção do Professor Paulo César Razuk, que, mais tarde, viria a ocupar o cargo de Vice-reitor da Unesp.

Durante esse período, a Fundação Educacional de Bauru iniciou a construção de salas de aula e laboratórios no novo câmpus da Vargem Limpa, onde estava situado o prédio do IPMet. Esse edifício, que mais tarde seria destinado ao Departamento de Computação, representa um marco na história que se desenrolaria nos anos seguintes.

Criação do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Computação

Com as aulas ministradas no novo Câmpus, surgiu a necessidade de estabelecer um novo laboratório de computação para atender aos docentes e discentes do novo câmpus.

Na ocasião, com a transferência do IPMet para suas novas instalações, o Diretor da Faculdade de Tecnologia era o Professor Norival Agnelli, que apoiou a iniciativa das tratativas com o Professor Roberto Vicente Calheiros, fundador e diretor do IPMet, que autorizou a cessão do antigo prédio do instituto à instalação do novo laboratório.

O Conselho Diretor reconheceu a iniciativa na qual foi denominado Núcleo de Ensino e Pesquisa em Computação. O Núcleo funcionava de forma ininterrupta, 24 horas por dia, sete dias por semana, sendo mantido exclusivamente por alunos

voluntários, principalmente dos cursos de Tecnologia em Processamento de Dados e das Engenharias.

Ao longo dos anos, o Núcleo de Ensino e Pesquisa em Computação teve seu nome alterado para Laboratório Didático de Computação, depois, passou para Laboratórios de Ensino Pesquisa e Extensão em Computação e, atualmente, Laboratório Didático dos Cursos de Bacharelado em Sistemas de Informação e Bacharelado em Ciência da Computação.

Criação do curso de Bacharelado em Ciência da Computação

Com o sucesso do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Computação, o Professor Sacoman elaborou, ainda em 1983, o projeto de criação de um curso superior em computação. A Diretoria da Faculdade de Ciências demonstrava a necessidade de um novo curso na área tecnológica e o projeto de curso em desenvolvimento foi apresentado na forma de Bacharelado em Ciência da Computação.

As tratativas junto ao Conselho Estadual de Educação foram iniciadas em 1984, resultando na autorização para o início do curso no segundo semestre daquele ano.

Estruturação da Universidade da Bauru e criação do Departamento de Computação

Em 1985, a Fundação Educacional de Bauru foi reestruturada, extinguindo suas unidades (Faculdade de Engenharia, Faculdade de Tecnologia, Faculdade de Ciências e Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação) e criando a Universidade da Bauru, organizada com base em Departamentos de Ensino e Cursos. Mesmo com a extinção da Faculdade de Engenharia, o Departamento de Engenharia de Produção permaneceu como o responsável pelas disciplinas e docentes da área de Computação.

O Reitor da Universidade de Bauru, Professor Pedro Walter De Pretto, apoiou a proposta de criação de um Departamento específico de Computação, sendo aprovada pelo Conselho Universitário. Os docentes vinculados à área foram transferidos para o recém-criado Departamento de Computação, cuja primeira chefia foi exercida pelo Professor Sacoman, tendo como vice-chefe a Professora Lúcia Kumoto Katsuki.

Incorporação da Universidade de Bauru pela Unesp e criação do curso de Sistemas de Informação

Em 1988, a Unesp incorporou a Universidade de Bauru, reconfigurando-a em Faculdades de Engenharia, Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação e Faculdade de Ciências. O Departamento de Computação passou a integrar a estrutura da Faculdade de Ciências.

Com a extinção da Faculdade de Tecnologia, seus cursos foram encerrados, exceto o curso de Tecnologia em Processamento de Dados, que foi mantido sob responsabilidade da Faculdade de Ciências. Com o tempo, esse curso foi descontinuado e, em resposta à demanda por formação atualizada na área, um grupo de docentes do Departamento de Computação elaborou o projeto do primeiro curso de Bacharelado em Sistemas de Informação do país, que teve início em 1997.

O surgimento dos laboratórios de pesquisa

Laboratório de Sistemas de Tempo Real (1995)

No contexto de consolidação e amadurecimento do Departamento de Computação da Unesp/Bauru, a criação de laboratórios de pesquisa representou um passo essencial ao desenvolvimento acadêmico e científico da unidade. O primeiro laboratório de pesquisa formalmente instituído foi o Laboratório de Sistemas de Tempo Real, fundado por volta de 1995.

Inicialmente, o Laboratório de Sistemas de Tempo Real foi instalado em uma sala do Laboratório de Ensino Pesquisa e Extensão em Computação, localizada onde atualmente funciona a sala dos funcionários técnico-administrativos do departamento. Com o crescimento das atividades e da equipe, o laboratório conquistou novas instalações, primeiro no prédio conhecido como Casca I e, posteriormente, no Casca II, ampliando significativamente sua infraestrutura e capacidade de atuação.

O Laboratório de Sistemas de Tempo Real foi coordenado pelos professores Antonio Carlos Sementille e José Remo Ferreira Brega, e teve como um de seus primeiros projetos o desenvolvimento de um protótipo de sistema de votação eletrônica para o Tribunal Regional Eleitoral do Estado de São Paulo (TRE-SP). Esse trabalho foi realizado em um período anterior à adoção do atual modelo nacional de urnas eletrônicas, demonstrando o caráter inovador e precursor das pesquisas conduzidas no laboratório.

Laboratório de Tecnologia de Informação Avançada (1996)

O Laboratório de Tecnologia de Informação Avançada, idealizado e criado pelos Professores Eduardo Marins Morgado, João Pedro Albino, Wilson Massashiro Yonesawa e Karen Langona, surgiu no câmpus de Bauru, em 1996, e a intenção era ser um facilitador aos alunos.

O Laboratório de Tecnologia de Informação Avançada deu seus primeiros passos dentro do Laboratório de Ensino Pesquisa e Extensão em Computação. O primeiro grande projeto foi a criação do *WebCurso*, programa para auxiliar no ensino a distância. Posteriormente, o *software* passou a se chamar *VirtualCurso*, tornando-se uma plataforma de ensino a distância.

Em 2005, o Laboratório de Tecnologia de Informação Avançada iniciou as parcerias com empresas privadas como a Intel, Microsoft, entre outras. Em 2006, também iniciou o desenvolvimento do projeto *Cowboy*, financiado pela Microsoft.

O Laboratório de Tecnologia de Informação Avançada apresentou sua elevada importância por meio de nove prêmios da ImagineCup recebidos durante sua existência.

Laboratório de Sistemas Adaptativos e Computação Inteligente (SACI)

O Laboratório de Sistemas Adaptativos e Computação Inteligente foi fundado no início dos anos 2000, pelo Professor Titular João Fernando Marar, sendo o primeiro laboratório de pesquisa do Departamento de Computação a empregar técnicas de Inteligência Artificial em projetos financiados por agências como o CNPq, a Fapesp e a Fundunesp.

Em 2008, o Professor Associado Antonio Carlos Sementille passou a integrar o Laboratório de Sistemas Adaptativos e Computação Inteligente e, após o falecimento do Professor João Fernando Marar, em fevereiro de 2019, assumiu a coordenação do laboratório.

As atividades do Laboratório de Sistemas Adaptativos e Computação Inteligente se concentram no desenvolvimento de pesquisas aplicadas nas áreas de Inteligência Computacional e Interfaces Avançadas, com especial destaque para as tecnologias de Realidade Aumentada, Realidade Virtual e Inteligência Artificial.

O laboratório oferece suporte a pesquisas de alunos de mestrado e doutorado vinculados a dois programas de pós-graduação da Unesp: o Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação (PPGCC), da Faculdade de Ciências, e o Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT-DO), da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.

Além disso, o Laboratório de Sistemas Adaptativos e Computação Inteligente é regularmente utilizado por alunos de Iniciação Científica e Trabalhos de Conclusão de Curso dos cursos de Bacharelado em Ciência da Computação e Bacharelado em Sistemas de Informação.

Laboratório de Instrumentação Inteligente (2002)

O Laboratório de Instrumentação Inteligente foi criado em 2002, pelo Professor João Perea Martins, com apoio financeiro da Fapesp, por meio do projeto principal intitulado “Implementação de sistema automático para aquisição de dados pluviométricos”, tendo gerado, posteriormente, uma patente e dois registros de *software*.

O objetivo do laboratório é desenvolver projetos de instrumentação eletrônica baseada em microcontroladores programáveis, incluindo aspectos de sensores, aquisição de dados, telemetria, redes de sensores, Internet das Coisas, etc. Além da parte de pesquisas tecnológicas, o laboratório também serve como base para pesquisas na área de ensino de ciências e atividades de extensão, tendo sido base ao desenvolvimento de projetos nacionais e internacionais na área de ensino de tecnologias e de agricultura digital.

Laboratório de Computação de Alto Desempenho (2002)

O Laboratório de Computação de Alto Desempenho foi criado em 2002, com recursos oriundos de um Projeto de Auxílio à Pesquisa financiado pela Fapesp, coordenado pelo Professor Aparecido Nilceu Marana e contando com as colaborações dos Professores Marco Antonio Cavenaghi e Roberta Spolon.

Esse laboratório visava dar suporte ao desenvolvimento de aplicações de alto desempenho, utilizando-se *cluster* de computadores, com o Mosix e Beowulf. O Laboratório de Computação de Alto Desempenho foi equipado com

microcomputadores, impressoras e servidores. Posteriormente, novos equipamentos foram adquiridos, com recursos de projetos financiados pela Fapesp, Fundunesp e Petrobrás. Com esses novos equipamentos, foi implantado o modelo de Infraestrutura-como-serviço (IaaS) utilizando-se o OpenStack. Assim, as aplicações, que antes executavam no *cluster*, migraram para a nuvem. Esse laboratório foi transformado, em 2010, no Laboratório Regogna, sendo seus equipamentos incorporados a esse novo laboratório.

Regogna (2010)

O Regogna derivou do Laboratório de Computação de Alto Desempenho e foi criado em 2010 com o objetivo principal de promover a pesquisas de ponta nas áreas de Visão Computacional, Aprendizado de Máquina e Biometria, sendo coordenado pelos Professores João Paulo Papa e Aparecido Nilceu Marana, contando, inicialmente, com oito computadores (sendo dois dedicados ao desenvolvimento em ambiente GPU); três *laptops*; três servidores e três impressoras, além de uma *smart* câmera, e um escâner de impressões digitais de alta resolução, adquirido em 2011 com recursos da Fapesp.

Atualmente, esse laboratório do Departamento de Computação se dedica também ao desenvolvimento de pesquisas na área de Inteligência Artificial, contando com recursos computacionais de ponta e grande capacidade computacional. Desde sua criação, vários pesquisadores e estudantes atuaram no Regogna, tornando-o um laboratório reconhecido nacional e internacionalmente. Maiores detalhes do Regogna podem ser encontrados em <https://www.recogna.tech>

Laboratório Avançado de Redes e Segurança (2018)

O Laboratório Avançado de Redes e Segurança se dedica ao Avanço da Pesquisa em Segurança de Redes de Computadores. A missão do Laboratório é

promover estudos de ponta e, ao mesmo tempo, um ambiente colaborativo para pesquisa e educação. Tem o compromisso de impulsionar a inovação, compartilhar conhecimento e inspirar a excelência na área da *Cibersegurança*.

O Laboratório Avançado de Redes e Segurança foi fundado em 2018, e é coordenado pelo Professor Kelton Augusto Pontara da Costa. Atualmente, conta com uma grande equipe de pesquisadores envolvidos e alunos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Maiores detalhes do Laboratório Avançado de Redes e Segurança podem ser encontrados em <https://larsunesp.com>.

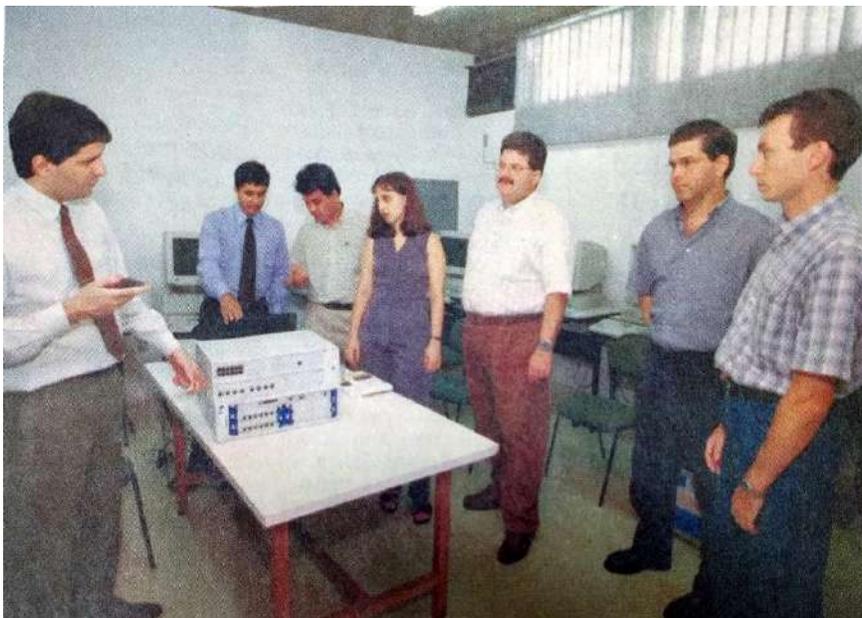
Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação

A consolidação da pesquisa científica no Departamento de Computação da Unesp/Bauru culminou na criação do Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação (PPGCC-UNESP), autorizado pela Capes, em 2005, e com início de funcionamento em 2006. Desde então, o programa tem se destacado na formação de recursos humanos altamente qualificados e no desenvolvimento de pesquisas de excelência, sendo atualmente avaliado com conceito 4 na avaliação quadrienal da Capes.

Um dos diferenciais do programa é seu caráter interunidades, envolvendo quatro câmpus da Unesp: Bauru, Presidente Prudente, Rio Claro e São José do Rio Preto. O programa recebe candidatos com formação preferencial em cursos da área de Computação e Informática.

Ao longo dos anos, o PPGCC tem contribuído de forma expressiva à formação de pesquisadores, professores universitários, empreendedores e profissionais que atuam em setores estratégicos da indústria e da sociedade, fortalecendo o papel da Unesp como instituição de referência no ensino e na pesquisa em Ciência da Computação.

Figura 55 – No ano 2000



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 56 – Confraternização



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 57 – Confraternização



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 58 – Membros do Departamento de Computação



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Departamento de Educação

A gênese do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências

A Faculdade de Ciências (FC) da Unesp de Bauru, ao celebrar seus 55 anos, rememora uma trajetória rica e complexa, pontuada pela criação de vários departamentos que se tornaram pilares em diversas áreas do conhecimento. Entre eles, o Departamento de Educação ocupa lugar de destaque, sendo fruto do esforço visionário e da percepção de professores que vislumbraram a crescente demanda por formação de profissionais da educação diante do cenário de expansão universitária no interior paulista.

A criação do Departamento de Educação não foi um evento isolado, mas o resultado de um processo que amadureceu em meio às transformações sociais e educacionais da época. O câmpus da Unesp de Bauru teve início em 12 de agosto de 1988, com a incorporação da Universidade de Bauru (UB) e o Departamento de Educação da Faculdade de Ciências funcionou provisoriamente até sua institucionalização, oficializada pela Resolução Unesp n.º 7, de 25/02/1993: “O Departamento de Educação da Faculdade de Ciências do Câmpus de Bauru fica estabelecido, nos termos do artigo 52 do Estatuto, com as seguintes áreas: ‘Fundamentos da Educação e Filosofia e Política da Educação’; ‘Metodologia da Pesquisa Científica e Pedagógica’; ‘História da Educação (antiga, moderna e contemporânea)’; ‘Estudo e análise da sociedade e sua relação com a Educação (Sociologia da Educação e Economia da Educação)’; ‘Estrutura e Funcionamento de 1.º, 2.º e 3.º graus e Administração Escolar’; ‘Didática e Prática de Ensino’; ‘Psicologia da Educação’ e ‘Supervisão e Orientação Pedagógica ou Educacional’”.

Embora a data exata da sua formalização como departamento esteja relacionada aos marcos administrativos específicos, a “semente” da educação na FC foi lançada bem antes, por meio das disciplinas pedagógicas em cursos de

licenciatura existentes, visando à formação de professores, refletindo a preocupação da FC em atender às necessidades educacionais da região.

Os idealizadores originais da estrutura que viria a ser o Departamento de Educação foram professores e pesquisadores que nutriam um profundo interesse pela Pedagogia e pela formação de professores, pois defenderam a necessidade de um núcleo estruturado ao estudo da prática pedagógica no contexto da FC, argumentando sobre a importância de uma abordagem científica aos desafios pedagógicos.

As condições da época eram de grande efervescência no campo educacional brasileiro. A expansão do ensino superior, a crescente demanda por professores qualificados e as discussões sobre as reformas educacionais impulsionavam a necessidade de instituições capazes de formar profissionais com uma sólida base teórica e prática. Bauru, como um polo regional em crescimento, sentia essa demanda de forma particular.

Diante de tal cenário e por compromisso dos docentes do Departamento de Educação com a formação de professores, houve a criação do Curso de Pedagogia, concebido com a finalidade de formar profissionais capazes de atuar em diferentes esferas da educação – da gestão escolar ao desenvolvimento de projetos educacionais, da pesquisa à docência –, o curso de Pedagogia da FC de Bauru rapidamente se consolidou como uma referência na região.

A história do curso de Pedagogia é marcada por constante evolução, adaptando-se às mudanças nas diretrizes educacionais e às demandas da sociedade. Inicialmente focado na formação de professores aos anos iniciais do Ensino Fundamental e à Educação Infantil, o curso expandiu suas áreas de atuação, passando a contemplar também a formação de pedagogos para atuar na gestão escolar. A ênfase na pesquisa em educação e na extensão universitária sempre foram

diferenciais do curso, cujo fio condutor nunca deixou de ser a prática pedagógica, tendo sido criado nos termos da Resolução Unesp n.º 33, de 1/6/2001.

O Departamento de Educação da FC da Unesp de Bauru não se restringiu à graduação. Em um movimento natural de amadurecimento e consolidação, participou ativamente da criação de Programas de Pós-graduação. O Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência, criado em 1997, com linhas de pesquisa inovadoras, possibilitou o aprofundamento de estudos em áreas como a educação científica, a formação de professores para ensino de ciências, atraindo pesquisadores e estudantes de diversas regiões.

A criação do segundo Programa de Pós-graduação se deu por meio de um esforço conjunto de professores do Departamento de Educação e outros Departamentos da FC, evidenciando a interdisciplinaridade como uma marca registrada da pesquisa em ensino. O Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica teve início oficial em 2013 e resultou de um processo colaborativo que envolveu docentes comprometidos com a formação de pesquisadores e professores que, a partir dos desafios da sala de aula e o desenvolvimento de produtos educacionais, contribuem com a melhoria do ensino.

A história do Departamento de Educação é, portanto, uma narrativa de crescimento, adaptação e compromisso com a formação de profissionais da educação e com a produção de conhecimento. Seus 55 anos são testemunho de um legado que continua a inspirar e a transformar a educação em Bauru e em todo o Brasil.

Figura 59 – Membros do Departamento de Educação



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 60 – Membros do Departamento de Educação



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 61 – Confraternização em 2024



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Departamento de Educação Física⁶²

O Departamento de Educação Física (DEF) da Faculdade de Ciências da Unesp, câmpus de Bauru, teve início com a Universidade de Bauru, antes de sua incorporação pela Unesp. Embora não haja um documento que registre a data exata de sua criação, o DEF foi criado com o início da primeira turma do curso de Licenciatura em Educação Física, em 1986. A concepção do curso de Licenciatura em Educação Física se deu em 1985, com a Portaria CAA – n.º 002/85, da então Fundação Educacional de Bauru, designando os Professores José Roberto M. dos Santos, João Gualberto Pires, Caetano dos Santos Neto e Jorgeta Zogheib Milanezi para a Comissão Especial, que estudou a viabilidade de sua implantação. Sob a presidência do Professor José Roberto, a comissão apresentou seu relatório final em 21 de agosto de 1985, com a Fundação Educacional já transformada em Universidade de Bauru, relatando que o curso era viável e sua implantação poderia ser imediata e elaborando um currículo que seria adequado às instalações existentes (institucionais e potenciais convênios/parcerias locais). Assim, o primeiro vestibular do curso ocorreu em 11 de janeiro de 1986, com 172 candidatos para o preenchimento de 80 vagas, com o Professor João Gualberto Pires sendo o primeiro chefe de departamento e coordenador do curso.

No momento da incorporação da Universidade de Bauru pela Unesp, em 1988, o DEF oferecia somente o curso de licenciatura anteriormente descrito e tinha 13 docentes com titulação máxima de licenciado. Além disso, os registros do Processo de Reconhecimento do Curso de licenciatura, encaminhado para análise dos órgãos competentes em 1989, já demonstravam a realização de diversas atividades de Extensão Universitária, uma forte característica do DEF até os dias de hoje. A

⁶² O texto foi escrito pelo Professor Emmanuel Gomes Ciolac (chefe do Departamento de Educação Física) e revisado pelos Professores Márcio Pereira da Silva (Vice-chefe do Departamento de Educação Física); Dalton Müller Pêsoa Filho (Coordenador do Curso de Graduação em Educação Física); Cassiano Merussi Neiva (Vice-coordenador do Curso de Graduação em Educação Física); Willer Soares Maffei (Coordenador do PROEF) e Fábio Augusto Barbieri (Coordenador do PPGCMI).

infraestrutura ainda era incipiente, contando apenas com uma sala para a chefia (em um prédio da Gleba A do câmpus) e a Praça de Esportes, que tinha apenas o campo de futebol/pista de atletismo; o prédio de vestiários; quatro quadras descobertas e a casa do caseiro (apelidada carinhosamente de casinha e, posteriormente, utilizada como sala de docentes). Assim, eram utilizadas dependências (academia, quadras poliesportivas, piscinas e ginásio de ginástica) de instituições parceiras (públicas e privadas) para a realização das atividades da graduação e extensão.

Desde então, o DEF veio ampliando e qualificando seu quadro funcional, o número de cursos e atividades oferecidas, bem como a sua infraestrutura. Atualmente, seu quadro funcional tem 20 docentes (três titulares, dez associados e sete assistentes doutores) e quatro técnicos administrativos (um assessor de departamento e três assistentes de suporte acadêmico nível 2). Ressalta-se que todos os 20 docentes atuais do DEF trabalham em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão, sendo que cinco são pesquisadores bolsistas produtividade em pesquisa do CNPq e todos os 20 estão credenciados em Programas de Pós-graduação (PPG) *Stricto sensu*.

No âmbito da graduação, o curso de licenciatura em Educação Física, que desde a sua criação oferecia apenas uma turma por ano, no período integral, passou a oferecer também o curso noturno, a partir de 1999, dada a preocupação do DEF com a crescente procura pela profissão e a demanda da sociedade pelo oferecimento de cursos de graduação para aqueles que não tinham condição de estudar no período integral. A partir de 2012, atendendo a mais uma demanda da sociedade por formação profissional em Educação Física, o DEF passou a oferecer o curso de bacharelado em Educação Física, nos períodos integral e noturno. Desde então, o DEF oferece quatro cursos de graduação, sendo dois cursos de licenciatura em Educação Física (integral e noturno) e dois cursos de bacharelado em Educação Física (integral e noturno), todos com nota máxima pelo MEC e Guia do Estudante.

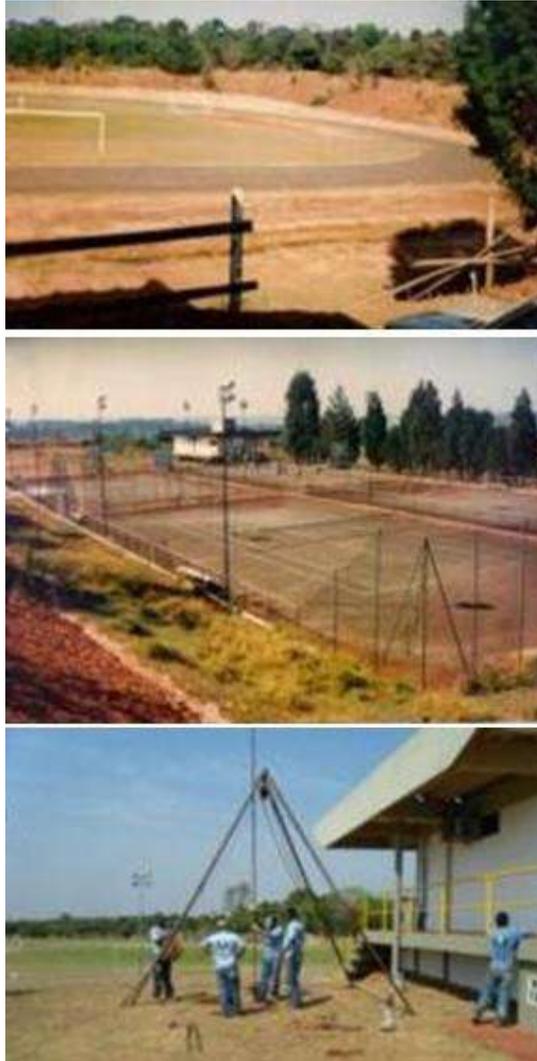
No ano de 2017, os docentes do DEF participaram da reestruturação do Programa de Pós-graduação (PPG) em Ciências do Motricidade, criado em 1991 pelo Instituto de Biociências da Unesp (câmpus de Rio Claro). Com essa reestruturação, o PPG em Ciências da Motricidade passou a ser interunidades, com a FC da Unesp, representada pelo DEF, sendo uma de suas unidades. Em 2021, o PPG em Ciências da Motricidade – Interunidades se uniu ao PPG em Fisioterapia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp (câmpus de Presidente Prudente) e passou a se chamar PPG em Ciências do Movimento – Interunidades (PPGCM), oferecendo os cursos de Mestrado e Doutorado em uma área de concentração (Biodinâmica do Movimento e Reabilitação). Os docentes do DEF têm atuado em todas as quatro linhas de pesquisa do PPGCM, além de exercerem a Coordenação do Programa desde 2017. Os docentes do DEF também participaram da criação do PPG em Educação Física, curso de Mestrado Profissional (PROEF), interinstitucional em rede nacional e interunidades, coordenado pela Unesp em associação a outras Intuições de Ensino Superior (atualmente, são 25 instituições associadas e 28 unidades espalhadas pelas cinco regiões do país). Embora a aprovação de criação e primeiro processo seletivo tenham ocorrido em 2016, a aula inaugural do PROEF ocorreu em abril de 2018. Desde então, o PROEF oferece o curso de Mestrado Profissional em uma área de concentração (Educação Física Escolar), tendo docentes do DEF atuando em suas duas linhas de pesquisa e na Coordenação Geral desde 2024. Além do PPGCM e PROEF, há docentes do DEF envolvidos com PPGs de outras Unidades da Unesp e de outras Instituições de Ensino, demonstrando a importância do nosso corpo docente para o fortalecimento da Unesp. Ressalta-se também que o DEF ofereceu três cursos de Pós-graduação *Lato sensu* (especialização), durante os períodos de 1999-2000 (Educação Física e Esportes para Crianças e Adolescentes), 2001-2003 (Treinamento Físico Individualizado) e 2015-2017 (Fisiologia do Exercício Aplicada à Promoção de Saúde).

Em relação à infraestrutura, foram muitos os progressos frente à infraestrutura inicial, apresentados no início do texto. No ano de 2001, foi construído o prédio do Laboratório Didático de Ensino e Pesquisa (LD) I, que atualmente abriga quatro laboratórios e três salas de docentes. No ano de 2002, houve a inauguração de duas construções. Uma delas foi o Ginásio de Esportes, que tem duas quadras poliesportivas e área para a prática de Ginástica e ocupou o lugar de duas das quatro quadras descobertas que existiam desde o início do DEF. A outra construção foi o prédio que hoje abriga a secretaria do DEF, as salas da Chefia e da Coordenação de Curso de Graduação, a sala de reuniões e a sala dos Assistentes de Suporte Acadêmico. Em 2004, houve a construção do LD II, que atualmente abriga dois laboratórios e quatro salas de docentes. O Laboratório Didático de Esportes Aquáticos – que atualmente abriga uma piscina semiolímpica, um auditório, uma sala de aula, um laboratório e vestiários masculino e feminino –, foi inaugurado em 2012. A partir de 2013, o prédio, que inicialmente abrigava os vestiários descritos no início do texto, passou por diversas reformas, dando lugar ao LD III, que abriga atualmente seis laboratórios. Em 2016, a “casinha” deixou de existir, dando lugar à construção atual que abriga dois laboratórios e oito salas docentes. Em 2023, foram inauguradas duas quadras de areia. Por fim, em 2024, foram inauguradas as últimas construções: a central de salas de aula da Praça de Esportes (com quatro salas de aula) e a cobertura das quadras externas. Há, também, dois laboratórios coordenados por docentes do departamento na Gleba A do câmpus (fora da Praça de Esportes), contabilizando quatro laboratórios didáticos e 13 laboratórios de pesquisa sob a responsabilidade do DEF, os quais contam fomento das principais agências de fomento (nacionais e internacionais).

Em suma, embora ainda sejam necessárias melhorias de infraestrutura e contratações, o DEF evoluiu muito desde sua criação. Essa evolução tornou o DEF, provavelmente, o maior departamento da FC, tendo sob sua responsabilidade uma

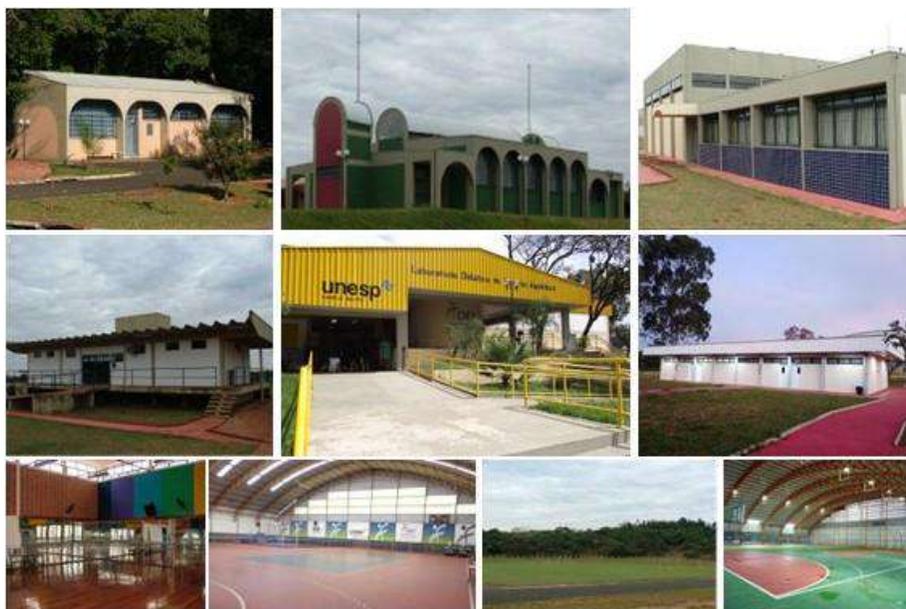
área total de aproximadamente 90 mil m², com todas as construções aqui descritas, as quais, juntamente com seu corpo docente e técnico altamente qualificado, permitem a realização de suas atividades ensino, pesquisa, extensão e administração em nível de excelência.

Figura 62 – Início do Departamento de Educação Física



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 63 – Departamento de Educação Física



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 64 – Inauguração do Laboratório Didático de Esportes Aquáticos, em 2012



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 65 – Laboratório Didático de Esportes Aquáticos



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Departamento de Física e Meteorologia

O Departamento de Física da Faculdade de Ciências da Unesp, câmpus de Bauru, foi criado em 1968 com o objetivo de dar suporte aos cursos de Engenharia, mantidos pela Fundação Educacional de Bauru (FEB). Em 1969, foi instalado o curso de Licenciatura Plena e Específica em Física. Em 1985, a FEB foi transformada em Universidade de Bauru. Em 1988, foi encampada pela Unesp, alterando significativamente os objetivos do Departamento de Física, que passou a dar ênfase, também, à pesquisa e ao suporte na qualificação de seus docentes.

Seguindo nessa direção, o Departamento de Física apresentou expressiva evolução na qualificação do seu corpo docente, em infraestrutura e na produção científica, estabelecendo parcerias com outras instituições de pesquisa no Brasil e exterior, destacando-se os Institutos de Física da USP (São Carlos) e da Unicamp (“Gleb Wataghin”); a Universidade Federal da Califórnia; o “Istituto di Acustica O. M. Corbino”, de Roma; a Universidade de “Rennes” e o “Laboratoire pour L’Utilization du Rayonnement Electromagnetique” (LURE), ambos na França.

Atualmente, o Departamento tem 29 docentes, todos em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP) e com titulação de doutor, dos quais dez são Livre-docentes, sendo que três são titulares. Com o auxílio de recursos obtidos junto às agências de fomento, tais como Fapesp, CNPq, Capes, Finep, Fundunesp, além da própria Unesp, foi possível construir uma considerável infraestrutura de laboratórios, sendo seis laboratórios didáticos e 15 laboratórios de pesquisa, todos com equipamentos de primeira geração. Além do Centro Interativo de Física, que é um espaço de divulgação científica com aparelhos criados pelos alunos da própria Universidade e recebem escolas para visitaão.

Essas condições resultaram em um aumento na produtividade acadêmica, que se deu principalmente na área de Física de Materiais. Essa área congrega a maioria

dos docentes do Departamento de Física e a maior parte deles atuam no Programa de Pós-graduação, Mestrado e Doutorado em Ciências e Tecnologia de Materiais, implantado em 2004, cuja sede está no câmpus de Bauru. Considerando toda a estrutura já montada, uma das direções naturais de crescimento passa necessariamente pela formação dos Bacharéis em Física aptos a iniciar a carreira de pesquisadores teórico experimentais em Ciências de Materiais. Com esse objetivo, houve uma reestruturação do curso de Licenciatura em Física, que, a partir do ano de 2012, passou a ser: curso de Física, Modalidades Licenciatura em Física e Bacharelado em Física dos Materiais, podendo o aluno cursar ambas as modalidades. Além do curso de Física, o Departamento ministra as disciplinas de Física Básica aos cursos das Engenharias: Civil, Mecânica, Elétrica e de Produção, bem como para as Licenciaturas em Química, Matemática e Ciências Biológicas e Bacharelado em Ciência da Computação.

O Departamento de Física atua nos Programas de Pós-graduação em Ciência e Tecnologia de Materiais (nível 6), Educação para a Ciência (nível 5) e no Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica. No ensino de graduação, o Departamento oferece o Curso de Física, modalidades Licenciatura e Bacharelado em Física de Materiais, com um total de 60 vagas anuais, e o Curso de Bacharelado em Meteorologia, com 40 vagas anuais. Além disso, o Departamento oferece disciplinas aos Cursos de Engenharia Civil, Mecânica, Elétrica e de Produção, e para as Licenciaturas em Química, Matemática e Ciências Biológicas, além do Bacharelado em Ciência da Computação.

Com a fusão entre o Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet) e a Faculdade de Ciências (FC) e a necessidade de formação de profissionais em Meteorologia, o Departamento de Física criou o Curso de Bacharelado em Meteorologia, tendo sua primeira turma no início de 2013. No ano de 2021, mudou sua designação para Departamento de Física e Meteorologia.

O curso de Física de Bauru teve início na Fundação Educacional de Bauru, na modalidade Licenciatura Plena, no ano de 1969 (Decreto 51.578, de 21/3/1969) e foi reconhecido em 1972 (Decreto 70.575, de 22/5/1972), ano em que formou a primeira turma. Em 1975 o currículo foi alterado e o curso se transformou em uma Habilitação em Física, como decorrência da promulgação da Resolução 30/74, pelo Conselho Federal de Educação.

O curso de Física de Bauru teve início na Fundação Educacional de Bauru, na modalidade Licenciatura Plena, no ano de 1969 (Decreto 51.578, de 21/3/1969) e foi reconhecido em 1972 (Decreto 70.575, de 22/5/1972), ano em que formou a primeira turma. Em 1975, o currículo foi alterado e o curso se transformou em uma Habilitação em Física, como decorrência da promulgação da Resolução 30/74, pelo Conselho Federal de Educação.

Em 1985, foi criada a Universidade de Bauru a partir da Fundação Educacional de Bauru, que foi encampada pela Unesp em agosto de 1988, sendo criado o câmpus de Bauru da Unesp. Após a encampação, criaram-se as condições para reverter a decisão de 1975, transformando o curso novamente em uma Licenciatura Plena, o que ocorreu em 1991 (Resolução Unesp 4/1991). O curso, nesse formato, foi reconhecido pelo Ministério da Educação em 1995 (Portaria n.º 1.043/1995), tendo sido renovado o reconhecimento em 2003 (Portaria CEE/GP n.º 109/2003) e em 2009 (Portaria CEE/GP n.º 96/2009).

Desde a criação do curso, em 1969 até 1996, foram oferecidas 20 vagas anuais no vestibular; esse número passou para 30, em 1997, e, depois, para 40, em 2002. Em 2012, foi feita a reestruturação curricular, com a criação da modalidade Bacharelado em Física de Materiais, no período vespertino/noturno. O número de vagas foi ampliado de 40 para 60, com entrada única no vestibular. Ambas as modalidades foram oferecidas com duração de quatro anos. As modalidades mantiveram o núcleo comum de disciplinas oferecidas no período noturno. Novas renovações de

reconhecimento ocorreram em 2015 (Portaria CEE-GP n.º 284/2015) para a Licenciatura e, em 2016 (Portaria CEE/CP n.º 54/2016), para o Bacharelado.

Em 2018, foi aprovada nova reestruturação (Portaria CEE GP Nº 437/18), implementada em 2019, centrada na modalidade Licenciatura, com o propósito principal de atender aos dispositivos legais do Conselho Estadual de Educação (Deliberação CEE-SP 111/2012, alterada pela Deliberação CEE-SP 154/2017), a respeito dos cursos de licenciatura, por exemplo, quanto à carga horária mínima de formação pedagógica. Nessa última reestruturação, não houve alterações na modalidade Bacharelado e foram mantidos número de vagas, entrada única, núcleo comum de disciplinas, período de oferecimento e tempo de duração.

Em 2023, o curso foi novamente reestruturado, com a introdução de uma nova habilitação denominada de bacharelado em Física Computacional com quatro anos de duração. Além disso, a modalidade Licenciatura em física passou de quatro para cinco anos, retirando-se as aulas de sábado. O número total de vagas foi mantido em 60.

O curso de graduação em Meteorologia da Unesp de Bauru foi criado pela Resolução Unesp n.º 11, de 19/3/2013, junto à Faculdade de Ciências no Departamento de Física e Meteorologia. Para a criação do curso, foram contratados 11 novos docentes, dentre os quais nove são do Departamento de Física e Meteorologia; um do Departamento de Matemática e um do Departamento de Engenharia de Produção. As atividades do curso iniciaram no ano de 2013 e ele passou pelo processo de reconhecimento pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) no final do ano de 2016 (Portaria CEE/GP n.º 376), em 11/11/2016. O Centro de Meteorologia de Bauru (IPMet) tem colaborado – por meio dos meteorologistas, que têm uma vasta experiência operacional –, na orientação de alunos que fazem estágios no IPMet e ministrando seminários aos discentes. E, alunos de outras instituições mostraram interesse e fizeram estágio no Centro com professores do curso de

Meteorologia. Os técnicos e meteorologistas do IPMet têm dado auxílio na montagem de laboratórios e eventuais minicursos e palestras direcionados aos alunos do curso de Meteorologia.

O curso passou por uma reestruturação no ano de 2023, sendo motivada pela inclusão das atividades de extensão, as quais foram determinadas obrigatoriamente como, no mínimo, 10% da carga horária do curso, por uma resolução do Conselho Nacional de Educação de 2018 (Resolução CNE n.º 7, de 18/12/2018). Aproveitando o ensejo dessa reestruturação, fez-se uma revisão completa das componentes do curso, onde foram revistas algumas ementas (por sobreposição de conteúdos); foi reorganizada a disposição curricular das disciplinas (visando a uma formação mais completa dos discentes e mais alinhadas às necessidades da sociedade diante das questões climáticas atuais), e foram incluídas atividades complementares (ACs).

Com a perspectiva da criação de uma rede integrada de monitoramento do tempo no Estado de São Paulo, a partir do ano 2025, a Casa Militar e Defesa Civil do Governo do Estado de São Paulo (em seu Ofício CMil n.º 096/620/2025-CM-DRESP) designa a Unesp como o centro de operações dessa rede. Assim, o Curso de Meteorologia deve crescer e ganhar mais visibilidade, trazendo ainda mais frutos à universidade.

Figura 66 - Observatório Didático de Astronomia “Lionel José Andriatto”



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 67 - Departamento de Física e Meteorologia



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 68 - Membros do Departamento de Física e Meteorologia



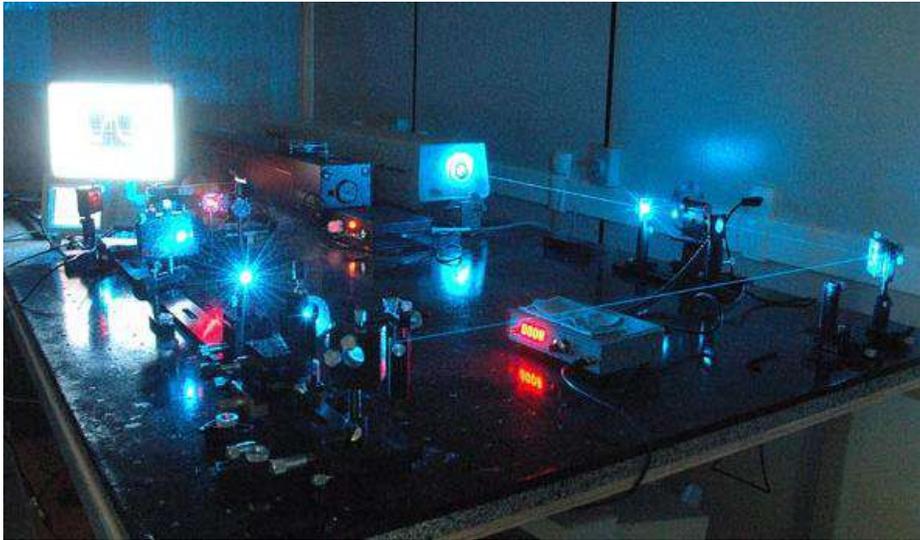
Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 69 - Laboratório



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 70 - Laboratório



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Departamento de Matemática

Um pouco sobre a história do Departamento de Matemática

Em meados da década de 1960, um grupo de lideranças política, intelectual e social entendeu que seria bom para a cidade de Bauru a criação de uma Faculdade de Engenharia. Para tanto, criou-se a Fundação Educacional de Bauru (FEB), uma fundação municipal, com atribuição de criação da referida faculdade com seus cursos iniciais. No ano de 1967, foi iniciado o Curso de Engenharia Mecânica da FEB e, no ano 1968, tiveram início os cursos de Engenharia Civil e Elétrica. Como é usual nos primeiros anos dos cursos de Engenharia, havia uma grande quantidade de disciplinas de matemática, básicas para esses cursos.

Diante desse contexto, o Departamento de Matemática iniciou suas atividades em 1967, por ocasião da criação do Curso de Engenharia Mecânica, dentro da Faculdade de Ciências da FEB. A autorização da instalação da Faculdade de Ciências, com os primeiros cursos de Física, Matemática, Desenho, Ciências e Psicologia aconteceu em 18/11/1968, pela Resolução n.º 30/68, do Conselho Estadual de Educação.

Nos anos iniciais, o Departamento de Matemática, junto com os cursos e instalações da FEB, tinham sua sede em um prédio da Secretaria Estadual da Educação, cedido pelo Governo do Estado de São Paulo para a FEB, localizado na vila Falcão, tendo lá permanecido até meados da década de 1980, quando a FEB passou a migrar gradualmente, com todos os outros departamentos e cursos, para o seu novo câmpus onde está até hoje, no bairro Vargem Limpa. Assim, a FEB recebeu, por doação da Prefeitura Municipal de Bauru, a área de 4,8 milhões m² (200 alqueires paulistas), localizada no bairro de Vargem Limpa.

Em 1988, quando da encampação da Universidade de Bauru pela Unesp, o departamento ficava no prédio em que se encontra atualmente a Biblioteca do

câmpus. Eram duas salas, uma maior com mesas dispostas para o trabalho de, aproximadamente, 20 professores, e uma sala menor, onde ficavam 12 docentes. Nessa época, o Departamento chegou a contar com mais de 30 professores. Nesse prédio, outros departamentos da FC, como o de Computação e de Física, também ficavam em salas amplas com número superior a dez docentes em cada uma, distribuídos em outros locais do câmpus. Nesse período, os Diretores da FC eram nomeados diretamente pela Reitoria da Unesp, dos quais se citam os Professores Dorival Larini, Irineu Pagano e Jehud Bortolozzi.

Em 1991, sob a administração do Professor Jehud, Diretor da FC indicado pela reitoria, o Departamento de Matemática foi transferido do prédio da biblioteca para o prédio (n.º 35), onde atualmente está o Departamento de Computação. Naquele prédio, localizavam-se os Departamentos de Computação, Matemática, Química e Educação Física. A parte destinada ao Departamento de Matemática era composta de secretaria, sala de atendimento, sala de informática, sala de chefia e coordenação e mais sete salas de docentes, para até quatro docentes cada uma. Nessa época, com aposentadorias e rescisões, e novas contratações, o quadro docente do departamento contava com um total de 28 professores.

Com relação à estrutura física, o Departamento ainda tinha a sala 64, que abrigava o laboratório didático do Curso de Licenciatura em Matemática, e a sala 63, que abrigava um projeto gerido por docentes desse Departamento, e docentes dos Departamentos de Educação, Física e Computação, denominado Centro de Educação Continuada em Educação Matemática, Científica e Ambiental (Cecemca). O Projeto Prolab, destinado ao Curso de Licenciatura em Matemática, aprovado no ano de 2000, além de uma ilha de edição de imagens, adquiriu o primeiro projetor multimídia da FC, que era demasiado caro à época.

O Departamento permaneceu nesse prédio até dezembro de 2004, mês e ano em que foi inaugurado o novo prédio do departamento, com a estrutura física atual.

O projeto arquitetônico do Departamento de Matemática vigente foi idealizado e realizado pelo arquiteto de Bauru, Maurício Queiroz Costa, filho da Professora Lair Queiroz Costa (*in memoriam*), do Departamento de Educação, e foi resgatado na Aplo/Reitoria no ano de 2000, pela chefia do Departamento daquele ano. Posteriormente, sua construção foi aprovada em dezembro de 2000, na última reunião do Conselho Universitário da Unesp, quando se encerrava a gestão do Professor Antonio Manoel dos Santos Silva. Nessa época, a Diretoria da FC estava a cargo do Professor José Mizael Ferreira do Valle e da Professora Adriana Josefa Ferreira Chaves. Nesse momento, o Departamento tinha 22 docentes, número esse que se reduziu para 17, em 2006, com a aposentadoria de quatro docentes e a rescisão contratual de mais um. A partir de 2007, com a realização de novos concursos de contratações de docentes, chegou-se ao número atual de 25 docentes.

Sobre a criação e participação em programas de pós-graduação:

Docentes do departamento participaram da criação do curso de Mestrado em Engenharia Elétrica, no ano de 2008 e, posteriormente, em 2018, do curso multicampi PosMAC, em parceria com o DMat da FCT-Unesp de Presidente Prudente, além de ser um dos polos do mestrado profissionalizante Profmat (Mestrado Profissional em Matemática em rede nacional), a partir do ano de 2014. O Departamento tem a maioria dos docentes atuando em cursos de pós-graduação além dos citados, tais como, em Filosofia (Unesp de Marília), Educação para Ciências e PosMAT (FC-Unesp de Bauru), Engenharia de Produção (FEB-Unesp), Biometria (IBB-Unesp de Botucatu) e Educação Matemática (IGCE-Unesp de Rio Claro).

Sobre os Laboratórios de pesquisa

A participação de docentes do departamento nos cursos de pós-graduação em Educação Matemática, da Unesp de Rio Claro, bem como no PosMAT da FC-Unesp de Bauru, contempla, respectivamente, dois laboratórios de pesquisa: o do Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM), localizado em sala do antigo prédio que abrigava o departamento de biologia, e o Grupo de Modelagem e Simulação Computacional, localizado atualmente na sala 64 do câmpus.

Histórico do Laboratório Didático de Matemática (LDM)

Durante o período de 2000 a 2012, a sala 64 do câmpus foi um espaço destinado ao Curso de Licenciatura em Matemática à realização da maioria das atividades didáticas ligadas ao Curso, como aulas, reuniões, palestras, seminários e, por isso, era denominada Laboratório Didático de Matemática (LDM). A aprovação da construção do atual LDM ocorreu em dezembro de 2000, na reunião do Conselho Universitário de 2000, em conjunto com a do Departamento. Nesse ano, a FC aprovava e encaminhava projetos de construção, os quais solicitavam a construção conjunta de departamentos e laboratórios didáticos. Como já informado, ainda que foram aprovadas as duas construções, elas não ocorreram ao mesmo tempo, sendo o Departamento construído e inaugurado em dezembro de 2004, e o laboratório, oito anos depois, em 2012, com a finalidade de transformar e ampliar o espaço para o desenvolvimento das atividades e melhorar as condições de ensino e aprendizagem aos alunos do Curso de Licenciatura em Matemática.

Destaca-se que o LDM foi pensado e projetado em reunião do DMAT no ano de 2006, cujo projeto estrutural foi feito pelo escritório da APLO-Reitoria, localizado no câmpus de Bauru, de tal forma a aproveitar a dimensão do terreno onde foi construído, ao lado do Departamento. Dessa forma, o LDM contempla, entre outras,

as salas de Tecnologia de Informação e de estudo, o Laboratório Didático de Informática (LDI), um amplo Laboratório de Ensino de Matemática (LEM), denominado atualmente “Prof.^a Ivete Maria Baraldi” e um Auditório para 110 pessoas, denominado atualmente “Prof.^a Edméa Cássia Baptista”.

Figura 71 - Membros do Departamento de Matemática em 2000



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 72 - Membros do Departamento de Matemática em 2013



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 73 - Encontro de membros do Departamento de Matemática em 2024



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 74 - Membros do Departamento de Matemática em 2024



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Departamento de Química

O Departamento de Química (DQ) da Faculdade de Ciências foi estabelecido, em 1967, como um departamento de apoio à Fundação Educacional de Bauru e, no período de 1988 a 1998, contava com os seguintes servidores docentes (D), técnicos (T) e administrativos (A) em seu quadro efetivo (designação e período de permanência no DQ entre parênteses): Agarb Cezar de Carvalho (D, 1968-1989) *in memorian*; Moisés Theodoro Messi (D, 1969-2001); Yolanda Diniz (D, 1978-1990); Renata Barduzzi Messi (D, 1985-1996) *in memorian*; Katia Moraes (D, 1987-1990); Robert Magnani (D, 1987-1989); Claudio Cabello (D, 1988-2015) *in memorian*; Manoel Lima de Menezes (D, 1988-2016); Antonio Carlos Dias Ângelo (D, 1988-2025); João Roberto Fernandes (D, 1988-atual); Aguinaldo Robinson de Souza (D, 1989-2022); Lauro Tatsuo Kubota (D, 1990-1995) *in memorian*; Margarida Juri Saeki (D, 1994-2006); Lucídio de Souza Santos (D, 1991-2014); Mário Sergio Galhiane (D, 1996-2017); Antônio Carlos Feitoza (T, 1988-atual); Sueli Sampieri Burneiko (T, 1987-2001); Flávio Cesar Ferraz (T, 1990-2015); Neuza de Oliveira Medina (A, 1987-2005). A partir de 2000, novos(as) servidores(as) foram contratados(as): Sandra Regina Rissato (D, 2006-2021) *in memorian*; Fenelon Martinho Lima Pontes (D, 2006-atual); Valdecir Farias Ximenes (D, 2006-atual); Luiz Carlos da Silva Filho (D, 2008-atual); Gilbert Bannach (D, 2009-atual); Alexandre de Oliveira Legendre (D, 2012-atual); Daniel Rinaldo (D, 2012-atual); Flávio Junior Caires (D, 2015-atual); Aroldo Geraldo Magdalena (D, 2015-atual); Kleper de Oliveira Rocha (D, 2015-atual); Patrícia Fernanda de Oliveira Cabral (D, 2022-atual); Luiz Gustavo Possato (D, 2023-atual); João Carlos Perbone de Souza (D, 2023-atual); Neivaldo Strutzel (T, 2003-2010); Glauco Line Perpétuo (T, 2009-2014); Marcelo Adorno Uchida (T, 2009-2011); David Santos Souza Padovini (T, 2011-2022); Ralph Moreira da Silva (T, 2011-atual); Talita Maganha (T, 2011-2011); Mário Hirochi Sitanaka (T, 2022-atual); Priscilla Caparroz de Moraes (T, 2023-atual); Viviane Fernandez Repullio (A, 2006-2018); Vagner de

Souza Todescatto (A, 2012-atual); Daniel Machado de Jesus (A, 2011-2021) *in memorian*; José Henrique Marques (T, 2023-atual).

A contribuição política mais distinta protagonizada por um funcionário do DQ ocorreu em 1987, quando o Professor Agarb Cesar de Carvalho foi empossado como Reitor da Universidade de Bauru, cargo que ocupou até a encampação pela Unesp, no ano seguinte.

No ano de 1989, foi realizado no DQ o primeiro concurso público nos moldes estipulados pela Unesp, com a contratação, em março, do Professor Aguinaldo Robinson de Souza. A partir de então, o DQ instituiu uma política de qualificação do seu corpo docente, que era formado exclusivamente por mestres. Nessa linha, vários docentes fizeram estágios de pós-doutorado, todos com financiamento pela Fapesp. Essa estratégia de qualificação do corpo docente foi imprescindível para alavancar e aprimorar as atividades de ensino e pesquisa no DQ, tendo propiciado o avanço das pesquisas de qualidade desenvolvidas na FC.

Até 2001, os encargos de ensino do DQ se limitavam a oferecer disciplinas a cursos da Faculdade de Ciências e da Faculdade de Engenharia. Assim, foi criado o curso de Licenciatura em Química, cuja primeira turma teve início em 2002. Em 2008, o curso foi classificado em 1.º lugar no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). Essa conquista coroou o reconhecimento dos esforços dos(as) servidores(as) pela oferta de um curso de qualidade e excelência. O DQ ainda continua responsável pelas disciplinas da área de Química de todo o câmpus de Bauru, atendendo aos cursos de licenciatura e bacharelado em Física, licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas, e bacharelados em Engenharia Civil, Elétrica, Mecânica, e de Produção.

A criação do curso de Química denota, qualitativa e quantitativamente, um ponto crucial no crescimento e aprimoramento das atividades de ensino, pesquisa e

extensão universitária realizadas no DQ. Os projetos de Iniciação Científica passaram a ser desenvolvidos por discentes em formação na própria área, permitindo aprofundar a investigação e a compreensão dos sistemas e métodos estudados. A necessidade de abordar, com maior profundidade, conceitos específicos da área Química, em disciplinas das subáreas Química Orgânica, Química Inorgânica, Química Analítica, Físico-Química, Bioquímica e Ensino de Química, levou a uma evolução expressiva na formação básica oferecida. Além disso, havia uma demanda represada, nos setores industrial e educacional, por profissionais da Química, de maneira que todos(as) os(as) egressos(as) eram absorvidos(as) pelo mercado de trabalho logo após concluírem o curso.

As atividades de extensão universitária também se ampliaram, passando a atender demandas específicas, tais como a mitigação de problemas ambientais locais e regionais, além de estabelecer colaborações, na área de Ensino de Química e Ensino de Ciências, com escolas de Bauru e região, por meio da Diretoria Regional de Ensino.

O curso de Licenciatura em Química também trouxe outra atividade acadêmica importantíssima: a Semana da Química. Esse evento, organizado por discentes do próprio curso sob a supervisão dos(as) docentes, tem trazido, periodicamente, palestras, minicursos, oficinas e visitas técnicas sobre temas inter, múlti e transdisciplinares, constituindo oportunidades singulares à formação complementar, além de incentivar o intercâmbio de saberes teóricos e práticos entre discentes, docentes, pesquisadores e profissionais tanto da própria instituição como de outras, principalmente da macrorregião de Bauru e do Estado de São Paulo.

Apesar dos avanços em alcance e prestígio das pesquisas realizadas no DQ, o fato de elas serem desenvolvidas por graduandos(as), ainda que com financiamento de agências de fomento como Fapesp, Capes e CNPq, trazia sérias limitações – decorrentes da baixa disponibilidade de tempo por semana, e da curta duração dos

projetos. Isso sinalizou a necessidade de iniciar orientações em nível de pós-graduação.

A partir de 1997, o Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciências iniciou suas atividades. O programa recebeu aportes da Reitoria da Unesp e projetos de pesquisas financiados pela Fapesp, CNPq, Capes, Finep, MEC e Fundunesp. Alguns docentes do DQ fizeram parte da implantação desse programa de pós-graduação, além de atuarem como professores e orientadores – inicialmente, no curso de mestrado, e, a partir de 2003, no curso de doutorado. O programa de pós-graduação foi de extrema importância à Unidade Universitária, pois favoreceu sobremaneira a expansão e a integração das pesquisas realizadas nos departamentos de Ciências Biológicas, Educação, Educação Física, Física, Matemática, Psicologia e Química, alcançando grau de excelência em nível nacional e internacional.

Do mesmo modo, em 2003, alguns docentes do DQ participaram da implantação do Programa de Pós-graduação em Ciência e Tecnologia de Materiais (Posmat) – um programa institucional inicialmente abarcando cinco campi –, no qual atuaram na área de concentração Química de Materiais, sendo mais um caminho à formação continuada de egressos(as) do curso de Química.

Em 2009, o DQ sediou o oferecimento da Disciplina Intersemestral do Grupo de Químicas Integradas – G6 (USP, Unesp, Unicamp, Unifesp, UFABC e UFSCar) “Aspectos conceituais e experimentais de dispositivos semicondutores: simulação computacional, síntese e caracterização”, ministrada por docentes do DQ e da própria unidade, tendo recebido 50 discentes de graduação dessas universidades.

Em 2009, o curso de Licenciatura em Química passou a participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), cujo subprojeto interdisciplinar foi liderado pela Professora Silvia Regina Quijadas Aro Zuliani,

então lotada no Departamento de Educação, mas responsável pelos estágios em ensino e pelas disciplinas didático-pedagógicas da área Química, e colaboradora fundamental do curso de Licenciatura em Química. Esse programa – do qual o curso tem participado em todos os editais até o presente momento – fortaleceu substancialmente a contribuição da Unesp para a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica, melhorou ainda mais a qualidade da formação básica dos(as) licenciandos(as), e trouxe impactos positivos nas pesquisas em Ensino de Química.

Em 2012, foi feita a primeira reestruturação curricular no curso, com a criação de uma segunda modalidade – Bacharelado em Química Ambiental Tecnológica, posteriormente renomeada para Bacharelado em Química Tecnológica –, a qual veio atender a uma demanda por profissionais com formação mais direcionada à atuação no vasto parque industrial da região.

Desde então, o curso passou por uma alteração e duas reestruturações curriculares com os objetivos de se adequar às atualizações de normas estaduais e federais para cursos superiores, e aperfeiçoar as matrizes curriculares e planos de ensino para melhorar a formação e a empregabilidade dos(as) egressos.

Atualmente, o DQ é responsável por laboratórios de pesquisa em Análise Térmica, Eletroanalítica, Catálise, Química do Estado Condensado, Química de Interfaces, Síntese Orgânica, Química de Produtos Naturais, Química Teórica, e Ensino de Química, além de sete laboratórios didáticos. Os(as) egressos(as) do curso de Química da FC ocupam posições de destaque em instituições de ensino e pesquisa nacionais e internacionais, e em importantes empresas da área Química e correlatas.

Figura 75 - Membros do Departamento de Química



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 76 - Laboratórios do Departamento de Química



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 77 - Membros do Departamento de Química



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Departamento de Psicologia

O curso de Psicologia foi criado em 1969, pela Fundação Educacional de Bauru. Em 1985, por meio de decreto Municipal do então Prefeito José Gualberto Tuga Martins Angerami, egresso da primeira turma do curso de Psicologia e docente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências, as Faculdades e o Colégio Técnico Industrial, ligados à Fundação Educacional de Bauru, foram transformados em Universidade de Bauru, reconhecida em 1986 pelo Ministério da Educação.

O Departamento de Psicologia surgiu, portanto, intimamente ligado à constituição da Faculdade de Ciências sendo um dos seus departamentos fundantes. Atualmente, o Departamento tem 28 docentes, sendo quatro Professoras Associadas; oferece disciplinas de graduação aos cursos de Psicologia da FC; Artes Visuais, Comunicação: Rádio, Televisão e Internet, *Design*, Jornalismo e Relações Públicas da FAAC, e de Engenharia de Produção da FEB.

A maioria dos docentes está credenciada em cursos de pós-graduação *Stricto sensu*. Os docentes do Departamento oferecem disciplinas e orientam trabalhos junto aos Programas de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem e Educação para a Ciência, da Faculdade de Ciências de Bauru, de Educação Escolar e Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara e de Neurociências do Instituto de Psicologia da USP.

Além do ensino, o Departamento desenvolve atividades de pesquisa e extensão, coordenadas pelos seus docentes e desenvolvidas a partir de sua infraestrutura institucional. O Laboratório Didático de Psicologia é um ambiente especialmente estruturado à realização de experimentos tanto com ratos, quanto com humanos. No espaço do laboratório, são desenvolvidas atividades práticas de várias disciplinas de graduação, além de atividade de pesquisa de docentes, pós-doutorandos, pós-graduandos e alunos de iniciação científica.

As atividades de Pesquisa do Departamento também são realizadas em laboratórios constituídos pelos docentes. São eles: Laboratório de Análise Experimental de Aprendizagem; Laboratório de Desenvolvimento Infantil e Parentalidade; Laboratório de Análise do Comportamento e Neurociências (Lacen); Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde (LADS); Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação Sexual (Lasex); Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar (LIEPPE); Laboratório de Psicologia Organizacional e do Trabalho (LaborPOT); Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise (NEEPPSICA) e Núcleo de Estudos e Pesquisa, Psicologia Social e Educação: Contribuições do Marxismo (NEPPEM). Essas atividades se organizam em torno de sete linhas de pesquisa: Fundamentos Filosóficos e Teóricos da Psicologia; Psicologia do Desenvolvimento; Psicologia do Ensino, da Aprendizagem e Educação; Psicologia Experimental e Neurociências; Psicologia Organizacional e do Trabalho e Psicologia Social; Saúde, Tratamento e Prevenção Psicológica

Há, ainda, uma grande colaboração com o Centro de Psicologia Aplicada, onde são realizadas atividades práticas e supervisões das atividades de estágio do curso de Psicologia, além de atividades de pesquisa e extensão.

O Departamento de Psicologia conta com um corpo técnico constituído por uma Assessora Administrativa, um Assistente Administrativo e um Assistente de Suporte Acadêmico, responsáveis pelo amplo apoio administrativo e acadêmico às atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão. Em particular, oferecem o suporte à Chefia do Departamento e à Coordenação do Curso de Psicologia.

O Departamento conta, também, com a *PLURAL – Revista de Psicologia Unesp Bauru*, periódico científico que publica, desde 2022, textos originais de Psicologia em suas diversas áreas. Todos os editores são integrantes do Departamento, que dispõe de amplo corpo editorial nacional e internacional.

Também completando 55 anos, o Departamento de Psicologia continua comprometido com a formação de profissionais altamente qualificados e atualizados. A integração entre a formação, a produção do conhecimento e a responsabilidade social é a grande responsável pela história e pelo futuro do Departamento de Psicologia.

Figura 78 - Departamento de Psicologia



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 79 - Departamento de Psicologia



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Centro de Psicologia Aplicada (CPA)

O Centro de Psicologia Aplicada (CPA) é uma Unidade Auxiliar vinculada à FC da Unesp, câmpus de Bauru, na qual são desenvolvidas atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas aos cursos de graduação em Psicologia, Pedagogia e Educação Física, e aos cursos de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem e Docência para a Educação Básica. Criado em 1973, com a função de ser um serviço-escola que abarcasse as atividades práticas do curso de Psicologia da antiga Fundação Educacional de Bauru (FEB), conforme exigido pela Lei 4.119, de 27/8/1962 – que dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão do psicólogo –, tornou-se reconhecido pela comunidade externa, devido à qualidade de atendimento, e pela comunidade interna, por sua diversidade de ações. As atividades ali desenvolvidas fazem do CPA uma unidade complexa, tanto por articular os pilares do tripé ensino-pesquisa-extensão, como por extrapolar sua abrangência, envolvendo diferentes cursos de graduação, além da pós-graduação, e proporcionando condições ao desenvolvimento do trabalho multidisciplinar, tais como os projetos da Rede Interdisciplinar de Assistência à Saúde e ao Desenvolvimento (RIASD), criada em 2023.

Inicialmente estruturado para viabilizar a formação de qualidade aos cursos de psicologia, o CPA se alinhou às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) estabelecidas aos Cursos de Psicologia, e pelas orientações do Conselho Federal de Psicologia e da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia e, portanto, à indicação da necessidade de um Serviço-Escola para apoio às atividades práticas de estágio no curso. A infraestrutura, em constante atualização, a administração e a gestão do CPA garantem a qualidade dos estágios e da formação profissional, a segurança física de estagiários, dos professores supervisores e dos pós-graduandos, que realizam atividades psicológicas e de pesquisa em salas de atendimento com iluminação, sistema de ventilação e higiene adequados – portanto, possibilitam a manutenção do

sigilo de tais atividades e a condição para que supervisores possam orientá-los e avaliá-los. O apoio do CPA como Serviço-Escola ainda é um eixo fundamental da integração entre os Cursos de Psicologia e a Faculdade de Ciências, garantido no regimento da Unidade Auxiliar e nas normativas institucionais e do curso sobre o desenvolvimento de atividades de estágio. Atualmente, com apoio a projetos de Educação e de Educação Física, além de Psicologia, o escopo de atuação do CPA tem sido continuamente ampliado no sentido de apoiar novas atividades multidisciplinares. O CPA oferece apoio logístico e institucional para disciplinas que necessitem de sua estrutura como serviço-escola. Em geral, as disciplinas que necessitam das dependências e serviços do CPA para serem desenvolvidas são as disciplinas práticas e teórico-práticas, de estágio, de pesquisa e de curricularização de extensão, com características de acolhimento, avaliação, diagnóstico e intervenção psicológica. Para tanto, a Unidade Auxiliar conta com acervo de materiais de ludoterapia e avaliação psicológica, além de uma sistemática própria de triagem de pacientes e um corpo técnico e infraestrutura de apoio ao desenvolvimento de atividades de psicoterapia, aconselhamento, orientação, pesquisa e extensão. Nesse âmbito, destacam-se as disciplinas de Avaliação Psicológica, Estágios Básicos e Estágios Específicos. Preconiza-se que as atividades de supervisão de todos os estágios sejam desenvolvidas nas salas de reunião e supervisão da unidade auxiliar pelos docentes com suas respectivas turmas. Algumas atividades de Psicologia Social; Educacional; Organizacional e do Trabalho são realizadas externamente, em instituições e comunidades com apoio do CPA e supervisão em suas instalações. Além disso, os atendimentos em práticas como aconselhamento, psicoterapia e orientação costumam ser desenvolvidos pelos estagiários nas salas de atendimento do CPA. Os estágios supervisionados são oferecidos em quatro ênfases: Psicologia Clínica e da Saúde; Psicologia e Educação; Psicologia Organizacional e do Trabalho e Psicologia Social. As disciplinas constituem uma sólida formação básica (teórico-

metodológica) e específica, e contemplam as disciplinas pré-determinadas, obrigatórias e optativas, outras atividades complementares fundamentais à profissionalização do aluno, permitindo diferentes possibilidades de formação e habilitações em um mesmo programa. Além disso, os campos de exercício profissional se tornam fundamentais para um conjunto de atividades acadêmicas e didáticas consideravelmente complexas e sofisticadas que não podem ser realizadas em ambiente acadêmico usual, tais como salas de aula, salas de reunião e laboratórios didáticos. Dessa forma, é indiscutível o papel do CPA nesse contexto, permitindo o suporte às exigências de ambiente específico ao desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, com seus campos de aplicação e áreas de atuação variados e muito especializados, que, em sua maioria, exigem sigilo profissional, ambiência específica de aplicação e desenvolvimento. Todas essas condições estruturais se baseiam na imprescindibilidade dessa sólida estrutura institucional alicerçada no desenvolvimento acadêmico, da pesquisa e da extensão universitária e prestação de serviços que fundamentam o Centro de Psicologia Aplicada.

Figura 80 - Centro de Psicologia Aplicada (CPA)



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 81 - Laboratório do Centro de Psicologia Aplicada (CPA)



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Considerações finais

Celebrar os 55 anos da Faculdade de Ciências da Unesp – câmpus de Bauru – é revisitar uma história marcada pela ousadia, pela resistência e pela construção coletiva. Desde a sua origem, no contexto da Fundação Educacional de Bauru, passando pela transição para Universidade de Bauru e, posteriormente, pela incorporação à Unesp, esta unidade consolidou-se como referência no ensino, na pesquisa e na extensão universitária, articulando saberes, práticas e valores que ultrapassam os limites do câmpus.

A narrativa aqui construída, a partir das vozes de sua comunidade, revelou que o percurso institucional nunca foi linear ou isento de desafios. Pelo contrário, foi marcado por lutas políticas, pela mobilização social em defesa da educação pública e pelo compromisso de oferecer uma formação de excelência. A construção do novo câmpus, a criação de cursos inovadores, a implantação de programas de pós-graduação e a consolidação de estruturas como o Centro de Psicologia Aplicada e o Observatório de Astronomia mostram que o crescimento sempre esteve associado à visão de futuro e à coragem de inovar.

Ao mesmo tempo, as relações estabelecidas com as comunidades interna e externa demonstram que a Faculdade de Ciências não se limita a formar profissionais competentes. Ela atua como agente de transformação social, promovendo projetos de extensão que ampliam horizontes, respondem a demandas concretas da sociedade e difundem conhecimento científico. Dos estágios supervisionados às ações interdisciplinares, dos atendimentos psicológicos ao acompanhamento de situações de saúde pública, das atividades culturais aos eventos científicos, a presença da Faculdade de Ciências é sentida e reconhecida por Bauru e pela região.

Essa trajetória reforça a importância da universidade pública como espaço de produção de saber crítico, de formação cidadã e de compromisso social. Mais do que

números e marcos institucionais, a história da Faculdade de Ciências é feita de pessoas – docentes, servidores técnico-administrativos, estudantes e parceiros da comunidade – que imprimiram nela seu trabalho, suas ideias e seus sonhos. Essa trajetória demonstra que a educação pública de qualidade é resultado de um esforço coletivo, de planejamento institucional e, sobretudo, do engajamento de pessoas que acreditam no poder transformador do conhecimento.

A conclusão da escrita desse livro muito nos comoveu. Foram meses trabalhando com pessoas que se dedicaram e se dedicam à Faculdade de Ciências, à Unesp. Foram 50 entrevistas com estudantes, técnicos-administrativos, docentes e gestores que passaram pela Faculdade de Ciências e que deixaram suas contribuições e representam cada um de nós que constituímos essa Instituição. Suas vozes ecoam percepções tanto individuais quanto coletivas, por isso nos representam nessa primeira iniciativa de escrita de um livro com uma história da Faculdade de Ciências. Muitas outras atividades na trajetória da Faculdade de Ciências em relação à sua comunidade interna e externa poderiam ser tratadas neste livro, as abordadas aqui são uma “gota no oceano” dessas ações. Contudo, abordaram-se tais casos apenas como exemplos disso. Foram algumas das ações mencionadas nas entrevistas realizadas para a obra. Outros entrevistados, certamente, trariam mais exemplos, outras experiências, outros temas, assim como outros autores também trariam outras percepções, uma outra versão desta história com foco em outros elementos das entrevistas. Mas as entrevistas estão disponibilizadas na íntegra e podem ser acessadas pelos QR Codes indicados ao final deste livro. As entrevistas são belíssimas e, além de toda narrativa sobre as experiências dos participantes com a nossa FC, traduzem emoção, orgulho e gratidão. Elas nos mostram como a docência e a pesquisa se enraízam em práticas comprometidas com a sociedade, seja na formação de professores, no desenvolvimento tecnológico, na produção científica ou no atendimento direto à população.

Falar sobre a Faculdade de Ciências, então, é falar com orgulho, esperança, respeito, admiração e um sentimento de ser parte dela e honrá-la. Há também o inegável sentimento de gratidão de seus membros em relação ao pertencimento nesta instituição. A maioria dos entrevistados apresentou, com brilhos nos olhos, essa gratidão pela trajetória compartilhada. Além disso, todos e todas as pessoas com ela envolvidas buscam – cada um a seu modo, na sua atividade diária, com seu comprometimento – contribuir para que essa memorável instituição siga forte e firme em seus propósitos, apoiando a Unesp em sua missão de exercer sua função social por meio do ensino, da pesquisa e da extensão universitária. Celebrar esta história não é apenas olhar para o passado com orgulho, mas projetar o futuro com esperança.

Ao olhar para o passado, é possível reconhecer o quanto foi percorrido. Ao olhar para o presente, vemos uma instituição madura, mas inquieta, que continua se reinventando. E, ao projetar o futuro, fica o desafio de manter viva a chama que a originou: a crença de que a educação, a ciência e a cooperação são caminhos para construir uma sociedade mais justa, solidária e plural. Os desafios que se colocam para a universidade pública – financiamento, valorização profissional, inovação pedagógica, diálogo com a sociedade – exigem a mesma ousadia e resiliência que marcaram o início desta caminhada.

A todos e todas que fizeram e fazem parte dessa história, fica registrado o reconhecimento e a gratidão. Afinal, como lembram tantas vozes que ecoam nestas páginas, “o que se constrói em 55 anos não se faz em 55 dias” – e o legado dessa construção seguirá inspirando novas gerações.

A história da Faculdade de Ciências continua e carece de ser contada muitas outras vezes, com outras vozes, com outros autores, com outras fontes. Que esse livro seja um convite para novas e outras escritas. Que esse livro seja espaço de boas memórias e de pertencimento. Começamos Fundação Educacional de Bauru, fomos

Universidade de Bauru e desde 1988 somos Unesp. É como dizem, uma vez unespiano(a), sempre unespiano(a).

Figura 82 – Membros de sua comunidade nas comemorações do Jubileu de Ouro da Faculdade de Ciências



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

-

Entrevistados para o livro *Faculdade de Ciências – 55 anos: vozes de sua comunidade*

Figura 83 – Entrevistado Aguinaldo Robinson de Souza e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Aguinaldo Robinson de Souza – Entrevista em 28/4/2025

Aguinaldo Robinson de Souza tem graduação em Química pela Unesp, doutorado em Química pela USP, pós-doutorado pela University of California e livre-docência pela Unesp. Docente do Departamento de Química, aposentou-se em 2023, mas continua como Professor Sênior na Unesp.

Figura 84 – Entrevistado Alberto de Souza e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Alberto de Souza – Entrevista em 29/4/2025

Alberto de Souza entrou na Unesp em 1997, na vigilância, passando por outros cargos e departamentos ao longo do tempo. Atualmente, cursa Cinema e Audiovisual. Desde 2003, participa ativamente como sindicalista na Unesp, estando afastado das atividades profissionais desde 2006, para se dedicar exclusivamente às atividades sindicais.

Figura 85 – Entrevistado Alexandre Trombini Junior e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Alexandre Trombini Junior – Entrevista em 18/3/2025

Alexandre Trombini Junior começou a trabalhar na Fundação Educacional de Bauru em 1971 e se aposentou na Unesp em 1998.

Figura 86 – Entrevistado Ana Maria Lombardi Daibem e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Ana Maria Lombardi Daibem – Entrevista em 30/4/2025

Ana Maria Lombardi Daibem tem graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sagrado Coração e doutorado pela Unesp. Foi Secretária da Educação do Município de Bauru, de 2005 a 2008. Docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, aposentou-se na Unesp.

Figura 87 – Entrevistado Andrea Carla Gonçalves Vianna e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Andrea Carla Gonçalves Vianna – Entrevista em 29/4/2025

Andrea Carla Gonçalves Vianna tem graduação em Ciência da Computação pela Unesp, doutorado em Ciências da Computação e Matemática Computacional pela USP. Atualmente, é docente no Departamento de Computação da Faculdade de Ciências.

Figura 88 – Entrevistado Antonio Ramires Saneti e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Antonio Ramires Saneti – Entrevista em 2/4/2025

Antônio Ramires Saneti entrou na Fundação Educacional de Bauru como motorista e se aposentou na Unesp.

Figura 89 – Entrevistado Antônio Tidei de Lima e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Antônio Tidei de Lima – Entrevista em 21/3/2025

Antônio Tidei de Lima é graduado em Engenharia Civil pela Fundação Educacional de Bauru. Foi Deputado Federal, de 1979 a 1992, e Prefeito de Bauru, de 1993 a 1996.

Figura 90 – Entrevistado Antonio Zeca Filho e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Antonio Zeca Filho – Entrevista em 3/4/2025

Antonio Zeca Filho tem graduação em Engenharia Civil pela Fundação Educacional de Bauru, participou da construção dos prédios do câmpus universitário como engenheiro responsável, sendo também docente no curso de Engenharia Civil. Hoje está aposentado, mas continua trabalhando como Perito Judicial.

Figura 91 – Entrevistado Carlos Frederico de Oliveira Graeff e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Carlos Frederico de Oliveira Graeff – Entrevista em 26/6/2025

Carlos Frederico de Oliveira Graeff tem graduação e doutorado em Física pela Unicamp, pós-doutorado pela Technische Universität München (Alemanha) e livre-docência pela USP. Foi docente na USP e, em 2006, ingressou na Unesp, onde atua até hoje.

Figura 92 – Entrevistado Célia Maria Grandini Albiero e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Célia Maria Grandini Albiero – Entrevista em 4/6/2025

Célia Maria Grandini Albiero é graduada em Serviço Social pela Instituição Toledo de Ensino, com mestrado e doutorado em Serviço Social pela PUC-SP. Foi coordenadora do Centro de Convivência Infantil (CCI) do câmpus de Bauru da Unesp, de 1989 a 1996. Atualmente, é docente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Tocantins.

Figura 93 – Entrevistado Cleuder Tadeu da Graça Leite e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Cleuder Tadeu da Graça Leite – Entrevista em 21/3/2025

Cleuder Tadeu da Graça Leite é graduado em Gestão de Recursos Humanos e pós-graduado em Direito Administrativo Previdenciário. Iniciou sua vida profissional como estagiário na Fundação Educacional de Bauru, na Seção de Recursos Humanos, e continua trabalhando na Unesp.

Figura 94 – Entrevistado Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger – Entrevista em 12/5/2025

Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger tem graduação em Educação Física pela Unesp de Rio Claro, fez o doutorado em Educação Física na Unicamp, pós-doutorado na USP e Unicamp e é livre-docente pela Unesp. Iniciou a carreira docente em 1992, na Unesp, e foi Diretora da Faculdade de Ciências, de 2013 a 2017.

Figura 95 – Entrevistado Denisson Guimarães do Carmo e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Denisson Guimarães do Carmo – Entrevista em 27/6/2025

Denisson Guimarães do Carmo tem graduação em Física pela Unesp. Atualmente, faz especialização em Relatividade pela Unifesp e mestrado em Física pela Unesp.

Figura 96 – Entrevistado Divanil Mogioni e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Divanil Mogioni – Entrevista em 18/3/2025

Divanil Mogioni começou a trabalhar na Fundação Educacional de Bauru em 1970, aos 14 anos de idade, proveniente da Legião Mirim de Bauru, e se aposentou na Unesp em 2010.

Figura 97 – Entrevistado Djalma Elias Rochel e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Djalma Elias Rochel – Entrevista em 4/4/2025

Djalma Elias Rochel se graduou em Engenharia Mecânica, em 1971, pela primeira turma dos cursos de Engenharia da Fundação Educacional de Bauru. Participou do Movimento Estudantil na década de 1960.

Figura 98 – Entrevistado Éder Pires de Camargo e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Éder Pires de Camargo – Entrevista em 23/5/2025

Éder Pires de Camargo fez sua graduação em Física pela Faculdade de Ciências da Unesp, mestrado na Educação para Ciência, também na Faculdade de Ciências, doutorado em Educação pela Unicamp, pós-doutorado na Unesp de Bauru e é livre-docente pela Unesp de Ilha Solteira. Em 2006, ingressou no Departamento de Física e Química da Unesp de Ilha Solteira como docente, onde está até hoje.

Figura 99 – Entrevistado Ezequiel Pires da Silva e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Ezequiel Pires da Silva – Entrevista em 2/4/2025

Ezequiel Pires da Silva ingressou na Fundação Educacional de Bauru em 1978, aos 13 anos de idade, proveniente da Legião Mirim de Bauru. Trabalha na Biblioteca da Unesp de Bauru, desde 1981, como Assistente de Suporte Acadêmico.

Figura 100 – Entrevistado Fillipe Alfredo Neves e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Fillipe Alfredo Neves – Entrevista em 27/5/2025

Fillipe Alfredo Neves tem graduação em Sistemas de Informação pela Unesp e mestrado em Informática em Saúde pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, trabalha em um projeto com a Fapesp e a USP na área de Sistemas de Informação.

Figura 100 – Entrevistado Geraldo Antônio Bérghamo e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Geraldo Antônio Bérghamo – Entrevista em 21/5/2025

Geraldo Antônio Bérghamo tem graduação em Matemática pela Fundação Educacional de Bauru e doutorado em Educação para a Ciência, pela Unesp. Foi

docente no Colégio Técnico Industrial (CTI), na Fundação Educacional de Bauru e na Unesp, onde veio a se aposentar.

Figura 101 – Entrevistado Geraldo José de Paiva e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Geraldo José de Paiva – Entrevista em 16/6/2025

Geraldo José de Paiva é graduado em Filosofia, mestre, doutor e livre-docente em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em Psicologia da Religião na Université Catholique de Louvain-la-Neuve, na Bélgica. Lecionou na Fundação Educacional de Bauru entre 1972 e 1984, sendo diretor da Faculdade de Ciências de 1980 a 1984. Atualmente, é Professor Sênior do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Figura 102 – Entrevistado Henrique Luiz Monteiro e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Henrique Luiz Monteiro – Entrevista em 9/5/2025

Henrique Luiz Monteiro tem graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina e doutorado em Educação Física pela Unicamp. Ingressou na

Faculdade de Ciências, em 1989, como auxiliar de ensino, e hoje é docente no Departamento de Educação Física. Foi Diretor da Faculdade de Ciências de 2005 a 2009.

Figura 103 – Entrevistado Irineu Luis Cheque e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Irineu Luis Cheque – Entrevista em 2/4/2025

Irineu Luis Cheque ingressou na Fundação Educacional de Bauru, em 1975, aos 14 anos de idade, proveniente da Legião Mirim de Bauru. Hoje trabalha no IPMet, onde se especializou como Técnico em Meteorologia.

Figura 104 – Entrevistado Jair Lopes Junior e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Jair Lopes Junior – Entrevista em 27/5/2025

Jair Lopes Junior tem graduação em Psicologia pela Universidade de Brasília e doutorado em Psicologia Experimental pela USP. Ingressou como docente da Unesp em 1990, onde atua até hoje. Foi Diretor da Faculdade de Ciências, de 2017 a 2021.

Figura 105 – Entrevistado Jehud Bortolozzi e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Jehud Bortolozzi – Entrevista em 6/5/2025

Jehud Bortolozzi é graduado em História Natural pela USP, doutor em Biologia pela USP, tem pós-doutorado pela Texas State University at Austin, Ohio State University e University of Kentucky e é livre-docente pela Unesp. Ingressou na Fundação Educacional de Bauru em 1968 como docente e se aposentou em 1994, pela Unesp. Foi diretor da Faculdade de Ciências de 1991 a 1997.

Figura 106 – Entrevistado João Gualberto Pires e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

João Gualberto Pires – Entrevista em 29/4/2025

João Gualberto Pires foi jogador de futebol profissional do Noroeste. É graduado em Educação Física pela Instituição Toledo de Ensino. Entrou na Fundação Educacional de Bauru, em 1974, como professor de Educação Física, e se aposentou na Unesp, em 2002. Hoje se dedica a trabalho voluntário de condicionamento físico com idosos.

Figura 107 – Entrevistado João Moretti Junior e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

João Moretti Junior – Entrevista em 29/5/2025

João Moretti Junior tem graduação em Relações Públicas pela Universidade de Bauru e Jornalismo pela Unesp, onde fez o mestrado em Comunicação. Iniciou suas atividades profissionais na Unesp em 1987, como Relações Públicas da Faculdade de Ciências, onde atua até hoje.

Figura 108 – Entrevistado José Brás Barreto de Oliveira e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

José Brás Barreto de Oliveira – Entrevista em 12/5/2025

José Brás Barreto de Oliveira tem graduação em Física pela Universidade Federal de São Carlos, doutorado em Física pela Unicamp e pós-doutorado na University of Sheffield, na Grã-Bretanha. Iniciou a carreira docente na Unesp, em 1989, onde permanece até os dias atuais.

Figura 109 – Entrevistado José Munhoz Fernandes e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

José Munhoz Fernandes – Entrevista em 20/3/2025

José Munhoz Fernandes tem graduação em Administração de Empresas e Tecnologia de Gerência, com doutorado em Educação Escolar pela Unesp. Foi Diretor Técnico Administrativo na Administração Geral do Câmpus de Bauru. Hoje está aposentado e trabalha na Instituição Toledo de Ensino de Bauru.

Figura 110 – Entrevistado José Remo Ferreira Brega e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

José Remo Ferreira Brega – Entrevista em 26/5/2025

José Remo Ferreira Brega tem graduação em Engenharia Civil pela USP e em Tecnologia de Processamento de Dados pela Universidade Federal de São Carlos, doutorado em Engenharia de Transportes pela USP e livre-docência pela Unesp. Iniciou a carreira docente na Unesp, em 1989, e, atualmente é vice-diretor da Faculdade de Ciências, no mandato de 2022 a 2025.

Figura 111 – Entrevistado Luiz Carlos Canêo e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Luiz Carlos Canêo – Entrevista em 19/5/2025

Luiz Carlos Canêo tem graduação em Psicologia pela Fundação Educacional de Bauru, é doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Iniciou sua carreira como docente da Unesp, em 1986, e hoje está aposentado.

Figura 112 – Entrevistado Lydia Savastano Ribeiro Ruiz e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Lydia Savastano Ribeiro Ruiz – Entrevista em 21/3/2025

Lydia Savastano Ribeiro Ruiz é graduada em Física e Matemática pela Fundação Educacional de Bauru e doutora pela Faculdade de Ciências Agrônômicas de Botucatu. Docente aposentada da Unesp, foi diretora da Faculdade de Ciências de 1984 a 1988.

Figura 113 – Entrevistado Maith Martins de Oliveira e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Maith Martins de Oliveira – Entrevista em 23/5/2025

Maith Martins de Oliveira é graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de São Carlos e tem MBA em Gestão de Unidades de Informação pelo Centro Universitário Central Paulista. Ingressou na Unesp em 2001, como Bibliotecária, e hoje é Diretora da Biblioteca da Unesp de Bauru.

Figura 114 – Entrevistado Mara Sueli Simão Moraes e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Mara Sueli Simão Moraes – Entrevista em 22/5/2025

Mara Sueli Simão Moraes tem graduação em Ciências, Matemática e Pedagogia pela Fundação Educacional de Bauru, doutorado em Matemática pela USP, pós-doutorado pelo Instituto Politécnico de Setúbal, em Portugal, e é livre-docente pela Unesp. Iniciou a carreira docente na Fundação Educacional de Bauru em 1978 e se aposentou pela Unesp em 2014.

Figura 115 – Entrevistado Marcelo Setsuo Hashimoto e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Marcelo Setsuo Hashimoto – Entrevista em 22/5/2025

Marcelo Setsuo Hashimoto tem graduação em Administração pela Instituição Toledo de Ensino e mestrado em Mídia e Tecnologia pela Unesp, onde, atualmente, está cursando o doutorado. Ingressou na Unesp como assistente administrativo em 2006, foi supervisor da Seção Técnica de Graduação, de 2009 a 2016, e hoje é Diretor da Divisão Técnica Acadêmica da Faculdade de Ciências.

Figura 116 – Entrevistado Margareth Aparecida Caniati Escalante e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Margareth Aparecida Caniati Escalante – Entrevista em 2/4/2025

Margareth Aparecida Caniati Escalante começou a trabalhar na Fundação Educacional de Bauru, em 1978, como digitadora. Exerceu outras funções ao longo do tempo como telefonista, recepcionista, secretária. Atualmente, é secretária da Diretoria Técnica de Informática da Faculdade de Ciências.

Figura 117 – Entrevistado Maria da Glória Minguili e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Maria da Glória Minguili – Entrevista em 28/3/2025

Maria da Glória Minguili é graduada em Pedagogia pela Unesp e doutora em Educação pela Unicamp. Docente aposentada do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, continua na Unesp como professora colaboradora.

Figura 118 – Entrevistado Maria Luiza Moraes Prado e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Maria Luiza Moraes Prado – Entrevista em 9/5/2025

Maria Luiza Moraes Prado tem graduação em Serviço Social pela Instituição Toledo de Ensino e especialização em Administração e Supervisão em Serviço Social pela mesma instituição. Ingressou, em 1978, na Fundação Educacional de Bauru como Assistente Social e hoje continua trabalhando na área como servidora da Unesp.

Figura 119 – Entrevistado Mario Frenhe Junior e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Mario Frenhe Junior – Entrevista em 7/5/2025

Mario Frenhe Junior é graduado em Economia pela Instituição Toledo de Ensino. Ingressou na Unesp, em 1992, como servidor na área de Recursos Humanos. Foi Diretor Administrativo da Administração Geral, entre 2019 e 2020. Atualmente, trabalha da Seção Técnica de Gestão de Pessoas da Administração Geral.

Figura 120 – Entrevistado Mayara Frenhe e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Mayara Frenhe – Entrevista em 22/5/2025

Mayara Frenhe tem graduação em Química pela Unesp, MBA em Contabilidade e Finanças e em Gestão Pública. Em 2011, ingressou na Unesp como servidora e, atualmente, é Diretora Técnica de Divisão da Faculdade de Ciências.

Figura 121 – Entrevistado Mitsuo Katsuki e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Mitsuo Katsuki – Entrevista em 28/3/2025

Mitsuo Katsuki é graduado em Engenharia Elétrica pela Fundação Educacional de Bauru e em Ciência da Computação. Tem pós-graduação em Computação pela USP. Começou a trabalhar na Fundação Educacional de Bauru como estagiário, em 1973. Foi programador, professor no Colégio Técnico Industrial e docente no curso de Processamento de Dados. Aposentou-se na Unesp como Analista de Informática, em 2015.

Figura 122 – Entrevistado Neusa Maria Pavão Battaglini e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Neusa Maria Pavão Battaglini – Entrevista em 28/3/2025

Neusa Maria Pavão Battaglini tem graduação em Física pela Fundação Educacional de Bauru e doutorado em Agronomia pela Unesp de Botucatu. Atualmente, é docente no Departamento de Física e Meteorologia da Unesp.

Figura 123 – Entrevistado Olavo Speranza de Arruda e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Olavo Speranza de Arruda – Entrevista em 6/5/2025

Olavo Speranza de Arruda tem graduação em Ciências Biológicas pela Unesp de Botucatu, onde também fez o mestrado e doutorado. Iniciou sua carreira como professor instrutor na Fundação Educacional de Bauru. Foi diretor da Faculdade de Ciências, de 2009 a 2013, e hoje está aposentado pela Unesp.

Figura 124 – Entrevistado Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues – Entrevista em 26/3/2025

Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues é graduada em Psicologia pela Fundação Educacional de Bauru, doutora em Psicologia Experimental pela USP e livre-docente pela Unesp. Iniciou sua carreira como docente do curso de Psicologia na Fundação Educacional de Bauru. Hoje, está aposentada, mas continua exercendo a docência no Programa de Pós-graduação do Departamento de Psicologia.

Figura 125 – Entrevistado Paulo Assumpção Riehl e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Paulo Assumpção Riehl – Entrevista em 18/3/2025

Paulo Assumpção Riehl começou a trabalhar na Fundação Educacional de Bauru em 1974, como assessor administrativo, e se aposentou na Unesp em 2002.

Figura 126 – Entrevistado Paulo Kawauchi e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Paulo Kawauchi – Entrevista em 20/3/2025

Paulo Kawauchi é graduado em Desenho pela Fundação Álvares Penteado e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Docente aposentado da Unesp, foi diretor da Faculdade de Ciências de 1972 a 1976 e, posteriormente, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicações.

Figura 127 – Entrevistado Pedro Walter de Pretto e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Pedro Walter de Pretto – Entrevista em 26/3/2025

Pedro Walter de Pretto é graduado em Engenharia Química e Matemática pela USP e em Direito pela Instituição Toledo de Ensino, doutor pela Faculdade de Ciências Agrônômicas de Botucatu. Foi reitor da Universidade de Bauru, de 1986 a 1988, e, após a aposentadoria, Juiz do Trabalho.

Figura 128 – Entrevistado Roberto Nardi e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Roberto Nardi – Entrevista em 3/4/2025

Roberto Nardi é graduado em Física pela Faculdade de Ciências, sendo aluno de sua primeira turma. Tem doutorado em Educação pela USP, pós-doutorado pela Unicamp e é livre-docente pela Unesp. Docente do Departamento de Educação, aposentou-se na Unesp em 2024, mas continua como Professor Sênior.

Figura 129 – Entrevistado Roberto Vicente Calheiros e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Roberto Vicente Calheiros – Entrevista em 27/3/2025

Roberto Vicente Calheiros é graduado em Engenharia Eletrônica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica, fez doutorado em Hidrologia pela USP e pós-doutorado na Universidade de Quebec. Exerceu o cargo de chefe no INPE e diretor e coordenador de pesquisas do IPMet, além de diretor da Fundação Educacional de Bauru.

Figura 130 – Entrevistado Rosa Maria Fernandes Scalvi e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Rosa Maria Fernandes Scalvi – Entrevista em 20/5/2025

Rosa Maria Fernandes Scalvi é graduada em Física pela Universidade de Bauru e doutora em Ciência e Engenharia de Materiais pela USP. Ingressou, em 1988, na Universidade de Bauru como técnica de laboratório e, mais tarde, como docente. Hoje está aposentada como professora da Unesp.

Figura 131 – Entrevistado Vera Lucia Messias Fialho Capellini e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Vera Lucia Messias Fialho Capellini – Entrevista em 19/5/2025

Vera Lucia Messias Fialho Capellini tem graduação em Pedagogia pela Universidade Metodista de Piracicaba, doutorado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos, pós-doutorado pela Universidad de Alcalá, na Espanha, e é livre-docente pela Unesp. Ingressou como docente da Unesp em 2006. Atualmente, é diretora da Faculdade de Ciências, no mandato de 2022 a 2025.

Figura 132 – Entrevistado Victor Bastos Ventura e Qr Code com o link da entrevista



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Victor Bastos Ventura – Entrevista em 24/6/2025

Victor Bastos Ventura se graduou em Psicologia, na Faculdade de Ciências da Unesp, em 2022. Durante sua graduação, foi docente, coordenador executivo e, posteriormente, coordenador de pessoal no *Curso Pré-Vestibular “Ferradura”*, projeto de Extensão da Faculdade de Ciências. Foi membro discente do projeto *Erasmus Plus/Aprendizagem Centrada no Estudante*, parceria institucional entre a Unesp e a União Europeia, sob a coordenação de Robert Wagenaar, da University of

Groningen, na Holanda. Atualmente, é doutorando no Instituto de Psicologia da USP.

Referências

CAVAMURA, A. E.; SILVA, H. da; TIZZO, V. S. . Centro de Educação Continuada em Educação Matemática, Científica e Ambiental (Cecemca/ Unesp – Rio Claro): aspectos sobre a produção de materiais e ações no início dos anos 2000. **Revista de História da Educação Matemática**, [S. l.], v. 8, p. 1–22, 2022. Disponível em: <https://histemat.com.br/index.php/HISTEMAT/article/view/538>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FREITAS, S. M. de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2002.

JOHANSEN, M. C. B. C. **Da Fundação Educacional de Bauru à Universidade Estadual Paulista**: um curso de matemática sob as lentes teórico-metodológicas da história oral. (Tese de Doutorado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, Unesp, Bauru, 2025.

MENDONÇA, S. G. de L. Núcleo de ensino e Pibid: sintonia diferenciada para a formação de professores. *In*: PENITENTE, L.A. de A.; MENDONÇA, S.G. de L. **Políticas para a formação de professores da educação básica**: modelos em disputa. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 87-100.

SILVA, N. de A. **A implantação das reformas educacionais em Bauru na década de 1970**. Monografia (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Ciências, Unesp, Bauru, 2013.

Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/1cd4ede4-f5cb-4852-9b5a-19b8e10e4c05/content>

Os autores

Figura 133 – Macioniro Celeste Filho



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Macioniro Celeste Filho tem bacharelado e licenciatura em História pela USP (1989), mestrado e doutorado em Educação pela PUC-SP (2002 e 2006) e pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (2017). É pesquisador na área de Educação, atuando, principalmente, com os temas de História da Educação e Ensino de História. Atualmente, é docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Unesp, câmpus de Bauru. É professor da Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, câmpus de Marília, e da Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, da Faculdade de Ciências da Unesp, câmpus de Bauru, lecionando e pesquisando nesses dois programas nas áreas de História da Educação, Ensino de História e Teorias e Métodos das Ciências Humanas. Suas principais obras são acessíveis em: <https://unesp.academia.edu/MacioniroCelesteFilho> – *E-mail:* macioniro.celeste@unesp.br – Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8798-9891>

Figura 134 – Maria Ednéia Martins



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Maria Ednéia Martins tem graduação em Licenciatura em Matemática pela Unesp, câmpus Bauru (2003), mestrado e doutorado em Educação Matemática pela Unesp, câmpus Rio Claro (2007) e (2012), respectivamente, e livre-docente (2022) pelo Departamento de Matemática da Unesp, câmpus Bauru. É membro participante e vice-líder do Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem); professora associada do Departamento de Matemática e do Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência, ambos da Faculdade de Ciências da Unesp, câmpus Bauru. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências (CEP-FC) da Unesp. Tem experiência na área de Ensino de Ciências e Matemática, com ênfase em Educação Matemática, atuando, principalmente, nos seguintes temas: história oral, história da educação matemática e da formação de professores, análise de livros didáticos e educação rural/do campo. *E-mail:* maria.edneia@unesp.br – Orcid: 0000-0002-4866-9577.

Figura 135 – João Moretti Junior



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

João Moretti Junior tem graduação em Relações Públicas pela Universidade de Bauru e Jornalismo pela Unesp, onde fez o mestrado em Comunicação Midiática, pela FAAC. Sua área de pesquisa é a audiência no rádio. Produz, juntamente com a

equipe da TV Unesp, o programa “Ciência Sem Limites”, desde março de 2013. De que forma o conhecimento produzido na Universidade pode ser aplicado no dia a dia? Quem são os profissionais que participam desse processo? Como é o local em que eles trabalham? O programa Ciência sem Limites divulga o progresso da ciência em diferentes áreas, trazendo ao público as pesquisas, obras e avanços tecnológicos produzidos pelos pesquisadores da Unesp, além de ilustrar de que forma elas contribuem para a comunidade. Acessível em www.tv.unesp.br O trabalho realizado pela Assessoria de Imprensa da Faculdade de Ciências tem como responsável o profissional de jornalismo que também é habilitado em Relações Públicas e Radialismo. A confecção e o envio de press-release - material informativo para a imprensa - é uma constante, devido ao grande volume de informações e notícias que a Unidade proporciona. O objetivo é deixar a comunidade, tanto acadêmica, como a população de Bauru e região atualizada dos acontecimentos. Basicamente, a produção científica tem destaque em função do volume de informações produzidas pela Unidade. Também atua como Mestre de Cerimônias em todos os eventos que envolvam a Faculdade de Ciências, inclusive em formaturas e inaugurações. Iniciou suas atividades profissionais na Unesp em 1987 como Relações Públicas da Faculdade de Ciências, onde atua até hoje. E-mail: joao.moretti@unesp.br

Figura 136 – Sandra Regina Ferreira Sanches



Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Sandra Regina Ferreira Sanches é bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas, pela Universidade de Bauru (1986), atual FAAC-Unesp, e especialista em Comunicação nas Organizações, pela Universidade do

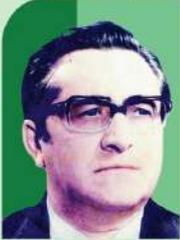
Sagrado Coração, de Bauru (2014). Iniciou seus trabalhos como Relações Públicas na antiga Universidade de Bauru em fevereiro de 1987. Desde 1995 atua no IPMet – Centro de Meteorologia da Faculdade de Ciências, da Unesp de Bauru. E-mail: sandra.sanches@unesp.br

Figura 137 – Diretores e Vice-diretores

UNIVERSIDADE DE BAURURU
Fundação Educacional de Baururu

unesp

Prof. Isaac Portal Roldan
(in memoriam)



DIRETOR
20/12/1969 - 21/12/1972

Prof. Paulo Kawauchi



DIRETOR
22/12/1972 - 22/12/1976

Prof. Sylvio Guilherme de Mello
(in memoriam)



DIRETOR
23/12/1976 - 22/12/1980

Prof. Geraldo José de Paiva



DIRETOR
23/12/1980 - 24/05/1984

Profa. Lydia Savastano Ribeiro Ruiz



DIRETORA
25/05/1984 - 11/08/1988

Prof. Lourival Larini
(in memoriam)



DIRETOR
12/08/1988 - 22/08/1989

Prof. Sérgio Nereu Pagano
(in memoriam)



DIRETOR
23/08/1989 - 20/02/1991

Prof. Jehud Bortolozzi



DIRETOR
21/02/1991 - 20/09/1997

Prof. Mateus Sugisaki
(in memoriam)



VICE-DIRETOR

Prof. José Misael Ferreira do Vale
(in memoriam)



DIRETOR
22/09/1997 - 21/09/2001

Profa. Adriana Josefa Ferreira Chaves
(in memoriam)



VICE-DIRETORA

Arte: Lucas Ruiz Palma

GALERIA DOS DIRETORES E VICE-DIRETORES

Prof. José Brás Barreto de Oliveira

Prof. Osmar Cavassan



DIRETOR

VICE-DIRETOR

Prof. Henrique Luiz Monteiro

Prof. João Pedro Albino



DIRETOR

VICE-DIRETOR

Prof. Olavo Speranza de Arruda

Profa. Dagmar Ap. Cynthia França Hunger



DIRETOR

VICE-DIRETORA

Profa. Dagmar Ap. Cynthia França Hunger

Prof. Paulo Noronha Lisboa Filho



DIRETORA

VICE-DIRETOR

Prof. Jair Lopes Júnior

Profa. Vera Lúcia Messias Fialho Capellini



DIRETOR

VICE-DIRETORA

Profa. Vera Lúcia Messias Fialho Capellini

Prof. José Remo Ferreira Brega



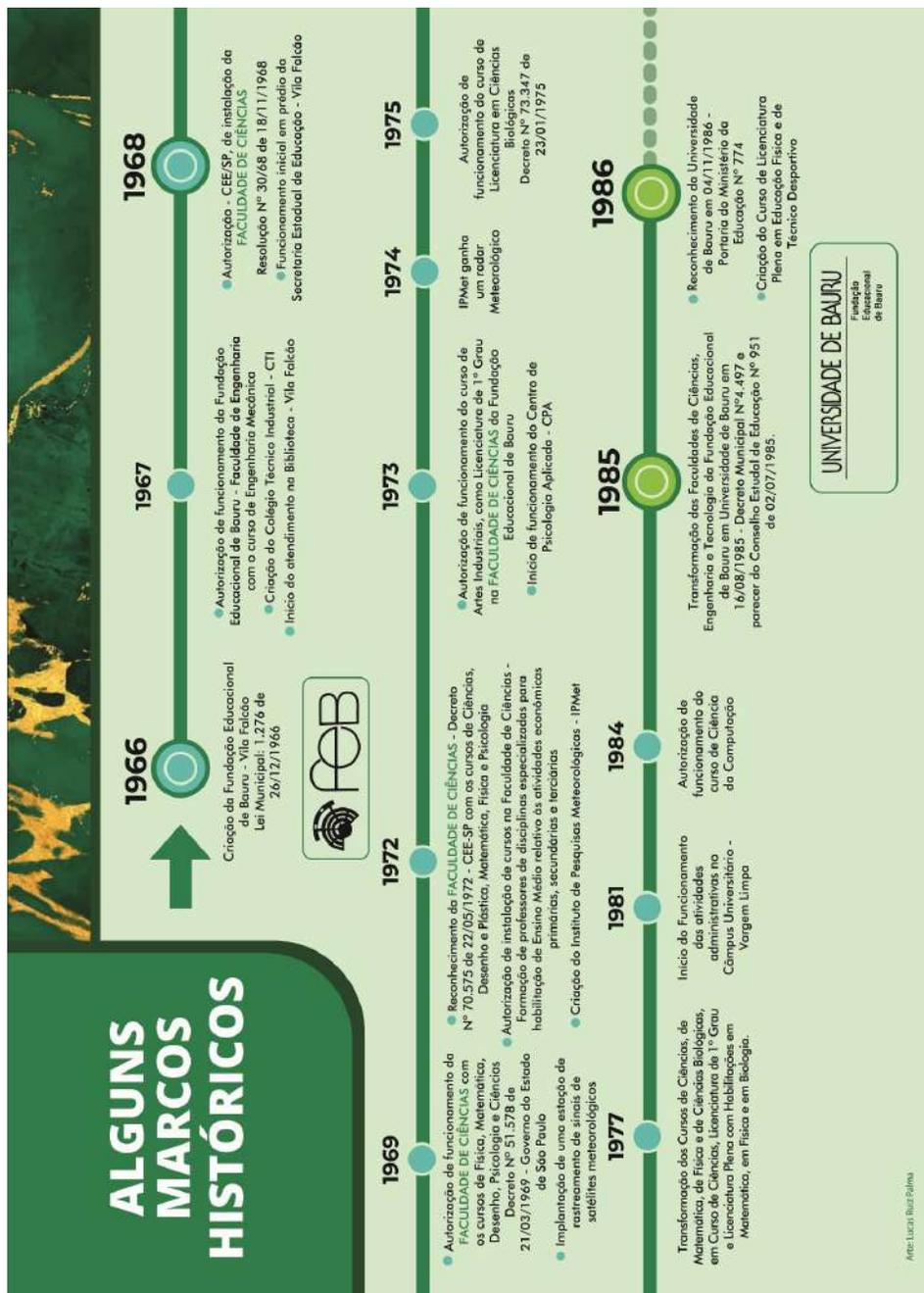
DIRETORA

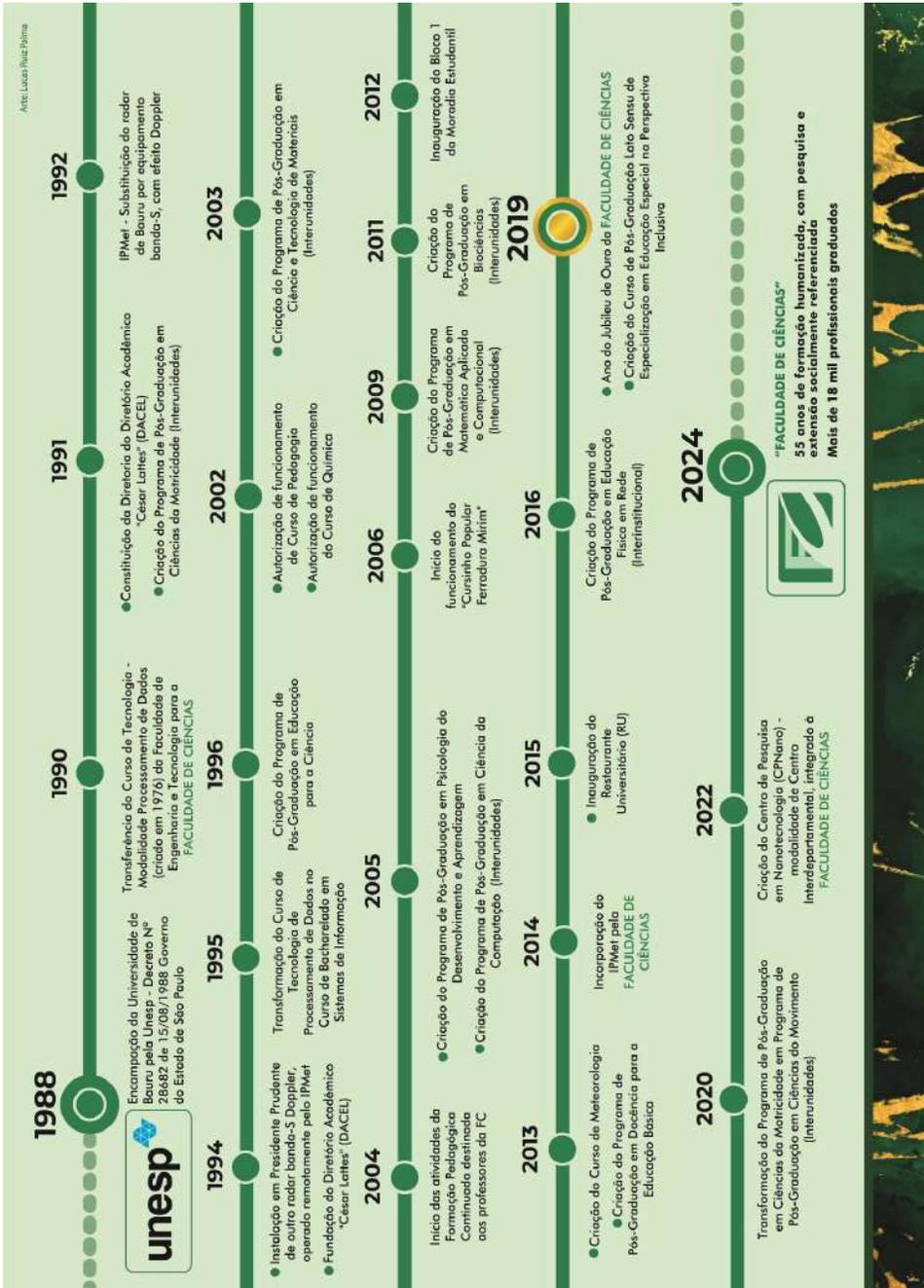
VICE-DIRETOR

Arte: Lucas Ruiz Palma

Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

Figura 138 – Marcos Históricos





Fonte: Acervo da Faculdade de Ciências

